

DONIZETE VAGO DAHER

Este exemplar corresponde à versão final da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, para obtenção do Título de Doutor em Saúde Coletiva.

Campinas, 21 de Fevereiro de 2003.


Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes
Orientador

A INVENÇÃO DA “ERA NOVA”:

A revista Annaes de Enfermagem e o processo de construção do campo de conhecimento da enfermagem no Brasil – 1932-1950.

200404955

CAMPINAS

2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

DONIZETE VAGO DAHER

A INVENÇÃO DA “ERA NOVA”:

***A revista Annaes de Enfermagem e o processo de
construção do campo de conhecimento da enfermagem no
Brasil – 1932-1950.***

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para a obtenção do título de
Doutor em Saúde Coletiva.*

ORIENTADOR: Prof. Dr. Everardo Duarte Nunes

CAMPINAS

2003

IDADE BC
CHAMADA T/UNICAMP
D 137i
EX
IMBO BC/ 57390
IOC 16 - 117 - 04
D X
IEÇO 11,00
ATA _____
CPD _____

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÈDICAS
UNICAMP

CM00196128-2

BIBID. 313820

Daher, Donizete Vago

D137i A invenção da “*Era Nova*”: a revista *Annaes de Enfermagem* e o processo de construção do campo de conhecimento da enfermagem no Brasil – 1932-1950/Donizete Vago Daher. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Dr. Everardo Duarte Nunes
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Periódicos. • 2. Produção científica. • 3. História da enfermagem • I. Everardo Duarte Nunes.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

DONIZETE VAGO DAHER

A INVENÇÃO DA “ERA NOVA”:

***A revista Annaes de Enfermagem e o processo de
construção do campo de conhecimento da enfermagem no
Brasil – 1932-1950.***

*Tese de doutorado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para a obtenção do título de
Doutor em Saúde Coletiva.*

Aprovada em fevereiro de 2003.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Everardo Duarte Nunes
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Maria Cecília P. de Almeida
Universidade São Paulo/Unid. Ribeirão Preto

Prof. Dr. Mauro Antonio P. D. da Silva
Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Eliete Maria Silva
Universidade Estadual de Campinas



DEDICATÓRIA

Uma vez mais a meu marido Humberto Antonio e a minha filha Michelle, que com amor e sabedoria compreenderam o meu tempo.

Aos meus pais, Zelinda e Waldemar, exemplos de amor e dedicação.

A todas as enfermeiras que, insistentemente enfermeiras, não hesitam na construção de uma enfermagem socialmente reconhecida.

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo contou com a colaboração de muitas pessoas. Todas elas foram, a seu modo, muito importantes para que eu conseguisse chegar ao fim. O apoio e o incentivo que recebi durante todo o período de realização, do curso e da pesquisa, incluem muito mais do que o lugar comum dos agradecimentos. Como não encontro outra maneira de retribuir, registro os motivos pelos quais serei sempre grata.

À Universidade Federal Fluminense, por meio do Programa de Capacitação Docente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e à CAPES por terem possibilitado a realização do Curso e da pesquisa.

Ao professor Everardo Duarte Nunes, orientador e grande incentivador, por suas contribuições valiosas e interessantes, sua sensibilidade e sua leitura criteriosa das várias versões do estudo.

Às professoras Débora Isane Kirschbaum e Solange Labatte, componentes da Banca de Qualificação do Projeto de Tese, pelas valiosas sugestões.

Aos professores da Banca Examinadora Maria Cecília Puntel de Almeida, Simoni Lahud Guedes, Mauro Antonio P. D. da Silva, Eliete Maria da Silva, Nelson Felício de Barros e Maria Filomena Ceolin, pela disponibilidade em partilhar comigo este momento.

Aos professores e funcionários do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP — pela troca intelectual e pelo convívio prazeroso. De modo especial, à secretária Leoci, pela sua seriedade de trabalho e disponibilidade.

À diretora da Escola da Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense, professora Deise Ferreira de Sousa, por me disponibilizar todo o acervo das revistas Annaes de Enfermagem, fontes do estudo.

Aos colegas do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica, especialmente aqueles das disciplinas de *Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso I* e *Temas Avançados em Saúde Coletiva*, pelo apoio e compreensão.

Ao meu marido Humberto Antônio e a minha filha Michelle, dádivas maiores que a vida me ofereceu, por compreenderem a importância deste meu momento, incentivando-me e apoiando-me nas horas mais delicadas. Sem eles, com certeza, tudo seria mais complicado.

Mais uma vez, e sempre, à professora Simoni Lahud Guedes, que acompanha minha trajetória desde a Especialização e por ser uma constante referência em minha vida profissional e pessoal.

À minha família: Zelinda e Waldemar, meus pais; Roque Eugênio, José Roberto, Tarcísio Mauro, Marco Afonso e Rosely, meus irmãos; Cristiane, Vania, Annamaria e Fabrícia, minhas cunhadas e todos os meus sobrinhos, pelo carinho e solidariedade em cada momento desta trajetória.

À Ecilda Nunes pela cuidadosa revisão dos textos e por sua amizade;

Ao Milton Guedes, professor, e acima de tudo grande amigo, por seu criterioso trabalho de formatação, sua dedicação, carinho e solidariedade nos momentos de ansiedade e por compreender as muitas “idas e vindas”.

Aos amigos da Universidade Federal Fluminense que sempre estiverem presentes acolhendo-me cada qual a seu modo: Alba, Ana Lúcia, Antonia Júlia, Carlos Alberto, Cosme, Cristina, Dulcinéia, Eneas, Fátima Helena, Heliane, Magali Alonso, Maria Aparecida, Marilda, Sidênia e Zélia. Particularmente, agradeço a Alba, por sua constante presença em minha vida pessoal e profissional, a Fátima Helena pelas valiosas indicações bibliográficas e a Maria Aparecida por compreender minhas ausências.

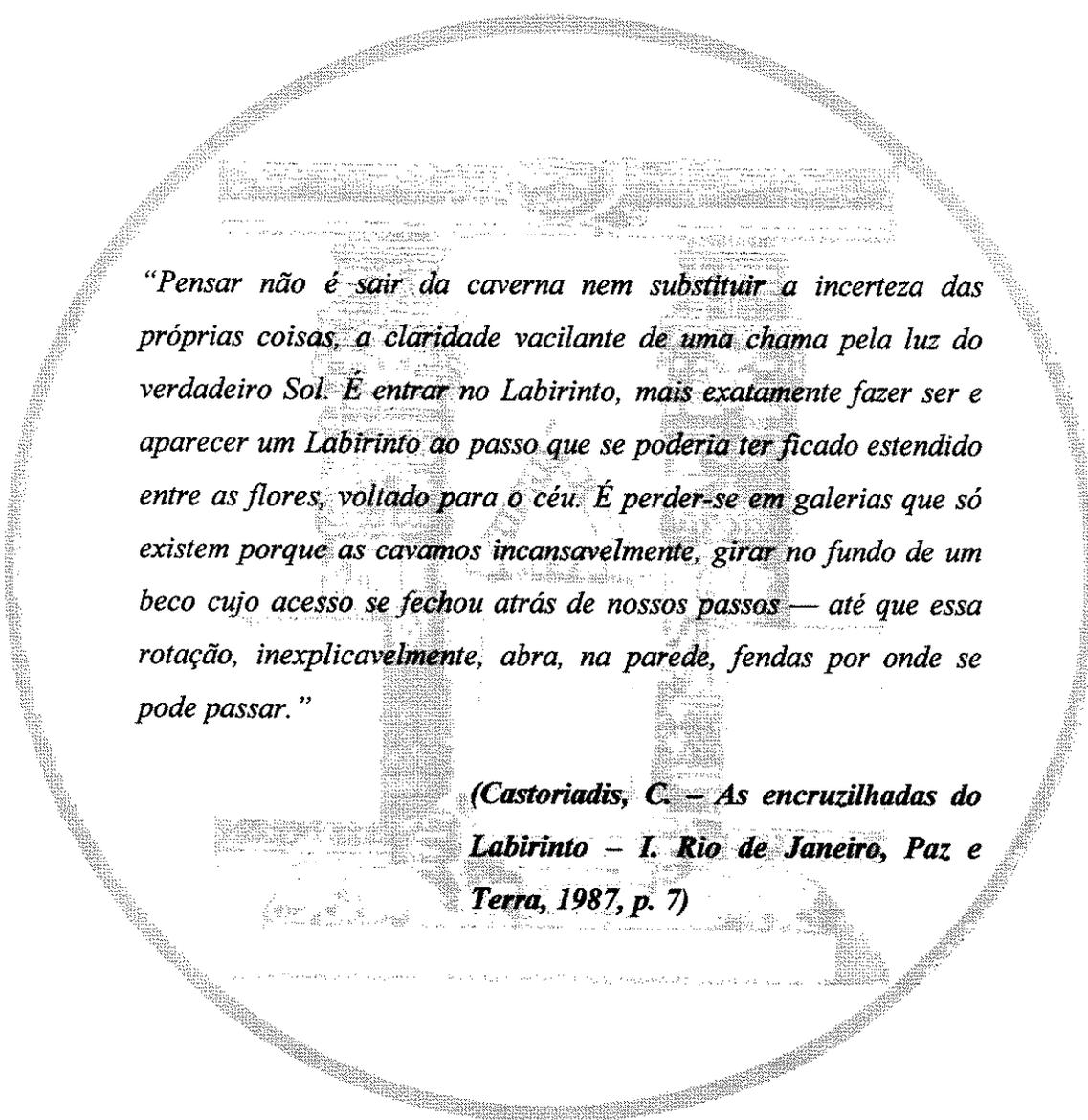
Ao Marcos Lahud por sua valiosa contribuição no trabalho de digitação, por sua amizade e por seu espírito alegre, importantes nos momentos difíceis.

À família Serra Jogaib por me acolher em Niterói como um dos seus, incentivando-me a prosseguir nesta trajetória.

À família Bustani Loss por sua amizade e solidariedade de tantos anos.

À minha aluna e bolsista Sabrina Ferreira por sua eficaz e dedicada contribuição com o trabalho de campo.

Enfim, é a hora de dizer que com esta página — que aparece no início do estudo, mas é a última e a mais difícil — concluo este trabalho que, com certeza, terá desdobramentos, dada a riqueza do material utilizado como fonte de dados.



“Pensar não é sair da caverna nem substituir a incerteza das próprias coisas, a claridade vacilante de uma chama pela luz do verdadeiro Sol. É entrar no Labirinto, mais exatamente fazer ser e aparecer um Labirinto ao passo que se poderia ter ficado estendido entre as flores, voltado para o céu. É perder-se em galerias que só existem porque as cavamos incansavelmente, girar no fundo de um beco cujo acesso se fechou atrás de nossos passos — até que essa rotação, inexplicavelmente, abra, na parede, fendas por onde se pode passar.”

(Castoriadis, C. – As encruzilhadas do Labirinto – I. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 7)

	<i>Pág</i>
RESUMO	xxv
ABSTRACT	xxix
INTRODUÇÃO	33
O objeto e sua delimitação.....	39
O objetivo, a Fonte e a Justificativa do Estudo.....	46
A Metodologia: O espaço da pesquisa e a estratégia de apreensão das temáticas e das problemáticas obrigatórias.....	52
A apreensão, a análise dos dados e a construção do texto.....	54
CAPÍTULO 1: As Aperfeiçoadoras da Raça: O contexto Histórico-Político-Social do Brasil nos anos 30-50	59
CAPÍTULO 2: A construção da “Cultura Histórica” no campo da Enfermagem do Brasil	91
2.1. De como os agentes do campo constroem o campo, construindo a sua história.....	93
2.2. Desnaturalizando a história construída.....	116
CAPÍTULO 3: A Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras: o primeiro espaço de socialização e consagração do conhecimento da enfermagem brasileira....	125
CAPÍTULO 4: A “Era Nova”: A revista Annaes de Enfermagem e a proposta de cientificação e de modernização do campo da Enfermagem brasileira	155

CAPÍTULO 5: As temáticas recorrentes e a recriação do campo de conhecimento da enfermagem brasileira (Fase Rio de Janeiro – 1932 a 1941).....	199
5.1. Atualizando e perpetuando as figuras ilustres do campo: a temática história da profissão.....	207
5.2. O papel higiênico-moralizador das enfermeiras brasileiras: a temática saúde pública.....	235
5.3. A educação das enfermeiras brasileiras e a produção do “habitus” higiênico nos sujeitos: a temática pedagogia.....	258
CAPÍTULO 6: As temáticas recorrentes na segunda fase dos Annaes de Enfermagem (Fase São Paulo – 1946 a 1950)	277
6.1. A atualização e perpetuação de figuras ilustres do campo: a temática história permanece.....	280
6.2. O papel higiênico-moralizador das enfermeiras prossegue: a temática saúde pública.....	290
6.3. A tentativa de consolidação do “habitus” científico nas enfermeiras brasileiras: a temática pedagogia.....	300
6.4. Legalizar para legitimar: a temática legislação e a subtemática ética.....	309
6.5. Construindo a identidade da “enfermeira-chefe”: a temática administração.....	316
CAPÍTULO 7: As Problemáticas Obrigatórias e a Missão Civilizatória das Enfermeiras Brasileiras.....	323
7.1. A Problemática Higiene ou em defesa de um “viver higienico”	327

7.2. A Problemática Eugenia ou em busca da perfeição da raça brasileira.....	329
7.3. A Problemática Ciência ou a Modernização Pretendida.....	333
7.4. A Problemática Nação ou pela “Remição da Pátria Brasileira”	340
CONCLUSÃO: O processo de produção do campo de conhecimento da enfermagem no Brasil: essa história continua.....	345
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	353
FONTES.....	365
ANEXOS.....	375
Temáticas Recorrentes: História da Profissão.....	377
Saúde Pública.....	381
• Assistência Social.....	385
• Assistência a Mulher.....	387
• Assistência a Criança.....	391
• Higiene Mental.....	393
Pedagogia.....	395
• Instrumentalização da Enfermeira como Técnica.....	397
• Assistência Hospitalar.....	399
Administração.....	403
Números Publicados dos Annaes de Enfermagem: 1932 a 1950.....	405
Página do Estudante.....	407

LISTA DE ABREVIATURAS

AEDB	Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras
ABED	Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas
ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
AE	Annaes de Enfermagem
AJN	American Journal of Nursing
ACF	Associação Cristã Feminina
BM	Brazil Medico
CNTC	Campanha Nacional Contra Tuberculose
CNSS	Conselho Nacional de Serviço Social
CNPF	Comissão Nacional de Proteção à Família
DEE	Divisão de Ensino de Enfermagem
DESP	Divisão Enfermagem de Saúde Pública
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
DNC	Departamento Nacional da Criança
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
GMB	Gazeta Medica da Bahia
ICN	Conselho Internacional de Enfermagem
NANDA	North American Nursing Diagnoses Association
REBE n	Revista Brasileira de Enfermagem
SESP	Secretaria Especial de Saúde Pública
S.O.S.	Serviço de Obras Sociais



RESUMO

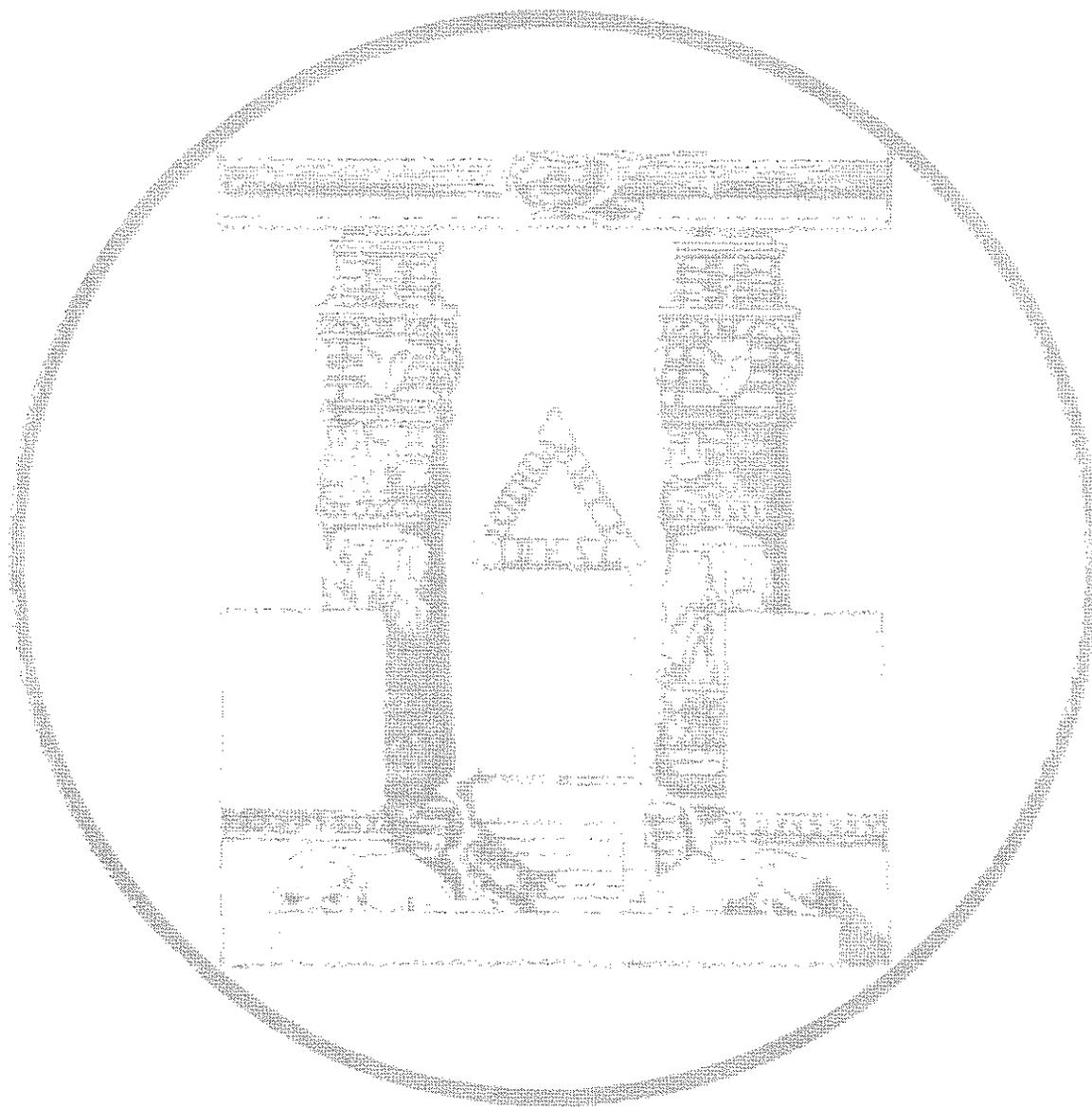
Esta tese analisa o processo de construção do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira. Apropriando-se dos referenciais teóricos de Pierre Bourdieu, em especial as noções de campo e *habitus*, analisa o ciclo de vida da revista *Annaes de Enfermagem* (AE), primeiro periódico editado pela Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras e sua determinante contribuição na invenção e objetivação da “Era Nova”, a proposta idealizada pelos agentes do campo como estratégia de cientificação e modernização da enfermagem brasileira. O recorte temporal compreende o período de 1932 a 1950, considerando o ano de criação e publicação do periódico na cidade do Rio de Janeiro e os cinco anos após a transferência da edição deste para a cidade de São Paulo. Através da análise dos produtos gerados pelas enfermeiras brasileiras e seus convidados, veiculados pela Revista, foi possível compreender, dentre outras possibilidades, a história dos investimentos destes agentes no processo de construção do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira. Ao centralizar-se na análise das produções, procurou-se explicitar as argumentações tecidas em torno das questões apontadas como fundamentais no período, ou seja, a divulgação da profissão e a consolidação do campo como científico. A fim de concretizar essa proposta, buscou-se, também, situar o lugar ocupado pela Associação Nacional das Enfermeiras Diplomadas Brasileiras e sua iniciativa de manutenção de um periódico específico no processo de constituição do campo da enfermagem brasileira.



ABSTRACT

This thesis analyzes the process of creation of the field of nursing in Brazil. Based on Pierre Bourdieu's studies, especially on the notions of field and "*habitus*", the study analyzes the life cycle of "*Annaes de Enfermagem*" (AE), the first journal published by the National Association of Brazilian Graduate Nurses and its fundamental contribution to the creation and implementation of "*Era Nova*", the proposal idealized by field agents as a strategy for rendering the Brazilian nursing scientific and modern. The period investigated spanned from 1932 to 1950, in which are included the year of creation and publication of the journal in the city of Rio de Janeiro, as well as the five years following the transfer of its publication to the city of São Paulo. Through the analyses of the articles written by the Brazilian nurses and their guests, published in the journal, it was possible to understand the history of the accomplishments made by these agents in the process of creation of the Brazilian nursing. By focusing on the analyses of the articles, the study aimed at making explicit the argumentation regarding the issues deemed fundamental in the process, namely, the divulging of the profession and the consolidation of the field as scientific. In order to implement this proposal, the study also aimed at situating the National Association of Brazilian Graduate Nurses and their initiative to maintain a specific journal in the process of creation of the Brazilian nursing field.

INTRODUÇÃO



“Podemos compreender que o ser social é aquilo que foi, mas também que aquilo que uma vez foi ficou para sempre inscrito não só na história, o que é óbvio, mas também no ser social, nas coisas e nos corpos.”

(Pierre Bourdieu)

Uma das perspectivas dominantes de estudo no campo da enfermagem¹ brasileira nas últimas décadas tem sido a tentativa de análise de sua história como forma de compreensão tanto do processo de estruturação de seu campo quanto do processo de construção dos agentes que o compõem. Busca-se, deste modo, compreender a história social de produção e consolidação desse campo.

A citação que encabeça este estudo, de Pierre Bourdieu, autor que, neste estudo, oferece o arcabouço conceitual, obteve sua formação básica em filosofia mas inicia cedo sua trajetória na sociologia. Seus primeiros estudos foram com a sociedade cabila do norte da África, um grupo tribal que vive nas margens da sociedade moderna. Logo em seguida transfere seu campo de análise das margens para o centro da sociedade moderna, o que implica na reformulação de antigos problemas da sociologia e a opção por novas áreas de estudo. Elege, deste modo, uma diversidade de objetos de análise, caracterizando uma opção inovadora na área das ciências sociais. Dentre estes novos objetos destacam-se: os sistemas de ensino (a posição central do sistema de ensino na reprodução de práticas e de representações), os processos de reprodução, os critérios de classificação e as lógicas de distinção. Também é inovadora a sua formulação de noções operatórias (conceitos ou categorias analíticas) como campo, habitus, reprodução, poder simbólico, capital, distinção). Em seus estudos Bourdieu remete à importância de se estudar a história (de uma instituição, de um campo) com o objetivo de provocar um processo de reflexão e de revisão de concepções solidamente constituídas. É particularmente interessante a importância que o autor confere ao papel da história, a qual deve contribuir para desvencilhar as concepções que estão fortemente enraizadas e que se perpetuam. Ao realizar esta atividade, com certeza, estará se atualizando e fazendo avançar a história.

O desejo de trabalhar com o processo que, neste estudo, chamo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira nasceu no período em que finalizava a minha dissertação de mestrado. Lidando, pela primeira vez, com a revista *Annaes de*

¹ O termo “campo de enfermagem” compreende, neste estudo, aquele formado, especificamente, por profissionais enfermeiros. Como no período eleito para fins deste estudo este campo era majoritariamente feminino o profissional que nele atuava era conhecido como “enfermeira-padrão”, “enfermeira-diplomada” ou “enfermeira Anna Nery”. Deste modo ao utilizar o termo enfermeira estarei me referindo a este profissional.

Enfermagem², visualizei a riqueza desta fonte como estratégia para se pensar a conformação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, reflexão que vem ocupando a centralidade dos estudos nas últimas décadas.

A estratégia para lidar com material historiográfico presente no referido periódico (seleção de problemáticas, de textos de autores internos e externos ao campo, de anunciantes, etc) foi não apenas o de analisar a produção ali presente, mas também as formas como esta produção era socializada e apreendida pelos agentes, contribuindo para a conformação da “cultura histórica” de uma época, conforme propõe Jacques Le Goff (1996). Neste sentido ressalta

“A história da História não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época.”

Estudar a história de um campo é fundamental para a compreensão do processo de constituição deste campo. Deste modo destaca Bourdieu (1988)

“Estudar a história de um campo é um dos mais poderosos meios para suprimir-se a História, ou seja, a influência de um passado incorporado que sobrevive ao presente, ou um presente que, como as modas intelectuais, já passou no momento de sua própria aparição”.

Esta afirmação de Bourdieu sugere que a história deve contribuir para que os sujeitos se conscientizem do papel desta no passado, para, a partir daí, conquistar a liberdade. Ou seja, a atitude contemplativa sobre uma história cristalizada contribui para sua reprodução ou para sua eternização nos moldes em que foi estruturada. Deste modo ao se estudar um campo, deve-se tomar o cuidado de não se reproduzir acriticamente a história. Toda história deve ser analisada de forma a captar e compreender qual a sua contribuição para se fazer avançar o conhecimento. É nesta concepção que desenvolvi o presente estudo.

A história objetivada é aquela que “*se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc.*”, destaca Bourdieu (2001,82). Assim, penso que a história objetivada da enfermagem brasileira é aquela

² Neste estudo ao referir-me a revista ou periódico Annaes de Enfermagem utilizarei apenas o termo Annaes ou a sigla AE. Mesmo tendo ocorrido modificações no título durante o ciclo de vida do periódico, preservarei o nome original do mesmo, Annaes de Enfermagem.

acumulada, e socializada nos periódicos, nos manuais, nos livros e revistas, nos símbolos, nos mitos, no hino, nos rituais, nos tipos de vestimentas, etc, e que contribuem para a conformação da história da cultura deste campo.

O processo de conformação do campo da enfermagem brasileira ocorreu de forma similar ao da enfermagem inglesa e norte-americana, de modo especial esta última. Assim, nos Estados Unidos a trajetória se processou da seguinte forma: Criação de Escolas de formação de enfermeiros, criação de associação de classe ligadas, inicialmente às Escolas e, por fim, a criação de periódicos específicos. E, neste mesmo sentido, processou-se a criação do campo no Brasil.

Entender este processo através da análise do primeiro periódico editado pelas enfermeiras diplomadas brasileiras é entender parte da história objetivada deste campo, proposta central deste estudo.

A preocupação com a história da conformação do campo de conhecimentos da enfermagem no Brasil e com a formação da identidade profissional do enfermeiro, acompanha, praticamente, toda a minha trajetória de enfermeira e professora de enfermagem, na medida em que, de modos distintos, este campo é tributário e reinventa os criados em outros países anteriormente.

A partir de 1992, passei a utilizar em meus estudos o referencial teórico e metodológico das Ciências Sociais, mais especificamente o referencial clássico da Antropologia Social. Assim, neste ano, realizei um estudo monográfico sobre as representações sociais da identidade do enfermeiro, posteriormente publicado em um periódico específico do campo da enfermagem (DAHER, 1994).

Em 1995, seguindo esta mesma linha, desenvolvi uma pesquisa na qual aprofundei a análise sobre o processo de construção social da identidade do profissional enfermeiro no Brasil. Nesta pesquisa etnográfica realizei extenso trabalho de campo, no qual analisei rituais de formação de enfermeiros e práticas acadêmicas, entrevistei enfermeiros, alunos de enfermagem e seus familiares e concluí que a genealogia da profissão vem contribuindo para a convivência com uma identidade profissional de

princípios contraditórios, impedindo a realização de uma prática autônoma e socialmente reconhecida. Demonstrei, principalmente, que, no seu processo de formação e na sua prática profissional, os enfermeiros vêm sendo confrontados com os princípios derivados de dois modelos distintos e antagônicos, que chamei de modelos vocacional e profissional, que se interpenetram em sua atuação (DAHER, 2000).

Venho, portanto, nos últimos anos, dedicando-me a estudos e reflexões sobre o processo de construção da identidade do enfermeiro e sobre o processo de recriação do conhecimento no campo da enfermagem brasileira.

Nas duas últimas décadas, um número cada vez maior de pesquisadores do campo da enfermagem tem se voltado para as temáticas acima referidas³.

Mesmo utilizando diferentes perspectivas teórico-metodológicas, há, nestes estudos, uma mesma preocupação gerando um fio condutor, ou seja, uma constante atualização das mesmas problemáticas, num processo onde ocorre uma recriação de problemáticas já constituídas no Brasil. Este fato aponta para a importância de estudos relacionados ao processo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira como uma das estratégias para a compreensão da história da cultura deste campo. Esta é, assim, a proposta deste estudo.

Por este motivo e estimulada pelos resultados encontrados nas pesquisas citadas anteriormente, pelas questões surgidas a partir da publicação de textos que delas se originaram e também pelo meu ingresso na Comissão de Reorientação Curricular do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense, ingressei no Curso de Doutorado do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação do

³ Mesmo admitindo-se que não se fará uma análise exaustiva sobre cada um dos estudos que examina esta temática, alguns trabalhos trazem uma significativa contribuição para a compreensão da história da cultura deste específico campo e, em especial, a este estudo. É o caso, por exemplo de: Alcântara, G. A Enfermagem Moderna como Categoria Profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira. Ribeirão Preto - EdUSP (1966); Ferreira-Santos, C. A. . A Enfermagem como Profissão São Paulo, Pioneira-EdUSP,1973; Germano, R. M. . A Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil. São Paulo, Cortez,1983; A. D. de B. . Mercado e Condições de Trabalho da Enfermagem. Salvador, UFBa ,1987; Almeida e Rocha O Saber de Enfermagem e sua dimensão prática. São Paulo, Cortez,1989; Silva G. B. . A Enfermagem Profissional: análise crítica.,2.ed., São Paulo, Cortez, 1989; Nakamae(1987), Miranda(1988), Leopardi(1994),Barreira I. A. A Enfermeira Ananéri no país do futuro. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ,1992; Sauthier,J. e Carvalho, V. de . A Missão Parsons:documentos históricos da EEAN/UFRJ. Rio de Janeiro, Ed.Escola Anna Nery/UFRJ,1999; Kakeshashi, T. Y. . Revista Brasileira de Enfermagem e a Política de Identidade Profissional da Enfermeira no Brasil - 1932-1941. E. E. - Ribeirão Preto, São Paulo, 1999 (Tese Doutorado).

professor Everardo Duarte Nunes, que tem como objeto de estudo, entre outros, a análise histórica da trajetória das Ciências Sociais no campo da saúde e da saúde coletiva em particular⁴.

O Objeto e sua Delimitação

Mesmo sabedora da existência de uma produção (não sistematizada) de conhecimento gerado pelo grupo de enfermeiras francesas, vindas de Salpêtrière, que atuaram no Brasil de 1893 a 1895, junto ao Hospital Nacional de Alienados (antigo Hospício Pedro II) no início do século XX⁵, portanto, conhecimentos estes que antecederam ao saber nightingaleano trazido pelas enfermeiras norte-americanas na década de 20, quando estas aqui estiveram compondo a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, também denominada de Missão Rockefeller ou Missão Parsons⁶, considero, para fins de análise, neste estudo, como os investimentos inaugurais no processo de constituição do campo de conhecimentos da enfermagem

⁴ Esta análise é encontrada em Nunes, 1980, 1983, 1985, 1999.

⁵ Ver sobre esta questão Padilha, M. I. C. de S. A Mística do Silêncio – A enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no Séc. XIX. Pelotas:Ed. Universitária/UFPel, 1998. e Moreira, A. “Escola de Enfermagem Alfredo Pinto:100 anos de história.Rio de Janeiro, EE-UNIRIO,1990. (Dissertação de Mestrado)

⁶ A Fundação Rockefeller (FR), criada em 1913 por John D. Rockefeller, teve como propósito a aplicação de parte do extenso capital amealhado pela família Rockefeller nos Estados Unidos. Sob os princípios da igreja Batista, a FR tinha como objetivo tanto o trabalho de cooperação no campo da educação e da saúde como o de investimento financeiro. Sua atuação tanto nos Estados Unidos como em diferentes países onde atuou eram estrategicamente bem elaboradas e articuladas. Realizava, de forma subliminar, a inculcação de hábitos e valores através dos profissionais por ela contratados, sem contudo utilizar a coação e a força. Seu lema era a “filantropia-científica”. Faria (1994) destaca que a filantropia da FR sempre esteve atrelada a questões políticas e comerciais de interesse à família Rockefeller. No Brasil, uma comissão da FR esteve em 1916 realizando um trabalho de levantamento das condições sanitárias do país, fato que desencadeou o processo de interrelação entre o governo brasileiro e a FR. A receptividade do Brasil em relação à política sanitária daquela instituição, gerou a possibilidade de investimentos financeiros por parte da FR no país. A escolha do Brasil não se deu por acaso. O Brasil era visto como o país líder do continente sul-americano, com perspectivas de grande desenvolvimento, havia mostrado ao mundo a sua importante atuação no campo da saúde preventiva e o governo apresentava-se como o parceiro ideal, pois coadunava com as propostas da FR. Neste contexto o diretor do Conselho Internacional da Saúde da FR no Brasil, Lewis Wendell Hackett, idealizou um serviço de enfermeiras ligado ao DNSP. Estimulou Carlos Chagas, então diretor do DNSP a ir conhecer os serviços de profilaxia das enfermeiras norte-americanas e este, respondendo pelo governo brasileiro, estabeleceu convênio junto à FR para a criação da Missão de Cooperação Técnica para o desenvolvimento da enfermagem no Brasil. O objetivo das enfermeiras da Missão, lideradas por Ethel Parsons, era o de concretizar as propostas da Reforma Carlos Chagas, que compreendia, dentre outras, a criação de uma escola de formação específica para enfermeiras. Para aprofundar esta discussão ver Sauthier, J. e Barreira, I. de A. As Enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931. Ed. UFRJ, 1999. ;Castro Santos, L. A. de “A Fundação Rockefeller e o Estado Nacional (história e política de uma missão médica e sanitária no Brasil), in Revista Brasileira de Estudos da População. SP: vol. 6 (1), jan-jun: 105-110, 1989 e Faria, L. R. de “A Fase Pioneira da Reforma Sanitária no Brasil: A Atuação da Fundação Rockefeller –1915/1930. Rio de Janeiro,IMS-UERJ,1994 (Dissertação Mestrado).

brasileira, aqueles gerados e socializados pelos *Annaes de Enfermagem* (AE), primeiro periódico editado pela Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB), mais tarde, Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED).

Ao ser levado aos Estados Unidos o modelo inglês de formação de enfermeiras, de assistência de enfermagem e de produção de conhecimentos, denominado modelo *nightingaleano*, sofre modificações e adaptações, sendo nele introduzidas características próprias da assistência realizada pela enfermagem norte-americana, que, depois, é trazido ao Brasil. Assim, pode-se dizer que o modelo brasileiro de formação, de prática e de recriação de conhecimento sofre uma dupla influência, qual seja, a matriz *nightingaleana* inglesa, centrada na assistência hospitalar, acrescida do modelo norte-americano que, além dos bons resultados obtidos no campo da saúde pública, também contribuiu para a implantação do modelo de hospital moderno naquele país. Deste modo, o conhecimento acumulado no campo da saúde pública pelas enfermeiras norte-americanas interessava ao Brasil, que vivia, segundo alguns historiadores brasileiros, um período conturbado, de “*decadência*” social, por ser o mesmo marcado por miséria, por vícios (de modo especial pelo desemprego e pelo alcoolismo) e por epidemias de doenças infecto-contagiosas, que se alastravam por todo o território, como demonstrarei no Capítulo 1.

A dupla influência a que foi submetida a enfermagem brasileira foi determinante na modelagem de seu campo específico. Entretanto, mesmo reinventando aqui o modelo anglo-americano, a constituição deste campo possui sua singularidade. Enquanto as ações das enfermeiras inglesas e norte-americanas contribuíram, mais especificamente, para o processo de modernização das instituições hospitalares daqueles países, no Brasil as ações iniciais das enfermeiras na formação, na prática e na produção de conhecimentos centraram-se na saúde pública. E isto se deve ao fato de que as temáticas relacionadas à saúde pública ocupavam os debates oficiais e não oficiais, bem como as ações do Estado. Estavam também presentes em editoriais e artigos de periódicos e em jornais e revistas. Reflexão semelhante foi realizada por Barreira (1996)

“O modelo nightingaleano, implantado no Rio de Janeiro na década de 20, criado na Inglaterra vitoriana e repassado ao Brasil pelos Estados Unidos, guardava as marcas das organizações militares e das instituições religiosas para mulheres. O modelo de escola de enfermagem trazido pelas enfermeiras americanas tinha como novidade, em relação ao modelo nightingaleano, eminentemente hospitalar, a inspiração do movimento de saúde pública, que após a 1ª guerra ganhou grande impulso nos Estados Unidos. O deslocamento do centro de interesse nesse novo modelo de enfermeira alterou substancialmente o espaço e o cenário profissionais.. Ao invés de circular nas enfermarias com vestidos brancos e o respaldo permanente dos médicos, as enfermeiras de saúde pública transitavam desacompanhadas por toda a cidade, penetrando nos domicílios, com seus uniformes de linho escuro, chapéu de abas largas e maleta de couro, simbolizando com sua presença a autoridade sanitária.”

(Barreira, 1996, p. 350)

A criação da primeira Escola de Enfermagem do Brasil, a Escola ligada ao Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1923, posteriormente Escola Anna Nery, da Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB), no ano de 1926 e da revista Annaes de Enfermagem (AE), em 1932, são eventos que podem ser pensados como os marcos inaugurais, delimitadores e desencadeadores do modelo nightingaleano de saber e de fazer enfermagem, daí o fato deste campo recriar, aqui, um modelo que já existia em outros países, como será analisado no transcorrer deste estudo.

Na medida em que a enfermagem brasileira opta e adota o modelo de formação e de produção de conhecimento norte-americano, baseada no exposto anteriormente, posso dizer que ela não cria um modo de formar, de pensar e de produzir, e sim recria ou reinventa, aqui, o modelo norte-americano, mais especificamente. Este fato é comprovado pelo relato da equipe editorial da revista Annaes de Enfermagem que, em julho de 1948, ao defender a criação de um Conselho Nacional para estudar, regulamentar e fiscalizar assuntos relacionados ao ensino e à prática, destaca que

“As nossas escolas de enfermagem até agora têm se baseado no “Curriculum” norte-americano, mas o programa educativo dos Estados Unidos não necessitaria de uma adaptação ao nosso meio? E a quem compete estudar,

sugerir e apresentar conclusões, senão uma comissão designada pelo Conselho? O estímulo e a orientação de tais estudos, de grande importância para nós, teriam de vir, naturalmente do Conselho Nacional de Enfermagem."

(Equipe Editorial, 1948, p. 106)

A culminância desta recriação foi também constatada com a análise da revista *Annaes de Enfermagem* (AE). Esta revista, tanto em sua estrutura quanto em suas problemáticas, é bastante similar ao *American Journal of Nursing*, periódico editado pela Associação Americana de Enfermeiras e para cá trazido pelas enfermeiras da Missão Rockefeller. Pode-se dizer, deste modo, que o legado do *American Journal of Nursing* foi determinante na criação e estruturação da revista AE.

Este processo de reinvenção e socialização do campo de conhecimentos realizado pela enfermagem brasileira, ou mais especificamente, pelas enfermeiras diplomadas brasileiras, do qual participou a revista *Annaes de Enfermagem* (AE), constitui-se, assim, no objeto desta pesquisa. Os *Annaes* contribuíram, sob este aspecto, para a consolidação e cristalização desta reinvenção.

Com base nos estudos já realizados por pesquisadoras do campo e pela análise do material empírico, posso afirmar que a criação da Associação de classe (AEDB) e da revista *Annaes de Enfermagem* pelas enfermeiras brasileiras, se colocam como estratégias utilizadas na busca da cientificidade, da legitimidade e da inserção da profissão na modernidade, proposta que passa a predominar em vários outros campos, como será visto no Capítulo 1. Estes investimentos realizados pelo campo da enfermagem podem, assim, ser considerados como um dos mais significativos no processo de reinvenção do campo científico ou intelectual da enfermagem brasileira.

Utilizo, neste estudo, a noção de campo como proposta por Bourdieu, noção esta a ser analisada mais adiante, no capítulo 1. Deste modo, entende-se a criação e as atividades da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras e dos *Annaes de Enfermagem* como um dos momentos do processo mais amplo de constituição do campo da enfermagem brasileira. Os AE, fonte de dados deste estudo, ao socializarem um conjunto de conhecimentos específicos deste campo, os diferentes modos de se fazer

enfermagem, as concepções, os valores e os hábitos, contribuíram, de forma particular, para a conformação e socialização do “*habitus*” e da cultura específica da enfermagem e para a criação do campo científico deste grupo social. Esta idéia para a presente pesquisa tem uma função nuclear⁷.

Este estudo tenta, deste modo, contribuir para a compreensão da história da cultura desta profissão ao desvencilhar concepções, valores, enfim todo um conjunto de atributos e de categorias que eram transmitidas aos agentes do campo, tentando imprimir-lhes um específico *habitus*. Com este fim eram utilizados os discursos presentes nos AE, os quais eram constantemente recorrentes, sendo deste modo, atualizados e eternizados.

Para melhor desvendar, analisar e compreender o processo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira utilizo as noções operatórias (também chamadas de concepções e categorias analíticas) propostas primariamente por Pierre Bourdieu. Estas noções contribuíram para a compreensão dos princípios que vêm orientando a produção do conhecimento no campo da enfermagem brasileira. Baseando-me nestas categorias analíticas, estruturarei seus produtos.

As noções, em especial as de campo e *habitus*, aparecerão em diferentes momentos e estão na raiz deste estudo, contribuindo de forma interessante e propícia para precisar a concepção de que o que está em jogo, neste processo, é a idéia de ciência, ou seja, a categoria ciência coloca-se aqui, como o eixo centralizador deste estudo, sendo entendida pelas enfermeiras como geradora de poder, compreendido aqui como poder simbólico⁸.

⁷ Ver a este respeito, entre outros: Bourdieu, P. . Quelques propriétés des champs, In Questions de Sociologie, Paris, Minuit, 1980, p 113-120; Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe e Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento, In A Economia das Trocas Simbólicas (org. de Sérgio Miceli), São Paulo, Perspectiva, 1992.

⁸ Por poder simbólico Bourdieu compreende o poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade, ou seja, com a aquiescência daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos a este ou mesmo que o exercem. É um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem que se baseia no conhecimento. Para aprofundar esta análise ver Bourdieu, P. . O Poder Simbólico, RJ; Bertrand Brasil, 2001.

Estas noções ou categorias propostas por Bourdieu buscam entender as relações que se dão entre as posições ocupadas no campo de acordo com o maior ou menor poder dos agentes (este alcançado pela acumulação de capital cultural, econômico ou artístico) e não entre os atores do campo, o que se coloca como diferença entre as propostas de Bourdieu e as de Marx, por exemplo. Assim, Bourdieu define a sua sociologia como relacional (Domingues, 2001).

A partir destas considerações, o objeto de estudo sobre o qual me debruço compreende, como ressaltai anteriormente, o processo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, socializado pela revista *Annaes de Enfermagem* (AE).

É importante ressaltar que não poderia tomar para estudo o primeiro periódico editado pelo campo sem deixar de refletir sobre a criação da Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB), na medida em que esta ocupava o espaço de órgão oficial da classe e era a responsável pela edição, ou seja, pela produção do referido periódico e também por sua socialização dentro e fora do campo.

O papel da Associação e o dos AE estavam, assim, tão intimamente ligados que, em muitos momentos, se confundiam. A maioria das enfermeiras que compunham a diretoria da Associação era, também, do conselho editorial dos *Annaes*.

Para fins deste estudo, a revista *Annaes de Enfermagem* (AE) e a Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB) representam os primeiros investimentos institucionais, científicos-culturais, da enfermagem brasileira nos primeiros anos de profissionalização deste grupo e se apresentam como os investimentos resultantes de um processo mais amplo de inserção do Brasil no campo científico-cultural-intelectual moderno. Podem, sob este ângulo, ser pensados como o “*cogito sociológico*”⁹ de um grupo social específico, ou seja, estes eventos funcionaram como os primeiros e um dos mais importantes acontecimentos constitutivos deste campo, o qual buscava sua organização, sua

⁹ Pierre Bourdieu utilizou o termo “*cogito sociológico*” para determinar, delimitar ou expressar o acontecimento constitutivo, ou seja, um primeiro começo, matriz de todo o desenvolvimento posterior. Para aprofundar esta reflexão buscar Bourdieu, P. . *Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe*, In *A Economia das Trocas Simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 1992.

delimitação, sua autonomia, sua legitimação e seu reconhecimento científico e social¹⁰, realizando, num contexto menor, o movimento que o Brasil buscava num contexto mais abrangente, o de inserir-se na modernidade.

Ao participar, nos últimos anos, tanto em encontros formais quanto informais, de sucessivos debates acerca dos paradigmas ou modelos que vêm orientando a produção do conhecimento gerado e socializado pelos profissionais da enfermagem, concluí que esta questão era atual e relevante para se pensar o campo, justificando o investimento na temática. Deste modo a análise que aqui será realizada atuará como uma das estratégias para a compreensão desta questão que vem ocupando significativo espaço no campo da enfermagem. Este foi um dos determinantes da opção por este objeto de estudo.

Cada vez mais, certificava-me da importância de refletir sobre o porquê da seleção de determinadas temáticas pelas enfermeiras brasileiras, naquele período, em detrimento de outras. Nos primeiros números da revista AE, por exemplo, há uma expressiva predominância da temática “história da enfermagem”, especialmente voltada a homenagens às figuras emblemáticas do campo da saúde e da enfermagem. Há, também, significativa seleção de temas relacionados a saúde pública. Qual o fato ou, os fatos, que determinaram estas opções?

Algumas análises sobre esta questão foram feitas, principalmente nas últimas décadas, indicando a atualidade do tema. Sauthier, por exemplo, sobre esta questão destaca

“No período de surgimento e implantação da enfermagem brasileira ocorreu uma incessante luta das profissionais de enfermagem para elevar o seu status, organizar associações profissionais, garantir a autonomia das escolas dirigidas por enfermeiras e, sobretudo, foi adotada uma legislação específica.”

(Sauthier, 1999, p. 2)

Um outro fato que despertou curiosidade contribuindo para a consolidação da opção pelo referido objeto de estudo foi a leitura e análise que realizei do primeiro número da revista Annaes de Enfermagem. Neste número a enfermeira e professora Rachel

¹⁰ Conforme demonstram vários pesquisadores da enfermagem, esta temática, sob diferentes perspectivas, tem sido eleita como objeto de análises, fato demonstrado por mim em estudos anteriores (Daher, D.V. . Por detrás da Chama da Lâmpada – A identidade social do enfermeiro. Niterói: EdUFF, 2000).

Haddock Lobo, idealizadora e primeira redatora-chefe dos AE, descreve, no editorial de abertura do primeiro número, que o lançamento de uma revista específica para o campo da enfermagem inaugurava uma nova fase ou etapa na enfermagem brasileira, a qual denominou de Era Nova. O que entendia-se como Era Nova? Neste editorial, Haddock Lobo conclama as enfermeiras do Norte ao Sul do país para a tarefa de abraçar a nova profissão recém chegada ao Brasil.

Há uma série de questões que podem ser formuladas a respeito das configurações assumidas pelas equipes editoriais dos AE. Dentre estas, pode-se destacar: Que modelo de política de saúde e que *habitus* os discursos visavam divulgar? Os modelos propostos pelo Estado ocupavam qual lugar? Os discursos preocupavam-se com a modelagem da competência técnico-científica ou com a probidade moral da enfermeira?

Em uma visão mais ampla, o estudo contribui para analisar os entrelaçamentos entre passado e presente e a eternização de certas temáticas do campo da enfermagem nightingaleana pela enfermagem brasileira. Parte do pressuposto de que é impossível pensar hoje o campo da enfermagem brasileira sem uma análise da história da cultura do campo e do processo de recriação do seu conhecimento.

O Objetivo, a Fonte e a Justificativa do estudo

O objetivo desta pesquisa é, pois, analisar o ciclo de vida da revista *Annaes de Enfermagem* (AE), no período de 1932 a 1950, captando e analisando as temáticas geradas pelas problemáticas obrigatórias do campo no período analisado como forma de compreender o processo de conformação, de socialização do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, ou seja, a história da cultura deste grupo social.

Interessa-me entender a maneira como a categoria¹¹ ciência era concebida, apropriada e utilizada pelas enfermeiras através dos AE, tendo em vista o fato de os estudos sobre gênero e ciência apontarem o relativo monopólio da ciência pelo gênero masculino,

¹¹ Utilizarei neste estudo a noção de categoria proposta por Emile Durkheim apresentada em seu texto *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Para o autor “as categorias têm por função dominar e envolver todos os outros conceitos: são os quadros permanentes da vida mental. Ora, para que elas possam abraçar um tal objeto, é preciso que se tenham formado sobre uma realidade de igual amplitude. Durkheim, E. . *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, In *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1983.

tanto por meio da exclusão das mulheres do campo próprio de produção de conhecimento, quanto por meio da naturalização de categorias hegemônicas de gênero, segundo as quais, os homens seriam mais afeitos à ciência (DEPPE, 2001). Neste sentido, o que pretendiam as enfermeiras com a produção deste periódico? Qual conceito de ciência orientava o campo? Identificar as diferentes formas usadas para a socialização destes conceitos, categorias e subcategorias é fundamental neste tipo de investigação.

Tendo como guia as questões pontuadas, não trabalhadas em minhas pesquisas anteriores, e que julgo fundamentais para a compreensão do processo de reinvenção do conhecimento científico no campo da enfermagem brasileira, parti em busca dos dados que seriam analisados.

A revista AE, ao ser concebida e representada pelos sujeitos do campo, como o espaço oficial, legítimo, e um dos de maior representatividade, coloca-se como uma das instâncias fundamentais e própria para a compreensão da conformação do conhecimento da enfermagem brasileira. Deste modo, a revista impôs-se como fonte importante de dados na medida em que, através dela, foram recriados, socializados e cristalizados concepções, ideologias e *habitus*, geradores de uma cultura específica, constituindo material empírico imprescindível para o conhecimento da constituição do campo em estudo.

Algumas questões surgiram, em parte, devido a minha interação com o objeto em estudo e passaram a nortear a realização da pesquisa. Dentre estas questões, destacam-se: A Revista contribui como uma das instituições para a formação do *habitus* da enfermagem brasileira? Quais temáticas se destacavam como centrais ou recorrentes? Estas foram sugeridas por quais problemáticas? Quais agentes externos ao campo publicavam nos AE? Qual a influência (ou o legado) das enfermeiras norte-americanas que compunham a Missão Rockefeller na produção do referido periódico?

Baseando-me em textos como os de Bourdieu (1990), Catani (1989), Nóvoa (1993), Le Goff (1996), Catani e Bastos (1997), Gomes (1999), dentre outros, posso afirmar que uma das mais interessantes formas disponíveis para se compreender a história, a cultura, as concepções e valores, e o pensamento predominante em determinado período, bem como as dificuldades de articulação entre conhecimento produzido e sua utilização na prática, é o estudo dos impressos ou periódicos adotados pelos campos.

As revistas periódicas específicas de diferentes campos contribuem para criar ou reafirmar um campo, estabelecer ou manter dominação, passar ideologia e manter viva a memória do campo, lembra Catani (1989). Ao defenderem que a análise de revistas especializadas de um campo é o melhor meio para apreender a multiplicidade deste na medida em que traduzem, com riqueza de detalhes, as expectativas, as utopias, as alegrias e tristezas e a perseverança do grupo social em estudo, Catani e Bastos (1997) lembram ainda que nos periódicos pode-se deparar com informações gerais e também com outras mais específicas sobre o campo estudado. Consideram que o estudo de periódicos é uma das formas mais privilegiadas de apreensão dos modos de funcionamento e do pensamento de um campo.

Catani e Bastos (1997) salientam, baseados nos estudos de Pierre Ognier, que este ao estudar a imprensa educacional francesa em 1984, utilizando a *Revue Française de Pedagogie* como fonte, a definiu como um “*corpus documental*” de vastas dimensões pois a mesma constituiu-se em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. Desse modo, é um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que a preside. Sob este ângulo penso que os AE podem ser concebidos como o “*corpus documental*” da enfermagem brasileira.

As revistas periódicas ao socializarem os produtos dos agentes dos específicos campos, contribuem para a conformação da cultura desse campo e da conquista de visibilidade no âmbito científico, cultural e social, funcionando, deste modo, como “instâncias de consagração”, como será mostrado no Capítulo 2.

É importante destacar a importância do periódico *Annaes de Enfermagem* para o campo da enfermagem no Brasil, naquele período, pois ele era o único espaço disponível para os agentes do campo socializarem seus produtos. Assim, tornavam-se “consagrados”.

Outros espaços podem, também, contribuir para a produção do *habitus* científico e para o processo de recriação do conhecimento na enfermagem. Brandão (1999), sobre estes espaços ressalta que

“Os relatos das enfermeiras dão notícia do processo de criação de escola de enfermagem, a qual é a instituição social que merece lugar muito expressivo na formação do habitus científico do enfermeiro. Nesse sentido, ela faz parte da organização do campo científico da enfermagem, como espaço de formação e circulação de pesquisadores, como também, como lugar privilegiado de produção e divulgação de pesquisas da área.”

(Brandão, 1999:150)

Cabe lembrar, antes de seguir adiante, que a produção de conhecimento veiculada pelos AE, neste período, pode ser vista como a produção da enfermagem brasileira, mesmo sendo a mesma produto de enfermeiras da cidade do Rio de Janeiro (capital da República) e ligadas à recém fundada Escola de Enfermagem Anna Nery e a ANEDB, como será visto mais adiante.

Como todos os projetos de estudo, este também tem sua história. Pretendia, inicialmente, seguir com os estudos que vinha realizando sobre o processo de construção e legitimação da identidade social do profissional enfermeiro. Entretanto, ao me deparar com a tese da professora Tereza Yoshiko Kakehashi (2000) intitulada Revista Brasileira de Enfermagem e a Política de Identidade Profissional da Enfermeira no Brasil: 1932 a 1941, optei por buscar desvendar o processo de reinvenção do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira utilizando, também como fonte, a revista Annaes de Enfermagem. Procurei, deste modo, dialogar ao longo do estudo, com a tese de Kakehashi.

Os pesquisadores que trabalham com fontes documentais, periódicos, relatórios e outros similares vivenciam dificuldades semelhantes. Estas estão relacionadas, sobretudo, à captação das fontes dos dados para fins de análise. A maioria destas fontes encontra-se em acervos dispersos por várias instituições ou em mau estado de conservação (numeração incompleta, ausência de páginas, etc.), o que impede a reprodução dos mesmos. E este foi um dos problemas que vivenciei durante o estudo. Constatei a ausência de vários volumes da revista Annaes de Enfermagem, e estando alguns dos números existentes em estado precário de conservação, além de dispersos por várias instituições, como a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro; o Núcleo de História de Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUHEBRAS); a

Biblioteca da Associação Brasileira de Enfermagem-Seção Rio de Janeiro e na Biblioteca da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense. Entre os volumes dispersos encontravam-se aqueles publicados no período de maio de 1932 a dezembro de 1950, período que havia delimitado para estudo. Persisti no percurso eleito e estive por várias vezes visitando e manuseando o acervo da revista AE disponível na Biblioteca Nacional e na Escola de Enfermagem Anna Nery. Em outubro de 2000, foi doada à Biblioteca Aurora de Afonso Costa da UFF praticamente todo o acervo da revista *Annaes de Enfermagem*, o que facilitou a busca e a análise dos dados.

Com o acervo em mãos, passei efetivamente ao trabalho de “garimpagem” do material (termo que utilizava ao me reportar às revistas, pois tinha certeza de estar diante de um acervo repleto de valiosas e interessantes informações sobre parte da história da enfermagem brasileira), selecionando inicialmente os números dos AE que, baseado no recorte temporal, fariam parte do estudo.

Como havia apenas pontuado em estudos anteriores que a análise do processo de recriação do campo de conhecimento da enfermagem brasileira é importante para se conhecer a história da cultura deste campo, decidi que me dedicaria, mais especificamente neste estudo, à análise do processo de cientificação da enfermagem brasileira no período de 1930 a 1950.

O que se pôde depreender, em uma primeira análise, foi que as enfermeiras que escreviam nos *Annaes de Enfermagem* tinham grande preocupação em imprimir nos agentes do campo características que os unissem em torno dos mesmos princípios, conformando modos de perceber e agir comuns; isto é, para Bourdieu, o *habitus*, ou seja, “*princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco.*” (Bourdieu, 1996, p. 22).

O propósito era o de inserir a enfermagem brasileira no campo científico, na modernidade, daí o empenho em conformar o *habitus* científico nos profissionais que compunham o campo.

O estudo pretendeu, enfim, contribuir para a reflexão da história da cultura da enfermagem brasileira, produzida nos primeiros anos da inserção da profissão no país, proposta que se soma aos esforços de outros pesquisadores da enfermagem, que buscam

compreender a história do campo e os dilemas que seus profissionais vêm enfrentando ao longo dos anos, como, por exemplo, a ausência de nitidez de sua identidade profissional e o estabelecimento de seu campo específico de trabalho.

Desse ângulo, o objeto desta pesquisa se constituiu em um momento de um processo histórico mais amplo que é o da recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira.

Desvendar as estratégias de inclusão e de exclusão de temáticas, de figuras homenageadas, de autores e observar e analisar os agentes mobilizados para o campo, a constituição da rede de colaboradores e de anunciantes, equivaleu a radiografar um importante instrumento de constituição do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira.

Os estudos que, como estratégia para melhor entender e atuar no presente, mergulham no passado, reconstituindo a trajetória de um determinado campo e dos agentes mais diretamente envolvidos nas lutas e nos debates da época, contribuem, indiscutivelmente, para a compreensão do presente, salienta Gomes (1999).

Os editoriais, os artigos, os colaboradores, os anúncios, enfim, todo o conteúdo presente em um impresso ou periódico são portadores de elementos ideológicos predominantes no período analisado. Deste modo o objetivo foi o de captar as estratégias discursivas utilizadas pelos sujeitos que utilizavam os AE para divulgar suas produções, em especial as enfermeiras, a fim de compreender a história da cultura que estruturou o campo de conhecimentos da enfermagem brasileira no seu limiar de profissionalização.

Há elementos importantes que estruturaram certas características nos agentes do campo e que foram analisados por este estudo: cultura da enfermagem, história, gênero, época (ou tempo) dentre outros. Assim, não se pode também deixar de lado outras condições externas (sociais, econômicas, políticas, institucionais e científicas) que somam-se a estas, conferindo uma específica configuração ao campo e produzindo o *habitus* científico, específico deste grupo social.

A Metodologia: O Espaço da pesquisa e as estratégias de apreensão das temáticas e das problemáticas obrigatórias.

Muitos seriam os caminhos ou as opções para se pensar o processo de recriação, socialização do conhecimento no campo da enfermagem brasileira. Do ponto de vista do material a ser pesquisado, entretanto, a opção que me pareceu mais adequada e que deu seqüência aos meus estudos, foi o levantamento, seleção e análise do conhecimento produzido, veiculado e socializado, no campo da enfermagem pela revista *Annaes de Enfermagem* (AE).

Ao debruçar-me por longo tempo, num processo de idas e vindas, sobre as fontes que subsidiaram a pesquisa, tive como objetivo captar as formas “nativas”, singulares, de percepção e compreensão da realidade a ser estudada, fazendo com que questionasse aquelas percepções que trazia comigo, internalizadas.

Como enfermeira e professora de enfermagem foi bastante difícil a tarefa de relativizar a minha prática. Este processo de estranhamento no qual tentava, diariamente, familiarizar-me com o exótico e estranhar o que me era comum, familiar, contribuiu para que ampliasse meu olhar, refletindo sobre o meu fazer cotidiano. Com certeza, foi um processo que estabeleceu alterações significativas na maneira de conceber e pensar o campo da enfermagem.

Nesta mesma linha, Bourdieu (1989b) salienta que o pesquisador deve realizar uma crítica de sua posição, explicitando seus interesses em relação ao objeto de estudo, de modo a poder controlá-lo conscientemente, evitando que sua análise seja uma mera expressão de seu ponto de vista. Assim tentei, durante todo o transcorrer da análise, evitar o bias¹² que tentava impor-se pela minha familiaridade com o objeto de estudo.

Do ponto de vista metodológico, utilizei fontes primárias, representadas pelas revistas *Annaes de Enfermagem* editadas pela Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras e por documentos que fazem parte do acervo do Núcleo de Estudos História da Enfermagem Brasileira (NUCHEBRAS).

¹² Para entender com mais detalhe esta estratégia buscar Becker, H. S. . Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

Num primeiro momento, realizei em ordem cronológica, um levantamento de todos os números editados no período da análise e também das temáticas presentes nos AE, dos agentes que nela escreveram ou estiveram presentes de alguma forma, dos colaboradores, das figuras homenageadas, e dos anunciantes que nela expuseram seus produtos. Neste momento tinha em mãos um material bruto. Era preciso organizá-lo, descrevê-lo, ordená-lo, classificá-lo e agrupá-lo em temáticas que remeteriam às problemáticas obrigatórias e às categorias que orientaram o campo da enfermagem brasileira naquele período.

A metodologia utilizada é, deste modo, essencialmente, qualitativa, e utiliza a análise de conteúdo para compreender, através dos AE, o processo de recriação do campo da enfermagem brasileira pois, como lembram Laville e Dionne .

“Mesmo organizado, o material continua bruto e não permite ainda extrair tendências claras, e, ainda menos, chegar a uma conclusão. Será preciso para isso empreender um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem, procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das idéias principais...É este o princípio da análise de conteúdo: consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.”

(Laville C. & Dionne, J., 1999, p. 214)

A análise qualitativa permite, para Pinto (1999), realizar uma apreensão profunda de uma realidade empírica específica, sendo que as interpretações e conclusões nela contidas podem servir para a compreensão de realidades mais abrangentes, devendo, para tanto, ser validadas através da sua utilização como instrumento heurístico de longo alcance, de modo a obter uma visão satisfatória do conjunto, sem omitir a riqueza dos processos e estruturas locais.

Ao utilizar um conjunto de documentos ou de estatísticas para fins de análise da produção de uma comunidade ou de uma cultura, Howard Becker salienta que

“É preciso fazê-lo de forma muito cuidadosa, buscando como eles foram criados, por quem, segundo que procedimentos e com quais propósitos, pois é claro que os documentos não podem ser aceitos pelo seu valor de face, mas têm que ser interpretados à luz de tais considerações.”

(Becker, 1999, p. 122)

Devido a sua amplitude, seria muito difícil um exame minucioso de todos os números publicados da revista AE e de sua sucessora, a Revista Brasileira de Enfermagem. Assim, foi preciso realizar escolhas que fossem ao encontro dos objetivos propostos para este estudo. Como o que interessa é compreender a trajetória inicial do processo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, procurando desvendar seu instrumental, as opções feitas pela equipe editorial por determinadas temáticas e quem eram os agentes de tais temáticas, elegi o período de 1932 a 1950. O ano de 1932 é o da criação dos AE e 1950, o quinto após a transferência da edição da revista do Rio de Janeiro para a cidade de São Paulo. Deste modo, analiso todos os números editados nos 14 anos de edição da referida revista (neste intervalo de 18 anos, houve um período de 5 anos de interrupção da edição).

Apesar do contexto estudado (um periódico que circulou num determinado período) parecer inicialmente restrito, as considerações e conclusões que obtive através da análise do material empírico possuem um valor que as ultrapassa, na medida em que possibilitou cuidadosas generalizações dos resultados. O objeto de estudo não consistiu unicamente uma realidade empírica em si, mas no que ela revelou quando foi pensada e confrontada com as questões e contribuições teóricas da história, da sociologia e da antropologia.

A Apreensão e a Análise dos dados e a Construção do texto

A partir da análise sistemática de todas as seções dos AE, ou seja, de todo os conteúdos da revista nos dezoito anos tomados para estudo, dos autores, dos colaboradores e das propagandas, iniciei a seleção das temáticas recorrentes, fazendo uma análise quantitativa das mesmas. Em seguida agrupei-as em núcleos temáticos de acordo com a fase de publicação da Revista. A primeira fase da Revista, que corresponde ao período em que os AE foram publicados no Rio de Janeiro, as temáticas foram agrupadas em três núcleos: “História da profissão”; “Saúde Pública” e “Pedagogia”. Na segunda fase da Revista, correspondente ao período no qual a Revista passa a ser publicada em São Paulo, as temáticas da primeira fase permaneceram e a elas foram acrescentadas as temáticas “Administração” e “Legislação e Ética”.

As temáticas recorrentes tiveram sua origem em problemáticas obrigatórias do período e não exclusivas do campo da enfermagem. Isto é, estas problemáticas estavam também presentes em outros campos. Através delas foi possível captar os elementos ideológicos, históricos e culturais predominantes no período analisado. Estas problemáticas indicaram, também, as concepções que estruturaram o campo e que o atravessaram, estendendo-se até a atualidade, determinando, a conformação de um específico *habitus* científico nos agentes. Com esta estratégia busquei compreender a história objetivada da enfermagem, aquela que segundo Bourdieu (2001, p.82) “*se acumulou ao longo dos tempos nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, manuais, teorias, costumes, direito etc.*”

Detive-me, de modo mais detalhado, na análise das temáticas e nas problemáticas obrigatórias delas derivadas e que indicaram preocupação com o processo de cientificação do campo.

Os Annaes são concebidos, aqui, como uma fonte documental que, baseada na proposta de Le Goff (1996), se torna um monumento, dado o seu valor histórico e por representar as expectativas, as concepções, os anseios de um determinado grupo social. Sobre esta questão, Camargo (1978) salienta que “*cada fonte documental possui características próprias, que podem e devem ser habilmente exploradas nas reconstituições de época*”.

O material empírico é, assim, analisado como um recurso particular e fundamental, que traduz as concepções de um grupo específico, mas este encontra-se inserido na sociedade, na medida em que sua produção de conhecimentos ocorre sob determinadas circunstâncias sócio-históricas. É importante ressaltar que, sob este ângulo, a revista não apenas importa, reproduz e atualiza conhecimentos, valores e imagens. Ela, concomitantemente, constrói novos conhecimentos, valores e imagens, devendo ser vista como produto das relações entre enfermeiras e destas com os demais profissionais da saúde, em especial com os médicos.

Neste sentido, o estudo de uma revista deve ater-se ao fato dos produtores tentarem inculcar valores e noções concebidos como importantes para a construção e manutenção das características ideais do grupo (Gomes 1999).

As produções geradas e socializadas pelas enfermeiras podem, deste modo, ser consideradas bens simbólicos, tornando-se “*capital intelectual e científico*” do campo da enfermagem brasileira. Sob este aspecto, ao divulgarem o conhecimento produzido estavam contribuindo para o processo de conformação e de legitimação do campo.

A análise dos elementos isolados (de um campo, por exemplo) nunca leva à compreensão do sistema (do campo como um todo) do qual eles são parte (Durkheim, 1983). Assim, as categorias ou subcategorias encontradas nos diferentes espaços ou seções dos AE, como nos editoriais, nas homenagens, nas seções científicas e sociais e nos anúncios, dos diferentes números e anos de edição, ao serem pensados no seu conjunto, remeteram à totalidade social do campo, permitindo generalizações.

No transcorrer do estudo faço a análise das noções operatórias e dos conceitos propostos por seus idealizadores e que sustentam este estudo, conforme forem os mesmos aparecendo.

O caminho percorrido na realização do presente estudo inclui, a título de Introdução uma apresentação da trajetória da pesquisadora e a culminância de sua opção pelo objeto de estudo e, um breve quadro que situa as questões que orientam as análises do campo da enfermagem brasileira nas últimas décadas.

No Capítulo 1 analiso o contexto histórico-político e social do Brasil nos anos 30 a 50, período no qual foi criado o periódico *Annaes de Enfermagem* no Rio de Janeiro.

No Capítulo 2 desenvolvo reflexão sobre as formas como os agentes do campo da enfermagem recriaram a cultura histórica deste campo, tentando “desnaturalizar” a História construída.

O Capítulo 3 tem como objetivo o exame da Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB) enquanto entidade que tinha como meta orientar, defender e divulgar a profissão de enfermeira no Brasil.

No Capítulo 4 analiso o ciclo de vida da revista *Annaes de Enfermagem*, destacando a sua importância como o único periódico disponível para os agentes do campo daquele período para a socialização de seus produtos, contribuindo, desta forma, para a conformação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira.

Nos Capítulos 5 e 6, faço o levantamento das diversas questões tratadas na Revista em suas diversas seções, agrupando-as, de acordo com seus interrelacionamentos, em temáticas e subtemáticas. As temáticas recorrentes, representam, concretamente, os muitos discursos divulgados pelo periódico, e que derivaram das “problemáticas obrigatórias” que analiso no Capítulo 7.

O Capítulo 7, deste modo, analisa as “problemáticas obrigatórias” que, baseada na análise do material empírico, não eram comuns apenas ao campo da enfermagem brasileira. Elas estavam dispersas em outros campos como o da enfermagem norte-americana e, também, em alguns campos do Brasil como por exemplo no campo da educação, no político e no religioso.

Por fim faço algumas considerações, dentre elas pontuo que o estudo pretendeu desvendar parte da história da cultura do campo da enfermagem brasileira onde ela se deixa ver menos ou onde é, muitas vezes, ignorada, ou seja, nos documentos que, aqui, como propõe Le Goff, passam a ser concebidos como monumentos. Uma certeza ficou: a de que outros estudos com certeza surgirão das questões aqui levantadas e que passo a demonstrar.

CAPÍTULO 1

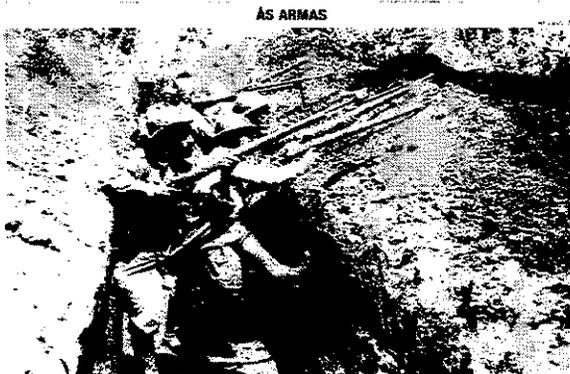


**As Aperfeiçoadoras da Raça:
O Contexto Histórico-Político- Social do Brasil
nos anos 30 – 50.**

“É a educadora dos lares, a aperfeiçoadora da raça, quando em seu nobre mister de visitar quotidianamente as casas pobres que estão aos seus cuidados, ensina princípios de hygiene e eugenia.”

(Haddock Lobo, Maio de 1932, N° 1, p. 6)

Paulistas em guerra contra Vargas



Em guerra civil que durou quase três meses, paulistas enfrentaram tropas de Vargas

02/10 - Depois de quase três meses de guerra civil no estado, os paulistas e o governo Vargas assinaram um armistício pondo fim à Revolução Constitucionalista. O movimento anti-Vargas começou a tomar corpo em maio quando, numa tentativa de mudança da sede do Partido Popular Progressista, aliado com o governo, cerca de 14 manifestantes constitucionais foram mortos. Depois, apenas quatro foram identificados - Martins, Miraneta, Durão e Caraglio. Das mães de seus nomes, surgiu o MMEX, grupo civil interessado em fomentar a revolução para por fim ao governo que fechara o Congresso, violara inter-ventores, puniu estados e o mandava a pagar por decreto. O grupo paulista ganhou sua forma definitiva com o apoio de militares insensibilizados com a quebra de hierarquia que Vargas estava promovendo ao colocar tenentes como interventores. Os militares de São Paulo planejavam uma revolução com Afonso Gusmão, Manoel Góes, Rito de Janeiro e Rito Grande do Sul, que deveria ocorrer no dia 14 de julho, data da queda da Bastilha. Mas o governo percebeu a movimentação e conseguiu evitar os paulistas. Sem ter com quem mas se juntar, os militares de São Paulo se alinaram ao MMEX e, servindo, iniciaram a revolução no dia 9 de julho. Precariamente armados, desestruturados e em menor número, os revolucionários não puderam resistir por muito tempo.

'Rei do futebol' no front

O goleador brasileiro foi o primeiro atacante de futebol brasileiro que chegou a ser chamado de rei pelos torcedores. Aliston se tornou paulista. Ele e Sargentto do Botafogo Espinho foram os principais atletas de destaque do estado.

As mulheres também passaram para a guerra. Poucas no front, mas muitas nas cozinhas e nas salas de costura, tornando comida e uniformes para as unidades paulistas.

Brasileiras, enfim, se tornam eleitoras

2002 - As mulheres brasileiras poderão votar nas eleições do ano que vem, que tornará a Assembleia Constituinte. A conquista veio por decreto de Getúlio Vargas, que, cometeu-se, não a terra permitiu se não tivesse como assessora a filha Alzira. Desde os tempos do Império, as mulheres brasileiras vinham reivindicando o direito ao voto.

Gandhi faz greve de fome pelos párias

2009 - O líder do movimento de independência da Índia, Mahatma Gandhi, iniciou uma greve de fome na prisão por onde os ingleses o mantinam novamente no dia 7 de janeiro deste ano. O protesto de Gandhi e em defesa do direito de voto dos párias, indígenas das classes mais baixas, nas próximas eleições legislativas do país.

EUA elegem Roosevelt para a Presidência

00711 - O democrata Franklin Delano Roosevelt será o novo presidente dos Estados Unidos. Prometendo o fim da recessão que atinge o país desde a quebra da bolsa, ele pôs fim ao domínio republicano na América. Seu maior desafio será o desemprego, que hoje atinge 14,6 milhões de americanos, contra os 3 milhões de antes de 1929.

Era Nova para a Enfermagem no Brasil

00711 - O democrata Franklin Delano Roosevelt será o novo presidente dos Estados Unidos. Prometendo o fim da recessão que atinge o país desde a quebra da bolsa, ele pôs fim ao domínio republicano na América. Seu maior desafio será o desemprego, que hoje atinge 14,6 milhões de americanos, contra os 3 milhões de antes de 1929.

Dumont se mata em hotel do Guarujá

2007 - Alberto Santos Dumont, o brasileiro que inventou o primeiro avião mundial, foi encontrado enforcado num quarto de hotel do Guarujá, em São Paulo. Segundo amigos, há tempos ele estava deprimido com o uso desastrosos de seu principal invento, o avião. Quando começou a Revolução Constitucionalista, uma verdadeira guerra civil entre brasileiros na qual os aviãos não foram usados em combate. Santos Dumont chegou ao fim do seu dia. O avião se autossuicidou três dias após ter completado 59 anos de idade. Além de dominar a técnica dos balões dirigíveis e de inventar os aeroplano, Santos Dumont criou uma máquina destinada a atravessar o oceano, o relógio de pulso. Difícilmente outro brasileiro chegou a ser tão celebrado e prestigiado na Europa. Talvez somente se o Brasil conseguisse produzir o melhor jogador de futebol de todos os tempos.

Modernista lança a Ação Integralista

07/10 - Um manifesto lançou oficialmente a Ação Integralista Brasileira, formado pelo jornalista e escritor modernista Plínio Salgado. O grupo se propõe a combater o socialismo e a liberal-democracia em nome de Deus, da pátria e da família. Plínio Salgado não escondia ser fascista pelo primeiro-ministro italiano Benito Mussolini, a quem conheceu pessoalmente em uma viagem a Europa. Os integralistas, que contavam com a simpatia dos cinco partidos de orientação nacionalista ou fascista existentes atualmente no Brasil, poderiam ser facilmente identificados pelo uso de uniformes verdes e um distintivo com a letra grega sigma, que se parece com a letra hi desenhada de lado. Assim como os membros de Adolf Hitler, os integralistas de Plínio Salgado usavam de uma simbologia comunitária, vinda da língua indígena tupi: ananã.



Crianças posam com uniformes da Ação Integralista, fundada por Plínio Salgado

Manguieira, primeira campeã do carnaval

Fevereiro - A Manguieira venceu o Torneio de Carnaval disputado na Praça Onze. As apresentações das escolas de samba e dos blocos locais já é uma tradição de anos de carnaval carioca. Porém, pela primeira vez, foi organizado um concurso, patrocinado pelo periódico Mundo Espetacular. A Manguieira apresentou o enredo: A Floresta,

embalado pelo samba Sorriso de Ze com fumaça. Em segundo lugar, terminaram empatadas a Vai Como Pode e a Linha do Bonfim. O terceiro lugar foi da Para e Aos São Melhores e em quarto ficou a Unidos da Tijuca. Fora do torneio, o samba que fez mais sucesso no carnaval de rua foi 19 de Julho, de São Vasco, de La Martinie Babo e dos irmãos Valência.

“Jornal do Século” foi uma edição comemorativa do Jornal do Brasil lançada no ano do centenário do periódico, em 2002.

Sua finalidade, aqui, é mostrar o contexto histórico-político e social que marcou o ano de 1932, ano de publicação da revista Annaes de Enfermagem.

Ressalto, entretanto, que a seleção destes eventos é reflexo do olhar da equipe editorial do Jornal do Brasil.

E preciso recuar ao final da década de 20, no Rio de Janeiro, capital da república, para situar o contexto histórico-político-social em que foi idealizada e concretizada a criação da revista *Annaes de Enfermagem* (AE), na medida em que esta se apresenta como um dos mais significativos eventos que contribuiu para o processo que recria, no Brasil, o campo de conhecimentos da enfermagem nightingaleana, este já existente em outros países.

Esta pesquisa abrange, assim, duas décadas: 30 e 40. Apesar de ter como objetivo específico o estudo do processo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, vale a pena discutir, ainda que rapidamente, alguns pontos importantes que marcaram esse tempo.

Este período é identificado por vários historiadores do Brasil como período fértil, momento de grandes transformações, no qual se tentou ultrapassar a “decadência” vigente, como demonstrarei no transcorrer deste trabalho. Entretanto, para melhor compreender de que transformações estão os historiadores falando, é preciso voltar às décadas anteriores, pois estas representaram o palco de grandes contradições, onde, ao lado do progresso vivido pela elite burguesa, em especial a elite paulista e da hegemonia ocupada pelas ricas oligarquias cafeeiras, desenrolava-se um grande cenário de miséria, “ignorância, epidemias, vícios” e muito descontentamento por parte da população, período identificado por alguns historiadores brasileiros como de “decadência” social.

Por ser concebido como um período *fértil* para o país, marcado por transformações decisivas em diferentes campos, foram as décadas de 20, 30 e 40 estudadas por vários intelectuais, historiadores, sociólogos e cientistas sociais. Tem-se, por exemplo, os estudos de Micelli (1979), Gomes (1999), Oliveira (1983), Lamounier (1971), Mota (1978) e Herschmann e Pereira (1994). Para uma visão mais abrangente deste período pode ser buscado, também, Hobsbawn (1990, 1995).

Sobre este período, ressalta Micelli:

“As décadas de 20, 30 e 40 assinalam transformações decisivas nos planos econômicos (como a crise no setor agrícola voltado para a exportação, aceleração dos processos de industrialização, crescente intervenção do Estado

em setores chaves da economia, etc.); social (consolidação da classe operária e da fração de empresários industriais, expansão das profissões de nível superior, de técnicos especializados e de pessoal administrativo nos setores público e privado, etc.); político (revoltas militares, declínio político da oligarquia agrária, abertura de novas organizações partidárias, expansão do aparelho do Estado, etc) e cultural (criação de novos cursos superiores, expansão da rede de instituições culturais públicas, surto editorial, etc).”

(Micelli, 1979, xvi)

As transformações que aconteceram neste período tinham suas raízes no século XVIII, quando a Revolução Francesa e a Revolução Americana, geraram transformações em todo o mundo ocidental, alterando o modelo de sociedade em todos os aspectos, numa nova perspectiva de vida, de ser humano, de sociedade, de mundo, estando essas novas concepções baseadas nas categorias direito e igualdade. Estas concepções reforçavam a idéia de progresso da ideologia iluminista. O capitalismo era assumido progressivamente por várias sociedades políticas, enquanto o comunismo e o socialismo surgem como movimentos sociais contrários ao capitalismo. Nesse processo de reordenação dos Estados nacionais, o século XIX se coloca como o berço das grandes ideologias que emergiram na sociedade política. (Hobsbawn, 1995).

Nas primeiras décadas do século XIX o liberalismo predominava em toda a sociedade política tanto nas intervenções políticas quanto nas relacionadas à economia. O ideário liberal estava presente em todos os discursos. Era a linguagem de todos, universal. Entretanto a insatisfação era grande, principalmente por parte dos mais pobres pois o que se pregava não era por estes sentido.

O positivismo de Augusto Comte foi uma corrente de pensamento iluminista formulada nas primeiras décadas do século XIX e que estende-se por muitas décadas. A doutrina positivista de Comte tinha como lema o conceito de progresso. Progresso como sinônimo de disciplina, trabalho, ordem, doutrinação. Este era defendido como a base, o norte para o desenvolvimento e o aprimoramento da sociedade. Atrelada à idéia de progresso vinha a idéia de nação que representava modernidade. O Estado assumiria o papel de agenciador dos recursos econômicos, realizando uma distribuição que teria como fim a redução dos problemas sociais. Contudo, o Estado nacional se tornaria cada vez mais intervencionista. Para Hobsbawn (1990), a nação tornou-se uma “*religião cívica*”.

Na execução da proposta positivista deveriam ser utilizados grupos de especialistas como engenheiros, economistas, médicos, tecnocratas, dentre outros. Estes seriam os únicos detentores de saber, este fundamentado nos ideais positivistas, que lhes confeririam poder para pensar e falar por todo um grupo de pessoas. No campo da saúde os médicos e as enfermeiras diplomadas desempenharam muito bem este papel.

No Brasil, a doutrina positivista orientou o pensamento e as ações de diferentes campos e foi a estruturadora das propostas do Estado nas décadas de 30 a 50. A idéia de nação foi muito bem trabalhada pelo Estado nos mais diversos campos.

Todo o período compreendido entre 1889 e 1930 é identificado como República Velha, e é marcado pela presença das oligarquias regionais e pela fraqueza do poder central. A década de 20, quando predominaram movimentos de vanguarda e também de radicalismos (anarquismo, modernismo, tenentismo, luta pelo voto feminino, fundação do partido comunista), passa a conviver com uma forte crise na estrutura política, social e cultural, culminando com a Revolução de 30.

Em seu trabalho *Formação da Comunidade Científica no Brasil*, Simon Schwartzman mostra o cenário da vida intelectual e as instituições que tomaram lugar no país na década de 20

“Novas idéias, novas maneiras de ver as coisas, assim como movimentos culturais, políticos e sociais que tiveram profundas repercussões nas décadas seguintes. Talvez fosse a Europa, que, reorganizando-se de forma precária após a Grande Guerra, impunha sua influência com renovada força. São Paulo foi o palco da Semana de Arte Moderna, que rompeu os moldes do classicismo arcaico em pintura e literatura, permitindo um contato mais direto com a realidade nacional e com a arte europeia mais viva. No sul, a juventude militar iniciava a série de rebeliões que seriam conhecidas como Tenentismo e que culminariam com o movimento de 1930. No Rio, constituiu-se a Academia Brasileira de Ciências, e a Associação Brasileira de Educação iniciou um grande movimento pela modernização do sistema educacional brasileiro em todos os níveis, incluindo o universitário. A Sociedade de Ciências foi fundada em 1916 e veio a se transformar, em 1922, na Academia Brasileira de Ciências...”

(Schwartzman, 1979, p 163)

Assim, o movimento pela modernização do país, que tivera início na década anterior, atinge seu apogeu na década de 30, com a Revolução. Este movimento tinha como propósito implantar não só um novo modelo de república, mas um novo modelo de Brasil, o Brasil moderno, como destacam Herschmann e Pereira.

A Revolução de 30 é vista, pelos historiadores brasileiros, como o evento que se destinava a abrir possibilidades para que o projeto de modernização e de cientificação¹ ocupasse os vários espaços sociais do país. Deste modo salientam Herschmann e Pereira:

“Moderno, modernidade, modernismo, ou mesmo modernização são categorias específicas, que vão ocupando amplo espaço no campo intelectual, constituindo-se em palavras de ordem, significativas no começo do século XX, chegando a ganhar um uso quase obrigatório na ambiente intelectual de então. No Brasil, este fato é facilmente verificável, especialmente ao longo dos anos 20-30, quando afirmar-se moderno, por exemplo, é antes de mais nada, tentar assumir um lugar prestigiado no debate científico e artístico - não importando tanto o fato de se atingir ou não o reconhecimento pleno -, expressando também uma sintonia de certa forma obrigatória com determinado conjunto de questões nem sempre claras para os sujeitos sociais envolvidos.”

(Herschmann e Pereira, 1994, p. 15)

Entretanto, iniciada sob a lógica da inserção de novas perspectivas para o país, as idéias de moderno e modernidade têm fim com o autoritarismo do Estado Novo, em 1937. O processo de modernização “a brasileira”, passa, assim, a ser sinônimo de autoritarismo, exclusão da maioria dos segmentos sociais das decisões, amplos poderes do Estado sobre a sociedade civil, fragilidade da noção de cidadania e uma visão ufanista de nação. Sobre essa ideologia de “*modernidade a brasileira*” Herschmann e Pereira reforçam lembrando que

“No Brasil, o que se observou foi a instalação de uma modernização conservadora, estatizante, reformista e higienista, cultuando a ordem como geradora do progresso; uma cultura taxonômica, hierarquizada, com as elites no topo determinando as normas e

¹ Sobre a presença, a influência e a adoção de concepções oriundas dos movimentos modernizantes e cientificistas no Brasil, dispomos de valiosos trabalhos como os de Barros (1973), Ortiz (1985), Ventura (1991), Schwartzman (1979), Micelli (1979), Schwarcz (1993), Herschmann e Pereira (1994).

administrando toda a vida nacional, pública e privada. Como ilustração, podemos citar o autoritário regulamento sanitário imposto por Oswaldo Cruz para o saneamento da estrada de ferro Madeira- Mamoré e vale lembrar que Afrânio Peixoto realizou, junto com Oswaldo Cruz, estudos de saneamento para a Amazônia, na tentativa de domar a natureza, higienizando para o progresso.”

(Herschmann e Pereira, 1994, p.150)

Antonio Candido ao prefaciar o livro “Intelectuais e a Classe Dirigente no Brasil”, de Sergio Micelli, ressalta as modificações nas relações que ocupam o cenário do país. Destaca que o autor fez uma interessante análise sobre as relações que passaram a prevalecer no Brasil após 1930

“Do declínio social se nutriram os quadros governamentais depois de 30, quando o abalo das estruturas tradicionais e o predomínio do ritmo urbano suscitam novos tipos de clientela, patronato, dependência e concepção de trabalho.”

(Candido, 1979, xiii)

Antonio Candido (op.cit.) lembra ainda que nas décadas de 30 e 40 ocorre, no meio literário, um privilegiamento pelo gênero do romance, iniciando, nesta época, a trajetória pela profissionalização do escritor, fato que se deveu à indústria do livro e ao que chama de “*substituição das importações no tipo de leitura*”, momento no qual ocorre entrada maciça dos padrões norte-americanos.

A produção cultural e também literária deste período expõe a “decadência” política e social pela qual passa o país. No meio literário, intelectuais como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Manuel Bandeira, Ciro dos Anjos, dentre outros, priorizavam e centralizavam suas análises e reflexões na temática da decadência (social, familiar, e pessoal). Antonio Candido (1979), sobre o privilegiamento desta temática, destaca: “*achei que este estigma (da decadência) seria quase requisito para se produzir obras valiosas.*”

Com a implantação do regime republicano no Brasil, o país aproximou-se definitivamente, no início do século XX, dos Estados Unidos. Vale ressaltar que, na década de 20, os norte-americanos já figuravam como os principais parceiros econômicos do

Brasil, mas preocupavam-se com as epidemias que se alastravam pelo país, em especial nas cidades portuárias, local de chegada e saída de navios com mercadorias norte-americanas. As epidemias chegaram a afetar o comércio Brasil-Estados Unidos, fato que gerou um acordo entre os dois governos, concretizado pela vinda da Missão Rockefeller para o Brasil.

O “*ethos capitalista*” e o saber técnico-científico que o Estado tentou implantar na sociedade brasileira marcadamente patriarcal, no início do século XX, encontrou muita resistência. Um exemplo desta resistência às mudanças foi a Revolta da Vacina, ocorrida em 1905. Neste movimento, a sociedade colocou-se contrária às medidas autoritárias adotadas pelo Estado, que foram desde a política deflacionária e desapropriações de imóveis no centro da capital da república, até medidas sanitárias desencadeadas por Oswaldo Cruz e seus sanitaristas contra o surto de febre amarela (Herschmann e Pereira, op.cit.).

As ações no campo da saúde e, em especial, no campo da saúde pública eram pautadas, nestas primeiras décadas do século XX, por diretrizes eugênicas. A “*ideologia eugênica*” ou “*ideologia científica eugênica*”² defendida por eugenistas liderados por Renato Kehl, psicólogo presidente da comissão Central Brasileira de Eugenia, alicerçada na racionalidade científica vigente a época, propunha ultrapassar o modelo de sociedade na qual acreditavam predominava a pobreza, a miséria, os vícios, as doenças, ou seja, prevaleciam na visão dos eugenistas, problemas de ordem física, mental e social. Sob a égide do “branqueamento e purificação da raça”, os eugenistas objetivavam a regeneração coletiva da sociedade através da criação de uma sociedade “menos doente, mais pura, mais civilizada e mais feliz”. Esta concepção esteve presente em todas as sociedades ocidentais e

² A extensão atingida pela ideologia eugênica fez com que ela se transformasse em uma ideologia científica eugênica, responsável por políticas eugênicas em várias sociedades ocidentais. No Brasil, o principal defensor desta política foi o psicólogo Renato Kehl, diretor e proprietário do Boletim de Eugenia. Neste Boletim, no ano de 1929, encontra-se a seguinte colocação: “a nossa plebe é feia, desengonçada e doente.” Para superar este modelo de cidadão, os eugenistas, em especial, Dr. Afrânio Peixoto, defendiam a disciplinarização, a higiene dos casamentos, a promoção da educação sexual, a cura do alcoolismo, das doenças venéreas, das psicopatias, da loucura e das taras. Os médicos seriam, neste contexto, os principais agentes da implantação do modelo eugênico. Kehl foi, também, o organizador dos Congressos de Eugenia no Brasil, que tinham como princípio que a eugenia se constituía em ciência e arte. Para aprofundar esta reflexão, consultar Kehl, Renato. Eugenia e medicina social. 2ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923; Schwarcz, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Sfez, L. . A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia. São Paulo:1996; Flores, Maria Bernardete R. . A Medicalização do Sexo ou O Amor Perfeito, In: Falas de Gênero (Teorias, Análises, Leituras), Santa Catarina: Ed. Mulheres,1999 e, também, Almeida, M. E. de. Eugenia: gênese e legitimação. 1870-1900. Rio de Janeiro IMS-UERJ, 2002.

estendeu-se a vários campos. Institucionalizou-se e naturalizou, no interior de vários grupos sociais, o racismo, o anti-semitismo e a xenofobia. Representava a linguagem padronizada, oficial, que estruturava práticas individuais e ações governamentais.

Utilizando o discurso do convencimento, diferentes especialistas atuaram como agentes divulgadores das propostas eugênicas, ou seja, na inculcação de concepções sobre uma “nova sociedade”, esta aprimorada por uniões entre pessoas dotadas de boas qualidades mentais, físicas e intelectuais. Nesta sociedade não havia espaço para grupos sociais considerados “impuros”, como os judeus, os deficientes físicos e mentais, os ciganos e os negros (Almeida, 2002).

Baseando-se na concepção de civilidade vitoriana, onde predominavam um determinado tipo de moral, de ordem e de higiene, tentou-se, também, no Brasil, a modelagem de um novo homem, que pudesse ultrapassar todos os conflitos sociais, as doenças de ordem física e mental, os “desvios” de conduta e a pobreza.

Articulados a um projeto político-nacional amplo que propunha definição e “embelezamento” da raça brasileira, cuja mestiçagem era vista como fator de deterioração, os médicos seguidores destas propostas compuseram uma “cruzada eugênica” nas primeiras décadas do século XX. O lema da cruzada era “lutar contra os vícios e os venenos sociais”. Assim os médicos eugênicos, através da medicina legal e de seu saber, tentaram fundar uma “sciencia brasileira”. Afrânio Peixoto, discípulo do médico baiano Nina Rodrigues, que defendia as idéias da escola positivista de direito penal, segundo a qual as causas do crime devem-se às características físicas, fisiológicas e psicológicas do criminoso, foi um dos mentores desse movimento e seus livros, tanto os de medicina legal como os de higiene, mostram uma especial preocupação com a eugenia. Ele defendia que o casamento precoce era nocivo à saúde, à fecundidade e à vitalidade dos futuros filhos. Propôs, deste modo, normas para um casamento eugênico e a adoção de jogos e desportos para que a mocidade evitasse o envolvimento sexual precoce, na medida em que este significaria desregramento e enfraquecimento físico e moral.

Flores também médico e defensor dos ideais eugênicos ressalta que “*a eugenia, enquanto ramo da medicina legal e social, vai assentar suas baterias contra esses males sociais pelos efeitos causados à degeneração da espécie e ao abastardamento da raça.*” (1999, p. 210).

Na perspectiva profilática eugênica, com vistas a combater nascimentos de futuros “desviados, deformados, tarados” etc, passa a ser obrigatório realizar exames pré-nupciais e controlar rigorosamente as mulheres para que de suas gestações advise uma prole sadia e perfeita. Kehl, neste sentido, defendia que controlar a mulher grávida “*é cultivar a sementeira nacional, é proteger o futuro.*” (Kehl, 1923, p. 195).

As enfermeiras brasileiras formadas na década de 30 foram, em parceria com os médicos, fundamentais na divulgação e concretização das propostas eugênicas. Além de serem formadas segundo princípios eugênicos, foram elas importantes agentes inculcadores destas propostas junto à sociedade.

As diretrizes eugênicas podiam ser observadas também nas Escolas de formação. Na enfermagem, por exemplo, as candidatas ao pleitearem o curso, eram submetidas a um rigoroso processo seletivo cujos princípios reportavam-se aos ideais eugênicos. O propósito era, assim, formar “*boas enfermeiras*” para o progresso do país. E o que representava ser “boa enfermeira”? De início, já no processo seletivo de ingresso à Escola, exigia-se que as candidatas tivessem o diploma de escola normal ou documento que provasse a “*educação secundária bastante*”, conforma destaca Alcântara (1966), fossem, de preferência, de cor branca, solteiras, jovens, com boa saúde, e que fossem oriundas de “*boas famílias*”. Após o ingresso na Escola, a aspirante a enfermeira passaria a ser observada por uma inspetora, obedecendo a uma rotina rígida, sendo suas atitudes controladas através de dois tipos de boletins: um Boletim Técnico no qual era anotado o desempenho nas atividades práticas, técnicas e um outro, o Boletim Moral, no qual era anotado todas as atitudes da aspirante. Ao fim as Escolas pretendiam moldar nas alunas um conjunto de hábitos e atitudes que eram o reflexo dos preceitos eugenísticos e vitorianos, predominantes no período. As enfermeiras assim formadas ou modeladas passariam a defender e a aplicar estes princípios em sua prática profissional.

As enfermeiras-visitadoras, formadas segundo os preceitos eugenísticos pela Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), tiveram, em conjunto com as enfermeiras diplomadas, um importante papel na socialização dos princípios eugênicos, na medida em que em suas práticas, tanto nas visitas domiciliares, quanto na assistência hospitalar, entravam em contato direto e prolongado com os cidadãos doentes e com suas famílias. Neste contexto, além de realizar os cuidados relacionados à doença, transmitiam ensinamentos sobre cuidados higiênicos e todas as demais concepções e valores defendidos pelo modelo eugênico.

Os trabalhos de educação e profilaxia, realizados inicialmente por visitadoras de higiene ou sanitárias, e, mais tarde, por enfermeiras visitadoras e diplomadas, tinham um único e claro propósito: “criar uma raça livre de vícios, de doenças físicas ou mentais, mais forte, digna e feliz”. Assim, o papel destas profissionais era o de viabilizar e concretizar os ideais eugênicos, tentando torná-los uma realidade no país. É nesse sentido que a enfermeira Maria Ribeiro dos Santos Fréres, utilizando os AE, escreve o artigo O Papel Social da Enfermeira

“Mas o que, infelizmente parece preocupar a poucos, é o problema da saúde do nosso povo, da sua eugenia, de suas condições sanitárias, problema primacial, porque dele depende a alma da nossa raça ainda em formação; si não o resolvermos, jamais seremos uma grande nação. E é quando focalizamos esse ponto, na nossa paisagem social que verificamos o quanto é relevante, o quanto é grandioso, o papel da enfermeira. Da nossa atuação como educadoras sanitárias, dependem todos os demais problemas do complexo organismo social. Nós somos as obreiras infatigáveis, trabalhando incessantemente, na construção de uma raça forte. E a construção dessa raça, será o alicerce, a base, o ponto de apoio de todos os empreendimentos sociais. Nada se poderá fazer sem que esse alicerce esteja consolidado. Um povo doente nada produz...”

(...) Toda a economia do Estado, depende das condições de sanidade do seu povo. Uma nação constituída de elementos devorados pela tuberculose, aniquilados pelo impaludismo, deprimidos pela sífilis, será sempre escravizada por outros povos eugenicicos; viverá sempre de empréritos atravez de juizes escorchantes, será sempre colonia de povos mais fortes e sadios...”

(...) Uma vez criada essa consciência, ninguém mais teria o direito de trazer à vida seres infelizes e doentios; seria um crime de leza patria, um crime de leza humanidade, que deveria estar sujeito a penalidades previstas por lei. Só deveria nascer criança linda porque o problema estético, a harmonia da forma, a beleza, estão na dependência da eugenia da raça...

(...) quando pensamos sobre tudo isso, é que sentimos a necessidade ingente que pesa sobre nós. A tarefa da enfermeira da Saúde Pública é enorme e grandiosa! A ela compete trabalhar arduamente, em prol de um Brasil maior, de uma Patria redimida, a serviço da Humanidade !

(Santos Fréres, novembro de 1936, N° 8, p. 27)

Como se vê, os Annaes de Enfermagem tiveram um papel fundamental na divulgação e constante atualização das propostas eugênicas. Um outro exemplo a confirmar este função da Revista encontrei logo no primeiro número quando Rachel Haddock Lobo, a editora-chefe, no editorial de abertura, socializa o pensamento de toda a enfermagem brasileira daquele período sobre a eugenia e sobre o papel da enfermeira diplomada neste modelo. Assim, destaca:

(...)“É a educadora dos lares, a aperfeiçoadora da raça, quando em seu nobre mister de visitar quotidianamente as casas pobres que estão aos seus cuidados, ensina princípios de hygiene e eugenia.”

(Haddock Lobo, maio de 1932, N° 1, p. 6)

Assim, ao se autoproclamarem “*aperfeiçoadoras da raça*” e “*obreiras infatigáveis na construção de uma raça forte*”, as enfermeiras diplomadas brasileiras sentiam-se no dever, na obrigação de abraçar essa causa. Contribuíram, neste sentido, para a socialização e cristalização dos ideais eugênicos junto à sociedade. Estes mesmos princípios foram inculcados, também, nas alunas durante a realização do curso de formação de enfermeiras. Essas passavam a reproduzi-los fielmente, como mostra a aluna Lycia Ribeiro Lopes, na seção *Página de Estudante*:

“As classes cultas da sociedade brasileira começam a inquietar-se principalmente diante da ruína física, mental e moral que tende caracterizar a época atual em nosso país, e já compreendem a necessidade imperiosa de medidas capazes de conduzir-nos a uma regeneração coletiva. A leitura dos trabalhos publicados a esse respeito por Belisario Penna, Monteiro Lobato e, especialmente pelo Dr. Renato Kehl, presidente da Comissão Central Brasileira

de Eugenia, são verdadeiramente impressionantes, incitando todos os brasileiros, de boa vontade, à luta contra a degenerescência da raça, que, se não for contida em sua marcha avassaladora, acarretará certamente a decadência da nacionalidade....

Evidentemente não há solução para os males sociais fora das leis da biologia!

Devemos enfrentar corajosamente todas as dificuldades e vencer a grande batalha que se impõe para o aperfeiçoamento eugênico do nosso povo!

"EUGENIA! IN HOC SIGNO VINCES"

(Ribeiro Lopes, abril de 1934, Nº 3)

A criação da revista *Annaes de Enfermagem*, em 1932, foi fundamental para a divulgação dos princípios eugênicos. Com este mesmo propósito várias outras revistas foram criadas. No caso dos AE este fato é comprovado através da seleção de problemáticas veiculadas pelo periódico. Um expressivo número delas gira em torno das questões propostas pelos eugenistas. Em alguns momentos estas eram defendidas de forma explícita pelas enfermeiras, mas, na maioria das vezes, eram apresentadas de forma subliminar, embutidas em outras discussões. A análise mais detalhada destas problemáticas e de sua eficácia na divulgação do ideário eugênico será realizada no Capítulo 5.

A realidade brasileira foi marcada, também, nestes primeiros anos do século XX por mobilizações de operários, artistas e militares. Era representada por dualismos como campo-cidade, branco-mestiço, rico-pobre, cosmopolita-brasileiro, imigrante-nacional, constantemente presentes nas obras de autores como Graça Aranha, Lima Barreto e Euclides da Cunha. Os muitos problemas sociais do país são retratados na produção de artistas e escritores liderados por Mário e Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Anita Malfatti, Heitor Villa-Lobos, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, dentre outros. Estes formavam o movimento modernista brasileiro, que, apesar de contundente, não conseguiu mobilizar a "população iletrada, miserável e doente" e, por fim, ao regime oligárquico.

Como uma das figuras de destaque do movimento modernista brasileiro, Mário de Andrade ao escrever, em 1926, *Macunaíma* mostra a contradição entre a modernidade de São Paulo e o "atraso", a "ignorância", a miséria e as doenças que assolavam o restante do país.

“É São Paulo construída sobre sete colinas, à feição tradicional de Roma...e beija-lhe os pés a grácil e inquieta linfa do Tietê. As águas são magníficas, os ares tão amenos quanto os de Aquisgrana ou de Anveres.(...)”

Cidade é belíssima e, grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas e tomadas por estátuas e lampiões graciosíssimos e de rara escultura. (...)

Assim tão bem organizados vivem e prosperam os Paulistas na mais perfeita ordem e progresso. (...).

Porém, senhoras minhas! Inda tanto nos sobra por este grandioso país, de doenças e insetos por cuidar! ...

Tudo vai num descalabro sem comedimento, e estamos corroídos pelo morbo e pelos miriápodes! Em breve seremos novamente uma colônia da Inglaterra ou da América do Norte!...

Por isso e para eterna lembrança destes Paulistas, que são a única gente útil do país, e por isso chamados de Locomotivas, nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça:

POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO.”

(Mário de Andrade, 1926)

A hegemonia ocupada pela oligarquia cafeeira foi abalada com a quebra (crash) da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, cujo efeito na economia mundial foi devastador. O Brasil, tendo o mercado americano como o seu principal comprador de café, vê a sua economia desmoronar, pois centrava o seu modelo econômico na monocultura cafeeira.

Neste mesmo ano de 1929, diante de um país mergulhado numa crise econômica e social, é criada a Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras. O objetivo deste investimento será analisado no Capítulo 2.

O governo intervencionista e centralizador de Getúlio Vargas, que teve início em 1930, estende-se até 1937. Referindo-se a este momento político vivido pelo Brasil, Micelli destaca

“A nova localização de forças a frente do Estado, procura, de um lado guardar distância em relação aos antigos dirigentes, e, de outro, imprimir suas marcas em todo os domínios de atividade ligados ao trabalho de dominação, mormente nos diversos níveis do sistema de ensino e no campo da produção e difusão cultural.”

(Micelli, 1979, xviii)

No ano de 1930, com vistas a aglutinar e dar nova concepção às ações de saúde, foi criado o Ministério da Educação e Saúde (MES), desmembrando-se do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Deste modo, todos os programas e as atividades de saúde passaram a ser controladas pelo MES, sendo o DNSP o órgão responsável por toda a normatização e execução das políticas sanitárias.

A grande insatisfação da sociedade, em especial da sociedade paulista, com as medidas autoritárias e intervencionistas do presidente Getúlio Vargas culminou com a Revolução Constitucionalista de 1932. Após três meses de guerra civil no estado, os paulistas assinaram, ainda em 1932, um acordo com o governo Vargas, pondo fim à Revolução.

O *Jornal do Brasil*³ publica, no ano de 1932, a notícia sobre a criação da Ação Integralista Brasileira, cujo líder foi o jornalista e escritor modernista Plínio Salgado. O grupo propunha combater o socialismo e a liberal-democracia em nome de Deus, da pátria e da família. Contavam com o apoio e a simpatia de cinco partidos de orientação nacionalista ou fascista existentes no Brasil à época.

Reivindicando o direito de voto desde o Império, as mulheres brasileiras conseguem, por meio de decreto do presidente Getúlio Vargas, tornar-se eleitoras nesse mesmo ano de 1932. Também nesse ano o presidente Vargas assina outro importante decreto, criando a licença-maternidade de 12 semanas para as trabalhadoras. Segundo vários historiadores, a filha de Getúlio Vargas, Alzira, teve importante papel nestas conquistas.

Concomitantemente à expansão das ações do Estado, às reformas que acontecem ao longo das décadas de 20 e 30, amplia-se também o grau de controle e de coerção do mesmo. O presidente Vargas governa por decretos. Seu governo mantém-se

³ Numa edição comemorativa designada *Jornal do Século* o JB destaca, realizando uma cronologia, os fatos históricos importantes que marcaram o Brasil no ano de 1932, ano de criação da revista AE: "Paulistas em guerra contra Vargas", quando renasce o Partido Republicano Paulista em oposição a Vargas; O jornal *Diário Carioca* é invadido; Políticos gaúchos se demitem do governo Vargas em protesto pelo ataque ao jornal *Diário Carioca*; o presidente Vargas cria a carteira de trabalho e cria, por decreto, a jornada de trabalho de 8 horas nas indústrias; fundado o Partido Socialista Brasileiro; Em São Paulo inicia a Revolução Constitucionalista contra Vargas. Ver em Anexos encarte do *Jornal do Brasil*.

pela coerção e pelo medo; entretanto, a insatisfação é grande. Seu controle expande-se, em especial, sobre os Institutos de Aposentadoria e Pensões. As instituições médicas de período estão totalmente a serviço do Estado, funcionando como aparelhos que controlam, inibem e concentram decisões e ações. É criada a polícia médica com objetivo de vigiar e punir os cidadãos que não cumprissem os ensinamentos médicos. O país vive um clima de protestos contra o governo arbitrário do presidente Getúlio Vargas.

Mesmo neste contexto, Gomes (1999) lembra que o primeiro governo do presidente Getúlio Vargas pode ser considerado uma etapa fundamental para a história política, econômica e social do Brasil pelas significativas realizações que ocorreram neste período. Entretanto, a política cultural foi marcada por coerções, deixando profundas cicatrizes. Nada poderia impedir ou atrasar o projeto de construção de uma “nova” nação idealizada pelo Estado. Projetar, principalmente na cabeça dos mais jovens e que estavam fora do sistema educacional formal, a idéia de um novo Estado, era investir na lealdade-legitimidade dos futuros cidadãos.

No cenário social, mais especificamente no campo da educação e da saúde, as primeiras décadas do século XX no Brasil são marcadas por um quadro bastante desolador, conforme descrito anteriormente. O analfabetismo, o alcoolismo e a generalização das endemias de verminoses, em especial a ancilostomose, a doença de Chagas, a tuberculose e as epidemias de sarampo, febre amarela e de malária debilitavam ou dizimavam homens, mulheres e crianças⁴. A atenção até então voltada para as doenças pestilenciais passa a adquirir nova dimensão, uma vez que começam a prevalecer as doenças ligadas diretamente às condições de vida e de trabalho, desfalcando a força de trabalho do homem brasileiro, do campo e da cidade.

⁴ Sobre este quadro os Archivos de Hygiene, periódico editado pela Seção Técnica de Saúde Pública da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social, publica, no mes de abril de 1936, matéria explicitando o quadro de saúde do país : de 1906 a 1936 13% do número de óbitos foi provocado por doenças epidêmicas e 9% foi devido ao sarampo. Destaca, nessa mesma matéria, que tanto o sarampo como a coqueluche mantem-se no topo das doenças de maior incidência, dizimando milhares de crianças há décadas. Por fim ressalta que entre 1929 e 1933, o sarampo teve seu pico de aumento, tanto no RJ como em todas as capitais do país.

O grande e talvez maior desfalque na população era provocado pela tuberculose, a peste branca, como era conhecida. Relatos de historiadores dizem não haver tuberculose entre os índios. A doença, vinda da África e da Europa, expande-se pelo país até meados do século 20, dizimando cidadãos jovens e produtivos de todas as classes sociais e econômicas. Concebida como a doença dos românticos, por se instalar no peito dos indivíduos, local de amores e paixões, acomete jovens escritores e intelectuais como, por exemplo, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias e Rodrigues de Abreu.

Somam-se, mais tarde, ao grupo das doenças contagiosas, como a varíola, a sífilis e a tuberculose, as doenças degenerativas, como as cardiopatias, diabetes, hipertensão, presentes em maior número nas regiões mais urbanizadas. Estes problemas passam a prevalecer no momento em que se buscava a industrialização e a implantação do modelo capitalista de produção (LUZ, 1986).

Na tentativa de amenizar o cenário pintado pelas epidemias e criar uma “nova” consciência em termos de nação, surgem vários movimentos nacionalistas, denominados de Ligas ou Cruzadas⁵, cujo objetivo era o de sanear o Brasil através da educação, unir vários segmentos e traçar ações sanitárias em várias frentes. As escolas, através dos seus professores e os profissionais da saúde (médicos e enfermeiras) foram os agentes utilizados na concretização desta proposta do Estado, funcionando, assim, como peças-chaves das Cruzadas.

Nos estudos sobre identidade nacional realizados no Brasil tornou-se quase uma exigência assinalar o período do pós-primeira Guerra Mundial como o de um intenso nacionalismo militante. Este fato é comprovado pela formação de organizações ou ligas, como por exemplo Liga da Defesa Nacional, Liga Pró-Saneamento, Liga contra o Analfabetismo e a Sociedade de Eugenia de São Paulo. Todas visavam, de diferentes formas, a criação de um ideal único de nação. Movimentos com objetivos similares já haviam acontecido em anos anteriores, apenas não havia condições políticas para que estes

⁵ A terminologia Liga ou Cruzada era utilizada para dar às ações sanitárias, por estas propostas, o cunho de uma ação militar. Seus objetivos em muito se assemelhavam às campanhas, lutas e combates travados pelas forças militares numa guerra. As categorias comumente empregadas eram estratégias, planos, armas, armamento, inimigo, arsenal, dentre outros. Para melhor compreensão, ver Barreira, I. A. . A Enfermeira Ananéri no País do Futuro. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1996.

se ampliassem. Entretanto, a escolha dos agentes e dos símbolos selecionados para inculcar as idéias nacionalistas foi feita de forma aleatória. Tinham estes que estar alinhados com o Estado. O propósito era o de transformar todas as diversidades em homogeneidade de pensamento.

Os higienistas (como eram identificados os sanitaristas da época) Oswaldo Cruz e Belisário Pena estiveram à frente destes movimentos no campo da saúde, mas defrontaram-se com grande resistência por parte dos médicos que, formados no modelo individual-curativo, desacreditavam das propostas de saneamento feitas para o país. Estiveram também à frente destes movimentos de cruzada o médico Afrânio Peixoto e o psicólogo Renato Kehl, ambos eugenistas.

Com a morte de Oswaldo Cruz em 1917, houve inicialmente um momento de desencanto por parte dos higienistas, que pensaram em abandonar as propostas de saneamento. Entretanto, Belisário Pena, herdeiro e fiel discípulo de Oswaldo Cruz, toma a sua figura como símbolo do movimento sanitarista e inicia um processo de heroificação de sua figura, sendo a mesma utilizada para catalisar o movimento

Belisário Pena, um dos expoentes das propostas eugênicas, escreve, em 1918, o livro *Saneamento do Brasil*, que passa a ser considerado o marco da criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil⁶. Ultrapassando resistências dos anti-higienistas, Belisário Pena é eleito presidente da Liga e Oswaldo Cruz, o seu patrono.

A Liga representava a concretização das propostas do movimento sanitário brasileiro, identificado também como movimento higienista. No bojo das propostas da Liga estava o lema criado por Belisário Pena. “*Sanear o Brasil é povoá-lo, é enriquecê-lo, é moralizá-lo*”. Este passou a orientar os discursos e as ações da Liga. Pode-se daí depreender que as categorias saúde, riqueza, progresso e moral faziam parte do ideário eugênico vigente e norteavam o pensamento de Belisário Pena e seus discípulos.

⁶ A Revista Saúde editada em 1918 pela Liga Pró-Saneamento do Brasil fornece um amplo painel das atividades proposta pela Liga para realizar o saneamento no Brasil que estava tomado por endemias e epidemias. Paralelamente a textos doutrinários veiculou com destaque no ano de 1919, artigos científicos sobre as endemias rurais e sobre temáticas relacionadas a higiene. (Brito,1992).

Estas categorias eram constantemente utilizadas como estratégia de convencimento tanto junto a médicos resistentes às propostas da Liga, quanto a políticos, intelectuais, associações civis, escolas, dentre outros. Realizaram, deste modo, uma verdadeira peregrinação com propósito de inculcação e doutrinação de concepções e valores eugênicos que, acreditavam, pudessem reconstruir o país.

Depreende-se daí que no ideário eugênico, a concepção que vigorava é a de que a purificação da raça geraria saúde e esta relacionava-se, diretamente, com progresso e riqueza.

Esta bandeira foi utilizada em muitos momentos por Belisário Pena e seus discípulos, que acreditavam que a proposta da Liga era fundamental na reconstrução nacional. Neste sentido, propuseram uma teoria denominada Teoria Higienista do Desenvolvimento, que procurava explicar as desigualdades entre as nações desenvolvidas e subdesenvolvidas a partir da existência ou não de políticas sanitárias.

O desenvolvimento, o progresso e a riqueza da nação dependiam da força de trabalho e da produção do homem brasileiro, defendiam os higienistas, mas esta força encontrava-se paralisada frente às endemias que impunham “miséria, decadência e desmoralização”. Sob este ângulo, a ausência de saúde e de educação é pensada como geradora de pobreza, ignorância, doença e atraso, fato que coloca o país na retaguarda das nações ricas e desenvolvidas.

Para atingir os objetivos de saneamento das epidemias e de regeneração das cidades, em especial do Rio de Janeiro, propostos pelos higienistas, era preciso superar o adágio que circulava neste período - “*o Brasil é um imenso hospital*”- com medidas educativas, com técnicas sanitárias, profiláticas e médicas. Com estas medidas, os higienistas acreditavam que os problemas seriam controlados, garantindo a força de trabalho necessária para alavancar o país.

O Estado, que até então não possuía uma política de saúde definida, preocupando-se apenas com uma ou outra enfermidade que acometia, em especial, as pessoas da capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, passa a sensibilizar-se e a valorizar as propostas dos higienistas. Estes também conquistam o apoio de intelectuais e jornalistas.

É também neste mesmo período criado o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que passa a ser o responsável pelo saneamento das regiões urbanas e rurais, combatendo e controlando as endemias⁷. Oswaldo Cruz é empossado diretor do DNSP pelos seus méritos nas campanhas contra as doenças epidêmicas, como a febre amarela e a peste. Entretanto, o governo, justificando ser o plano traçado por Oswaldo Cruz muito dispendioso, não deu a este o necessário respaldo, tanto no âmbito político como no financeiro. Esta atitude do Estado levou ao fracasso do mesmo. A partir daí, Oswaldo Cruz, que chefiava em paralelo o Instituto Manguinhos, afasta-se do DNSP, indo dedicar-se apenas ao Instituto.

Nos anos seguintes não ocorreram medidas oficiais que modificassem o quadro sanitário do país, agravando-se, por exemplo, o número de casos de tuberculose.

Em 1921, Carlos Chagas, nomeado diretor do DNSP pelo presidente Epitácio Pessoa, lidera uma reforma sanitária denominada Reforma Carlos Chagas. Dentre seus inúmeros feitos está o programa de cooperação técnica que estabelece entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller.

Atento ao persistente aumento do número de casos de tuberculose que acomete indistintamente todas as classes sociais (mesmo que nas classes privilegiadas de forma mais branda) e à ausência de medidas eficazes, Carlos Chagas⁸ toma como uma das suas primeiras iniciativas a criação da Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose.

Foi também a Reforma Carlos Chagas que demarcou o momento em que o Estado inicia um processo no qual volta o seu olhar para as condições de vida, de trabalho e de higiene da população, passando a priorizar a atenção à saúde. Como exemplo desta nova concepção, o governo envia ao Congresso Nacional uma mensagem que contém as reivindicações do movimento sanitarista.

Constata-se, a partir daí, tem início um processo de expansão da atenção estatal, com a criação das Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAPs), através da Lei Elói Chaves.

⁷ Para aprofundar esta análise, buscar o estudo de Luz, M.L. : *As Instituições Médicas no Brasil-instituição e estratégia de hegemonia.* , Rio de Janeiro, Graal, 3ª ed., 1986.

⁸ Cabe aqui lembrar que Carlos Chagas foi uma das figuras mais homenageadas pela revista *Annaes de Enfermagem*. Por sua atuação diante da Cruzada contra a Tuberculose, foi homenageado pela equipe editorial dos *Annaes de Enfermagem* com o título "Pai da Cruzadas"

Conhecedor da eficácia da política de saúde do governo americano, que dentre suas metas incluía a qualificação de enfermeiras para implementar ações de saúde, Carlos Chagas, ao observar a atuação destas profissionais no curso de saúde pública que fez na Universidade John Hopkins, em Baltimore, resolve adotar as mesmas diretrizes do governo americano e, num acordo com a Fundação Rockefeller, cria, em 1922, a primeira Escola de Enfermeiras do Brasil, e também um serviço de enfermeiras, ambos ligados ao DNSP.

Contrariamente aos Estados Unidos, que já contava neste período com 1.217 escolas de enfermagem nos moldes nightingaleanos, conforme destaca a revista *Annaes de Enfermagem* nº 23, e cujas enfermeiras atuavam nos grandes hospitais em atividades curativas e assistenciais, no Brasil os objetivos que desencadearam a criação de uma escola e de um serviço de enfermagem baseou-se na urgente necessidade desta profissional no campo da saúde pública. Era preciso, pois, criar espaços onde pudessem receber treinamento adequado para atuar no combate e controle das endemias urbanas e rurais.

Foi com este propósito que Carlos Chagas, representando o governo brasileiro, estabeleceu um convênio com a Fundação Rockefeller e trouxe ao Brasil um grupo de enfermeiras americanas, lideradas pela enfermeira Ethel Parsons, para iniciar atividades de profissionalização das jovens brasileiras, futuras enfermeiras. O grupo de enfermeiras americanas compôs, assim, a Missão Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil (denominado, no interior da classe e, em especial, no âmbito da Escola Anna Nery, de Missão Parsons), e desenvolve suas atividades no período que estende-se de 1921 a 1931⁹.

Adotando um currículo semelhante ao “Curriculum” das escolas de enfermagem norte-americanas, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (EE-DNSP) concentrou a formação em dois pontos: formar as enfermeiras-visitadoras num curso mais rápido, de seis meses, concentrando seus conteúdos na parte prática, ou seja, a proporção entre conteúdo teórico e prático era de 1:10 (semelhantes às enfermeiras-visitadoras americanas), para atuarem, em especial, nos programas de controle

⁹ Ver a este respeito, Sauthier, J. e Barreira, I. A. *As Enfermeiras Norte-Americanas e o Ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931*. RJ, ed. UFRJ, 1999 e também Barreira, I. A. *A enfermeira ananéri no país do futuro*. RJ, ed. UFRJ, 1996.

das doenças infecto-contagiosas e propagação das idéias eugênicas, em substituição às visitadoras de higiene existentes até então; ou a candidata poderia iniciar o curso mais longo, com dois anos de duração, onde receberia noções mais gerais sobre vários conteúdos.

Os princípios que orientaram a formação das enfermeiras-visitadoras e das enfermeiras diplomadas, nos primeiros anos, estavam centrados, como destacado anteriormente, no modelo eugênico e higiênico vigentes no Brasil neste período. Sobre esta questão, Teixeira destaca

“Os princípios iluministas, a visão mecanicista do corpo, o dualismo mente e corpo, o espírito missionário, uma prática educativa centrada no eu, a ênfase eugenista e higienista sustentavam o espírito campanhista e foram difundidos, na enfermagem, pelas enfermeiras visitadoras. Esses princípios, muitas vezes paternalistas, eram impostos principalmente às classes sociais menos favorecidas, pois supunha-se um saber sobre o sujeito que ele próprio desconhecia. Não se trabalhava, assim, com a subjetividade, não existia espaço para a participação dos sujeitos no cuidado nem para formas de tratamentos diferentes das oficiais. A isso se adicionava a crença positivista de que o saber técnico e científico superaria, com o tempo, os outros saberes, tidos como residuais e atrasados.”

(Teixeira, 2001, p. 27)

Neste contexto, o modelo de atenção legitimado e que orienta o pensamento e as ações em saúde é curativo e individual; entretanto, a política campanhista predomina e ocupa significativo espaço nas ações de saúde. As propostas campanhistas são objeto de ação de departamentos e serviços, que se multiplicam no âmbito do Estado. A população mantém assim o mesmo quadro de subdesenvolvimento, marcado pela precária escolarização, subnutrição, ausência de saneamento básico e por novas epidemias de doenças contagiosas que se somam às já existentes.

A implantação do Estado Novo, a partir de 1937, trouxe algumas modificações na política de saúde do país, como, por exemplo, a construção de grandes sanatórios em várias regiões do país, em virtude da demanda de pessoas acometidas por tuberculose apresentar-se crescente. Entretanto, a construção destes pavilhões para tuberculosos, denominados sanatórios, arrastavam-se durante anos e mais pareciam ter caráter político-populista que assistencial (Ribeiro, 1956, in Castro, 1996).

Lenharo (1986) destaca que no Estado Novo, mais especificamente de 1937 a 1945, a imprensa no âmbito mais geral e também a específica, representada por periódicos ou revistas especializadas de diferentes campos, funcionou como um dos importantes veículos de produção e de difusão do discurso nacionalista. A maioria dos periódicos editados neste período era utilizada com função político-doutrinária, patrocinando a inculcação dos conteúdos do regime.

Com a ampliação das ações federais na esfera estadual, as enfermeiras que anteriormente desenvolviam suas atividades junto às famílias, em visitas domiciliares, em virtude de seu reduzido número, da má remuneração e por acharem as atividades de saúde pública desinteressantes¹⁰, passaram a organizar, coordenar e supervisionar a criação de cursos de visitadoras nos estados ou a buscar trabalho em hospitais. Deste modo, estas profissionais abandonaram as ações higiênico-educativas e assistenciais nas comunidades e passaram a desenvolver ações formativas, burocráticas, voltando-se para práticas hospitalares. Este fato, somado à transferência do serviço de saúde pública da capital da república para os municípios, marcou o declínio dos serviços de enfermagem de saúde pública.

Não alcançando o objetivo de contribuir no controle e redução do número de casos de doenças infecto-contagiosas como a tuberculose e a sífilis, o modelo de assistência de enfermagem de saúde pública trazido dos Estados Unidos pelas enfermeiras americanas entra em colapso, fato que se estendeu por toda a década de 40.

Tentando dar resolutividade ao quadro que se instalara e se perpetuava no país, o governo realizou reformas no Ministério da Educação e Saúde, momento no qual passou a concentrar em seu Ministério as ações de combate às endemias rurais e ações de proteção à maternidade e à infância. Em diferentes números da revista AE estas problemáticas são recorrentes, indicando que havia aderência ao discurso do Estado por parte da equipe editorial da revista, fato que analisarei mais adiante.

¹⁰ Esta questão foi analisada pela enfermeira Ermengarda de Faria Alvim no artigo “O que está acontecendo com a enfermagem de Saúde Pública” publicado na revista *Annaes de Enfermagem* Volume I, nº 2 de abril de 1948. Neste mesmo ano, no mes de outubro, a revista AE publica um novo artigo que trata desta mesma questão: “O Problema da Enfermagem no Brasil”, escrito por M. G. Candau, presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e Superintendente do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Estas publicações mostram que a preocupação com a saúde pública e com as enfermeiras que atuavam na área, extrapolava os limites do campo da enfermagem.

É criado, em 1942, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), que, dentre outras funções, objetivava cobrir com ações de saúde eficazes áreas econômicas e militarmente estratégicas, como, por exemplo, a Amazônia, grande produtora de borracha neste período.

Em 1946 é criada a Campanha Nacional contra a Tuberculose (CNCT). Um grande número de enfermeiras diplomadas foi contratado pela Fundação SESP para desenvolver atividades junto a CNCT. Estas enfermeiras, após cuidadoso e eficiente treinamento, passaram a compartilhar as mesmas concepções e os mesmos valores. Adquiriram neste sentido, o mesmo *habitus*. O trabalho por elas desenvolvido foi fundamental no controle da tuberculose ou peste branca como ficou conhecida a doença. O trabalho destas enfermeiras frente a CNCT está registrado no minucioso e belo estudo realizado pela professora Ieda de Alencar Barreira, *A Enfermeira Ananeri no País do Futuro*.

Mais uma vez, o modelo campanhista prevalece, assim como o espírito de “cruzada” de épocas anteriores. É um período no qual o Estado torna a mostrar o controle que exercia na vida dos cidadãos.

No início da década de 50, período no qual limito a análise deste estudo, o modelo de assistência à saúde permanece predominantemente individual e curativo e a doença é tratada como um problema meramente biológico e individual. O modelo denominado biomédico orienta as ações de saúde em todos os campos. Neste modelo, as práticas médica e de enfermagem passam a ser prioritariamente hospitalares (modelo de saúde hospitalocêntrico), a medicina especializada se robustece e é reduzida, quase que por completo, a possibilidade de incorporar a dimensão do social no processo de adoecer. Entretanto, há resistências a este modelo, e tímidas tentativas, ainda hipotéticas, de se pensar a doença como determinada por fatores históricos e sociais (Nunes, 1983).

Cabe ressaltar que a chamada revolução científica, fruto dos séculos XIX e XX, mesmo ignorando todas as demais formas de conhecimento que não seguisse seus cânones, realizou grandes avanços. Os campos que até então embasavam a maioria de seu conhecimento e de suas práticas em conhecimentos empíricos, passam paulatinamente a adotar princípios científicos. Assim se procedeu no campo da saúde. A medicina passa a ser composta por um grupo de especialistas que se autodenominam detentores do saber,

constituindo uma sólida hegemonia. Percurso similar, embora bem mais vagaroso, foi realizado pela enfermagem. Porém, tanto a medicina como a enfermagem conservaram, da fase pré-científica, o ideal de serviço, a questão do curar e do cuidar enquanto um sacerdócio, uma missão, sendo este um dos fatores a contribuir para que estes campos fossem concebidos como práticas científicas e não como ciência, conceito este que tem ocupado amplos debates. Movimentos no sentido de ultrapassar esta concepção têm sido realizados por ambos os campos nas últimas décadas.

Vários campos organizam-se entre as décadas de 30 a 50. A temática cientifização, modernização e nacionalização atravessa todos eles de forma similar, como ressaltado anteriormente. Todos defendiam que a modernização do campo produziria, conseqüentemente, a modernização do país. Nunes, neste sentido, ressalta que

“As Ciências Sociais, e particularmente a Sociologia, na América Latina, projetam-se entre as décadas de 30 e 50, quando ocorrem também, os prenúncios de uma preocupação com a saúde, embora apresentem desenvolvimentos separados. Trata-se do período no qual frações da burguesia local realizam um esforço de industrialização substitutiva, de desenvolvimento capitalista independente e de modernização social.”

(Nunes, 1999, p. 155)

A corrida pela cientifização e modernização expande-se por vários campos. No campo da educação Bastos diz que

“Amplia-se o debate pedagógico e com ele a preocupação com a divulgação das idéias em questão, ocorrendo um grande impulso de publicações pedagógicas, com a edição de livros, inúmeras revistas e boletins especializados. Houve uma corrida dos educadores.”

(Bastos, 1997, p. 185)

Ainda no campo da educação, Monarcha (1990, p.54) destaca que “ao final da década de 20 os educadores profissionais transformaram-se em publicistas pedagógicos preocupados com a construção nacional”, reflexo do discurso modernista e nacionalista que tomava conta do país.

Dentre os campos que buscaram estruturar-se no Brasil, neste período, está o da enfermagem. Assim, utilizando a noção de campo como

“Espaço estruturado de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)...”

“...espaço no qual as posições ocupadas pelos agentes definem-se em função dos objetos que estão em disputa e dos interesses envolvidos, acabando por gerar modalidades específicas de organização e de sobrevivência internas, que funcionam como reguladoras da produção e das relações ao próprio campo.”

(Bourdieu, 1983, p. 89)

Neste sentido pode-se dizer que entre os campos que buscaram estruturar-se no Brasil, neste período está o da enfermagem. Apropriando-se do discurso eugenista, cientificista, modernizante e nacionalista vigente no país nas primeiras décadas do século XX, as enfermeiras diplomadas brasileiras buscaram nortear as suas práticas e o seu conhecimento em princípios científicos. Neste contexto passa a ocupar a centralidade dos debates noções *técnica, eficiência, objetividade, disciplina, modernidade, inteligência, competência, arte*, dentre outras. Ao tentarem compor seu campo científico, utilizando essas noções, as enfermeiras brasileiras acreditavam estar contribuindo para a modernização e o progresso do país.

Em discursos, conferências e diferentes artigos e seções da revista *Annaes de Enfermagem*, é lembrada constantemente às enfermeiras a necessidade de ampliarem tanto os seus conhecimentos científicos e suas habilidades técnicas, como a produção de conhecimentos do campo. Resgatam e atualizam, no seu periódico, as contribuições de Florence Nightingale para o campo e os princípios por ela defendidos. Entre os argumentos de Nightingale, estava aquele que defendeu durante toda a sua prática profissional, que dizia que o conhecimento científico era a única estratégia que estabeleceria o diferencial entre as enfermeiras diplomadas e as não-diplomadas, conhecida como enfermeira prática ou atendente.

O propósito do grupo de enfermeiras era, então, a busca da cientificação e da modernização de seu campo e, com isto, acreditavam estar contribuindo com o projeto de modernização proposto para o país. E o que as enfermeiras diplomadas concebiam como ciência ou como científico? Para elas, era estar debatendo e, sobretudo, tentando aplicar, nos seus procedimentos e nas suas análises, os princípios da microbiologia, da anatomia, das ciências exatas. Era tentar abandonar o conhecimento empírico, o senso comum, adotado até aquele período.

Izabel Stewart, enfermeira norte-americana, objetivou, a concepção das enfermeiras diplomadas sobre a enfermagem moderna, científica ou profissional, criando um símbolo para expressar esta “nova” visão. Este símbolo é um triângulo equilátero denominado “Triângulo da Enfermeira”, no qual constam as três categorias norteadoras daquele período e daquele modelo: Ideal, Ciência e Arte. A ciência era o pensar científico, a arte era o fazer científico e o ideal era o sustentador do pensar e do fazer. Assim, esta foi uma das estratégias pensadas e utilizadas pelas enfermeiras brasileiras para objetivar a história da cultura da enfermagem no Brasil. O trinômio Ideal – Ciência – Arte, passa a ser o guia, o lema da Era Nova do campo da enfermagem brasileira.



Ainda com intuito de cientificizar o campo da enfermagem brasileira, foi criada a primeira Escola de Enfermagem, em 1923. Neste sentido, este investimento pode ser pensado como o marco inaugural na criação do campo científico da enfermagem brasileira, na medida em que adota o modelo de enfermagem científica, conhecido como enfermagem nightingaleana¹¹.

Deste modo, utilizando as noções *moderno*, *científico*, *profissional* ou *Era Nova*, as enfermeiras brasileiras instauram o projeto de recriação do campo e do de campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, momento no qual novas concepções passam a vigorar. Sob este ângulo Bourdieu destaca que os campos são criados ou tomam impulso a partir dos investimentos dos indivíduos em novos conceitos e nas novas relações de poder

¹¹ O modelo nightingaleano de formação de enfermeiras criado por Florence Nightingale na Inglaterra, foi levado a muitos países, dentre eles os Estados Unidos. O modelo trazido ao Brasil foi o modelo designado anglo-americano, na medida em que o modelo inglês sofreu influências e adaptações do modelo de saúde norte-americano, antes de ser para cá ser trazido.

que ali se estabelecem . Ao pensar e agir segundo princípios científicos vigentes na época, as enfermeiras diplomadas brasileiras pensam e recriam o seu campo como científico, na medida em que

“O campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos.e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo.”

(Bourdieu, 1983, p. 89)

Bourdieu ressalta ainda que

“Cada campo se caracteriza, na verdade, pela busca de uma finalidade específica, capaz de favorecer investimentos igualmente absolutos por parte de todos os que (e somente esses) possuem as disposições requeridas.(...).

(Bourdieu, 2001, p. 21)

A criação da Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, em 1926, foi um outro investimento que indica o movimento do grupo pela inserção do campo da enfermagem na modernidade, ou seja, no campo científico e demarca, também, as disputas internas que passam a acontecer no campo, pois como ressalta Domingues

“Os diferentes campos bem como os sujeitos que os compõem, estão em constante disputa em busca de diferenciação, de mais espaço e poder. Buscam mudanças de posições, de legitimidade, de reconhecimento e status mas, esta busca nem sempre aparece de forma explícita. As estruturas de posição dos campos influenciam os habitus dos atores que neles se formam.”

(Domingues, 2001, p. 60)

A noção de campo é, deste modo, utilizada, nesta pesquisa, no sentido empregado por Pierre Bourdieu, qual seja, entendendo-se a criação e as atividades da revista Annaes de Enfermagem e da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas como um momento do processo de criação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, quando recusaram, seletivamente, concepções vigentes em campos já constituídos. Para Bourdieu, as relações que ocorrem num campo refletem as relações mais

amplas. Os agentes do mesmo campo pensam de formas diferentes as mesmas questões (Bourdieu, 1983). Assim, as enfermeiras brasileiras pensavam e agiam de forma similar ao que era pensado pelos eugenistas e higienistas da época.

Retomando as noções propostas por Bourdieu, verifica-se que contribuíram com a tentativa de superação do estruturalismo empírico vigente na sociologia. Como já foi citado, as categorias campo e *habitus* mereceram grande atenção por parte de Bourdieu. Ao analisar a obra de Bourdieu¹², por exemplo, Domingues (op.cit.) assinala que

“campo e habitus aparecem, em Bourdieu, como os dois principais candidatos ao papel de unidade de análise. Mas, ainda que se suponha que, de forma não explicitada, eles tenham algum tipo de condicionamento mútuo (com maior peso do primeiro sobre o segundo), não está claro como se relacionam.”

(Domingues, 2001, p.62)

Sob este ângulo, a enfermagem buscou constituir o seu campo de conhecimentos, que viesse a possuir uma identidade própria e uma finalidade específica que o delimitasse em relação a outros campos, principalmente aqueles com os quais possui grande proximidade e similaridade, como é o caso da medicina. Buscava também compor a sua lógica específica, na qual os agentes pensariam e compartilhariam as mesmas concepções e preocupações, adotariam e seguiriam as mesmas regras, ou seja, seriam regidos pelo mesmo “*habitus*”, ainda que discordassem sobre determinadas questões, conforme proposto por Pierre Bourdieu.

Ao buscar e conquistar a sua autonomização, cada campo constrói a sua cultura específica, seguindo uma trajetória em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou, que vivenciou, destaca Bourdieu (1968). Os campos, neste sentido, não são

¹² As noções de campo e habitus propostas por Bourdieu são, também, pensadas e analisadas por Philippe Corcuff no livro *As Novas Sociologias – construções da realidade social*. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2001. Neste livro Corcuff propõe um construtivismo social o que significa pensar a realidade como um somatório de ações que a constroem e não como uma dimensão dada e naturalizada. Ao analisar a noção de habitus diz que, “de certa forma, o habitus são as estruturas sociais de nossa subjetividade que se constituem inicialmente por meio de nossas experiências (habitus primário), e depois, de nossa vida adulta (habitus secundário). É a maneira como as estruturas sociais se imprimem em nossas cabeças e em nossos corpos, pela interiorização da exterioridade.” Ao discutir, nesse mesmo texto, a noção de campo coloca que estes são uma “esfera da vida social que se autonomizou progressivamente através da história, em torno de relações sociais, de conteúdos e de recursos próprios, diferentes dos de outros campos.”

criados desatrelados e não representam um investimento individual. Eles vão se constituindo, criando a sua lógica, o seu *habitus* num processo de relações internas e externas com outros campos e movimentos, sendo assim o produto de uma dada história. Para Bourdieu,

“A lógica específica de um campo se institui em estado incorporado sob a forma de habitus específico, ou melhor, de um sentido do jogo, ordinariamente designado como um espírito ou um sentido (filosófico, literário, artístico, etc), que praticamente jamais é posto ou imposto de maneira explícita.”

(Bourdieu, 2001, p. 21)

Neste sentido o campo científico ou intelectual da enfermagem brasileira foi se delineando no interior de um contexto mais abrangente no qual vários outros campos estavam, também, em busca de autonomia e legitimação. Atrelado a um movimento de cientificação e modernização mais amplo, é, assim, recriado o campo da enfermagem brasileira.

Sobre campos intelectuais, Bourdieu (1968, p.113), propõe que são espaços simbólicos entendidos como *“instância autônoma ou pretendente à autonomia, que agrupa sujeitos com habitus científicos semelhantes”*. Assim pensa a conformação de um campo intelectual como

“O produto de um processo histórico de autonomização e de diferenciação interna de cada campo. É a busca pela autonomização metodológica, autorizando a pesquisa da lógica específica das relações que se instauram no interior desse sistema e o constituem enquanto tal.”

(Bourdieu, 1968, p. 113)

Baseando-se nesta concepção, os campos intelectuais não podem ser pensados e analisados dissociados das condições históricas, culturais, econômicas e sociais de sua constituição, em especial os campos que estão num processo de constituição, de delimitações e de busca de legitimação, como é o caso da enfermagem.

De acordo com Bourdieu, os agentes do campo passam a fazer parte do mesmo ao pensar e agir semelhantemente, adquirindo assim, o mesmo *habitus* e disputando os espaços simbólicos internos a este campo. Ao mesmo tempo em que produzem, são

produzidos pelo campo, ou seja, utilizando diferentes estratégias de inculcação determinam a produção de um conjunto de características comuns que, para Bourdieu, é o “*habitus*”, ou seja,

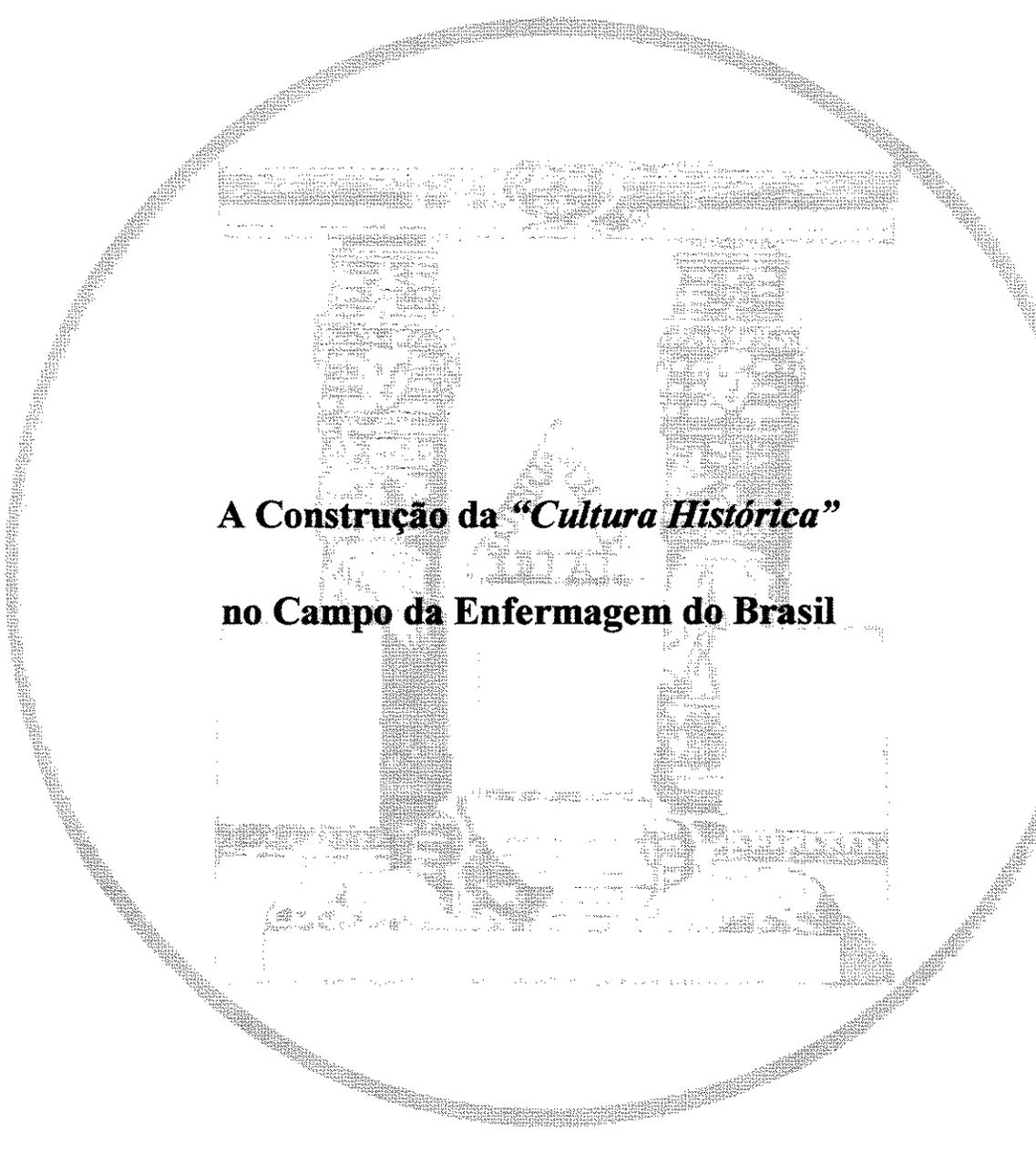
“Um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim.”

(Bourdieu, 1983, p. 94)

Deste modo o *habitus*, baseado no que propõe Bourdieu, tem a função de integrar os agentes que compõem um grupo social. Ele é o fundamento mais sólido e dissimulado de congregação de grupos ou classe (Micelli XLI, in Bourdieu, 1992).

Pelo exposto fica claro que o “*ethos*” que passou a orientar o campo da enfermagem brasileira no período analisado e que, segundo os dados, desde o princípio o sistematizou, foi constituído por um *habitus* específico. A criação do campo acontece, segundo seus agentes, em um contexto de crise social, política e econômica. Deste modo o conhecimento gerado e divulgado pelo periódico do campo reflete e reproduz, num espaço menor, as mesmas preocupações, que tomam lugar no campo mais amplo da saúde.

CAPÍTULO 2



**A Construção da “*Cultura Histórica*”
no Campo da Enfermagem do Brasil**

“A história da história não deve se preocupar apenas com a produção histórica profissional mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época.”

Jacques Le Goff

2.1. DE COMO OS AGENTES DO CAMPO CONSTROEM O CAMPO, CONSTRUINDO A SUA HISTÓRIA

Uma das estratégias mais importantes de autonomização de um campo de saber é a construção, pelos próprios agentes do campo que se pretende autonomizar, de sua própria história. Neste processo, são estabelecidas continuidades e rupturas, reivindicadas genealogias, eleitos personagens heróicos ou míticos, lançando-se luz sobre alguns de seus aspectos e sombras sobre outros.

A forma como é apresentada a história do campo da enfermagem brasileira abarca uma diversidade de fatos ou fenômenos, de investimentos, de construção de modelos, de formas de produção de conhecimento, de símbolos e figuras míticas que são constantemente atualizadas pelos agentes deste campo, razão pela qual a reflexão sobre esta história comporta o uso da noção “*cultura histórica*” proposta por Bernard Guenée e tomada de empréstimo por Le Goff. Por “*cultura histórica*” entende-se, assim, “*a relação que os agentes de um determinado campo mantêm com o seu passado*”, ou ainda “*é, em geral, o lugar que o passado ocupa nas sociedades*” (Le Goff, 1996, p. 47).

As “idas” ao passado realizadas pelas “enfermeiras diplomadas” que escreveram na revista *Annaes de Enfermagem* como forma de resgatar as origens da prática de enfermagem, ou seja, como forma de recontar, recriar a história do processo de produção, as continuidades, rupturas e contradições do campo da enfermagem brasileira foram um investimento realizado com frequência pelos agentes deste campo. Mas que formas ou estratégias foram utilizadas nas “idas” a este passado? Como se efetivam o “resgate” e a reconstrução deste passado? Que atributos, valores, fatos ou fenômenos são eleitos e atualizados como forma de manterem-nos na memória coletiva dos agentes do campo? Investir nestas questões significa aprofundar a análise sobre as origens, constituição e autonomização deste campo e como forma de fornecer dados que contribuam para a compreensão das condições do presente.

Deste modo, a análise destas questões são importantes, pois, através delas, é possível compreender, se não todas, algumas das formas pelas quais as enfermeiras, de modo especial aquelas que veicularam suas produções nos primeiros anos após a inserção

da enfermagem profissional no país e presente na revista *Annaes de Enfermagem*, apropriam-se do passado e recriam a história do seu campo. Este é, assim, o objetivo deste capítulo.

A citação que apresento a seguir, veiculada pela revista *Annaes de Enfermagem*, sem rubrica de autor, no ano de 1946, dá a dimensão exata de como as enfermeiras brasileiras (neste caso representadas pela equipe editorial) pensavam a profissão, resgatando e atualizando concepções e atributos, construindo a sua história e, conseqüentemente, o campo da enfermagem no Brasil:

“Desde o instante em que o homem surge no mundo até ao momento em que dêle se vai é a enfermeira chamada a desempenhar a sua missão sublime de assistência, suavizando ou suprimindo a dor, ensinando os preceitos da saúde, restituindo aos que sofrem a alegria de viver. Na paz, a sua ação bemfazeja exerce-se junto aos berços ou à beira dos leitos de agonia, nos lares pobres, nas fábricas, onde quer que se imponha a sua intervenção ou a sua colaboração. Na guerra, afrontando perigos de morte é a enfermeira o anjo tutelar dos soldados tombados no campo de batalha. Divina missão a da enfermeira, em todos os lugares e em todos os tempos.

(Equipe Editorial, AE, N° 18, janeiro/março de 1946)

A partir da leitura deste enunciado, que concepções e atributos faziam parte, ou seja, são chamados a compor a memória coletiva das enfermeiras que escreviam para os *Annaes de Enfermagem*? Primeiramente, é destacada a concepção da profissão como um “chamado”, uma “invocação de um ser superior” para o cumprimento de uma “missão”. O papel missionário ou pastoral que compõe o imaginário das enfermeiras diplomadas deste período, e que deve ser exercido por estes profissionais, é representado pelas categorias ou termos: “*missão sublime*”, “*suavizando ou suprimindo a dor*”, “*ensinando preceitos de saúde*”, “*intervenção*”, “*colaboração*”. O que não aparece de uma forma muito clara, mas que contribui para confirmar a intenção de caracterizar as ações das enfermeiras deste período como uma “divina missão” é o fato destas ações serem praticadas junto aos sujeitos que estão, de uma forma ou de outra à margem, nas “franjas”, da sociedade, aqui representados por pobres, trabalhadores de fábricas, doentes agonizantes, soldados em guerra. E, como reafirmação deste papel, aparecem as categorias “*anjo tutelar*” e “*divina missão*”.

Todas estas noções ou categorias estão na matriz da história desta profissão e encontram-se de tal forma cristalizadas que, mesmo após a recriação, aqui, no ano de 1923, do “modelo nightingaleano de enfermagem”, cuja finalidade era investir no conhecimento e na inserção da enfermagem no campo científico, na modernidade, elas afloram, são atualizadas e, assim, eternizadas, contribuindo para a construção da “cultura histórica” do campo da enfermagem no Brasil.

Um outro dado importante aparece logo no início do texto. A noção de enfermagem é apresentada como se esta atividade existisse desde que o mundo é mundo humano, sendo uma “missão” inerente da enfermeira, ou seja, os próprios agentes do campo naturalizam um elenco de atividades (assistir, suavizar, ensinar, confortar) como atividades que estão inseparavelmente ligadas à figura da enfermeira (atividades estas originadas no papel construído socialmente para a mulher). Esta sólida ligação da enfermeira com a atividade de cuidar, zelar, acompanhar todos os indivíduos, em todas as etapas de sua vida, e em todos os lugares, é, segundo o pensamento dos agentes do campo, histórica, sempre existiu, o que é confirmado no final do texto (*“Divina missão a da enfermeira, em todos os lugares e em todos os tempos”*). Mas quem é esta enfermeira de que fala o texto? A pluralidade de atividades enumeradas no texto e que são, na concepção dos agentes do campo, da competência desta profissional, elevam-na ao patamar de um ser superior, um “anjo tutelar”.

A importância de refletir sobre a forma do resgate da história, a seleção de campo, em detrimento de outros que permanecem na sombra, é relevante, pois contribui, como destaquei anteriormente, para o entendimento do processo de produção deste campo.

Le Goff (1996), ao analisar o papel do historiador, toma de empréstimo a visão de Arnaldo Momigliano

“O historiador não é um investigador da verdade do passado, mas um ‘vedor’, ‘profético’ intérprete do passado, condicionado pelas suas opiniões políticas, pela fé religiosa, características étnicas e, finalmente, mas não em exclusivo, pela situação social. Todas as evocações poéticas, míticas, utópicas, ou, de qualquer modo, fantásticas do passado entram na historiografia.”

(Momigliano apud Le Goff, 1996, p. 49)

Esse alargamento da concepção de historiador como aquele que vê o passado (“*vedor*”, sic) através de uma leitura “profética”, interpretativa, dos eventos culturais e históricos (rituais, símbolos, mitos, religião, etc.), possibilita que “historiadores amadores”, como as enfermeiras, reconstruam a “cultura ou mentalidade histórica” do seu campo, propondo e divulgando interpretações sobre o seu passado.

Os estudos que têm como propósito refletir, de forma metódica, analítica e reflexiva, sobre as estratégias de produção e sobre os produtos intelectuais gerados por agentes de um determinado campo estão realizando epistemologia (Japiassu,1992). Neste sentido, a reflexão que passo a realizar pode ser entendida como uma uma reflexão epistemológica.

No campo da enfermagem, quer seja no Brasil ou em outros países, como por exemplo, na Inglaterra e nos Estados Unidos, os investimentos feitos pelos agentes do campo em relação à recriação da história da profissão, buscam elaborar etapas que se sucedem de modo progressivo no processo de conformação de sua história. Meu objetivo é mostrar, neste capítulo, que na construção da história deste campo, no Brasil, foram também elaboradas etapas ou períodos, adotando um modelo evolucionista na construção da história, conforme preconizam seus agentes quando tentam, por exemplo, postular a existência anterior de um “modelo religioso de enfermagem”, do qual tentam se desvencilhar, elegendo um “novo” modelo, o “Modelo Nightingaleano, Científico ou Moderno de Enfermagem”. Estas discontinuidades são, repetidamente, narradas e divulgadas de diferentes formas pelos agentes do campo. Mas é possível, também, afirmar que esta discontinuidade ou ruptura não foi absoluta, ocorreu sim uma continuidade e uma complementaridade entre estes dois modelos orientadores do campo, como demonstrarei mais adiante.

Com base na produção presente na revista *Annaes de Enfermagem*, pode-se afirmar que há uma relativa linearidade ou homogeneidade na forma de contar a história. Ou seja, a forma das enfermeiras resgatarem a história da enfermagem, os recortes que fazem do passado, mantêm um significativo consenso, uma continuidade que levou à absorção e divulgação da versão privilegiada na medida em que a mesma foi sendo absorvida e consolidada na visão das enfermeiras como a mais indicada. Deste modo, pode-

se dizer que não ocorreram debates e interpretações divergentes, ocorrendo a predominância de um mesmo olhar sobre a genealogia desta profissão na revista *Annaes de Enfermagem*.

Um bom exemplo a mostrar a linearidade ou homogeneidade na forma de contar a história deste campo é o resgate feito pelas enfermeiras nos AE das figuras eleitas como míticas ou emblemáticas: Florence Nightingale e Anna Nery. Elas são resgatadas e atualizadas, em toda a extensão da Revista, como heroínas, figuras femininas irrepreensíveis, inquestionáveis em seu trabalho humanitário, de conduta pessoal e profissional exemplar e que devem ser tomadas como “totem” ou exemplos a serem seguidos pelos agentes da classe. Não há, em momento algum, relato nos AE que destoe ou discorde deste, o que marca a linearidade na forma de resgatar, contar e produzir a história do campo. Esta mesma forma de resgate ou atualização das “heroínas” da enfermagem é realizada por agentes externos ao campo, como autoridades do campo da saúde, do campo político, de religioso, etc. O que indica que estes agentes reproduziam, nos seus discursos, as idéias ou concepções originadas no campo, consolidando a forma de olhar eleita pelas enfermeiras.

Do campo da enfermagem vem a fala de Haddock Lobo sobre Anna Nery:

“O desvelo de Anna Nery, muitas vezes o seu sorriso, a sua doçura, eram os maiores lenitivos para os pobres soldados brasileiros, sem conforto de especie alguma.(...)”

De todo este passado, a Escola de Enfermeiras Anna Nery guarda a lembrança, venerando a memoria da Brasileira ilustre, e o seu orgulho se exalta por poder adaptar o seu nome como patrona de uma instituição cujos ideaes altruisticos, humanitarios e patrioticos se congregam na realização da maior aspiração do passado.”

(Haddock Lobo, AE, N° 1, maio de 1932)

Dos convidados ao campo, aproprio-me, para exemplificar esta “opção” de olhar, ou reatualizar a história, do discurso do médico Luiz Capriglione, reproduzido nos AE. Ele contribui para mostrar que os agentes externos ao campo tiveram, também, um importante papel na construção e consolidação da homogeneidade, da linearidade na forma de recriar a história deste campo.

“O socorro ao indivíduo doente, pelas mãos femininas, já vem de longa data. Conheceis a instituição de S. Vicente de Paulo, difundida por todo o mundo catholico, pedra de toque inicial do serviço de visitadoras. Sabeis não só do grande auxílio material prestado pelas suas devotadas irmãs como pelo maior conforto, mercê da religião. Os leprosos foram aquinhoados com o amparo caridoso de S. Francisco de Assis e Santa Clara. Na Inglaterra, as Lady Almoners se encarregaram de pesquisar sobre a situação financeira dos que procurassem o hospital, e cuidar dos doentes e das pessoas circumvisinhas. Um dos maiores vultos, senão o maior, da Enfermagem, sahiu da guerra. Foi como sabeis de sobejo, Florence Nightingale, que se celebrizou, a tal ponto, na guerra da Criméia, que a ella foi dado organizar em tempo de Paz, dos serviços, talvez o mais importante, o de visitadoras, e fundar a primeira Escola Scientifica de Enfermagem, em 1860. Nesse grandioso apostolado, é a vida de Nightingale, um catecismo edificante, digno da leitura e admiração de todos.”

(Capriglione, AE, Nº 1, maio de 1932)

A homogeneidade na forma de produção da história da enfermagem brasileira, de que falo acima, pode ser também comprovada quando as agentes do campo resgatam, em diferentes momentos nos AE, o papel missionário destas profissionais, a concepção da profissão como sacerdócio ou vocação, a defesa da profissão como inerente à mulher, o papel educativo e cuidador destes agentes, os valores morais, a exaltação da “pedagogia do exemplo” e, por fim, a “necessária” vinculação do campo com a Igreja Católica e com o Estado.

Nestas “buscas” do passado, a linearidade pode, por fim, ser evidenciada nas argumentações tecidas por todos os agentes do campo, em editoriais, artigos, aulas e conferências em defesa da cientificidade como o mais importante degrau na escalada para a modernidade e para o progresso do campo da enfermagem brasileira. Neste investimento, é privilegiado um modelo de enfermagem, o “Modelo Nightingaleano” ou “anglo-saxão”, denominado pelos agentes do campo de “moderno ou científico”, enquanto o modelo francês, trazido bem antes para o Brasil, é pouco valorizado, ficando à margem, na sombra, até ser suplantado pelo “modelo moderno ou científico” que foi naturalizado e, deste modo, consolidou-se como “modelo padrão”. Há entre as enfermeiras daquele período um claro consenso sobre o modelo orientador do campo, o Modelo Nightingaleano.

“Toda enfermeira formada nos moldes Nightingale deve ter seu curso científico, deve ser íntegra nos seus conhecimentos. E nada mais justo pois sendo ela a auxiliar do médico, tem que estar ao alcance do seu meio intelectual, para que possa com eficiência auxiliá-lo em seus trabalhos.”

(Vidal, AE, N°3, abril de 1934)

Uma questão que guarda relação direta com a construção da história da profissão refere-se a gênero. O cuidar, historicamente concebido como ação “natural” e “instintiva” da mulher e realizado no âmbito privado, passa a ser representado, por extensão, como inerente à enfermeira, quando realizado no âmbito público. A categoria ou a noção de cuidar consolida-se, assim, como uma prática “natural”, específica da enfermeira, daí o fato da profissão ser representada como feminina.

Assim, a feminização da profissão é um dos fatores que conferem singularidade e linearidade na produção do campo da enfermagem. Como um campo constituído majoritariamente por mulheres, a sua produção reflete, também, este perfil. Ao se defrontarem com o mundo da produção do conhecimento como um mundo masculino, as primeiras enfermeiras encontraram grandes dificuldades para socializar sua produção em um outro campo que não o seu. Assim, elas reproduzem no interior do campo, ou seja, nos *Annaes de Enfermagem*, o que está no imaginário coletivo do grupo: esta é uma profissão para mulheres. Esta é a concepção naturalmente adotada por todos os agentes do campo que escrevem para a Revista e por todos aqueles que pelo campo circulam. As poucas referências interligando enfermagem à figura masculina aparecem nos AE em apenas quatro textos (Fraenkel, AE, N° 1; Pereira, AE, N°s 2, 3, e 4), sendo o trabalho destes de cunho missionário e caritativo. Nestes textos são lembrados os trabalhos realizados junto aos doentes por São Francisco de Assis e São Vicente de Paula. Esta pode ser considerada a primeira aproximação das enfermeiras com a Igreja Católica, que vai ganhando força e se mantém como pilar estruturador do campo em toda a trajetória deste.

A Revista funcionava como “fiadora” da concepção histórica construída pela sociedade e mantida pelas enfermeiras de que esta profissão era “mais própria à mulher”. Este modo de ver a profissão aparece, por exemplo, de forma muito clara, na convocação feita pela Escola de Enfermeiras Anna Nery de jovens brasileiras para o seu Curso.

"Proporcionando a oportunidade de aumentar o numero de Enfermeiras no Brasil e reconhecendo que a Enfermagem é a profissão mais propria à Mulher, a Escola de Enfermeiras Anna Nery tem abertas as matriculas para o proximo ano letivo"

(AE, Nº 2, dezembro de 1933)

Um fato curioso e que comprova ser este campo pensado como um campo feminino está na seleção dos anúncios que eram veiculados pela revista Annaes de Enfermagem. A grande maioria era de produtos destinados às mulheres: tecidos, sapatos, chapéus, perfumes, como pode ser observado nos anúncios que apresento a seguir.

COMPREM NA
"CASA SUCENA"
Vestidos, chapéus, fazendas, armarinho, artigos
para bordar, artigos para flores, etc.
AVENIDA RIO BRANCO 76 a 86

Fonte: AE - Vol. 5 - Nº 5 - Outubro de 1934

Regras Dolorosas
e
Menstruação Irregular:
OVARIUTERAN
Drageas e liquido
LAB. RAUL LEITE - RIO

Fonte: AE - Vol. 4 - Nº 4 - Abril de 1934

Fabrica de Chapéus para
Senhora e Enfermeira
e
Aviamento para Madistas
Casa Importadora
Reforma-se e Tinge-se
A Jurity
Gomes & Vasconcellos
181, Rua Sete de Setembro, 181
Tel. 20843 - Rio de Janeiro

Fonte: AE - Nº 3 - Abril de 1934

Com base no material analisado, pode-se afirmar que a atividade de educar fazia parte da matriz deste grupo profissional. Deste modo, resgatar e atualizar estas funções foi uma das grandes preocupações e um dos maiores investimentos no processo de reconstrução da cultura histórica deste campo. A equipe editorial da Revista teve como uma de suas principais metas a manutenção deste papel na memória das enfermeiras. Assim, tanto em seus editoriais como nos artigos publicados este tema, estava, de alguma forma, sempre presente. Logo no primeiro número da Revista, esta atividade é ressaltada e reatualizada:

“É a educadora dos lares, a aperfeiçoadora da raça, quando em seu nobre mister de visitar quotidianamente as casas pobres que estão aos seus cuidados, ensina princípios de higiene e eugenia.”

(Haddock Lobo, AE, Nº 1, maio de 1932)

Estas narrativas, com vistas a consolidar o papel educativo da enfermeira, prosseguem durante todo o período recortado para a análise, ora com ênfase maior, ora menor, mas que em momento algum deixaram de estar presente

“(...) a enfermeira foi utilizada na vulgarização de conhecimentos de higiene, passando a colaborar na educação sanitária do povo. Como enfermeira de saúde pública o ensino tornou-se uma de suas funções mais importantes. Essa função educativa, que a princípio ela só desempenhava nos lares, passou depois a constituir parte integrante de seu trabalho onde quer que ela atue.”

(AE, vol. II, Nº3, julho de 1949)

O papel de cuidadora atribuído pela sociedade à mulher e, por extensão, à enfermeira, é tomado pelas agentes do campo como preceito, como lema e elas passam, no âmbito público, a assumir cada indivíduo em particular e a família enquanto grupo como um trabalho “missionário”. Este papel aparece ou é socializado de diferentes formas na Revista, sendo mantido em todo o percurso desta.

Uma outra questão que chama a atenção no processo de construção da cultura histórica deste campo é o conjunto de valores, atributos e qualidades que são descritos e destacados nos AE como próprios ou peculiares e necessários aos agentes deste campo.

Neste conjunto, destacam-se “*qualidades intelectuais*” (capacidade de compreender e adaptar-se às instruções, de aprender e reter na memória, de raciocínio, iniciativa, originalidade, etc); “*características morais*” (coragem, fidedignidade, honestidade, carinho, obediência, paciência, sinceridade, etc.); “*qualidades físicas*” (higiene, saúde, nitidez, diligência, habilidade, etc.), “*características emocionais*” (alegria, gratidão, otimismo, domínio próprio, estabilidade e simpatia), “*capacidade social*” (adaptabilidade, visão, aceitabilidade, cortesia, interesse público, liderança, lealdade, responsabilidade, sociabilidade, divertimentos, tato), “*características profissionais*” (exatidão, discrição, economia, equilíbrio, pontualidade e perfeição), como destaca Bertha L. Pullen, no texto “Técnica da Crítica Construtiva” (AE, N°6, janeiro de 1935).

Chamo, neste estudo, de “pedagogia do exemplo” a forma utilizada, em vários momentos, pelas enfermeiras brasileiras que escreveram na Revista, de “convidar” ao campo pessoas ilustres, de grande destaque, para servirem de modelo a ser imitado por todas as agentes, tanto na sua prática profissional, quanto na sua vida pessoal. Neste critério de construção da cultura histórica, agentes externos ao campo funcionaram como fiéis parceiros, como aconteceu com o Dr. Alair Antunes no discurso de formatura de enfermeiras, em 1935.

“(...) para terminar, à mingua de qualidades do vosso paraninfo, peço, mediteis e sigais dois grandes exemplos, que vos devem ser caros:

1° - Carlos Chagas – trabalhador infatigável, sabio, espirito professista, fundador desta Escola, incentivador da enfermagem de Saúde Pública

2° - Rachel Haddock Lobo – A diretora que tão cedo desapareceu, deixou um exemplo tão nobre que, dificilmente, poderá ser igualado. Sua vida de desprendimento, de amor ao próximo, de assistência à miséria e a dôr, ella tão nova, tão bem nascida, em tão alta hierarquia social, é um exemplo que deve estar sempre presente em vossas mentes em todos os momentos de vossa ardua profissão.”

(Antunes, AE, N° 6, janeiro de 1935)

Na tentativa de ultrapassar pré-conceitos e valores estereotipados ligados à profissão, as agentes do campo estabeleceram, neste período, uma estreita parceria com a Igreja Católica brasileira e com o Estado. Esta forma de “ida” ao passado confere uma singularidade à construção da cultura histórica deste campo. Em rituais de formatura, de inaugurações, de eventos científicos, por exemplo, era muito comum a presença de autoridades da Igreja Católica e do Estado, às quais era dado consentimento para exprimirem suas concepções, que eram, por fim, legitimadas pelas agentes do campo.

Cabe destacar, mais uma vez, que no processo de construção do campo da enfermagem no Brasil adotou-se o paradigma evolucionista, efetivando-se em etapas. Os agentes do campo ao elegeram um “novo” modelo de saber e de fazer enfermagem, tentaram estabelecer um novo olhar, como forma de substituição ao modelo vigente, considerado inadequado ou insuficiente. Este é o caso que acontece quando os agentes tentam desvencilhar-se do “Modelo Religioso” e elegem o “Modelo Nightingaleano ou Científico”. A opção pelo “novo” modelo, pelo novo olhar, é movida pela idéia de evolução, de progresso, mas as concepções, as idéias anteriores não deixaram de existir, pela amplitude e profundidade com que orientaram, moveram e mantiveram o campo.

Sobre o objetivo da análise de uma determinada prática discursiva, entendida aqui como um conjunto de saberes, Foucault ressalta que sua finalidade é

“Mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas (...)

(...) Eles são a base a partir da qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem verificações, se desdobram teorias.”

(Foucault, 1997:205)

Deste modo, as formas utilizadas pelos agentes da enfermagem na geração das práticas discursivas (aqui entendidas como a produção historiográfica da enfermagem brasileira) objetivadas em artigos, editoriais, discursos, conferências, anúncios, etc. na revista *Annaes de Enfermagem*, determinaram as condições de produção e de consolidação deste campo.

Mas as continuidades e rupturas destas etapas não podem ser pensadas fora do contexto histórico em que ocorrem. Conforme apresentada e defendida por muitos historiadores, a forma dominante das enfermeiras construir e reconstruir o seu passado está diretamente relacionada ao período, aos eventos ou acontecimentos sociais e políticos que marcaram a época em que a narrativa foi construída. Assim, a produção do campo no âmbito da enfermagem é determinada, historicamente, pelo contexto mais abrangente do país.

O que chama a atenção na produção historiográfica da enfermagem, tanto a produzida no Brasil como a produzida por agentes da enfermagem de outros países, é a forma similar utilizada para recriar a “cultura ou a memória histórica” deste campo. Com isto quero dizer que a periodização tem sido, tradicionalmente, a forma utilizada pelos agentes para construir e reconstruir a história da enfermagem. Le Goff (1996), neste sentido, toma de empréstimo a reflexão de Gordon Leff (1969, pp.130,150) e ressalta que *“a periodização é indispensável a qualquer forma de compreensão histórica. A periodização, como a própria história, é um processo empírico, delineado pelo historiador.”* E, acrescenta Le Goff (op. cit., 47): *“não há história imóvel e a história também não é a pura mudança, mas sim o estudo das mudanças significativas. A periodização é o principal instrumento de inteligibilidade das mudanças significativas.”* Mas os critérios usados para a periodização são mais ou menos penetrados pelas representações dos que recortam.

A periodização adotada pelos agentes do campo da enfermagem brasileira no processo de produção da sua história e veiculada pelos Annaes de Enfermagem está entrecortada ou entrecruzada, deste modo, pelas idéias vigentes no campo neste período, que são, as idéias de modernidade e de cientificidade.

Ao estabelecerem momentos ou modelos que se sucedem progressivamente, os agentes trabalham com uma perspectiva evolucionista. Sob este ângulo, passam a nortear a produção as noções de progresso, de aperfeiçoamento, de melhoria da aptidão, etc. Esta perspectiva foi sendo incorporada e “naturalizou-se” entre os agentes do campo. Toda a produção da Revista trabalhava sob esta perspectiva; entretanto, as noções do modelo anterior estavam de tal forma incorporadas ao campo que as produções adquiriam uma forma “mesclada” de concepções.

A perspectiva evolucionista foi, deste modo, a forma eleita pelas enfermeiras diplomadas brasileiras na produção da cultura histórica deste campo. Abro aqui um parêntese para relembrar que esta forma ou opção de produção de história pelos agentes do campo da enfermagem está atrelada às idéias de progresso, de evolução e aperfeiçoamento que circulavam no País no final da década de 20 e nas décadas de 30 e 40, servindo de lema a muitos campos que se constituíam no Brasil no período, como é o caso da enfermagem. Esta análise é mostrada no Capítulo 1 deste estudo.

Um bom exemplo para comprovar a adoção da perspectiva evolucionista como estratégia central de construção da “cultura histórica” do campo foi a idealização ou invenção da “*Era Nova*” pelas enfermeiras que criaram a revista AE. Para as enfermeiras diplomadas brasileiras, “*Era Nova*” significava a tentativa de entrada na modernidade, na cientificidade, daí a recriação de um novo modelo de enfermagem, o “Modelo Nightingaleano ou Científico”, que deveria contrapor-se ao modelo vigente até então, o “modelo religioso de enfermagem”, conforme destacado anteriormente.

No texto “Uma Pioneira”, escrito pela professora Waleska Paixão, a perspectiva evolucionista adotada pelos pelos agentes do campo pode ser comprovada:

“Para nós enfermeiras, que ainda estamos lançando as bases de nossa profissão no Brasil, é sumamente precioso tudo o que se refere à formação e a evolução desse corpo de servidoras da humanidade, num dos mais amplos sentidos da palavra SERVIR. Sondamos a História, e vamos colecionando os fatos mais característicos dessa evolução. Comparamos os diversos fatores, e a estrutura de uma enfermeira ideal se nos revela, resumindo-se nas três palavras do triângulo de Isabel Stewart: Ciência, arte, ideal. Se, nos promórdios de nossa história, a ciência pouco se destacava, se a arte era apenas embrionária, o ideal já brilhava em toda a pujança, em algumas personalidades que passaram à posteridade como exemplo.

Ana Neri é uma dessas personalidades.”

(Paixão, AE, N° 23, abril/junho de 1947)

O texto de Paixão mostra, através da análise das três categorias tomadas pelos agentes como norteadoras do campo da enfermagem no momento em que este tenta romper com o “modelo religioso”, a trajetória evolutiva do mesmo. Do “ideal”, tido como precursor, caminha-se, ou melhor, evolui-se para a “ciência” e a “arte” concebidas como o ápice pretendido pelo campo¹.

Um outro ponto a indicar a evolução pretendida pelos agentes do campo aparece subentendido na noção de “SERVIR”. Não por acaso, a autora apresenta a palavra com letras maiúsculas. O “servir” de que fala não é o mesmo praticado por outros agentes que não enfermeiros. É um “servir” amplo, diferenciado, que evoluiu no seu percurso. Neste sentido, pode-se dizer, com base no texto de Paixão, que a atividade de servir, de cuidar, sempre esteve presente nas sociedades. A configuração do “servir” é que foi sendo modificada, num processo que pode ser entendido como evolutivo.

Ao historiarem as origens das ações de enfermagem, as enfermeiras que escreveram para a Revista estabeleceram duas vertentes para esta prática: a profana e a sagrada: Na primeira etapa, as narrativas recriam as ações praticadas na Idade Média por bruxas, e mais tarde, por mulheres de pouca reputação. Na segunda etapa, houve uma sacralização no campo e as ações passaram a ser praticadas no final do Século XVIII e Século XIX por freiras ou religiosas, as “mulheres consagradas” ou damas de caridade que precedem a enfermeira profissional. Estas, portadoras de pouco ou nenhum estudo, realizando suas ações no empirismo, eram movidas, conforme descreve Caponi (2000), pela “lógica da compaixão”². Consideradas as “primeiras gestoras do espaço hospitalar”, as religiosas instauraram, no Brasil, o denominado “modelo religioso de enfermagem”(Padilha, 1998). Mais tarde, este lugar passou a ser ocupado pelas enfermeiras diplomadas. Estas vertentes apontam um processo de evolução: do profano ao sagrado e, por fim, ao científico.

¹ A professora Waleska Paixão aprofunda esta análise no seu livro História da Enfermagem 5ª edição Rio de Janeiro: júlio Reis, 1979.

² Para aprofundar esta análise, buscar de Sandra Caponi o livro “Da Compaixão à Solidariedade: uma genealogia da assistência médica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

Cabe destacar, mais uma vez, que foi sob uma pluralidade de figuras e sob a égide da figura da mulher, da Igreja e do Estado construída e atualizada a cultura histórica deste campo, como demonstrei em outro estudo (Daher, 2001).

Tomando a perspectiva evolucionista, as enfermeiras brasileiras constroem e socializam através dos AE a cultura histórica deste campo, subdividindo-a em dois períodos distintos, estabelecendo como marco divisório entre eles o ano de 1923, quando foi recriado, aqui, o “Modelo ou Sistema Nightingaleano de Enfermagem”.

Os períodos podem ser assim subdivididos: antes de 1923, “período pré-profissional”, com o correspondente “Modelo Religioso de Enfermagem”; após 1923, “período profissional”, com seu correspondente “Modelo Nightingaleano de Enfermagem”. Esta forma de subdividir a história não aparece claramente na Revista. Entretanto, as produções das enfermeiras presentes nos AE possibilitam estabelecer esta periodização.

Passo a analisar cada um destes modelos e sua influência na construção da cultura histórica deste campo, na medida em que esta reflexão indicará a forma como o campo foi produzido.

O período denominado “pré-profissional” teve como norteador o “Modelo Religioso de Enfermagem”. Este período é visto por alguns historiadores da enfermagem como o momento inaugural da trajetória da construção do campo da enfermagem brasileira. Compreendido entre meados do século XIX e XX, é narrado como aquele no qual prevalece um saber e um fazer eminentemente práticos, baseados em princípios empíricos ou não-científicos, cujo paradigma estruturava - se em questões morais e religiosas.

Ao narrarem sobre este período, as enfermeiras falam de um saber-institucionalizado, produto dos agentes que atuavam com base em um saber empírico, ou seja, sem um preparo formal para essa atividade. Em meados do século XIX, consta a chegada das primeiras religiosas, as “mulheres consagradas”, que atuaram junto às Santas Casas de Misericórdia (Padilha, 1998).

A produção sobre este período “pré-profissional” nos AE não é extensa, aparece no interior de alguns textos e detém-se mais na atuação das “enfermeiras práticas”, “práticas de enfermagem” e “parteiras leigas”. O que fica claro é que o objetivo era o de ultrapassar este período, romper com este modelo e centrar a atenção no “período profissional”.

Todos os produtos das enfermeiras referentes ao “período pré-profissional” presentes na Revista atualizam a estreita conexão ou interrelação entre as ações de enfermagem e os princípios cristãos católicos. As ações realizadas desde a Idade Média por religiosos, sendo concebidas como ato de amor ao próximo, como missão, ou sacerdócio, passam, devido ao “período de declínio” na enfermagem, a ser executadas por leigos. O texto “História da Enfermagem: o período de declínio da Enfermagem nos séculos que se seguiram à Idade Média” de Haydée Guanais Dourado analisa esta passagem.

“(...) há, em toda a Idade Média, a tendência de se tornarem leigas muitas das instituições que foram criadas ou abrigadas pela Igreja na época de desagregação e confusão das invasões bárbaras. (...)”

O chamado ‘período de declínio da enfermagem’ é o que se estende desde a Idade Média até a organização das escolas leigas, com Florence Nightingale. O fenômeno que se apresenta como declínio nada mais é do que o tornar-se inadequada uma instituição diante do impacto das transformações sociais. As mudanças sociais que ocasionaram diretamente o ‘declínio da enfermagem’ foram:

- 1) – Migrações e aglomerações urbanas (...),*
- 2) – A enfermagem passa a ser exercida por serventes (...),*
- 3) – A decadência dos hospitais (...).*

(Dourado, AE, vol. I, N° 3, julho de 1948)

Os princípios como disciplina, obediência, docilidade, submissão, amor ao próximo, dentre outros, originados do “Modelo Religioso de Enfermagem”, foram, constantemente, resgatados pelos agentes do campo, durante o período profissional”, que os mantinham vivos na memória das enfermeiras e alimentavam o campo.

Há um fato muito interessante sobre a prática da enfermagem realizada no Brasil no “período pré-profissional”. Um grupo de religiosas francesas atua aqui, junto à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, liderados por Luisa de Marillac, conforme estudo realizado por Padilha (1998). Estas atividades não aparecem citadas ou analisadas na produção da Revista. Este foi um corte realizado intencionalmente pelas enfermeiras brasileiras e que não foi em momento algum questionado pelos agentes. Estes agentes, em consonância com a equipe editorial, privilegiaram em toda a produção e prática profissional o “Modelo Nightingaleano” e colocara à sombra o “modelo francês”.

Luisa de Marillac teve, segundo Padilha (1998), uma produção denominada “Regras da Confraria e da Companhia das Irmãs de Caridade”, relacionadas às maneiras de desenvolverem os cuidados de enfermagem que são considerados pela autora como os conhecimentos que inauguraram o campo de conhecimentos da enfermagem no Brasil. Assim, destaca a autora

“Luisa de Marillac atuava como enfermeira e teve um papel fundamental na criação das bases e preceitos de enfermagem que foram posteriormente utilizados e aprofundados por Florence Nightingale, na criação da Escola de Enfermagem do Hospital São Thomas, em 1860(...)

(...) Luisa de Marillac contribuiu para que o trabalho da enfermagem e da enfermeira fosse conduzido para uma organização sequencial, primeiro superficial e depois padronizada pelos diferentes passos a serem seguidos para a realização de um cuidado, envolvendo a articulação corpo-objeto.”

(Padilha, 1998, p. 214)

Entretanto, estes conhecimentos que compuseram o “modelo religioso francês de enfermagem” não fizeram parte das escolhas das enfermeiras brasileiras, autoras ou editorialistas da Revista.

Os princípios cristãos católicos que norteavam o campo no período pré - profissional foram mantidos mesmo após a inserção do “modelo profissional”, pois estes eram tidos como fundamentais para a vida profissional e pessoal da enfermeira.

Nas “idas” ao passado, as enfermeiras destacam em suas produções que as religiosas eram convidadas a ingressarem nas Escolas de Enfermagem às quais teriam livre acesso. Esta atitude tinha como objetivo aproximar as religiosas das alunas leigas e a conseqüente transmissão, por parte das religiosas, de valores e atributos cristãos e morais.

Nos primeiros anos do século XX, no Brasil, mais precisamente no ano de 1923, como destaquei acima, o “Modelo Religioso de enfermagem” é substituído pelo “Modelo Nightingaleano profissional ou científico”, fruto da “Revolução Nightingale”, ocorrida na Inglaterra no final do século XIX. Este modelo caracteriza-se primordialmente pela aquisição formal de conhecimentos por parte das ingressantes no campo. Neste “novo” modelo é preconizado o preparo formal e sistematizado da enfermeira em Escolas de formação. Seu objetivo central era a ruptura do caráter religioso da profissão e a inserção de princípios que as enfermeiras denominaram de “*princípios técnico-científicos*”. Neste sentido, Caponi destaca:

“A partir de Florence Nightingale, a mulher consagrada será substituída pela enfermeira profissional. Ela deixará de possuir um caráter religioso, porém não deixará de pensar a assistência prestada como vínculo que supõe e reforça a submissão.”

(Caponi, 2000:15)

A substituição do “modelo religioso de enfermagem” pelo “modelo nightingaleano, profissional ou científico”, conforme narram as enfermeiras diplomadas que escreviam nos AE, significou a mais importante tentativa de ruptura do campo. Entretanto, esta ruptura não foi absoluta. O campo da enfermagem adotou o “Paradigma Nightingaleano”, mas não abandonou o modelo anterior. Passaram a co-existir no campo os dois modelos. Para os agentes do campo da enfermagem, adotar o “modelo nightingaleano foi o mesmo que investir no avanço, na mudança, na evolução, enfim, no progresso e na modernidade.

As narrativas sobre o “período profissional” e seu “Modelo Nightingaleano” ocupam a centralidade da produção da Revista. Este modelo dá uma nova configuração à cultura histórica deste campo: ao estar associado às noções “científico”, “profissional” e “moderno”, o campo adquire uma outra dimensão, uma amplitude, que o aproxima de

outros campos, como o da medicina e da educação. Esta concepção que interliga “modelo nightingaleano” à noção de progresso, de evolução de cientificidade, foi sendo atualizada na produção historiográfica, sendo naturalizada pelos agentes. Ou seja, para os agentes do campo, “Modelo Nightingaleano”, remete a conhecimento formal, a preparo técnico-científico específico, enfim, a apreensão de um conjunto de conhecimentos que gerou nas enfermeiras daquele período um “*habitus*” científico particular, específico.

A centralidade da produção histórica do campo da enfermagem, tanto no Brasil como fora dele, é ocupada pelas narrativas sobre o “Modelo Nightingaleano”. Ou seja, a história do campo da enfermagem do Brasil é a história da recriação, aqui, do modelo nightingaleano. Os princípios por ele apregoados conferiram uma “nova” performance ao campo, caracterizando a atividade de enfermagem, a partir daí, como uma profissão.

A importância dada pelas enfermeiras e também pelos convidados ao campo à inserção deste modelo no Brasil é de tal amplitude que os agentes do campo atribuem ter sido o mesmo determinante na substituição do empirismo, do esotérico, pelo conhecimento científico.

Entretanto, esta “nova” estruturação no campo, segundo seus agentes, efetiva-se a partir da oposição saber médico e saber da enfermagem. O primeiro, hegemônico, dotado de expressiva força simbólica e, o segundo, o saber da enfermagem, dependente, frágil e submisso, fruto de sua genealogia.

Com base nos dados, pode-se afirmar que a recriação do Modelo Nightingaleano no Brasil veio responder às demandas do Estado no campo da Saúde Pública. Deste modo, as enfermeiras foram convocadas para atuarem de forma mais específica neste campo e aderiram a esta causa sem contestações, contribuindo no projeto de “*reconstrução da nacionalidade e superação do atraso da sociedade e melhoria das condições de saúde da população*” (Britto e Lima, 1991). Este projeto fazia parte das propostas dos eugenistas e higienistas de “reconstrução do País”, como forma de saneá-lo e modernizá-lo. É, deste modo, um “projeto civilizatório”, do qual as enfermeiras foram um dos mais importantes agentes de concretização. A produção das enfermeiras referente a participação no projeto eugênico confere uma singularidade ao processo de construção da cultura histórica deste campo.

A história da enfermagem resgatada por seus agentes indica claramente que, no Brasil, a enfermagem nasceu sob a égide do feminino, como já mencionado neste capítulo, e dos princípios eugenistas ou do “branqueamento da raça”, embora estas intenções apareçam embutidas nas propostas higienistas do Governo Getúlio Vargas, das quais as enfermeiras participaram de forma muito ativa.

Cabe aqui destacar, antes de retornar à análise da construção da cultura histórica deste campo, que no “Período Vitoriano” os ideais eugênicos estavam disseminados pela Europa e Florence Nightingale, que estava em plena atividade neste período, sofreu esta influência, mesmo que esta não tenha sido mencionada e analisada por autores que a biografaram. Este legado de Florence pode ser identificado, por exemplo, no momento em que ela estabelece o perfil das candidatas ingressantes ao Curso. Para compor este perfil, a candidata deveria ser jovem, branca, com certo conhecimento formal (que no Brasil deveria corresponder ao ensino normal) e oriunda de uma classe social com relativo prestígio. Sob este ângulo, a história da produção dos agentes do campo da enfermagem estrutura-se sob princípios segregacionistas, que inclui uns e exclui outros elementos.

Na construção da cultura histórica da enfermagem brasileira, a seleção ou privilegiamento do “Modelo Nightingaleano” como referência central do campo é apontada como uma opção com vistas à inserção da enfermagem no campo científico, na intelectualidade, na modernidade. Neste sentido, o lema que passou a reger o campo foi: “cientificizar para legitimar”.

Com base neste “Modelo”, foi recriada a enfermagem profissional no Brasil e todo o conhecimento que passou a ser produzido e veiculado pela revista AE adotava os princípios por ele defendido. Sob este ângulo, a recriação do modelo nightingaleano no Brasil significou, segundo as narrativas históricas, a efetiva inserção do campo no contexto sócio-político cultural do País, que buscava, através da concretização das políticas higiênicas e eugênicas, a modernização, que, devido às suas peculiaridades, foi denominada, por alguns intelectuais, de “*modernização à brasileira*”.

Com base nas narrativas, pode-se concluir que os produtos gerados pelas enfermeiras e veiculados pela revista *Annaes de Enfermagem* refletiam este período e um de seus objetivos era o de inculcar nas mentes das enfermeiras o seu importante papel no

“projeto civilizatório” do Governo. Deste modo, as enfermeiras brasileiras passaram a atuar como agentes de divulgação e objetivação das propostas de “purificação e branqueamento da raça”. Nas produções relativas a este período, era comum a defesa dos ideais eugênicos e higiênicos por parte das enfermeiras, conforme destaquei no Capítulo 1.

Nos resgates feitos pelas enfermeiras em suas produções é ressaltado que o objetivo que levou a Fundação Rockefeller a elaborar e implementar uma Missão de Cooperação Técnica para a implantação do Ensino de Enfermagem no Brasil, também denominada de Missão Rockefeller ou Missão Parsons, foi o de formar profissionais para atuarem diretamente junto às famílias e aos indivíduos vitimados por várias epidemias que tomavam conta do país. As enfermeiras foram, assim, dotadas de um “poder ou missão pastoral”, conforme preconizado por Foucault (1990), e passaram a contribuir de forma eficaz na objetivação das propostas do Governo de “higienizar” o país, dotando-o de adequadas condições sanitárias. Estavam em jogo as relações comerciais entre estes dois países.

É comum o resgate do papel educativo-assistencial destas profissionais junto aos indivíduos com o objetivo de manutenção ou recuperação da força de trabalho dos cidadãos produtivos no país que se industrializava. No entanto, Foucault (1990) é bastante claro ao afirmar que o objetivo destas ações era distinto deste. Isto é, o objetivo do Estado era o “controle” da saúde do indivíduo como forma de aumentar a população “saudável” e, conseqüentemente, o poder do Estado. Assim, destaca Foucault

“A medicina social não teve como primeiro objetivo a formação de uma força laboral , adaptada às necessidades da indústria que se desenvolvia nesse momento. Não é o corpo do trabalhador o que interessa a essa administração da saúde mas sim o corpo dos indivíduos que constituem o conjunto da Estado: a população.”

(Foucault, 1990a:25)

A vinda da “Missão Rockefeller” e, conseqüentemente, da recriação do “Modelo Nightingaleano” no Brasil é narrada nas produções das enfermeiras como um “grande avanço”, uma evolução para o campo da enfermagem brasileira, na medida em que foram adotados os mesmos princípios do modelo de prática de saúde que havia se mostrado

eficaz na Inglaterra e nos Estados Unidos. É visto, sob este ângulo, como o marco inaugural do campo da enfermagem “moderna ou profissional” no país. A professora Glete de Alcântara, ao analisar a “Missão norte-americana”, concorda com as enfermeiras brasileiras sobre o papel da “Missão”:

“A fundação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, marco inicial da enfermagem moderna no país, resultou da atuação de forças sociais inovadoras no campo da saúde pública (...)”

Com a vinda, em 1923, de uma missão de enfermeiras norte-americanas, por solicitação do governo brasileiro, foi instalada, no ex-Distrito Federal, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública. Sob a orientação de Ethel Parsons esse novo estabelecimento foi organizado segundo as mais modernas tendências de educação da enfermagem nos Estados Unidos.”

(Alcântara, 1966:10)

É narrado pelos agentes do campo que escreveram nos AE, que o “Modelo Nightingaleano” de enfermagem recriado aqui deveria ser adotado por todas as Escolas que fossem, a partir daí, criadas no país. Aquelas já existentes deveriam passar por um processo que as enfermeiras denominaram de “equiparação”, ou seja, deveriam adequar-se ao “novo modelo”. Desta forma, a primeira Escola passou a ser denominada pelos agentes do campo de “Escola padrão”. Esta “titulação” dada à primeira Escola deixou de ser usada quando “naturalizou-se” que ao se falar da enfermagem profissional no Brasil estaria se falando de Enfermagem Nightingaleana.

No Brasil, o legado do “Modelo Nightingaleano” e todo o conjunto de valores transmitidos às enfermeiras brasileiras pelas enfermeiras norte-americanas que compunham a “Missão” determinaram a formação de um campo e um “*habitus*” com características muito semelhantes às da cultura norte-americana. Com isto, quero dizer que houve a implantação, aqui, de uma cultura que pode ser denominada “técnico-científica”. Todo o conhecimento que passa a ser produzido a partir daí reflete esta cultura e é veiculado pela revista *Annaes de Enfermagem*. Seus princípios tinham como base a adoção de rigorosas técnicas e princípios científicos, assim como a racionalização e rotinização do trabalho praticado nas instituições de saúde. Contudo, este trabalho não possuía, ainda, uma natureza específica e autônoma. Esta cultura, reflexo da racionalidade científica vigente no país no período, foi absorvida pelos agentes do campo e socializada em suas produções.

Ao refletirem em suas produções sobre o “modelo nightingaleano”, os agentes do campo reproduzem e atualizam, também, as noções ou conceitos estruturadores ou definidores deste modelo e idealizados pela enfermeira norte-americana Izabel Stuart. São eles: Arte - Ciência - Ideal. No texto “O Triângulo da Enfermeira” de Zaira Cintra Vidal (AE, Nº 3, abril de 1934) a autora relaciona arte com habilidade e capacidade executiva; ciência com conhecimento e aperfeiçoamento e ideal com a “força que rege a verdadeira enfermeira”.

Com base na produção contida nos AE, fica, uma vez mais, evidente que naquele período a preocupação central dos agentes do campo era com a aquisição de conhecimentos formais, científicos, por parte das enfermeiras e esta preocupação aparece retratada quando figuras de enfermeiras com livros, cadernos ou canetas são reproduzidas na Revista. Estes objetos funcionam como símbolos de saber, de conhecimento.

A idéia de produzir um campo científico e intelectual passou a ser uma das grandes preocupações das enfermeiras que produziam para os AE. Além de introduzirem nas Escolas de formação conteúdos de campos científicos já consagrados, como Biologia e Matemática, criaram a Associação de classe e o periódico específico cujo objetivo era conferir ao campo a cientificidade que acreditavam pudesse trazer reconhecimento e legitimidade ao campo.

A noção de Ciência que orientava a produção do campo e a própria prática dos agentes quando da inserção do Modelo Nightingaleano era a de “Ciência Eugênica”. Sob este ângulo, os princípios higienistas e eugenistas foram apreendidos e eram recriados, cotidianamente, como sinônimo de progresso, de modernidade. Todos os agentes do campo, tanto os que socializaram suas produções na Revista quanto os participantes da Associação de classe, assumiram a responsabilidade de configurá-lo como científico.

Era muito importante para as enfermeiras daquele período mostrar que o campo abandonava o empírico e optava pelo científico e, neste sentido, investiram na produção de uma cultura “técnico-científica”.

Entretanto, este processo de construção de um campo científico é bastante lento, com avanços e recuos, devendo-se esta morosidade à força com que o modelo religioso consolidou-se no campo.

Por fim, cabe, ainda, destacar que a escassez de uma literatura nacional sobre a prática da enfermagem e a priorização do modelo anglo-saxão determinou a busca e o manuseio de livros, manuais e periódicos estrangeiros, especialmente norte-americanos, pelas enfermeiras brasileiras. O freqüente contato com este tipo de acervo determinou a adoção destes referenciais como verdades absolutas. Esta opção contribuiu, também, para a produção da específica cultura “técnico - científica” que, ainda hoje, orienta o campo.

2.2. DESNATURALIZANDO A HISTÓRIA CONSTRUÍDA.

As formas utilizadas pelos agentes do campo da enfermagem para narrarem a história deste campo que hoje se encontra constituído, não mudaram de forma significativa. Os olhares é que mudaram, ou seja, as maneiras de recortar a história é que estão em processo de mudança.

Há pesquisadores da enfermagem como, por exemplo, a professora Maria Cecília Puntel de Almeida que, em seus estudos, apontam como as primeiras expressões do saber institucionalizado do campo da enfermagem as “técnicas de enfermagem” que são um componente desta “cultura técnico-científica”. Entretanto, após a análise da produção veiculada pelos Annaes de Enfermagem, constatei que, mesmo tendo como base certos princípios científicos, não havia, no momento em que a Enfermagem Nightingaleana é recriada no Brasil, uma visão mais abrangente, sistematizada, sobre como trabalhar com questões científicas que as enfermeiras diplomadas daquele período acreditavam pudessem inserir a enfermagem na modernidade.

Para os agentes do campo, o legado do Modelo Nightingaleano é que, se por um lado, os princípios por ele defendidos contribuíram para aproximar ou inserir a enfermagem brasileira do campo científico, via adoção de um saber e de um fazer com bases em conhecimentos que estavam de alguma forma consolidados, por outro contribuíram para a construção de um campo regido por um conjunto de normas, regras e atitudes similares ao adotado pela enfermagem norte - americana. Foi inculcado, deste modo, na memória das enfermeiras brasileiras, um “*habitus*” cuja matriz norte-americana dificultava as suas ações quando se deparavam com a realidade de saúde do país.

Nas suas “idas” ao passado, as enfermeiras de hoje ressaltam que, mesmo tendo sido o campo idealizado segundo um modelo que pretendia a cientificidade, na década de 50 prevalecia, no Brasil, a noção de uma enfermagem não - científica. Ou seja, a noção de “Ciência” não estava clara para os agentes do campo.

O final da década de 50, mais especificamente o ano de 1959, é apontado pelos agentes do campo como o marco inicial do movimento da enfermagem norte - americana pela organização de princípios científicos que a partir daí deveriam nortear a prática da enfermagem. Estes princípios dariam embasamento à aplicação das “técnicas de enfermagem” (estas preconizadas como o saber específico deste campo). O conjunto de princípios gerados dos estudos realizados, em 1959, pela Escola de Enfermagem da Universidade de Washington foram publicados no livro “Princípios Científicos Aplicados na Enfermagem” editado pela primeira vez em 1959, e difundido para diversos países, inclusive o Brasil.

A grande preocupação deste estudo foi estabelecer uma listagem de “cuidados de enfermagem” que atendessem as necessidades dos pacientes e que estes cuidados fossem realizados com base nos “princípios científicos”. Contudo, a concepção de ciência (ou de princípio científico) ainda não é colocada de forma clara, dando margem a interpretações dúbias e perpetuando o conhecimento da enfermagem como dependente, sem uma natureza específica e sem autonomia (Almeida e Rocha, 1989)

Cabe ainda destacar que a maioria das produções dos agentes do campo sobre a história desta profissão perpetua uma forma conservadora de narrativa, ou seja, o esforço de “recuperação do passado” é feito através de uma seleção rigorosa do que é narrado e da forma de se narrar. Neste sentido, a produção historiográfica da enfermagem realiza um processo de exorcização de determinados fatos que, na visão dos agentes do campo, comprometem a profissão, isto é, não contribuem para projetá-la no meio científico e intelectual. Esta atitude acontece, por exemplo, quando as enfermeiras elegem como referência o modelo anglo - saxão de prática de enfermagem em detrimento do modelo francês, que naquele tempo já valorizava a subjetividade dos sujeitos (Teixeira e Figueiredo, 2001).

Na década de 80, tem início um movimento interno no campo, no qual estudos sobre a história da profissão passam a ocupar a centralidade das análises. Nestas narrativas, os agentes elegem as noções derivadas dos estudos marxistas que passaram a orientar, no Brasil, as análises realizadas neste período em diferentes campos do conhecimento. Utilizando as categorias ou noções trabalho, trabalho manual e intelectual, classe social e hierarquia, as enfermeiras analisam a conformação da história deste campo.

Seguindo a perspectiva histórico-dialética, vários estudos são publicados sobre a história da enfermagem, periodizando-a em “enfermagem pré-capitalista” e “enfermagem capitalista”. Confirma-se, deste modo, que a forma de historiar a produção deste campo perpetua-se.

Ainda nesta década de 80, toma lugar um movimento no campo, no sentido de se investir na produção de um corpo de conhecimentos próprios com intuito de definir a enfermagem como “Ciência”. A produção de “Teorias de Enfermagem”, inicialmente pelos enfermeiros norte-americanos, e a caracterização dos estudos de Nightingale como “Teoria” são exemplos de alguns destes investimentos. Estas discussões passam a ocupar lugar de destaque no campo, estendendo-se aos dias atuais.

Ao pensarem em “teorias de enfermagem”, as historiadoras do campo pensavam na produção de um conjunto de conhecimentos específicos que pudessem demarcar os limites da profissão, isto é, a construção de um campo próprio, autônomo.

Cabe ressaltar, mais uma vez, que a produção do conhecimento no Brasil segue trajetória similar à realizada pelos Estados Unidos. Na tentativa de delimitar o seu campo, fazer-se reconhecidas no meio científico e, em consequência, legitimar-se socialmente, as enfermeiras norte-americanas buscaram ultrapassar o modelo religioso-moral e passaram a adotar o modelo técnico-científico e, deste modo, abriram um campo de discussões centrada na conceituação da enfermagem enquanto ciência (discussões que vinham sendo feitas por outros campos).

Um fato a chamar a atenção ocorre no ano de 1989. Neste ano, a Associação de classe patrocina a tradução e publicação para o português do livro “Notes on nursing: what is and what is not”, escrito por Florence Nightingale. Ter este livro traduzido significou a aproximação das enfermeiras brasileiras com o seu mito de origem, Florence Nightingale.

Ela estava, deste modo, mais perto, mais acessível e, mais uma vez, passa a ocupar um lugar de grande destaque no campo da enfermagem do Brasil. Sua “reatualização” reaviva os princípios nightingaleanos trazidos ao Brasil na década de 20.

Também na década de 80 são realizados vários investimentos que tiveram como fim a produção de um conjunto de conhecimentos que receberam a denominação de “Diagnóstico de Enfermagem”. Tendo sua origem no campo norte-americano e transplantado para o Brasil nos primeiros anos da década de 80, estes conhecimentos, uma vez mais, ancoram-se no “modelo biomédico” de assistência à saúde.

Com finalidade de agrupar estes estudos, é criada nos Estados Unidos a *North American Nursing Diagnoses Association* (NANDA). Esta Associação propõe ao campo da enfermagem um conjunto de termos e conceitos técnicos cujo objetivo é dar uniformidade à prática profissional. Entretanto, ressalto, mais uma vez, que este conjunto de conhecimentos tem seu nascedouro nos Estados Unidos, trazendo consigo uma significativa similaridade com a prática médica, contribuindo, também, para uma prática da enfermagem conflituosa.

Na década de 90, a historiografia do campo da enfermagem brasileira é marcada por estudos que tentam construir um corpo de conhecimentos específicos do campo, denominados “Teorias de enfermagem”, similar ao que vinha acontecendo nos Estados Unidos.

Uma outra grande preocupação dos agentes do campo da enfermagem no Brasil, a partir da década de 80, é a de tentar conceituar a enfermagem como Ciência. George et al (op.cit.) tomam emprestado de Meleis (1992) o conceito de enfermagem como ciência:

“A enfermagem é a ciência humana subjacente à disciplina que é baseada na compreensão do significado das experiências vividas diariamente como são percebidas pelos membros ou pelos participantes da ciência.”

A priorização de narrativas relativas ao “modelo nightingaleano” no Brasil coloca e mantém em cena determinadas concepções e categorias orientadoras deste modelo, determinando, assim, a produção de um campo com características específicas. Os

princípios “técnico-científicos” são concebidos como estruturadores deste modelo, mas estes princípios passam a coexistir com os princípios cristãos católicos do modelo anterior. O campo passa a conviver, paralelamente, com dois modelos: o “modelo religioso” e o “modelo nightingaleano ou científico”, mesmo havendo um grande movimento no sentido de ultrapassar o primeiro modelo.

A recriação, no Brasil, do “modelo nightingaleano” significou, além da adoção das “técnicas de enfermagem” como forma de aproximação com o mundo científico, a adesão do campo às propostas do Governo Vargas para o campo da saúde. Deste modo, tanto as ações como as produções do campo passaram a ser moldadas pelos ideais higiênicos e eugênicos que predominavam no período.

Dentre os campos que buscam refletir sobre o seu processo de produção como forma de tentar a sua consolidação, incluem-se a enfermagem, a nutrição, o serviço social e outros. Ao realizarem este movimento, enredam-se num processo de inclusão e exclusão.

A busca do campo científico e, conseqüentemente, a conquista do progresso e da entrada na modernidade, como idealizavam os agentes do campo, fez com que as enfermeiras adotassem o conceito de ciência como “algo que se propõe a atingir conhecimento sistemático, seguro e verdadeiro” (Nagel, 1979). Partiam do princípio de que os campos que adotassem no seu fazer e nas suas produções seriam aceitos e respeitados, conquistando legitimidade e visibilidade social.

Contudo, assiste-se, ultimamente, a um constante debate acerca da matriz científica ou mesmo do conceito de ciência que orienta a construção dos campos e dos produtos por eles gerados.

Para muitos pesquisadores, o papel desempenhado pelo atual modelo de ciência na conformação dos diferentes campos entrou em falência. Bourdieu, por exemplo, tenta mostrar o esgotamento deste modelo, condenando a existência de uma única verdade para a explicação dos fatos. Convoca todos a tentar superar este modelo. Para o autor, “*a ciência é um campo de luta simbólica que envolve pares concorrentes, ou seja, pertencentes ao mesmo campo, que ocupam diferentes posições no campo*” (Bourdieu,1983). Assim,

coloca-se contrário à racionalidade científica vigente, na medida em esta impõe normas, regras e valores, desconhecendo ou negando o fato de que as análises, as concepções e os produtos são o resultado das posições ocupadas nos campos.

O campo da enfermagem brasileira segue, assim, de perto a trajetória da produção do campo da enfermagem norte-americana, que se processou da seguinte forma: criação de Escolas de formação de enfermeiras, criação de associação de classe e, por fim, criação de revista ou periódicos específicos. No Brasil, segundo os historiadores do campo, o processo efetivou-se da mesma forma, podendo ser este processo compreendido como de recriação ou de reinvenção do modelo anglo-saxão.

Com base na historiografia da enfermagem brasileira, fica evidente que o atrelamento e a dependência do Brasil em relação aos Estados Unidos, cujo início deu-se através do convênio firmado entre o governo brasileiro e o governo norte-americano, concretizado pela Rockefeller Foundation, determinou a produção do campo da enfermagem no Brasil. Com isto quero dizer que não houve opção por parte da enfermagem do Brasil, cujo campo era muito incipiente, por um modelo de formação e de prática. O “modelo nightingaleano” foi assim, imposto pelo governo norte-americano e aceito pelo governo brasileiro e, conseqüentemente, pelo campo da enfermagem, fato que determinou a modelagem da cultura deste campo.

Na tentativa de cumprir, de contemplar o ideário nightingaleano, as Escolas de Enfermagem eram obrigadas a adotar o “padrão”, que era sinônimo de “modelo nightingaleano”.

Um outro importante dado sobre o processo de produção do campo da enfermagem brasileira foi analisado por Moreira (1999)

“Na estruturação da enfermagem brasileira, tornou-se urgente construir emblemas sagrados que conferissem à profissão o respeito e a credibilidade necessários para que fosse aceita pelo público leigo e especializado. Daí a referência, como em nenhuma outra profissão, a temas sociais tão presentes no imaginário brasileiro do início do século. Período híbrido, que conservaria heranças do período escravista colonial, atualizando-se os conflitos envolvendo

...raça, gênero e cultura. Tais conflitos, presentes na instituição da enfermagem no Brasil, fizeram da profissão, apesar dos esforços em contrário, um espaço de heterogeneidade e habitus singular.”

(Moreira, 1999, vol. 3)

Deste modo, a história da produção do campo da enfermagem no Brasil, nas primeiras décadas da inserção da profissão no Brasil, traz a marca da homogeneidade e da linearidade, a qual imprimiu um mesmo olhar sobre a profissão. O processo de desnaturalização desta forma de construção está, hoje no Brasil, em processo de consolidação.

As novas formas de olhar e narrar a construção da história do campo dão conta de que esta construção efetivou-se num processo de atrelamentos, vínculos e dependência a campos e a saberes que se encontram, de alguma forma, estruturados e consagrados como os saberes médicos e que são concebidos como hegemônicos. Esta forma de construção foi apreendida e naturalizada pelos agentes, produzindo a configuração hoje existente. Esta conduta contribuiu para a conformação e consolidação de um específico campo, marcado pela indefinição de seu objeto de trabalho, pela dubiedade da identidade deste profissional, por uma marcante dependência e por uma conseqüente submissão. Este fato pode, também, ter contribuído para os tipos de relacionamentos profissionais existentes hoje no campo biomédico. Neste mesmo sentido, Meyer (1998), destaca

“No campo da saúde a medicina ocupa a centralidade e dominância na produção de conhecimentos, na elaboração de políticas e na condução de práticas de saúde. A produção científica da enfermagem ao longo dos anos vincula-se a um processo conflituoso de atrelamento e contestação à dominância da ciência e da prática médicas e de seus princípios”

(Meyer, 1998, vol. 1, Nº 1)

Nas duas últimas décadas, as formas de contar a “cultura histórica” da enfermagem está em processo de mudança. Fala-se de ruptura do “modelo nightingaleano” ou do “paradigma técnico-científico”, vigente desde 1923. Este processo que é, também, um processo de “desnaturalização” da história construída está em andamento e pode significar, segundo os historiadores do campo, o início de um novo período, que chamam “pós-moderno”.

Nestas “novas” narrativas, a matriz que se delineia, indica que a pesquisa social predomina e a problemática central do campo é a influência da genealogia da profissão no processo de construção do campo e do campo de conhecimentos, bem como sua influência na prática profissional, esta permeada por sucessivos conflitos.

Nesta “mudança” (questiona-se: é mudança?) de olhar, chama a atenção a tentativa de caracterizar os estudos realizados por Florence Nightingale como uma “Teoria de Enfermagem”. Hickman (2000), por exemplo, defende esta proposta pelo fato das proposições de Florence terem orientado as ações do campo por um longo período, por mais de 100 anos, como destaca o autor. Além de resgatar e tentar manter Florence como o ícone do campo da enfermagem, tenta - se conceber os seus estudos como a primeira teoria deste campo. Estas são, a meu ver, estratégias utilizadas na tentativa de consolidar a enfermagem como um campo científico, uma Ciência.

Com as mudanças de olhar que vêm acontecendo por parte dos agentes do campo, esta postura de subordinação e recriações sem as necessárias adaptações às especificidades da profissão locais tem sido constantemente analisada. Hoje, a atitude que impulsiona os agentes centra-se na tentativa de refazer, de recriar esta história e isto se deve à mudança do olhar. Este fato pode ser comprovado com a geração de produtos que refletem a prática profissional e a genealogia do campo.

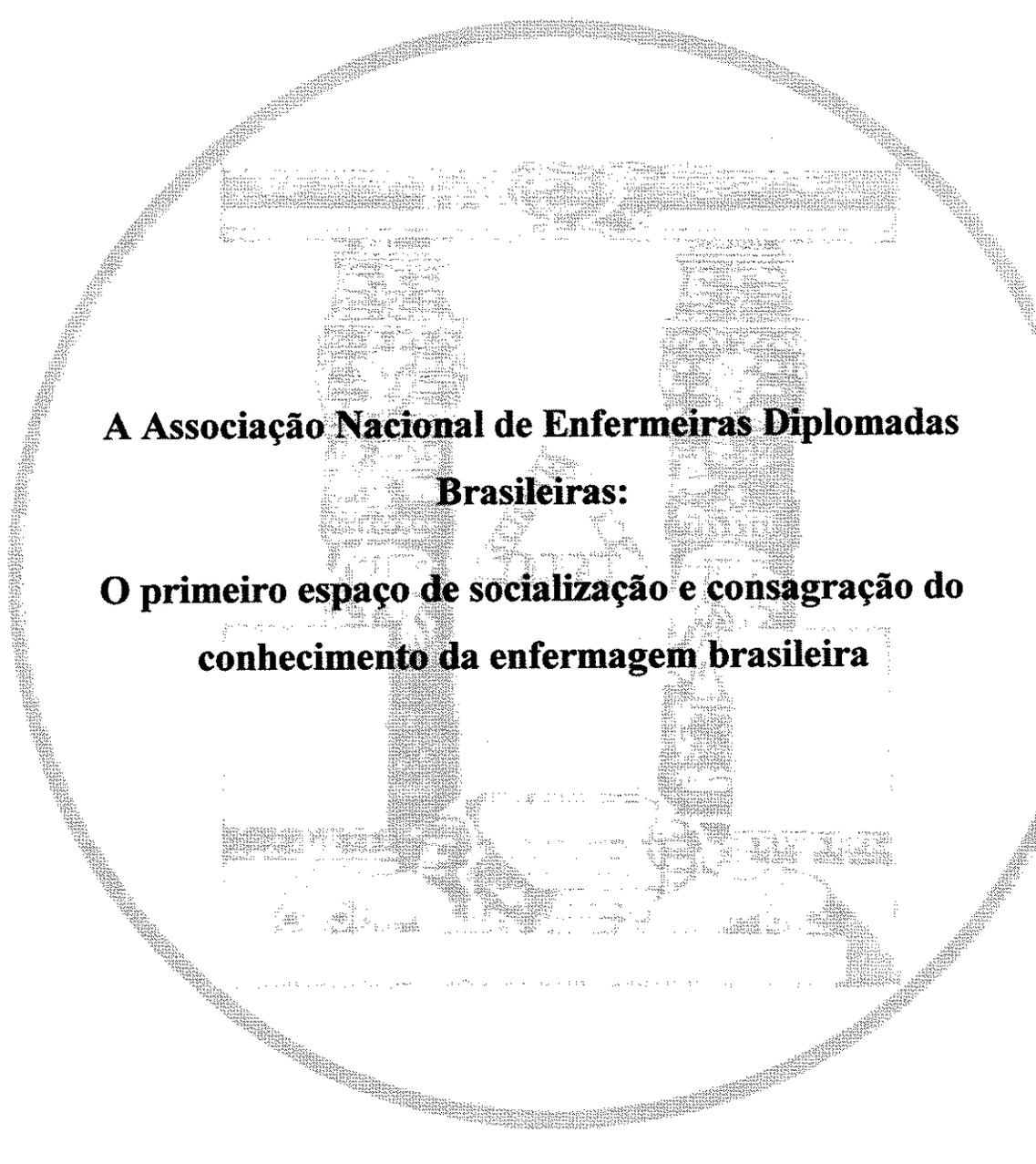
Finalmente, cabe ressaltar que, atualmente, os agentes do campo da enfermagem brasileira mostram-se conhecedores do processo de produção da “cultura histórica” do campo, uma cultura marcada por atrelamentos, sendo esta uma história que foi solidamente cultivada e ainda hoje não é tarefa fácil para os agentes desatrelarem-se desta e narrarem uma “outra” história (Gomes, 1999).

Entretanto, os agentes do campo destacam a existência de um movimento importante, no qual busca-se desnaturalizar esta história, realizando estudos e pesquisas sobre a prática profissional e suas interrelações, criando um corpo de conhecimentos próprios como forma de ultrapassar o lugar ocupado até então.

O lugar ocupado ainda hoje pelas figuras emblemáticas da classe, principalmente Florence Nightingale e Anna Neri, e toda a cultura histórica que a elas se vincula de modo muito estreito, contribui como testemunho da relação passado/presente/passado na história deste campo. Pode-se, assim, dizer que a história da enfermagem ideologizou-se. As enfermeiras brasileiras idealizam o passado, evocando a história através de seus mitos, do conhecimento produzido, tendo como horizonte a idéia de progresso, de Ciência.

Contudo, “*a história não só deve permitir compreender o presente pelo passado – atitude tradicional – mas também compreender o passado pelo presente*” (Marc Bloch in Le Goff, 1996). Este é o movimento que atualmente se delineia no campo da enfermagem: refletir sobre o passado com o olhar do presente, que tenta desnaturalizar a história construída.

CAPÍTULO 3



**A Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas
Brasileiras:**

**O primeiro espaço de socialização e consagração do
conhecimento da enfermagem brasileira**

“O fim da organização é de elevar o padrão da profissão e trabalhar incessantemente pelo progresso da educação de enfermeiras.”

(Miss Bertha L. Pullen, AE, Nº5, 1934)

O movimento pela cientificação e modernização do campo da enfermagem brasileira teve como marco a inserção, no ano de 1923, do modelo de enfermagem nightingaleana, conhecido como enfermagem científica, moderna ou profissional¹. Este fato foi concretizado com a criação da primeira escola de enfermagem, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), mais tarde Escola Anna Nery.

Entretanto, este movimento, pela cientificação e modernização do campo, atinge o seu apogeu com dois eventos distintos: a criação da associação de classe, denominada Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB) e a criação do primeiro periódico específico do campo, a revista *Annaes de Enfermagem* (AE). Esses eventos, aparentemente distintos, criados em anos diferentes, guardam uma estreita relação entre si. Primeiramente, foi criada a Associação e, mais tarde, o periódico, cujo objetivo era o de atuar como o porta-voz, o veículo oficial de divulgação dos produtos da Associação, ou seja, de suas associadas.

A Associação e a Revista são consideradas, aqui, espaços de recriação, socialização e consagração do conhecimento da enfermagem brasileira, entendendo espaço ou instância de consagração como espaços de grande representatividade de um campo, local este onde os sujeitos pertencentes ao campo expõem seus produtos, tornando-se conhecidos e reconhecidos, conforme destaca Bourdieu (1974). Sob esse ângulo, a Associação e a Revista podem ser pensadas como espaços de consagração e fundamentais para a análise e compreensão do processo de conformação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira.

A categoria sociabilidade (ou lugares de sociabilidade), estudada por Angela de Castro Gomes, em 1993, contribuiu também para o entendimento do que vai tratar este capítulo, ou seja, dos espaços, instâncias ou lugares do campo da enfermagem

¹ Por enfermagem moderna, científica ou profissional entende-se o conjunto de conhecimentos e de práticas geradas através de um preparo formal, com bases científicas, realizado em Escolas de Enfermagem por egressos que se tornarão enfermeiros, que também são conhecidos como profissionais de enfermagem, opondo-se à enfermagem empírica, pré-profissional, tradicional realizada por leigos ou por pessoas com menor preparo, conhecidas como ocupacionais de enfermagem. A enfermagem científica ou moderna teve origem com Florence Nightingale, na Inglaterra, daí difundindo-se para outros países. Esta análise pode ser encontrada em Daher, D. V. . Por Detrás da Chama da Lâmpada – a identidade social do enfermeiro. Niterói – RJ, EdUFF 2000 e também em Silva, Graciete B. da. *Enfermagem Profissional – Análise Crítica*, 2ª ed., São Paulo, Cortes, 1989 e Almeida, M. C. P. de, e Rocha J. S. Y. . *O Saber da Enfermagem e sua dimensão prática*. São Paulo, Cortez, 1989.

que contribuíram para a produção do campo de conhecimentos. A análise feita por Castro Gomes assemelha-se aquela realizada por Pierre Bourdieu, quando o mesmo propôs a noção de espaço de consagração. Assim, para Castro Gomes, espaço de sociabilidade são

“Os lugares de sociabilidade de uma geração – escolas, associações intelectuais, revistas, salões, etc. – podem ser indicadores valiosos para a análise de movimentos de produção e de circulação de idéias.”

(Castro Gomes, 1999, p. 41)

Na medida em que era na Associação das Enfermeiras Diplomadas Brasileiras e na Revista Annaes de Enfermagem que os agentes do campo da enfermagem brasileira encontravam-se e faziam circular as idéias e os pensamentos que orientavam o campo neste período, podem ser, estes espaços, pensados como espaços de socialização e consagração deste campo. Assim, a noção de “espaço de sociabilidade” ou “espaços de consagração” contribui para entender a utilização destes espaços como espaços de sociabilidade do campo. Com base nestas noções, passo a analisar estes espaços. Primeiramente, analiso a Associação e, no próximo capítulo, a revista Annaes de Enfermagem.

Em agosto de 1926, três anos após a criação da Escola de Enfermeiras Anna Nery, o campo da enfermagem vive um de seus importantes momentos. É criada a Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB), cuja origem deve-se à Associação de ex-alunas da Escola de Enfermeiras Anna Neri.

No estatuto inicial da Associação consta que, além de elevar o padrão da profissão, a organização deve:

- a) Trabalhar incessantemente pelo progresso da educação das enfermeiras e pelo estabelecimento de escolas de enfermagem que tenham os mesmos requisitos da Escola Oficial do Governo Federal;*
- b) Incitar o espírito de união e de cooperação entre as enfermeiras diplomadas;*
- c) Manter proficua vigilância contra supostas enfermeiras, defendendo a classe de acusações tendenciosas;*
- d) Promover a votação e sanção de leis regulamentando a profissão de enfermeiras;*
- e) Procurar estabelecer instituições para auxílio das enfermeiras diplomadas e da comunidade.”*

(Miss Bertha L. Pullen, AE, N° 5, outubro, 1934)

Com base nas competências acima, pode-se afirmar que o papel da Associação estendia-se desde a ampliação da competência técnica e científica (*“progresso da educação das enfermeiras”*), até a inculcação de valores morais, como união, cooperação, solidariedade, passando pelo papel de guardião da profissão (*“manter proficua vigilância contra supostas enfermeiras, defendendo a classe de acusações tendenciosas”*). Neste sentido o binômio educação-inculcação de valores morais ocupava a centralidade das preocupações da Associação.

Ao colocar-se como *“defensora de acusações tendenciosas”*, a Associação tentava preservar suas associadas de pré-julgamentos, especialmente em relação a atributos morais, buscando socializar uma concepção que ultrapassasse a que existia até então. A aquisição de conhecimentos, ou seja, a busca da cientificidade, foi a estratégia eleita para este fim.

Os esforços envidados para concretizar essas propostas que estabelecem as competências da Associação podem ser acompanhados pelas Atas das reuniões que aconteciam regularmente e, a partir de 1932, pelos informes, editoriais e artigos que são publicados pelo seu periódico, a revista *Annaes de Enfermagem*. A análise desse material permite que se tenha notícia dos rumos que foram seguidos pela Associação. Instalada na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, essa incluiu, desde o seu início, no âmbito de suas atividades a defesa do grupo profissional, o aprimoramento intelectual e assistência financeira em casos de necessidades momentâneas. O cumprimento dessas funções pode ser atestado pelas Atas e Relatórios apresentados pelas diretorias, pelas publicações encontradas na Revista e pelas oportunidades em que a Associação assumiu a defesa pública das causas das enfermeiras diplomadas.

“Devemos pensar em nossa Associação com uma aspiração mais profunda do que a de possuímos uma organização que nos faça empréstimos para coisas sem importância, ou prazeres particulares...”

(...) Nosso ponto de vista deve ser que estejamos sempre unidas para impedir que coisas desagradáveis aconteçam, lutando para produzir a maior e melhor impressão, e é dos resultados destas impressões que surgirá o estímulo aos nossos concidadãos para lutarem pelo nosso progresso.”

(Miss Bertha L. Pullen, AE, Nº 5, 1934, p. 12)

Ao criarem a Associação, as enfermeiras diplomadas brasileiras tinham como um de seus objetivos reunir, unicamente, enfermeiras diplomadas para o debate e a difusão de informações, de concepções e de valores considerados essenciais para a conformação do campo da enfermagem brasileira.

A Associação é uma instituição que pode ser pensada e considerada, assim, segundo as proposições de Pierre Bourdieu (2001), como um campo simbólico de poder, ou seja, aquele produzido e mantido por um grupo de especialistas, neste caso representado pelas enfermeiras diplomadas, que tentavam se unir em torno dos mesmos objetivos e que produziam ou recriavam conhecimentos cujo propósito era o de instituir um campo particular e específico, estabelecendo, neste espaço, um monopólio de competência.

Deste modo, ao adotarem um modelo de Associação semelhante à Associação das enfermeiras norte-americanas, as enfermeiras brasileiras produziram um espaço de distinção, ou seja, criaram um espaço ao qual teriam acesso, exclusivamente, as enfermeiras diplomadas, que, assim, formavam um grupo de especialistas, aqueles que se colocavam como os únicos detentores dos instrumentos de geração de conhecimento, ou seja, os únicos capazes de produzir saber. Estes saberes funcionavam como “*sistemas simbólicos*” de poder. Deste modo, as enfermeiras diplomadas, que compunham a Associação, desapossaram os demais sujeitos do campo da enfermagem e todos os leigos dos instrumentos de produção de conhecimento. Como consequência, todo o saber já produzido ou a ser produzido por agentes que não compunham o grupo das diplomadas era considerado ilegítimo, desconhecido.

A distinção a que me refiro e que desde o princípio se estabeleceu no campo é confirmada na publicação feita pela equipe editorial na Revista e que coadunava com a idéia da diretoria da Associação

“A Diretoria da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas resolveu que fossem criadas a Divisão do Ensino de Enfermagem e a Divisão de Enfermagem de Saúde Pública, sendo eleitas para esses cargos, respectivamente, a Sra. Edith Fraenkel e D. Safira Gomes Pereira. Segundo as deliberações dos comitês que estudaram o assunto, ficou estabelecido que pertenceriam à Divisão do Ensino de Enfermagem somente as enfermeiras pertencentes ao corpo das Escolas de Enfermagem e as Superintendentes de Serviço, e à Divisão de Enfermagem de Saúde Pública, toda enfermeira com exercício nesse setor.”

(AE, Nº 18, janeiro/março, 1946, p. 38 e 39)

Além de estabelecerem a diferenciação das diplomadas com as não-diplomadas, a Associação estabelecia, da mesma forma, uma diferenciação entre as enfermeiras diplomadas que trabalhavam na assistência (aqui refere-se apenas ao campo da Saúde Pública) e as enfermeiras diplomadas que trabalhavam como professoras ou instrutoras². As professoras ou Instrutoras eram concebidas como detentoras de um lugar especial, de destaque, possuidoras de um poder distinto, na medida em que eram as eleitas para os cargos de direção da Associação, da Revista, das direções de Escolas, dentre outras. Eram as professoras e instrutoras que, na maioria das vezes, ocupavam os espaços da revista AE para lançar suas idéias e suas produções e também escreviam para jornais e periódicos.

Ao criarem a Divisão de Ensino de Enfermagem e a Divisão de Enfermagem de Saúde Pública (ou seja, de assistência) as agentes deste campo idealizaram e estruturaram a educação das enfermeiras através de uma proposta pedagógica que pode ser assim entendida: uma “pedagogia para dentro” (representada pela Divisão de Ensino), quando a enfermeira está sendo educada, conformada, e uma “pedagogia para fora” (representada pela Divisão de Enfermagem de Saúde Pública), quando ela está educando e conformando os sujeitos, durante sua prática na saúde pública. Esta proposta pedagógica será melhor analisada nos Capítulos 5 e 6.

² Segundo dados colhidos na revista *Annaes de Enfermagem*, Nº 5, de Outubro de 1934, ao ser criado o DNSP foi imediatamente criado um Serviço de Enfermeiras que coordenava duas divisões: Divisão de Saúde Pública e Divisão de Instrução de Enfermeiras. As enfermeiras americanas que integraram a Missão Rockefeller trabalharam junto ao DNSP de 2 de setembro de 1921 a 3 de setembro de 1931 sob a chefia de Mrs. Ethel Parsons e foram distribuídas em dois grupos distintos: um grupo foi alocado na Divisão de Saúde Pública e desenvolvia atividades de assistência aos doentes e seus familiares e o outro grupo na Divisão de Instrução, atuando no curso de formação de enfermeiras e visitadoras. Essa divisão estabeleceu uma velada hierarquia de saber e de poder entre os dois grupos, ou seja, estabeleceu uma distinção entre aquelas que ensinam e as que prestam assistência.

Disputas internas ao campo passaram a acontecer, também, entre os agentes formados pela Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras³ e aquelas formadas pela Escola Anna Nery. Todos estes agentes visavam a conquista de um espaço no campo que lhes conferisse distinção, na medida em que esta posição diferenciada era geradora de status e de poder. Domingues, sobre essa questão, destaca :

“Os diferentes campos bem como os sujeitos que os compõem, estão em constante disputa em busca de diferenciação, de mais espaço e poder. Buscam mudanças de posições, de legitimidade, de reconhecimento e status, mas esta busca nem sempre aparece de forma explícita. As estruturas de posição dos campos influenciam os habitus dos atores que neles se formam.”

(Domingues, 2001, p. 60)

Assim, cabe destacar, pela análise do material, que os agentes que concluíam seu curso pela Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras praticamente não tinham espaço na revista e na Associação. Neste sentido, a Associação construiu um “*monopólio de competência*”, ou seja, as únicas mentes capazes de gerar e socializar conhecimento eram as especialistas; neste caso, as enfermeiras diplomadas formadas pela Escola Anna Nery e pertencentes à Associação. Contudo, a partir do momento em que a Escola Profissional foi equiparada à Escola Anna Nery e passou a adotar o mesmo modelo de formação da “Escola Padrão”, os espaços aos profissionais por ela formados foram se abrindo.

³ A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seguindo o modelo inglês no qual as escolas de enfermagem deveriam ser criadas anexas a instituições hospitalares, foi criada anexa ao Hospital Nacional de Alienados, em 1890. Suas primeiras orientadoras foram as irmãs francesas seculares vindas de Salpêtrière, França, para atuarem junto aos doentes mentais desta instituição. Esta escola era ligada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, o que a diferenciava da Escola Anna Nery, criada em 1923, ligada ao Departamento Nacional de Saúde Pública. A criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras foi motivada pela necessidade de formar pessoal para atuar, especificamente, junto a doentes mentais internados no Hospital Nacional de Alienados, quando as irmãs religiosas decidiram abandonar suas atividades junto a esses doentes. Esta Escola viveu, por muito tempo, a contradição de formar enfermeiros e enfermeiras para hospícios e hospitais civis e militares e de resolver o problema da assistência do Hospital Nacional de Alienados. A direção da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras ficou a cargo de médicos até o ano de 1942, quando passou a denominar-se Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e a ter como sua diretora Maria de Castro Pamphiro, enfermeira diplomada pela Escola Anna Nery e com aperfeiçoamento nos Estados Unidos. A partir daí, a nova diretora implanta, sob muitos protestos médicos, um currículo semelhante ao da Escola Anna Nery, baseado nos princípios nightingaleanos. Esta diretora estabelece como objetivos a formação de dois tipos distintos de profissionais: o primeiro, denominado auxiliares, para os serviços sanitários e assistenciais e, um segundo de enfermeiros diplomados, cuja função era a de formação (especialização) direcionada para os serviços psiquiátricos. Para ampliar os conhecimentos sobre esta questão, buscar a dissertação de Almerinda Moreira, “Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – 100 anos de História”. Rio de Janeiro, UNIRIO 1990.

As enfermeiras norte-americanas que integraram a Missão Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, também conhecida como Missão Rockefeller ou Missão Parsons, funcionaram como agentes ou porta-vozes do acordo entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller no processo de inserção do modelo de enfermagem nightingaleana ou moderna no Brasil. Através desse modelo, objetivavam inculcar concepções, valores e modos de atuar consagrados na Inglaterra e nos Estados Unidos. Para atingir tais objetivos, utilizaram formalmente como estratégia os conteúdos curriculares adotados na Escola de formação, as reuniões da Associação, os espaços da revista *Annaes de Enfermagem*, as conferências e discursos e as cerimônias de formaturas. Informalmente, como nos jantares, chás e festas que aconteciam na Casa das Enfermeiras (mais tarde denominado Internato), estas concepções eram também inculcadas. O papel das enfermeiras norte-americanas foi, neste sentido, o de criar o meio, as condições para que as enfermeiras brasileiras recriassem, aqui, o mesmo modelo e as mesmas problemáticas dos Estados Unidos. Funcionaram, assim, como agentes reprodutores e repassadores do modelo norte-americano no Brasil. Contudo, Alcântara (1966) lembra que elas empenharam-se na regulamentação do exercício e do ensino de enfermagem influenciando na criação da Lei n. 20.109, de 15 de junho de 1931 que regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para equiparação das escolas de enfermagem e instruções relativas ao processo de exame para revalidação do diploma.⁴

⁴ A publicação desta notícia no *American Journal of Nursing* de número 31 (9) : 1034, de setembro de 1931, com o título "Control of Nursing in Brazil" dá a medida exata que este fato teve para a enfermagem brasileira. O empenho das enfermeiras norte-americanas e, em especial, de Ethel Parsons foi fundamental na concretização desse empreendimento. Para maiores informações buscar Alcântara, G. de . *A Enfermagem Moderna como estratégia Profissional : Obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*. EEUSP, Ribeirão Preto – SP, 1966.

Também com propósito semelhante, as enfermeiras norte-americanas defendiam a criação de uma associação de classe e de um periódico específico. A influência do grupo na execução desta proposta foi determinante. Utilizando o discurso de que estas criações contribuiriam para o reconhecimento científico e social da profissão no Brasil, as enfermeiras norte-americanas e, também nesse momento Ethel Parsons, então coordenadora da Missão Rockefeller, foram fundamentais no processo de cientificação e modernização que culminou com a criação da Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB) e da revista *Annaes de Enfermagem* (AE).

O trabalho das enfermeiras norte-americanas, pode ser entendido como um trabalho pedagógico, pois além de inculcação de concepções e valores, eram utilizadas estratégias de convencimento. Assim, em ocasiões variadas, apontavam para a importância de uma associação de classe e de um periódico específico com objetivo de divulgar a profissão. Neste contexto, um grupo de ex-alunas da Escola de Enfermagem Anna Nery cria, em 12 de agosto de 1926, baseando-se nos mesmos princípios da Associação Norte-americana de Enfermagem, a Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (AEDB).

Em 1928, a Associação é registrada com o nome de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB). A partir de 1929, passou a ser filiada ao Conselho Internacional de Enfermagem (ICN) do qual faziam parte, naquela época, 30 países.

A Associação era uma entidade de âmbito nacional, com caráter cultural, científico e político, cujo objetivo era aglutinar enfermeiras portadoras de diploma de Escolas de Enfermagem que seguissem o modelo nightingaleano (Escolas Padrão), em eventos culturais e científicos. Propôs-se a contribuir, através de suas reuniões e eventos, para a realização de intercâmbios entre os associados, cujo fim era o de transpor o modelo de saber e de fazer enfermagem que vinha sendo realizado até então, buscando a produção de novos conhecimentos que redirecionassem a enfermagem brasileira. Sobre essa proposta, encontro, no primeiro número da revista *Annaes de Enfermagem*, o artigo *A Enfermagem no Brasil*.

“A profissão de enfermeira deixou de ser considerada fonte de sacrifícios; quem a abraça patenteia a satisfação imensa de que se acha possuído. É profissão essencialmente feminina, aquela em que a mulher se encontra no seu elemento, trazendo margem a um desenvolvimento e aperfeiçoamento contínuos quer moral, mental e intelectual, fazendo ressaltar as suas melhores qualidades.”

(Fraenkel, AE, Nº 1, maio de 1932, p. 8)

Neste sentido, ao tentar criar uma nova concepção de enfermagem e de enfermeira, os sujeitos intencionavam a criação de um campo intelectual ou científico que os impulsionasse e os fizesse adentrar na modernidade, conquistando, desse modo, autonomia, legitimidade e status social.

O dia da criação da AEDB foi um dia especial na vida dos sujeitos do campo. Na cerimônia, estavam presentes figuras ilustres da enfermagem e da saúde, diretores de hospitais, políticos, padres, dentre outros, o que demonstra a surpreendente abrangência que a Associação (ou o movimento pela cientificação e modernização da enfermagem) conquistou. A presença de nomes ilustres do campo da saúde, como o de Carlos Chagas, do campo religioso, como o Bispo do Rio de Janeiro, e de autoridades políticas, como Dr. Affonso Penna Junior, Ministro da Justiça, forneciam um aval importante para a credibilidade da Associação. No entanto, e como era de se esperar, o maior número de presenças neste dia foi o de alunas, professoras, instrutoras e chefes de enfermagem.

Composto por um grupo homogêneo e orgânico, orientado pelas mesmas problemáticas obrigatórias e devotados à mesma causa, ou seja, à causa normatizadora, cientificista e modernizadora da enfermagem brasileira, a Associação expressava também, em seus primeiros anos de existência, o consenso das enfermeiras diplomadas pela Escola Ana Neri, em torno de suas questões e de suas propostas.

A Associação, desde sua origem, funcionou como uma das estratégias de diferenciação no campo da enfermagem. Ou seja, as enfermeiras, ao estabelecerem que da Associação participariam apenas as enfermeiras diplomadas, demarcaram os limites de abrangência da Associação. Criaram, deste modo, um espaço de diferenciação, delimitando o lugar das diplomadas (a Associação e a revista *Annaes de Enfermagem*), essas

constituindo-se como as únicas produtoras e socializadoras de saber, e o lugar das não-diplomadas, portadoras de conhecimento do senso comum, desvalorizado e não-reconhecido pelas diplomadas. Ao estudar as produções simbólicas como instrumentos de dominação, Bourdieu (2001) lembra que as ideologias servem a interesses particulares que se colocam como universais e que há tendência de se formar uma cultura dominante que se sobrepõe a uma cultura dominada. No campo da enfermagem, ao estabelecer a distinção entre as diplomadas e as não-diplomadas, a Associação contribuiu para o estabelecimento de cultura dominante, que integra a classe dominante das enfermeiras diplomadas e, conseqüentemente, gerou uma desmobilização da classe dominada (das não-diplomadas), constituindo-se, assim, a cultura dominada. A cultura que orienta o campo é, sob esse ângulo, a cultura que separa, que distingue, que legitima as distinções. O periódico específico do campo contribuiu para legitimar a cultura dominante da classe das diplomadas sobre a cultura dominada, das não-diplomadas, como será mostrado no próximo capítulo.

Ao vetar a participação de não-diplomadas, a Associação almejava elevar o nível de qualificação e de conhecimentos de seus profissionais. Edith Fraenkel (1934), no artigo “Histórico do Serviço de Enfermeiras do DNSP”, cita o Dr. M. A. Burgess, coordenador dos trabalhos de enfermagem sanitária, que diz que faltam às visitadoras sanitárias dois requisitos para distinguirem a profissão de um comércio: “*conhecimentos científicos e idealismo*”. Era, nesse sentido, prioritário que se investisse na formação de enfermeiras e não mais em outros profissionais. Vieira (1980) ressalta em sua análise que o Brasil necessitava, neste período, de profissionais com melhor qualificação, que correspondessem a um padrão, o que resultou na criação da primeira Escola de Enfermagem, também denominada escola modelo, ou escola-padrão. Os profissionais ali formados eram identificados como

“Enfermeira de alto padrão, enfermeira diplomada, enfermeira Ana Néri, comunicava o espírito da época, expressava a preocupação de um grupo em oferecer o que houvesse de melhor para que a profissão florescesse e cumprisse seu papel de instrumento de desenvolvimento de uma sociedade.”

(Vieira, 1980, p. 52)

Além de serem formadas em uma Escola padrão, as enfermeiras diplomadas necessitavam de um organização ou de uma entidade que as unisse, as fortalecesse e as representasse, lembrava a enfermeira norte-americana Ethel Parsons, em diferentes momentos. E, assim, foi criada a Associação, uma entidade organizativa de âmbito nacional, de caráter não governamental e de direito privado, reconhecida como de utilidade pública. Restrita às enfermeiras diplomadas, contribuiu, também, para demarcar e consolidar a hierarquia científica, intelectual e administrativa existente no campo.

A Associação teve o importante papel, dentre outros, de socializar a figura, criada pela própria classe da enfermeira-diplomada. Aos poucos, ocorreu a naturalização dessa figura passando a sociedade a identificá-la, também, como “*enfermeira-padrão, enfermeira diplomada ou enfermeira de status*”.

Devido ao estereótipo que circundava a profissão quando de sua inserção no Brasil, Ethel Parsons pensou em modificar a designação enfermeira, termo utilizado, aqui, para designar todos os sujeitos que prestavam cuidados a pessoas doentes. Tentou, assim, substituir o termo enfermeira por Nurses, como acontecera nos Estados Unidos. Entretanto, essa denominação foi rejeitada pelos sujeitos do campo, permanecendo a de enfermeira, à qual incluía-se a expressão ou palavra “*alto padrão, diplomada, ou de status*”. Estratégia que acreditavam pudesse estabelecer a diferenciação do novo profissional.

Mesmo que não aparecesse de forma explícita, as diretrizes que impulsionaram tanto a criação quanto a sustentação da Associação visava a conquista de reconhecimento social da classe e, no campo científico e acadêmico, a legitimação do conhecimento gerado pelas enfermeiras. Sobre este tema, Pires destaca

“A criação da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas representou, também, a introdução no campo da enfermagem de mais um elemento fundamental na estruturação de uma profissão, ou seja, a existência de instâncias organizativas próprias que estabeleçam regras para o exercício profissional, promovam o intercâmbio de conhecimentos entre a categoria, além de ser o canal de expressão das necessidades da profissão.”

(Pires 1989, p. 134)

A Associação, desde sua origem, incluiu no âmbito de suas atividades a defesa do espaço social do grupo profissional e o aprimoramento científico e cultural dos sujeitos do campo. Deste modo, para atender a estas atividades científicas e culturais, para atualizar os princípios que norteiam a profissão e para consolidar as relações profissionais entre os sujeitos do campo da enfermagem e da saúde, a ABED realiza, em maio de 1940, a Primeira Semana da Enfermeira (ou da Enfermagem, na medida em que estas duas denominações aparecem no programa do evento).

A análise das duas primeiras semanas de enfermagem, consideradas verdadeiros rituais de exaltação e de conagração da classe, é importante, pois mesmo sendo pensadas e divulgadas como “Semana da Enfermagem”, do evento só participaram enfermeiras diplomadas e visitadoras. Estes eventos idealizados e concretizados pela Associação, ou seja, por enfermeiras diplomadas, destinava - se, exclusivamente, às enfermeiras diplomadas.

A Primeira Semana de Enfermagem pode ser considerada como o primeiro evento de congregação da classe. A criteriosa seleção das datas deveu-se ao fato de que em 12 de maio nasceu Anna Nery e em 20 de maio é lembrada a morte de Florence Nightingale. Pode-se, desse modo, dizer que, em mais um momento, foram utilizadas estratégias de atualização e de eternização dos mitos de origem da classe, conforme demonstrei em pesquisas anteriores.

Já a 2ª Semana da Enfermeira (que em sua programação também aparece como Semana da Enfermagem) foi realizada no período de 6 a 12 de dezembro de 1941. Para esse evento foi elaborado um programa em forma de livreto, onde podem ser encontradas na capa, ocupando a centralidade deste, as figuras de Anna Nery e Florence Nightingale. A cruz de malta aparece, também, destacada. No interior desse programa encontro novamente a figura de Anna Nery ocupando uma página inteira. Além dela, aparecem como figuras de destaque John Davidson Rockefeller, homenageado pelos 25 anos de trabalhos da Fundação Rockefeller no Brasil, Professor Olinto de Oliveira, conceituado pediatra que realizou conferência sobre “O Departamento Nacional da Criança e o papel da Enfermeira nesse Departamento”; Professor Carlos Chagas, idealizador e principal articulador da vinda das enfermeiras americanas para o Brasil, Dr. Ermani Agrícola, idealizador da criação da Escola

de Enfermagem Carlos Chagas em Belo Horizonte; Sra. Luísa Kinger, fundadora da Escola Anna Nery e Sra. Lais Neto dos Reis, primeira diretora da Escola Carlos Chagas em Minas Gerais.

No programa inicialmente elaborado e utilizado para comunicar e divulgar o evento, aparece como parte da solenidade o ritual no qual serão entregues, no primeiro dia, insígnias e certificados de conclusão de curso de voluntárias de enfermagem e serviço social. Para o último dia do evento está programado o ritual de entregas de insígnias e de diplomas às enfermeiras da classe de 1941, que concluíam o curso na Escola de Enfermeiras Anna Nery.

Com base neste material (programas da 1ª e da 2ª Semana de Enfermagem), pude constatar que, nestes eventos, voluntárias e enfermeiras diplomadas ocupavam lugares semelhantes, na medida em que o ritual destinado às voluntárias era idêntico ao destinado às enfermeiras diplomadas. A presença das mesmas autoridades nos dois rituais confirma essa hipótese. O Reitor da Universidade do Brasil, onde está inserida a Escola Ana Neri, por exemplo, esteve presente nos dois eventos.

Outro fato que chama atenção é a religiosidade conferida a estes eventos, bem como a muitos outros que acontecem no campo da enfermagem. Era muito comum ter, por exemplo, a presença de padres ou bispos da igreja católica e a realização de missa em cerimônias de formatura, em rituais de entregas de insígnias, em inaugurações, dentre outras.

Na programação da 2ª Semana de Enfermagem consta, por exemplo, a realização de três missas. Uma delas, “Missa em intenção dos Mortos”, é muito interessante, pois mostra que os sujeitos do campo preocupavam-se em rememorar, ou seja, manter vivas as figuras já falecidas e que são conhecidas e consideradas importantes para o campo da saúde e da enfermagem. Nessa, por exemplo, os lembrados foram Carlos Chagas e Rachel Haddock Lobo. A estreita ligação do campo com a religião católica é, também, comprovada com a presença do Bispo da igreja católica do Rio de Janeiro, que, além de celebrar esta missa, participou da Cerimônia de entrega das insígnias (ritual onde as formandas recebem um broche que funcionava como distintivo de enfermeira diplomada) que, após a benção, são entregues às formandas.

A Associação continuou a organizar, anualmente, eventos denominados Semanas de Enfermagem, sendo o perfil destes mantido por muitos anos na trajetória do campo da enfermagem brasileira. O início do processo de laicização desta e de outras cerimônias que tomam lugar no campo começa a ser observado nas últimas três décadas. Entretanto, as marcas da religiosidade podem ser, ainda hoje, encontradas.

O ano de 1946 é muito representativo para o campo da enfermagem. A Associação retoma a publicação da revista *Annaes de Enfermagem* e transfere a sua edição do Rio de Janeiro para São Paulo e passa, também, por uma grande reorganização, com vistas a dar maior eficiência ao seu trabalho. É, desse modo, subdividida em grupos menores, as chamadas Seções locais. Continuou, entretanto, a ter, a nível central, um grupo de trabalho. Foram criadas, segundo esta reformulação, as Seções de São Paulo, Distrito Federal e da Amazônia (que compreendia os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão e Territórios do Norte). Para constituir uma Seção bastava que o Estado tivesse cinco enfermeiras diplomadas associadas à ABED.

No contexto das reformulações, acontece, também, a criação de duas Divisões de Enfermagem, a Divisão de Educação e a de Saúde Pública. Para coordenar os trabalhos dessas Divisões foram eleitas, como presidentes, as enfermeiras Edith de Magalhães Fraenkel⁵ e Safira Gomes. O propósito das Divisões era incentivar e facilitar o estudo e a participação das enfermeiras diplomadas em discussões sobre temas relacionados a essas áreas. A criação destas Divisões específicas foi reflexo das problemáticas predominantes no período. Assim, ao criar, em 1946, a Divisão de Saúde Pública, a Associação recriava, no interior do campo da enfermagem, um espaço onde as enfermeiras que atuavam na Saúde Pública pudessem discutir as questões sobre essa problemática que se perpetuava como central no âmbito das questões de saúde do país.

⁵ Durante a análise dos *Annaes de Enfermagem* pude constatar que Edith de Magalhães Fraenkel compõe o grupo das enfermeiras diplomadas que mais se empenhou no processo de reconhecimento, legitimação e desenvolvimento da profissão no Brasil. Ocupou, por exemplo, concomitantemente, os cargos de Diretora da Escola de Enfermagem de São Paulo, Presidente da ABED – seção São Paulo e Presidente da Divisão de Educação da ABED e Redatora-Chefe dos AE quando os mesmos passaram a ser editados em São Paulo.

Já a criação da Divisão de Educação indica que, junto aos esforços em divulgar a profissão no Brasil, a Associação passa a preocupar-se, também, com a formação e aperfeiçoamento de seus profissionais. Ou seja, além de inculir-lhes conteúdos técnico-científicos, desenvolviam nos agentes deste campo um poder pastoral.

Exemplo claro desse fato é a publicação, em janeiro de 1946, no primeiro número dos AE após o período de paralisação da edição e da sua transferência para São Paulo, do trabalho “Organização de Escolas de Enfermagem no Brasil” realizado por Haydée Guanais Dourado e Radcliff Guanais Dourado. Esse trabalho, anteriormente apresentado no I Congresso Panamericano de Enfermagem, confirma que a problemática educação passa a ocupar, juntamente com a Saúde Pública, o centro das discussões do campo.

É importante destacar que a criação destas Divisões acontece no mesmo ano em que a revista *Annaes de Enfermagem* passa a ser editada em São Paulo, apontando a incorporação de mais uma problemática quando da mudança da edição da Revista para São Paulo.

Com as reformulações acima mencionadas, a Associação ficou constituída de uma Diretoria geral, que constava de uma presidente, uma vice-presidente, uma secretária, uma tesoureira, um conselho fiscal e um conselho deliberativo.

Em 1947, após 21 anos de criação, a Associação realizou, no período de 17 a 22 de março, em São Paulo, o seu 1º Congresso Nacional de Enfermagem.



OBJETIVO

Elaborar, em conjunto, um programa eficiente de enfermagem, visando o desenvolvimento da profissão num plano elevado.

Este evento, de caráter nacional, foi considerado o de maior vulto realizado até então pelo campo e contou com a seguinte Comissão de Programa: Ella Hasenjaeger – presidente; Marieta March – Secretária; Zaira Cintra Vidal – membro ex-officio e, ainda, Madre Domineuc, Edith Magalhães Fraenkel, Lucia Jardim, Alleluia Frota Salles, Madre São Geraldo. Como os trabalhos se avolumaram, foram criadas subcomissões para auxiliar a Comissão Programa: Exposição geral – Corina Berlinck; Exposição de Enfermagem – Glete de Alcantara; Hospedagem – Ruth Borges Teixeira, Propaganda – Zilda Almeida Carvalho; Finanças – Maria Rosa Souza Pinheiro.

Amplamente divulgado pelos Annaes de Enfermagem, o 1º Congresso contou em sua abertura com a presença de muitas autoridades, das quais os AE destacaram: Dr. Fernando Tude, representante do Sr. Ministro da Educação e Saúde; Dr. Ubiratam Pamplona, representante do Sr. Governador do Estado de São Paulo; Dr. Benedito Montenegro, Reitor da Universidade de São Paulo; Dr. J. V. Valença Júnior, representante do Sr. diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública. Estavam também presentes vários oficiais brasileiros e norte - americanos e enfermeiras a serviço da Força Aérea

Americana no Brasil. A presença e a reverência conferidas a estas autoridades faziam parte do conjunto de estratégias das enfermeiras na busca de consolidação de seu campo e de reconhecimento social.

O número de enfermeiras diplomadas presentes ao 1º Congresso foi significativo para o período. Havia representantes dos seguintes Estados: Amazonas (4); Baía (1); Espírito Santo (1); Minas Gerais (7); Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro (38); Goiás (1); São Paulo (59) e Rio Grande do Sul (1). Um grupo de 99 estudantes de enfermagem de oito Escolas de Enfermagem⁶ do Brasil acompanharam o Congresso, mostrando a interação entre profissionais e alunos.

Na revista *Annaes de Enfermagem* de número 21, editada em outubro de 1946, consta como finalidade do evento

“Estimular a união e esforços em prol de uma enfermagem melhor, proporcionar ao mesmo tempo aos seus membros, oportunidade para estudar em conjunto as questões que se apresentarem nos diferentes setores de trabalho e chegar assim à métodos mais eficientes de trabalho, pela contribuição de cada uma baseada em experiências anteriores.”

(AE, Nº 21, p. 10)

Um outro interessante fato diz respeito às autoridades selecionadas para, a convite da Associação, através da Comissão de Programa, discursarem na cerimônia de abertura do Congresso. A primeira delas foi o Cônego Roque Viggiano, capelão do Hospital das Clínicas de São Paulo. Em seu discurso, o Capelão destaca, sobretudo, as atribuições morais inerentes à enfermeira

⁶ Consta dos *Annaes de Enfermagem* que em 1946 existiam no Brasil, seis (6) Escolas de Enfermagem oficiais, ou seja, aquelas que, como a Escola Anna Neri, adotaram o sistema nightingaleano de ensino de enfermagem. Eram elas: Escola de Enfermeiras Anna Neri (RJ); Escola de Enfermagem Carlos Chagas (MG); Escola de Enfermagem de São Paulo (SP); Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (RJ); Escola Fluminense de Enfermagem (Niterói-RJ); lEscola de Enfermagem da Bahia (Ba). Três Escolas tinham sido equiparadas, ou seja, passaram a adotar o modelo da Escola padrão Anna Neri: Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo (SP); Escolas de Enfermeiras Católicas Luisa de Marilca (RJ); e Escola de Enfermeiras do Hospital São Vicente de Paulo (Goiânia-GO). Três Escolas aguardavam,, neste período, a equiparação com a Escola padrão: Escola São Vicente (Ce) ; Escola de Enfermeiras São Francisco de Assis (SP) e Escola de Enfermeiras Florence Nightingale (Anápolis-GO).

“É de se notar, senhores, que a enfermagem deve ser competente, hábil; deve também, ser honesta, séria e dedicada. Sobretudo, não deve ser fria porque é obra da bondade. Bondade que é a mãe da paciência ...

(...) A enfermagem, ainda, não deve ter caráter mercenário: não é um método de vida – é um sacerdócio. A sua ação deve estar subordinada, não a interesses materiais, mas a uma lei moral e a um ideal superior.”

(AE, N° 22, janeiro/março, 1947)

A íntima parceria entre a instituição igreja católica e a instituição enfermagem pôde ser, mais uma vez, confirmada.

Contrário ao discurso do Cônego Roque Viggiano, foi aquele realizado pelo Dr. Benedito Montenegro, Reitor da Universidade de São Paulo, segunda autoridade convidada a discursar na “Secção Inaugural” do Congresso. Analisa em seu discurso a trajetória da enfermagem, destacando a importância do conhecimento na tentativa de superar o empirismo que vigorou até então.

“Para melhorar os cuidados dispensados aos doentes, a prática da enfermagem, como tem acontecido com a maioria das profissões, evoluiu do empirismo para bases científicas e culturais perfeitamente definidas, embora sujeitas a modificações, de acordo com as necessidades do momento e a orientação geral do pensamento humano.”

(AE, N° 22, janeiro/março, 1947, p. 17)

As demais autoridades a discursarem na Secção Inaugural do 1º Congresso foram o Dr. Fernando Tude de Souza, representante do Sr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Clemente Mariani e a Sra. Edith Magalhães Fraenkel, Diretora da Escola de Enfermagem de São Paulo e Presidente da ABED – Secção São Paulo.

Em seu discurso, a Sra. Edith M. Fraenkel ressalta que a enfermagem necessita trabalhar em dois pontos:

“Há a necessidade de se fomentar a vocação, de se aumentar o número de profissionais, mas é necessário, também, que se dê um preparo técnico apurado e que se mantenha em dia esse preparo.”

(AE, N° 22, janeiro/março, 1947, p. 19)

Ao mesmo tempo em que a Associação organiza um evento com bases científicas, de âmbito nacional, cujo objetivo era ampliar os conhecimentos de seus profissionais, a presidente da ABED – Secção São Paulo e também da Divisão de Educação, utiliza em seu discurso os termos “vocação” e “profissão”, tornando ambíguo o entendimento dos aspirantes à carreira sobre a mesma. Contribui, desse modo, para a manutenção da dúbia concepção que se tem desta profissão, na medida em que vocação remete a sacerdócio, a trabalho caritativo, enquanto profissão está associada a trabalho remunerado, atividade na qual há uma relação de troca de mão-de obra versus obtenção de ganhos.

Desde 1947, o Congresso Nacional de Enfermagem passou a ser o maior evento organizado e realizado anualmente pela Associação. Anos mais tarde, o Congresso Nacional passou a denominar-se Congresso Brasileiro e, segundo membros da diretoria da Associação,

“O Congresso Brasileiro de Enfermagem é, até hoje, o maior evento da categoria, reportado como uma das mais importantes realizações da Associação e fonte de inspiração do desenvolvimento da enfermagem brasileira. As recomendações originadas dos temas discutidos orientaram as ações das diretorias em quase todo o período da história da Associação e seus frutos são incontáveis”.

(AE, N°22, janeiro/março 1947)

Esse evento foi gradativamente ampliando as suas dimensões e modernizando-se. A demanda de participantes, que no primeiro Congresso foi de 200 (AE, N°22, jan-mar 1947), foi aumentando progressivamente, refletindo o crescimento do número de enfermeiros diplomados e de associados. As problemáticas tratadas neste evento centraram-se na Saúde Pública e na organização interna da profissão, com destaque para a criação do Conselho Nacional de Enfermagem e para a formação de Enfermeiras Chefes. Entretanto, as propostas ou finalidades idealizadas para o primeiro Congresso continuam, segundo autores da enfermagem como Puntel de Almeida (1989), Borges da Silva (1989) e Kakehashi (1999), bastante atuais, ou seja, busca-se a conformação de um campo de conhecimentos próprios, cujo fim é a cientifização e a modernização da enfermagem brasileira.

..... A importância conferida pela Associação a este primeiro Congresso foi tal que toda a sua programação, a lista nominal de autoridades presentes, os discursos proferidos e as considerações dele extraídas, ou seja, a programação completa desse evento está publicada no número 22 dos Annaes de Enfermagem.

A Associação, através das programações dos Congressos e demais eventos que realiza, continua a chamar para o campo, ainda hoje, figuras de destaque da saúde e da enfermagem, tanto do Brasil como de vários outros países. Conferências, debates, cursos e oficinas contam, freqüentemente, com figuras ilustres internas e externas ao campo da enfermagem, as quais conferem valor diferenciado ao evento e ao campo. A troca de conhecimentos e de experiências, nestes eventos, acontece em momentos formais e também em informais. O ponto alto dá-se com apresentações de trabalhos de pesquisa realizados por enfermeiros e alunos de enfermagem. Muitos destes trabalhos concorrem a prêmios, os quais são identificados com nomes de enfermeiras consagradas e eternizadas pelo campo.

A Associação é concebida por todos os agentes do campo como o seu órgão oficial, como a instituição de maior representação da classe. Ao utilizar a categoria “*totem*”, Durkheim (1983) utilizou-a para designar a marca emblemática de um grupo social, aquela marca que se apresenta como distinção. Pode-se, assim, considerar a ANEDB o “*totem*” da enfermagem brasileira, a instituição instauradora do processo de reconstrução, de socialização e de consolidação do conhecimento da enfermagem brasileira.

Um outro ponto que merece destaque refere-se ao fato da aproximação das enfermeiras que dirigiam a Associação com o Estado. Quero ressaltar, mais uma vez, que o discurso do Estado foi sendo incorporado pela equipe editorial dos AE e pela diretoria da Associação em grande parte da história desse campo. Tanto a Associação como a Escola Anna Nery utilizavam os eventos que realizavam, bem como a sua revista periódica, os Annaes de Enfermagem, para reproduzir e socializar as concepções e as propostas defendidas pelo Estado. Um dos exemplos deste fato pode ser encontrado no Programa da 2ª Semana de Enfermagem organizado pela Escola Anna Nery e pela Associação. Como o Estado e os eugenistas elegeram as problemáticas relacionadas à mulher e à infância como fundamentais para elevar o Brasil à condição de Nação moderna e científica,

composta por uma raça forte e saudável, era importante veicular o discurso de figuras de destaque sobre essas problemáticas. Com base nesta proposta, o programa da 2ª Semana de Enfermagem reproduziu o discurso do Presidente Getúlio Vargas, que destaca:

“Aqueles que amam sua terra e a sua gente, que trabalham e acumulam fortuna, estão convocados a colaborar com o poder público na obra de preparação das novas gerações desde o berço a juventude, pelo amparo à maternidade e à infância os dois polos mais poderosos da atividade humana. O governo Nacional se propôs nesse sentido uma campanha que reclama o concurso de todos.”

(Getúlio Vargas, dezembro 1941)

Como destaquei anteriormente, a reprodução do discurso do presidente Getúlio Vargas em um programa de um evento da enfermagem que reuniria várias enfermeiras não tinha apenas propósito ilustrativo. Tentava-se socializar um grupo estratégico em uma concepção. Estas concepções eram também veiculadas em outros periódicos do campo da saúde, onde o propósito era o mesmo: conclamar os profissionais que atuavam junto desta clientela (mães ou candidatas a mãe e suas famílias) a colaborarem na campanha que tinha como finalidade educar e dar assistência, amparo à maternidade e à criança, concebidos pelo Estado como os *“polos mais poderosos da atividade humana”*. O que se tentava incutir, subliminarmente, eram as concepções que orientavam a política eugênica, que pretendiam a conquista de uma raça forte, saudável e produtiva, conforme demonstrado no Capítulo 1. A partir desta convocação - imposição por parte do Estado, as enfermeiras apresentavam-se, mais uma vez, como agentes desta e de muitas outras campanhas (ou cruzadas, como, por exemplo, a da Tuberculose – CNCT) e fiéis defensoras das propostas do Estado. Cada vez mais, estas profissionais cristalizavam-se nesse papel na medida em que as problemáticas eleitas pelo Estado, em especial a que se relacionava ao movimento eugênico, passaram a ocupar espaço de destaque na Revista da Associação. Contudo, cabe aqui uma ressalva: em nenhum momento de sua história, a Associação e a Revista foram subvencionadas pelo Estado.

A partir de 1944, a ANEDB passa a denominar-se Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas – ABED. Mais tarde, em 1954, modifica novamente o seu nome, passando a Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn –, a qual permanece até os dias atuais.

Em muitos momentos, a Associação assumiu a defesa pública das causas da enfermagem brasileira. Muitas foram as iniciativas em busca do reconhecimento da profissão. A regulamentação da Lei do Exercício profissional do enfermeiro, por exemplo, foi uma de suas grandes bandeiras. Entretanto, verifica-se, na prática, que as atividades privativas do enfermeiro são, ainda hoje, realizadas por outros profissionais.

Em 1932, mais uma vez buscando divulgar a profissão e também o seu reconhecimento, a Associação apoiou a idéia da enfermeira e professora Rachel Haddock Lobo de criar o primeiro periódico específico do campo, o qual denominou, *Annaes de Enfermagem*. Assim, este foi e é ainda hoje considerado o porta-voz, o veículo oficial de divulgação da produção da enfermagem brasileira, a ser analisado no próximo capítulo.

Durante várias décadas, o periódico foi a única fonte de informação cultural e de produção e veiculação de conhecimento científico da profissão redigida em língua portuguesa.

Pode-se, assim dizer, que a criação da Associação de classe na enfermagem foi um dos eventos importantes pensado e utilizado pelas enfermeiras como forma de buscar a legitimação do campo. Dentre outros investimentos, este contribuiu para dar unidade de pensamento ao grupo e impulsionar o início da trajetória da produção-criação do conhecimento do campo, tentando inseri-la, de fato, no campo científico e na modernidade.

A análise da produção presente nos AE confirma o que foi descrito por Kakehashi (1999): a Associação, em seus primeiros anos, teve como um de seus principais objetivos a realização de um trabalho de divulgação da profissão no país e a divulgação das propostas do governo nas questões referentes à saúde, como será demonstrado no capítulo das “Temáticas Obrigatórias”.

Os integrantes das diretorias da Associação, eleitos por seus pares em reuniões, eram, nos primeiros anos de sua existência, vinculados à Escola de Enfermagem Anna Nery, funcionando, desse modo, tanto como representantes dos anseios das enfermeiras que atuavam na assistência hospitalar e em postos de saúde, quanto como agentes interlocutores das necessidades relacionadas à educação de enfermeiras diplomadas junto aos centros de decisão política. Assim, elas representavam, concomitantemente, as enfermeiras diplomadas, os professores, os instrutores, os supervisores e as alunas de enfermagem, ou seja, todo o campo. A tabela a seguir mostra as sucessivas diretorias da Associação

Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras
DIRETORIAS – 1927 a 1950

CARGO	NOME	PERÍODO
Presidente	Edith de Magalhães Fraenkel (<i>1º mandato</i>)	1927
Vice-Presidente ⁽¹⁾	Zulema de Castro Amado	
1ª Secretária ⁽¹⁾	Juracy Pyrrho Pacheco da Silva	a
2ª Secretária	Herminia Nogueira	
Tesoureira	Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis	3/11/1938
Conselho Fiscal ⁽²⁾	Silvia Arcoverde de Albuquerque Maranhão Marieta de Lima Valverde Legey Durvalina Damasceno	
⁽¹⁾ Em 20/05/1938 Zaira Cintra Vidal exercia o cargo de vice-presidente e Edméia Cabral Velho o de 1ª Secretária ⁽²⁾ Em 20/05/1938 o Conselho Fiscal é substituído por: Emilia Camargo Cré, Almira Pessoa de Melo e Carmem Gonçalves		
Presidente ⁽¹⁾	Hilda Anna Krisch	
Vice-Presidente	Edméia Cabral Velho	3/11/1938
1ª Secretária ⁽²⁾	Delizeth Oliveira Cabral	
2ª Secretária ⁽³⁾	Lucilia Miranda	a
1ª Tesoureira	Maria Adelaide Witte Fernandes	
2ª Tesoureira	Carmem Graça	26/09/1941
Bibliotecária	Haydée Neves da Cunha	
⁽¹⁾ Licenciou-se de 15/09/1939 a 15/03/1940, quando Edméia Cabral Velho, vice-presidente, substituiu-a no cargo. ⁽²⁾ Substituída por Alice Araújo. Não consta a data da substituição. ⁽³⁾ Substituída por Hildegard Goebel Pires de Campos. Não consta a data da substituição.		
Presidente	Edith de Magalhães Fraenkel (<i>2º mandato</i>)	
Vice-Presidente	Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis	26/09/1941
1ª Secretária	Mirabel Smith Ferreira Jorge	
2ª Secretária	Maura de Oliveira	a
1ª Tesoureira	Herminia Nogueira	
2ª Tesoureira ⁽¹⁾	Ilda Domingues Morgado	25/09/1943
Bibliotecária	Edith de Souza	

CARGO	NOME	PERÍODO
Conselho Fiscal	Emília Camargo Cré (<i>reeleita</i>) Maria do Carmo Prado Zélia Carvalho	
⁽¹⁾ Em 1942 passou a tesoureira titular.		
Presidente Vice-Presidente 1ª Secretária ⁽¹⁾ 2ª Secretária 1ª Tesoureira 2ª Tesoureira Bibliotecária	Zaira Cintra Vidal (<i>1º mandato</i>) Mirabel Smith Ferreira Jorge Gracinda Mota Thabita Lígia de Almeida Emília Camargo Cré Guiomar Pereira Puppain Lourdes Castro	25/09/1943 a 18/09/1945
Conselho Fiscal	Safira Gomes Pereira Maria Francisca F. A. Reis Olga Mendes	
⁽¹⁾ Em 1944 foi substituída por Celina Permasseti.		
Presidente Vice-Presidente 1ª Secretária 2ª Secretária 1ª Tesoureira 2ª Tesoureira Bibliotecária Representante da Enfermagem nos Estados Representante da Enfermagem no DF	Zaira Cintra Vidal (<i>2º mandato</i>) Mirabel Smith Ferreira Jorge Safira Gomes Pereira Thabita Lígia de Almeida Emília Camargo Cré Guiomar Pereira Puppain Adalúcia Bomfim Izaura Barbosa Lima Herminia Nogueira	18/09/1945 a 18/04/1947 ⁽¹⁾
Conselho Fiscal	Zilda Ramos Maria de Castro Pamphiro Eleosina Neves	
⁽¹⁾ Em 21/03/1947 foram eleitos os seguintes novos membros:		
Vice-Presidente.....	Marina Bandeira de Oliveira, que exerceu o mandato de Presidente até 23/07/1948	
1ª Secretária	Hildegard Pires de Campos	
Conselho Fiscal	Rosaly Rodrigues Taborda Flora Silvia Vitor Rodrigues Corina Berlinck	
Conselho Deliberativo.....	Juracy Pyrrho Pacheco da Silva Maria de Castro Pamphiro Ruth Borges Teixeira Clarice Della Torre Ferrarini	
OBS.: Não consta se os membros da Diretoria anterior que não foram substituídos continuaram nos cargos, nem se os demais membros eleitos em 21/03/1947 exerceram os cargos até 23/07/1948.		

CARGO	NOME	PERÍODO
Presidente	Edith de Magalhães Fraenkel (3º mandato)	23/07/1948
Vice-Presidente	Marina Bandeira de Oliveira	a
1ª Secretária	Ana Jaguaribe da Silva Nava	
2ª Secretária	Zaira Bittencourt	
Tesoureira	Maria de Lourdes Verderese	08/12/1950 ⁽¹⁾
Conselho Fiscal	Zaira Cintra Vidal Irmã Matilde Nina Annita Miranda Carvalhaes	
Conselho Deliberativo	Juracy Pyrrho Pacheco da Silva Maria de Castro Pamphiro Ruth Borges Teixeira Clarice Della Torre Ferrarini	
⁽¹⁾ Em 02/12/1949 alguns membros foram substituídos, sendo eleitas: Vice-Presidente..... Irmã Matilde Nina 1ª Secretária Maria José de Almeida Leite Conselho Fiscal Áurea Ferreira Dias Irmã Marta Teles Juracy Pyrrho Pacheco da Silva Conselho Deliberativo..... Zaira Cintra Vidal Annita Dourado Teixeira Hildegard Pires de Campos Herminia Nogueira		
Fonte: CARVALHO, Anayde Corrêa de – <i>Associação Brasileira de Enfermagem – 1926-1976</i> . Documentário. Brasília/DF, 1976. • Recebido, por e-mail, da Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn Nacional – Brasília/DF.		

Na medida em que a Associação realizava seus eventos científicos e culturais e era a responsável pela edição do periódico que socializava o conhecimento produzido pelo campo, podia, naquela época, e pode, ainda hoje, ser considerada, segundo a proposição de Pierre Bourdieu, uma instância de socialização e consagração dos agentes e de seus produtos. Os associados, ao participarem da Associação, acreditavam ocupar um espaço privilegiado, de destaque, o que o faz um espaço consagrado. O mesmo acontecia com as enfermeiras que publicavam suas produções na Revista. Estes dois grupos, o das associadas e o das associadas-autoras, partilhavam do espaço de consagração do campo.

Sabe-se que alguns grupos ou associações científicas são investidos de poder de arbitrar sobre o conhecimento produzido, determinando sua cientificidade ou não. Processo similar aconteceu no campo da enfermagem. Ao criar uma Associação na qual apenas as

enfermeiras diplomadas pudessem participar e, do mesmo modo, criando um periódico no qual apenas as diplomadas e seus convidados podiam veicular suas produções, desqualificaram os outros saberes e as demais práticas existentes no campo, colocando as enfermeiras diplomadas como as únicas detentoras de saber, que seria gerador de poder.

Na prática, a vida da Associação confunde-se, na maior parte de sua existência, com a da publicação do seu periódico que, ao funcionar como o seu órgão de divulgação, seu porta-voz, explicita e concretiza as expectativas dos integrantes das sucessivas diretorias, os quais almejam representar as enfermeiras diplomadas que compõem o campo da enfermagem brasileira. Neste sentido, se havia o trabalho concreto realizado pela Associação, representado pelos encontros científicos que organizava, pelo periódico que editava, havia, também, um trabalho de propaganda com o objetivo de divulgar e consolidar a profissão como científica, moderna e importante no contexto de saúde do país.

Para finalizar, ficou evidente pelos dados analisados, que a Equipe Editorial dos AE acreditando no papel da Associação como a principal “instância de consagração” do campo e do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, empenhava-se para mantê-la viva e atuante. Neste sentido, uma das estratégias utilizadas pelo periódico, naquele período, foi a reprodução do “Decalogo da American Association Journal”

“Como se mata uma sociedade”

- “1) Não se concorrendo para as Assembléias;*
- 2) Devendo concorrer: faze-lo com atraso;*
- 3) Não assistindo às reuniões, si a hora não é commoda;*
- 4) No caso de ssistir, murmurar contra as autoridades e contra os demais associados;*
- 5) Não aceitando cargos: é mais facil criticar que agir;*
- 6) Sentir-se aborrecido se não se é indicado para algum cargo; e si se é eleito, não assistir às reuniões;*
- 7) Solicitados pelo presidente para dar uma opinião responder que não ha nenhuma observação a fazer. Terminada a assembléia dezer o que devia ser dito quando interpelado;*

8) *Cumprir suas obrigações apenas nos limites do estrito necessário. Mas se outro socio de bôa vontade e com todo desinteresse se presta para que a Instituição progrida, espalhar que está nas mãos de uma camarilha;*

9) *Pagar as contribuições o mais tarde possível ou simplesmente não pagá-las;*

10) *Não se incomodar em procurar novos socios porque esta é a tarefa de secretario.”*

(Revista Medica da Baía – Nº 7, julho 1937)

CAPÍTULO 4

A “ERA NOVA”:

**A revista Annaes de Enfermagem e a proposta de
cientifização e de modernização do campo da
enfermagem brasileira**

“Intelligencia, sensibilidade, cultura, amor aos estudos, dedicação ao próximo, patriotismo, abnegação, temos todas nós brasileiras. A obra está iniciada; a ella já pressurosas acorreram nossas irmãs do Norte. Em breve virão as do Sul e todas fortes, unidas, trabalharão para a consolidação da Era Nova da nossa profissão no Brasil.”

(Rachel Haddock Lobo, Nº1, maio de 1932, p. 6)

A citação que consta na folha de rosto deste capítulo, retirada do editorial do primeiro número da revista *Annaes de Enfermagem* situa, de forma muito precisa, as concepções e a proposta que orientavam as enfermeiras diplomadas, e, em especial, as que criaram este primeiro periódico para o campo da enfermagem brasileira nos anos 30.

Considerando que os homens constróem e reconstróem permanentemente seu passado, e que essa operação mantém íntimas conexões com o processo de construção de identidades (Gomes,1999) e de conformação dos campos, torna-se fundamental investigar que estratégias ou instrumentos são utilizados neste processo. No caso da enfermagem, a criação de um periódico específico, a revista *Annaes de Enfermagem*, cumpre, a meu ver, este papel. Deste modo, desvendar a contribuição ou o papel dos AE na produção da Era Nova idealizada para a enfermagem brasileira daquele período é, particularmente, o objetivo deste capítulo.

A revista *Annaes de Enfermagem* é concebida, aqui, como um documento histórico, aquele que, como destaca Mann (1975), refere-se a fatos do passado sobre os quais a única e principal fonte é documentária, na medida em que os agentes que os produziram encontram-se mortos. Neste sentido, destaca

“Os documentos históricos contribuem para estabelecer a sequência de acontecimentos e tentar entender os processos e interações que ocorreram em outros tempos.”

(Mann, 1975, p. 86)

Sob este ângulo, os documentos históricos, e, neste caso, os AE, registram fatos, idéias e práticas passados em determinado momento da história da enfermagem brasileira e cujo presente guarda uma relação causal e muito estreita com este passado. De fato, lembra Le Goff (1996) *“o que sobrevive não é apenas o conjunto daquilo que existiu no passado, mas as escolhas efetuadas”* e as aplicações destas no presente.

Le Goff (op.cit.) ressalta também que, no prefácio à obra coletiva *L’histoire et ses méthodes*, Samaran (1961,p.XII), enunciando os princípios do método histórico, chama a atenção para o fato de que *“não há história sem documentos”*. Na medida em que não são registrados em documentos os fatos, as concepções, os saberes e as práticas de um grupo, emudece-se a história, fazendo-a perder-se.

A revista *Annaes de Enfermagem* é, como propõe Le Goff (1996), um documento-monumento na medida em que as enfermeiras diplomadas tiveram a clara intenção de reedificar, ou seja, o de recriar, no Brasil, um campo de conhecimentos, sendo este constituído de um novo ideário, como será demonstrado mais adiante. Neste sentido, para Le Goff

“O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.”

(Le Goff, 1996, p. 545)

As formas de se conceber e de se apropriar dos documentos para fins de análise têm mudado, mas esta transformação ainda não está concluída, lembra Michel Foucault. Assim, sobre o atual papel da história em relação ao documento, salienta:

“Ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.”

(Foucault, 1997, p. 5)

Neste sentido, a revista *Annaes de Enfermagem* integrava um vasto e diversificado conjunto de iniciativas das enfermeiras diplomadas brasileiras, destinado a divulgar a Era Nova pensada para o campo da enfermagem brasileira. Deste modo, dando prosseguimento ao projeto de cientificação e de modernização, iniciado com a criação da primeira escola de enfermagem, em 1923, seguido pela criação da Associação de classe, em 1926, é definido como estratégia para a culminância deste projeto a publicação de um

periódico que teria como objetivo básico a recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira, que buscava ultrapassar o empirismo vigente até então, almejando a cientificidade e a modernidade. Assim, baseando-me nos discursos dos sujeitos do campo, posso afirmar que a busca de princípios científicos passou a ser, do momento da criação dos AE em diante, os pilares da produção e da prática profissional.

Entusiasta da enfermagem e, em especial da enfermagem brasileira, a enfermeira, professora e diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, Rachel Haddock Lobo¹, ultrapassando barreiras aparentemente intransponíveis, como lembram suas colegas de profissão, alia-se ao grupo que dirigia a Associação de classe e cria o primeiro periódico específico da enfermagem brasileira, espaço destinado a veicular a produção das enfermeiras diplomadas e a divulgação das propostas do Estado Novo para o campo da saúde. O periódico assumia um caráter didático na apresentação de suas problemáticas, de suas idéias, mas a postura doutrinária² atravessou-o desde seu lançamento.

Logo após o lançamento do primeiro número, a publicação sofre uma interrupção de um ano e meio devido à morte, em setembro deste mesmo ano, de Rachel Haddock Lobo. Como pode ser observado pelas publicações da imprensa destacadas abaixo, este fato entristeceu toda a sociedade e, segundo relatos contidos nos números seguintes dos Annaes, abalou toda a enfermagem brasileira e, de modo especial, as enfermeiras que trabalhavam com Haddock Lobo. Vários jornais e revistas publicaram a sua morte.

¹Rachel Haddock Lobo era filha do médico Roberto Jorge Haddock Lobo e de D. Augusta Pinto Haddock Lobo. Nasceu no Rio de Janeiro em 18 de junho de 1891. Filha e irmã de dois médicos, era quase que natural que o meio a levasse a interessar-se pelos enfermos. Entretanto, foi auxiliando a sua ex-professora, Irmã Clara, superiora da Santa Casa de Campanha, que decidiu que queria estudar para ser enfermeira. Como não havia no Brasil escola para a formação de enfermeiras, partiu para a França em 1922 e estudou na “Ecole des Infirmiéres de l’Assistance Publique”, obtendo o diploma em setembro de 1924. Em 1925, retorna ao Brasil, indo trabalhar nos serviços recém inaugurados da Fundação Gaffrée-Guinle. Convidada a assumir a direção da Escola Anna Nery por Ethel Parsons, vai primeiro aos Estados Unidos, patrocinada pela Fundação Rockefeller, a fim de se preparar. Permanece nos Estados Unidos por três anos, onde fez o curso geral de administração no Philadelphia General Hospital Training School for Nurses e vários outros cursos que a qualificaram para assumir, em 1930, a direção da Escola Anna Nery. Esta instituição passa a ser sua única preocupação. Nesta Escola, regeu a cadeira de História e Ética de Enfermagem e a de Massagem. Era membro de várias associações, tanto no Brasil como no exterior, entre as quais destacam-se: International Council of Nurses Board of Education; Associação de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras; Sociedade Nacional de Educação; Cruz Vermelha; Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; Associação Cristã Feminina; Associação Pró-Temperança. Dirige o periódico Annaes de Enfermagem até sua morte, em setembro de 1932.

² A postura doutrinária a que me refiro estava presente, no periódico, tanto na sua tentativa de inculcar, nos sujeitos do campo, valores éticos, morais, religiosos e científicos, como na tentativa de inculcar os pressupostos defendidos pelo Estado como verdades a serem adotadas e socializadas.

O FALECIMENTO, ONTEM, DESSA CONHECIDA E BONDOSA EDUCADORA

“A sociedade acaba de perder uma das suas figuras mais expressivas por sua inteligência, cultura e bondade: a Sra. Rachel Haddock Lobo.... Não há muito, a distinta senhora concedeu ao Jornal do Brasil uma entrevista sobre a Escola Anna Nery dizendo do que ali se vinha fazendo e o que se pretendia fazer. E eram palavras de otimismo, do sadio otimismo que as almas votadas à prática do bem sabem fazer.”

(Artigo publicado no “Jornal do Brasil” do dia 26 de outubro).

NOTAS DO RIO – PROFESSORA DE SOFRIMENTO

“Morreu há poucos dias uma senhora que foi exemplo de virtudes femininas. Quero referir-me a Rachel Haddock Lobo. Tratava-se de uma verdadeira professora de sofrimento. Sofrer é comum. Saber sofrer é menos frequente. Ensinar a sofrer é que é raro. Ela reuniu em sua personalidade forte os três estágios do sofrimento. Em nenhum deixou de ser grande..”

(Costa Rego, “Correio da Manhã”, 28 de Outubro)

A equipe editorial que passou a dirigir os AE após a morte de Rachel Haddock Lobo faz uma verdadeira cruzada de homenagens à sua figura. Dentre essas homenagens, destaca-se a que foi realizada pela equipe editorial no número 2 dos AE.

“Possuías verdadeiro fanatismo pela profissão e resumias toda a tua razão de ser e existir no ideal de conseguir sempre mais e melhor no terreno que trilhavas. Dentre os teus muitos sonhos dourados, conseguiste tornar realidade o aparecimento de uma revista profissional, - “Anais de Enfermagem”- fruto quase que exclusivamente de teu esforço, custou-te muita paciência e outro tanto de tenacidade e benevolência; porém, se os dissabores foram muitos, o aparecimento do primeiro número da revista pagou-te de sobra! Brilharam mais ainda teus olhos meigos rasos d’água e pudeste proferir: “É um dos dias mais felizes da minha vida!”

(Equipe editorial, Nº 2, dezembro de 1933, p. 5)

Vários outros periódicos, revistas e jornais do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil prestam-lhe homenagens, como será mostrado mais adiante.

Em dezembro de 1933, num contexto ainda marcado pela perda de sua redatora-chefe, é publicado o segundo número dos *Annaes*. A enfermeira Zaira Cintra Vidal, que ocupava o lugar de redatora-revisora junto à equipe escolhida por Rachel Haddock Lobo, passa a ocupar o lugar de redatora-chefe. O editorial deste segundo número é todo dedicado a recordar e homenagear Rachel Haddock Lobo, conforme mostrei anteriormente.

Com a publicação do segundo número, em dezembro de 1933, os *Annaes* revitalizam o campo e marcam um período de relativo entusiasmo, com uma produção significativa de enfermeiras docentes e assistenciais, de estudantes e de outros profissionais convidados. Contudo, a trajetória da Revista pode ser dividida em duas fases. A primeira compreende o período de 1932 a 1941, no qual os *Annaes* eram editados na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República. Cabe aqui ressaltar que o conhecimento produzido pelos *Annaes* de Enfermagem nesta primeira fase pode ser entendido como a produção de toda a enfermagem brasileira, mesmo sendo a mesma produto de enfermeiras da cidade do Rio de Janeiro e ligadas à Associação de classe e à Escola de Enfermagem Anna Nery. Este fato deve-se ao reduzido número de enfermeiras diplomadas brasileiras e a estas estarem concentradas na capital da República, a cidade do Rio de Janeiro.

No período de 1941 a 1945, a edição dos *Annaes* é interrompida, provavelmente, devido a II Guerra Mundial, entretanto as razões que desencadearam nesta interrupção não aparecem claramente na Revista. Há, também, no material analisado, indícios de que aconteceram discordâncias de condução de trabalho entre membros da diretoria da Associação e da equipe editorial da Revista que somado, à escassez de matéria para publicação, podem ter contribuído para a interrupção da publicação. Período este que denomino de silenciamento do discurso.

O ano de 1946 foi decisivo para a vida da Revista, pois, convencidos que estavam da importância da existência do periódico como fonte de divulgação dos produtos da enfermagem e como estratégia de legitimação da profissão, as enfermeiras diplomadas

transferem sua redação para a cidade de São Paulo e esta retomada de publicação é marcada por grandes transformações, tanto na estética quanto no conteúdo e forma de veiculação do mesmo. Portanto, a retomada da edição destaca-se por uma mudança no perfil da produção.

A segunda fase da trajetória do periódico tem início em 1946, com a transferência da edição para a cidade de São Paulo. O impacto da retomada da publicação foi sentido pelos agentes do campo. As enfermeiras continuaram a acreditar na importância da continuidade do trabalho desenvolvido pelo periódico, tanto que o editorial do primeiro número publicado após a interrupção recebeu o título de “Recomeçando” e a numeração recebida dava seqüência à anterior (a interrupção aconteceu após o lançamento do número 17 e ao retomar é publicado o número 18).

RECOMEÇANDO...

“Com este número reiniciamos a publicação dos ‘Anais de Enfermagem’ órgão oficial da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, interrompida desde 1941 com o número 18.

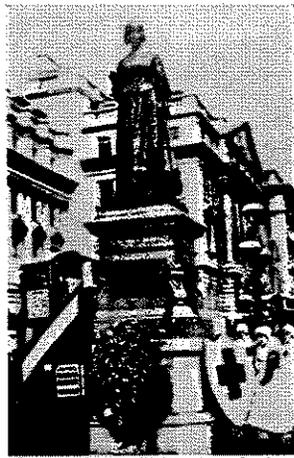
A enfermagem necessita de um órgão de publicidade não só para divulgação de informações e troca de idéias, auxiliando grupos ou indivíduos trabalhando isoladamente, sem facilidade de se comunicar com outros elementos da profissão, como para estimular o espírito de pesquisa, no intuito de melhorar as nossas técnicas, através da publicação dos resultados obtidos, dos quais advirão inestimáveis proveitos em prol do bem-estar e da saúde do nosso povo.

Sem a participação de cada um membro nas pesquisas e nos problemas que se nos deparam a cada passo, não poderá nunca a profissão representar uma força real. Pedimos, portanto, a todas, colaboração para um trabalho em conjunto, ponto essencial ao êxito que desejamos obter. O editor deseja conhecer por miúdo o que cada enfermeira diplomada está fazendo, quer esteja trabalhando no Amazonas, ou no Rio Grande do Sul, numa capital ou em pequena cidade do interior : na terra; no ar; ou no mar; em qualquer parte, enfim, onde a nossa profissão é chamada a trabalhar na campanha humanitária de conservar ou melhorar a saúde, na cura dos doentes e acidentados deste imenso País.”

(A Redação, Nº 18, janeiro/março, 1946)

Esta foi a primeira vez que a equipe editorial da Revista coloca claramente a importância da pesquisa como forma de estruturar e consolidar as “técnicas”, ou seja, o saber que, no pensamento dos agentes do campo, é o estruturador de seu específico saber.

Neste recomeço de publicação dos Annaes, as figuras ilustres do campo da saúde e da enfermagem, continuam presentes como se deu ao longo da primeira fase de publicação. Elas continuaram, neste fase, sendo atualizadas. O propósito de eternização destas figuras continuava presente. Florence Nightingale, por exemplo, aparece logo nas primeiras páginas deste primeiro número editado em São Paulo. A sua estátua está impressa no número 18 dos AE, ao lado de seu pensamento sobre a Enfermagem.



Estátua de Florence Nightingale, em Londres.

ESTÁTUA DA FLORENCE

“A Arte da Enfermagem é a mais bela das artes e, considerada como tal, requer pelo menos tão delicado aprendizado quanto a pintura ou a escultura, pois que não pode haver comparação entre o trabalho de quem se aplica à tela morta ou ao mármore frio, com o de quem se consagra ao corpo vivo. O cuidar de doentes é tarefa que sempre coube à mulher e sempre lhe deve caber.”

(Florence Nightingale, AE, Nº 18, janeiro/março, 1946)

Pode-se, deste modo, considerar a revista AE como um dos mais diretos produtos da matriz do campo de conhecimento da enfermagem brasileira, concomitantemente ao importante papel de um dos inauguradores da trajetória de produção do conhecimento científico da enfermagem brasileira.

A proposta de Rachel Haddock Lobo, de criar um periódico para o campo da enfermagem brasileira, sofreu a determinante influência de Bertha Pullen, enfermeira norte-americana que compunha a Missão Rockefeller ou Missão Parsons. Em diferentes momentos, Mrs. Pullen convocou as enfermeiras brasileiras a unirem-se em um movimento de conquista de visibilidade e reconhecimento no meio científico e social. Em sua concepção, a enfermagem brasileira, para obter êxito neste empreendimento, necessitava criar tanto uma associação de classe, como um periódico específico, no qual pudesse socializar a sua produção e fazer-se presente no meio científico e social.

“Estou certa que cada uma das nossas enfermeiras sonha com o dia em que o numero de diplomadas será suficiente para fazer um corpo de influencia no paiz. Devemos pensar em nossa Associação com uma aspiração mais profunda do que a de possuirmos uma organização que nos faça emprestimos para coisas sem importancia, ou prazeres particulares.

Effetivamente, qualquer enfermeira, que uma vez terminado o seu curso não encontrar uma organização da qual ella possa orgulhar-se, de dedicar seu trabalho e interesse profissional, terá forçosamente de degenerar. (...)

(...) O fim da organização é de elevar o padrão da profissão e trabalhar incessantemente pelo progresso da educação de enfermeiras”

(Miss Bertha L. Pullen, AE, Nº 5, 1934)

Por trás do espírito empreendedor e normatizador das enfermeiras norte - americanas, que, ao serem contratadas pela Fundação Rockefeller, deixaram os Estados Unidos para vir atuar em um país subdesenvolvido como o Brasil, encontrava-se velada uma outra missão: a de defender o ideário da Fundação Rockefeller e, também, os princípios da enfermagem nightingaleana. Para alcançar estes objetivos, inculcaram nas jovens enfermeiras brasileiras valores, concepções e modos de agir e pensar similares aos norte-americanos. Obtiveram pleno êxito em suas propostas, na medida em que o modelo de enfermagem anglo-saxão suplantou as outras formas de conhecimento e de prática de enfermagem existentes no país, impondo sua supremacia.

As enfermeiras norte-americanas empenharam-se de modo especial na tarefa de conformação de um novo ideário no campo da enfermagem brasileira. A longa permanência destas profissionais no país, por dez anos, em muito contribuiu na concretização desta tarefa. Além de reproduzirem as diretrizes do ensino norte-americano

no currículo da primeira escola de enfermagem brasileira³, foram elas determinantes tanto na criação da Associação de classe quanto na criação do primeiro periódico do campo, como destaquei anteriormente. Estes investimentos foram, também, realizados nos Estados Unidos pelas enfermeiras norte-americanas. Assim, a trajetória de inserção da enfermagem moderna ou científica na sociedade norte-americana serviu de modelo para o Brasil e também para vários outros países da América Latina.

A década de 30, segundo os historiadores brasileiros, é identificada como um período no qual se buscava a cientificação e a modernização de diversos campos e, conseqüentemente, a modernização do país. Deste modo, é provável que Rachel Haddock Lobo, envolvida neste contexto e por ter chegado, há pouco tempo dos Estados Unidos, onde viveu este mesmo clima de cientificação dos campos da saúde e da enfermagem, tenha trazido consigo esta concepção, vislumbrando, com a criação do periódico, uma recriação do campo de conhecimentos da enfermagem no Brasil.

Os Annaes de Enfermagem, cujo primeiro número circulou em maio de 1932, seria, segundo Rachel Haddock Lobo, sua idealizadora e primeira redatora-chefe, o marco inaugural da “Era Nova” da enfermagem brasileira. Sobre este fato, ressaltou

“A enfermeira moderna é a technica eficiente, cuja competencia se constitui nos estudos e conhecimento da sciencia...”

(...) a enfermeira, a verdadeira enfermeira, deve prehencher a enfermagem dos três eu do doente- o eu moral, o eu espirital e o eu physico, objectivação do ideal profissional. Neste complexo de requisitos, que só uma enfermeira instruída e altamente cultivada pode realizar, está a “Era Nova” da enfermagem, de que será o arauto esta publicação, a primeira entre nós.”

(Haddock Lobo, N° 1, Maio 1932, p. 6)

³ O currículo adotado pela primeira escola de enfermagem do Brasil, a Escola Anna Neri, denominada Escola padrão ou modelo, seguiu o modelo Standard Curriculum for Schools of Nursing elaborado pelo Comitê de Educação da National League of Nursing Education. A respeito desta temática, ver Almeida, M. C. P. de, e Rocha, J. S. Y. . O Saber de Enfermagem e sua dimensão prática. São Paulo, Cortez, 1989.

Considerada o instrumento oficial da Associação, a sua porta-voz, o seu órgão de divulgação, também apresentada como de “*propriedade da Associação da Enfermeiras Diplomadas Brasileiras*”, foi idealizada para ser publicada trimestralmente. Entretanto, problemas internos ao campo alteraram, em alguns momentos, a sua trajetória.

O nome escolhido para a revista, *Annaes de Enfermagem*, está intimamente relacionado ao movimento que acontecia na Europa, no qual rompia-se com a influência da Filosofia como o paradigma determinante dos modos de pensar e de produzir conhecimento, em favor das Ciências Sociais. Para concretizar esta nova idéia, foi lançada, em 1929, a revista *Annales d’Histoire Economique et Sociale*, sendo esta a matriz do projeto conhecido como Escola dos Annales. Neste movimento, segundo José Carlos Reis (2000), a concepção que passou a vigorar nos estudos históricos, é que o homem deixaria de ser sujeito para passar a objeto ou o produto de estudo da história. Vários periódicos que circulam neste período recebem a denominação de *Annaes*.

Um fato que chama a atenção e vale a pena ser destacado antes de seguir adiante, é que a revista era denominada *Annaes de Enfermagem*, e por enfermagem entendia-se, naquele período, um campo constituído por sujeitos de formações distintas: enfermeiras diplomadas, enfermeiras visitadoras, visitadoras de higiene, atendentes e demais sujeitos que atuavam no cuidado junto a doentes. O que se pode depreender disto é que naquele espaço, por ser um *Annaes de Enfermagem*, todos os agentes que compunham o campo pudessem ali socializar suas produções. Entretanto, ele era exclusivo das enfermeiras diplomadas, o que as colocava como as únicas detentoras de saber e de conhecimentos, desautorizando, deste modo, os demais saberes e os demais sujeitos que compunham o campo. Ou seja, estavam uma vez mais, redefinindo a abrangência do termo ENFERMAGEM.

Rachel Haddock Lobo realiza, no editorial de abertura do primeiro número da revista, uma retrospectiva da história da prática de enfermagem no mundo

“Da velha India, através todos os povos primitivos, fonte da nossa civilização, tambem desabrocharam as primeiras manifestações da enfermagem. Dos irracionaes recebemos nós os bellos exemplos do mais forte pelo mais fraco; delles ainda os actos puramente intuitivos que deram aos homens a concepção da necessidade de se ajudarem

mutuamente. Dessa concepção desenvolvida pelo espírito de observação tão peculiar aos primitivos, apreenderam elles a grandeza do auxilio mutuo – alma da enfermagem- que pelos seculos, vencendo obstaculos, baqueando por vezes, resurgiu, por fim, triumphante, dominando o universo, ampliado no espirito da “enfermeira moderna”. desde as épochas mais remotas encontramos prenuncios de enfermagem em todos os povos, se bem que manifestados sob aspectos e concepções diferentes, desde as imaginações mais estravagantes, até as mais logicas e scientificas conclusões.”

(Haddock Lobo, N° 1 maio 1932, p. 6)

Mostra em seu editorial o caráter evolucionista da prática de enfermagem, isto é, as práticas realizadas pelos agentes deste campo caminharam da irracionalidade para a racionalidade ou do empírico para o científico.

Haddock Lobo conclama as enfermeiras diplomadas brasileiras a se unirem aos princípios defendidos por Florence Nightingale, ou seja, fundar uma enfermagem que se estruture em princípios morais, éticos e científicos, construindo assim uma “Era Nova” para a enfermagem brasileira.

Ainda neste editorial Haddock Lobo atualiza a concepção sobre o papel da enfermeira nos diferentes grupos sociais e, dentre uma diversidade de funções, destaca aquela que coloca a enfermeira ao lado dos mais fracos, tentando, assim, preencher a enfermagem com as questões morais, espirituais e físicas dos doentes. Este papel é defendido por Haddock Lobo como a verdadeira “*alma da enfermagem*”. O que pode ser entendido como uma “missão civilizatória”. Para desempenhar este papel, é preciso que a enfermeira seja, também, competente e domine princípios científicos, sendo que a esses devem ser somados os atributos morais, religiosos e éticos. Pode estar aí a matriz (ou a raiz) da diversidade de papéis (ou duplicidade) que tornam dúbia a identidade desta profissional, como pode ser observado na fala de Haddock Lobo

“A enfermeira moderna é ao mesmo tempo psychologa, phylosopha e sociologa, ora procurando conhecer e comprehender seus doentes, para ensinar-lhes a supportar as adversidades e os soffrimentos pelo exemplo da sua propria mentalidade fortalecida pelo estudo do “imperio de si proprio”, ora ajudando-os em seus problemas sociaes (tanta vez causa de males phisicos) com o levar-lhes conhecimentos aprehendidos no estudo da sociologia.”

(Rachel Haddock Lobo, N° 1, Maio 1932, p. 6)

A figura de Florence Nightingale é atualizada e eternizada por Haddock Lobo em seu editorial. Considerada e frequentemente lembrada como o mito maior deste grupo social, Florence era constantemente homenageada. Haddock Lobo, por exemplo, destaca os atributos morais, religiosos, éticos e científicos idealizados por Nightingale e que devem ser inerentes a esta profissional, guiando-lhe a prática. A análise da atualização das figuras ilustres deste campo como Florence Nightingale, Anna Nery e outras será realizada no Capítulo 4.

A atualização de figuras emblemáticas ou míticas da enfermagem aparecerá, em muitos outros momentos dos Annaes, ora em forma de homenagens, ora em artigos, discursos e editoriais. O que chamou a atenção durante a análise do material empírico é que todos os agentes externos ao campo e que para ele eram convidados também exaltavam as figuras míticas da enfermagem, aquelas que, pela força da tradição ou da história que é repassada, tornaram-se figuras vivas, ou seja, constantemente presentes. Esses convidados contribuíam, da mesma forma, para a atualização dos mitos, realizando o mesmo processo feito pelos sujeitos do campo.

Um fato curioso a ser destacado é que Haddock Lobo não incluiu a figura de Anna Nery, a “Mãe dos Brasileiros” como arauto para a “Era Nova” que propunha.” Ela ocupa lugar especial, à parte, também no primeiro número dos AE. Sua figura está estampada logo na primeira página, seguida de seu esboço biográfico, escrito por Rachel Haddock Lobo, intitulado “Um Exemplo”. Ali, Haddock Lobo destaca as qualidades de heroína, de mãe, de missionária da caridade de Anna Nery. Entretanto, ao discorrer sobre a proposta Era Nova, ou seja, sobre a proposta de cientificação e modernização da enfermagem brasileira, o nome de Anna Nery não aparece. Cabe aqui lembrar que Anna Nery não tinha nenhum tipo de estudo ao oferecer-se para servir, como voluntária, durante a Guerra entre Brasil e Paraguai. Parece que foi motivada pela idéia de estar próxima de seus filhos e do marido, que atuavam junto ao exército brasileiro nesta Guerra.

O grupo de enfermeiras brasileiras que estiveram com Haddock Lobo na criação dos Annaes de Enfermagem, baseando-se nos pressupostos defendidos pelas enfermeiras norte-americanas, concluíram que a criação de um periódico específico seria fundamental para a divulgação da profissão, para a socialização de seus produtos, para a

divulgação das propostas higiênicas e eugênicas do Estado e para o intercâmbio entre os sujeitos do campo. Fatores estes imprescindíveis na tarefa de inserir a enfermagem brasileira no contexto nacional e internacional, conferindo visibilidade à profissão e projetando-a nos meios científico, acadêmico e social. Estariam, por fim, projetando a enfermagem na modernidade, elevando o status social dos profissionais do campo e incluindo este campo em um projeto mais amplo de uma nova racionalidade pensada pelo Estado para o país, como destacam Herschmann e Pereira, e já analisada no Capítulo 1.

“A palavra de ordem é sintonizar-se com a Europa, ou melhor, civilizar-se o mais rápido possível, de modo que o país pudesse, o quanto antes, competir no mercado internacional. Assistimos, à procura de inovações no campo da ciência aplicada. A ciência técnica passava a ser considerada ‘crucial’ para o ‘destino da nação’.”

(Herschmann e Pereira, 1994, p. 26)

A criação da revista *Annaes de Enfermagem* foi um dos investimentos mais significativos do campo a comprovar a preocupação das enfermeiras em estar sintonizadas com as questões propostas pelo Estado brasileiro para aquele momento. A revista funcionou, deste modo, tanto como um espelho das propostas de política de saúde do Estado para o país, quanto da própria enfermagem brasileira da época.

A revista, que era uma publicação trimestral, contou com uma equipe editorial composta de Redatora-Chefe: Rachel Haddock Lobo; Secretaria: Celia Peixoto Alves; Redatora-Revisora: Zaira Cintra Vidal; Tesoureira: Edméa Cabral Velho. Possuía um grupo de Colaboradoras Permanentes e outro denominado apenas de Colaboradoras (o grupo formado pelas colaboradoras não era constante, havendo alterações das representações com frequência). O grupo das Colaboradoras Permanentes era dividido de acordo com o setor da Revista que estava sob a sua responsabilidade. Por exemplo, consta da Revista de número 1, a seguinte equipe:

Parte de Enfermagem Prática e Científica	<i>Rosaly Taborda</i>
Parte Literária	<i>Marina Bandeira de Oliveira</i>
Parte de Livros	<i>Edith de Souza</i>
Crítica Humorística	<i>Célia Peixoto Alves</i>
Página de Estudante	<i>Zaira Cintra Vidal</i>
Tradutora - Noticiário - Seção Estrangeira	<i>Zulema Amado</i>

Cada uma destas Colaboradoras Permanentes era responsável pela edição da matéria a ser veiculada na seção sob a sua responsabilidade. Tanto poderia ser escrito por ela como por um convidado seu.

A presença de uma Colaboradora Permanente que atuava como Tradutora ou responsável pela Seção Estrangeira deve-se ao fato de que, com relativa frequência, a Revista publicava, após sua tradução, matéria extraída dos periódicos *The American Journal of Nursing* e *The Modern Hospital*, dentre outros.

Com a morte de Rachel Haddock Lobo, a Redatora-Revisora, Zaira Cintra Vidal, passou a Redatora-Chefe e os demais membros permaneceram os mesmos, como no primeiro número. Esta equipe manteve-se à frente da publicação até o ano de 1938. Adiante, apresento a Tabela que mostra a sucessão cronológica das equipes editoriais dos *Annaes de Enfermagem*.

O periódico contava, em média, com 40 páginas e dividia-se em várias seções, contudo, a identificação clara e sistemática dessas seções não era rotineira. Para exemplificar pode-se dizer que os Editoriais na maioria das publicações, não era identificado como editorial. As Seções que possuíam uma certa regularidade e uma clara identificação eram as seções de discursos e conferências; de homenageados; seção literária; página de estudante; seção social e de crítica humorística. Artigos de cunho técnico-científico e artigos de cunho histórico apareciam dispersos por várias Seções. Estas seções não obedeciam a uma regularidade, podendo não ser publicada em um determinado número em detrimento da publicação de uma outra matéria que a comissão editorial julgasse prioritária, tornando a aparecer em um outro número, mais tarde.

EQUIPE EDITORIAL

EQUIPE	CARGO	Nº	PERÍODO	LOCAL
Rachel Haddock. Lobo Celia Peixoto Alves Zaira Cintra Vidal Edmeia Cabral Velho	Redatora-Chefe Secretária Radatora-Revisora Tesoureira	1	1932	RJ
Zaira Cintra Vidal Celia Peixoto Alves Edmea Cabral Velho	Redatora-Chefe Secretária Tesoureira	2 ao 14	1934 a 1938	RJ
Alayde Borges Carneiro Firmina Sant'Ana Edmeia Cabral Velho	Redatora-Chefe Secretária Tesoureira	15 16 17	1938 a 1941	RJ
Edith de Magalhães Fraenkel Marina Bandeira de Oliveira Safira Gomes Pereira	Redatora-Chefe Secretária Tesoureira	18 19 20	1946	SP
Edith de Magalhães Fraenkel Glete de Alcantara Hermínia Nogueira	Redatora-Chefe Secretária Tesoureira	1, 2, 3 e 4	1947	SP
Zaira Cintra Vidal Marina Bandeira de Oliveira Hildegard Pires de Campos Emília Camargo Cré	Presidente Vice-Presidente Secretária Tesoureira	2	1948	SP
Edith de Magalhães Fraenkel Marina Bandeira de Oliveira Ana Jaguaribe Nava Zaira Bittencourt Maria de Lourdes Verderese	Presidente Vice-Presidente 1ª Secretária 2ª Secretária Tesoureira	1,2,3,4	1949	SP
Edith de Magalhães Fraenkel Marina Bandeira de Oliveira Ana Jaguaribe Nava Zaira Bittencourt Maria de Lourdes Verderese	Presidente Vice-Presidente 1ª Secretária 2ª Secretária Tesoureira	1,2,3,4	1950	SP

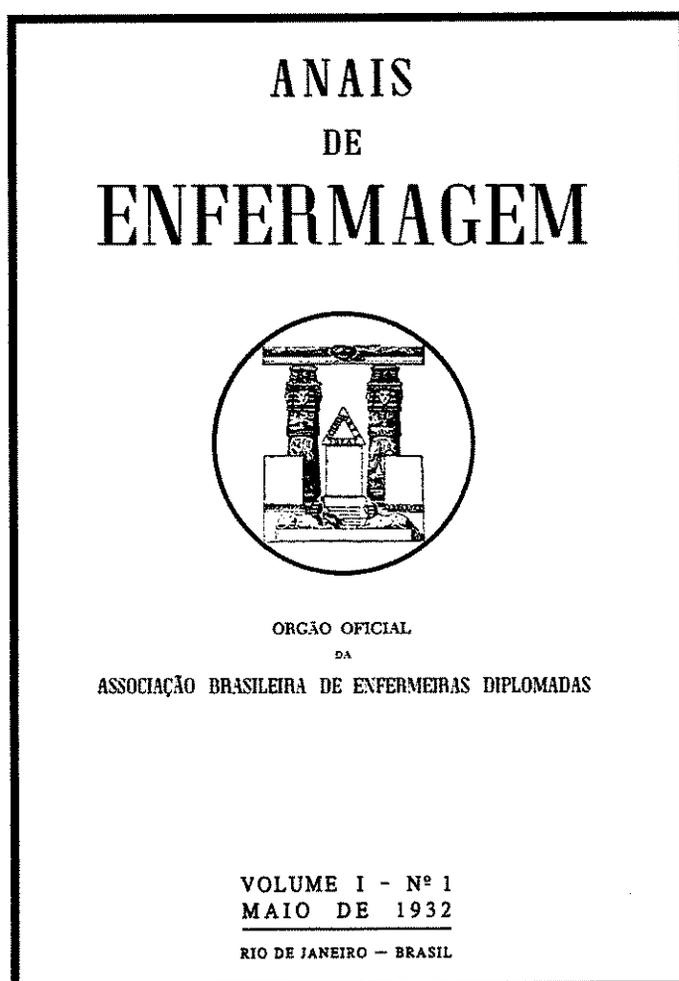
Inicialmente, os Annaes eram distribuídos gratuitamente a todos os agentes que compunham o campo da enfermagem naquele período, às instituições de saúde, Escola de Enfermagem e anunciantes. Os recursos para a sua publicação inicial foram oriundos da Associação de classe e dos pagos pelos anunciantes.

Era comum as enfermeiras, ao publicarem um novo número, solicitar permutas com outras revistas e periódicos, utilizando a própria revista para divulgar tal solicitação.

A partir da publicação do terceiro número, mesmo continuando a dispor de recursos originados pelos anunciantes e pela Associação, a Revista passa a ser distribuída ou vendida mediante assinatura anual. Mesmo adotando este critério, o número de assinantes era bastante representativo, o que leva à conclusão de ser esse periódico reconhecido e legitimado pelos sujeitos do campo, concebido, desta forma como um espaço de socialização e de consagração do campo, na medida em que, como propõe Bourdieu (1974), os espaços ou os lugares, reconhecidos, respeitados e valorizados pelos sujeitos, conferirão legitimidade e farão parte da cultura consagrada deste campo. Como o único periódico do campo, os AE eram lidos e manuseados pelas enfermeiras diplomadas, numa atitude de respeito e devotamento. O grupo das enfermeiras que mais diretamente estavam em contato com o periódico (a equipe editorial e as autoras), sentia-se ainda, mais partícipe desse espaço considerado privilegiado. Assim, os Annaes eram tidos como espaços simbólicos de poder e de consagração, aqueles nos quais os agentes ao socializarem seus produtos, passam a ser reconhecidos e legitimados, fato que lhes confere autoridade (Bourdieu, 1974). Como espaços de consagração podem ser pensadas as academias, salões, teatros, associações culturais. Estes espaços funcionam, conseqüentemente, como espaços simbólicos de poder.

Sob este ângulo, as enfermeiras diplomadas, ao partilharem os espaços consagrados do campo, representados pela Associação e pela Revista, adquiriam e passavam a compartilhar do mesmo *habitus*, passando a deter um poder simbólico em relação aos demais sujeitos do campo.

A primeira capa da revista *Annaes de Enfermagem* é reveladora do novo paradigma que se tentava adotar no Brasil e também no campo da enfermagem brasileira. Logo abaixo do título da revista, aparecem duas grandes colunas e várias divindades da mitologia egípcia: “Hathor”, divindade egípcia, cujo nome significa deusa da fecundidade – a força semeadora, germinadora e construtora do mundo sob os seus mais belos aspectos de realização, abundância e felicidade; “Nuit, que também está presente, representa a “deusa do Céu”, e aparece em forma de um animal coberto de estrelas, levando nas costas a ‘barca do sol’. E, por fim, estão também representados “Rá”, deus do Sol e “Thot”, que corresponde ao Hermes dos gregos, ao Mercúrio dos romanos. Este último era o grande Mago, o sábio e o médico, a ciência e o ensino da medicina apresentada com cabeça de ‘ibis’, o pássaro sagrado, era o propulsor das ciências, o impulsionador do progresso e da prosperidade.



A simbolização da capa da Revista para o campo é analisada pela equipe editorial e, também, pelas estudantes de enfermagem. No editorial do número 4, por exemplo, a estudante Lycia Ribeiro Lopes, destaca

“Compreendemos perfeitamente toda a imensa beleza que na arte egípcia encontraram as fundadoras e diretoras desta revista, a ponto de tomarem como tema da capa dos ‘Annaes de Enfermagem’ a linda e impressionante mitologia daquele povo, berço da civilização, rica em divindades e pródiga de encantadora filosofia.”

(Ribeiro Lopes, Nº 4, 1934. p. 3)

Os editoriais de abertura eram escritos por enfermeiras, em especial por suas redatoras-chefes e, em casos especiais, como aconteceu na revista de número 4, descrito anteriormente, por estudante de enfermagem. Nestes editoriais resgatavam-se as figuras emblemáticas do campo, apresentava-se o papel desta profissional junto à sociedade, inculcavam-se valores éticos e morais que se julgavam inerentes a esta profissional e divulgavam-se as idéias de cunho nacionalista reinantes no período.

Os editoriais e artigos de um impresso ou periódico são portadores de elementos ideológicos predominantes no período analisado, lembra Baêta Neves (1979). Neste sentido, as problemáticas eleitas pela equipe editorial dos Annaes de Enfermagem tiveram um claro propósito, o de recriar, no campo da enfermagem brasileira, um campo científico, este já existente em outros países. Isto contribuiria tanto para dar visibilidade e reconhecimento à profissão quanto para difundir as idéias predominantes no período analisado, em especial as propostas do governo para o campo da saúde. Refletirei de modo mais aprofundado sobre esta questão ao analisar as problemáticas obrigatórias no próximo capítulo.

Logo após os editoriais, encontrava-se nos primeiros números do periódico, uma Seção destinada às homenagens feitas a figuras de destaque do campo da enfermagem e do campo da saúde. A lógica da escolha da figura a ser homenageada era presidida por um critério básico; deveria a mesma ser destaque no campo da enfermagem do Brasil ou de outro país ou ser destaque no campo da saúde.

Estas figuras eram atualizadas e eternizadas pelo campo, através das homenagens na medida em que conferiam grande valor ao mesmo. Assim, o local das homenagens era destinado à exaltação dos mitos e vultos ilustres que eram constantemente atualizadas pelo campo. Dentre as figuras internas ao campo homenageadas o maior número de vezes, em toda a história do periódico, foram Anna Nery concebida como a “Mãe dos Brasileiros” e Florence Nightingale, a “Dama da Lâmpada”.

A Seção “Homenagem” ou “Perfis” não possuía regularidade. Apareceu com maior frequência nos primeiros números do periódico, quando o intuito era o de divulgar a profissão e conferir-lhe projeção e reconhecimento no campo científico e social. Assim, não é casual que as editoriais, de modo especial aquelas dos primeiros números da revista, escolhessem para homenagear os nomes dos médicos sanitaristas e cientistas Carlos Chagas, Oswaldo Cruz, Leitão da Cunha e Belisário Penna (o “apóstolo do Saneamento Rural”). Dentre esses, Carlos Chagas é constantemente lembrado pelos agentes do campo como o idealizador e contínuo incentivador da enfermagem científica do Brasil sendo por isto intitulado “Pai da Enfermagem Brasileira”. Pelo seu empenho junto as campanhas de combate às epidemias de doenças que assolavam o país foi, também, homenageado como “Pai das Cruzadas. O nome do Dr. Affonso Penna Júnior, político e estadista que muito contribuiu para a inserção da enfermagem nightingaleana no Brasil foi também muito lembrado. As figuras das enfermeiras Rachel Haddock Lobo, idealizadora e primeira redatora-chefe dos Annaes de Enfermagem, de Miss Clara Louise Kienenger, primeira diretora da Escola Anna Nery, de Mrs. Ethel Parsons, coordenadora da Missão Técnica de Enfermagem ou Missão Rockefeller e de Lais Netto dos Reys, Diretora da Escola Carlos Chagas (MG) e da Escola Ana Neri (RJ), estiveram presentes, como homenageadas, em várias cerimônias e em diferentes seções do periódico. Figuras de destaque da enfermagem norte - americana também foram homenageadas pelo periódico, como Edith Cavell, Lilian Clayton, Ella Hasenjaeger e Miss Goodrich.

A Fundação Rockefeller como a instituição que concretizou a vinda da enfermagem moderna ou científica para o Brasil e, seu patrono, John Davidson Rockefeller, aparecem logo no primeiro número dos Annaes de Enfermagem. John Davidson Rockefeller é concebido como o verdadeiro representante do maior “movimento de solidariedade humana”, a Fundação Rockefeller.

Todas estas figuras são, unanimamente, reconhecidas e consagradas no campo da saúde e da enfermagem, o que faz com que sua presença eleve o status da Revista. Nesta seção “Perfis ou Homenagens” são realçadas as suas realizações e as suas qualidades morais e, em alguns casos, são publicadas as suas fotos. Esta estratégia é fundamental para eternizar e atualizar na memória dos agentes do campo, a figura homenageada, que servirá de exemplo às enfermeiras. Um outro ponto a ser destacado em relação às figuras homenageadas pelo periódico, é que a sua escolha permite, mesmo que parcialmente, a identificação das questões relevantes do período, ou seja, o homenageado não representa apenas um currículo ilustre, ele é a clara representação de um conjunto de problemáticas que se impõem ao campo. Assim, ao eleger um determinado homenageado, as enfermeiras estavam elegendo, concomitantemente, a problemática predominante do período. Com isto quero dizer que ao eleger, por exemplo, Carlos Chagas e Oswaldo Cruz como homenageados, a equipe editorial estava elegendo, de forma subliminar, a problemática Saúde Pública como central para aquele período. Deste modo o homenageado traz em sua trajetória a problemática, na medida em que com ela forma uma simbiose.

As homenagens e as atualizações de figuras emblemáticas do campo da enfermagem como Florence Nightingale e Ana Neri continuaram presentes em diversos números dos AE, principalmente na fase em que os AE foram editados no Rio de Janeiro quando o propósito central da Revista era divulgar a profissão. No período em que passou a ser editado em São Paulo, as homenagens a esses vultos do campo continuaram, entretanto com menor frequência. Os espaços onde eram feitas as homenagens variava muito e além da Seção específica existente nos primeiros números, elas aparecem dispersas, ou melhor, transitam por várias outras seções do periódico e não reunidas em uma só seção.

A revista *Annaes de Enfermagem* tanto atuava como um espaço científico para a apresentação ou revisão de técnicas, atualizações ou revisões sobre matéria médica, análise de temas científicos que emergiam no campo da saúde e no cotidiano da prática profissional (por exemplo estudos de casos clínicos), como também havia seções que funcionavam como espaço social e cultural.

Os temas ou artigos de cunho técnico-científico não ocupavam uma seção exclusiva, podendo ser escritos tanto por enfermeiras diplomadas como por seus convidados. O primeiro artigo de cunho técnico-científico, publicado na Revista de número 1, por exemplo, intitulado, “*O Papel da Instrumentadora no Team Operatório*”, foi escrito por um médico de renome, Dr. Brandão Filho. Esta mesma conduta acontece em muitos outros momentos, fato que mostra que, ao ser apresentado um tema de cunho técnico-científico, ou considerações acerca de patologias, a equipe editorial dos AE buscavam ancorar-se no conhecimento dos profissionais médicos. Esta prática da equipe editorial pôde ser também comprovada na Seção “Aula de Enfermagem” (AE nº 19 e nº 20 de 1946), criada na segunda fase da Revista, quando a mesma era editada em São Paulo. A referida Seção tratava de assuntos relacionados à prática hospitalar e era organizada pelo corpo docente do Curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem de São Paulo e, em seguida, revisada por médicos especialistas.



Miss Clara Louise Kienenger
Fonte:
AE-Nº1-Maio-1932



Carlos Chagas
Fonte:
AE-Nº1-Maio-1932

Figuras Homenageadas Pela Revista Annaes de Enfermagem



Ethel Parsons
Fonte:
AE-Nº1-Maio-1932



Dr Affonso Penna Junior
Fonte:
AE-Nº1-Maio-1932

..... Ou seja, para conferir autenticidade, veracidade e legitimidade ao tema apresentado na Seção, a equipe editorial recorria ao conhecimento médico, dando a esse profissional o papel de revisor do conhecimento produzido pelas enfermeiras. Esta conduta legitima o papel do médico como o único detentor do saber no campo da saúde e instaura a cultura da submissão do saber de enfermagem em relação ao saber médico.

Vale a pena ressaltar que, nos primeiros números da Revista, tanto as enfermeiras diplomadas como os seus convidados não eram identificados de acordo com a sua qualificação profissional. Em suas produções constam, apenas os seus nomes, precedidos, em alguns casos, pelas abreviações Enf. (de enfermeira); Dr. (de doutor) e Prof. (de professor). A identificação profissional dos autores que escreviam nos Annaes passa a acontecer em 1946, quando os mesmos começaram a ser editados em São Paulo.

Um dos aspectos interessantes e que confirma mais uma estratégia utilizada pelo Conselho editorial dos Annaes para cientificizar e legitimar o campo é o convite que se fazia a profissionais e especialistas ilustres, não pertencentes diretamente ao campo, e que para ele eram chamados para proferirem discursos, conferências, palestras ou mesmo escreverem artigos para o periódico. Representados, na sua maioria, por profissionais de expressivo reconhecimento nacional (médicos, sanitaristas, jornalistas, etc.). Estes especialistas eram chamados a opinar tanto sobre temáticas de cunho técnico-científico como sobre aspectos éticos e morais que envolvem a profissão de enfermeira e outras do campo da saúde.

Discursos, conferências e palestras eram proferidos por diretoras de Escolas, enfermeiras chefes, médicos convidados para cerimônias de formaturas, inaugurações, dentre outros. Suas explicações eram publicadas na íntegra pelos Annaes. Não de forma regular, mas, mesmo que em números esporádicos, estes discursos, conferências ou palestras exerciam um importante papel na medida em que em seus textos era comum a reverência às figuras emblemáticas do campo, o que contribuía para sua atualização. Interessante notar que todos os convidados ao discursarem em cerimônias da enfermagem pareciam ter o dever de destacar tanto as figuras de destaque do campo como os atributos concebidos como inerentes à uma boa enfermeira. Assim, em mais um momento, tentava-se manter vivas nas memórias das enfermeiras as personalidades ilustres

do campo. Esses discursos serviam, sob esse aspecto, para homenagear, para apresentar alguma temática que ocupava a centralidade no campo ou para atualizar valores ou atributos científicos, éticos, morais e religiosos apregoados pelo modelo de enfermagem científica e concebidos como inerentes a esses profissionais.

DISCURSOS , CONFERÊNCIAS e PALESTRAS

AUTOR	TEMÁTICA	Nº	MÊS ANO	LOCAL
Zaira Cintra Vidal	Palestra: Como Podem as Chefes de Enfermagem cooperar para auxiliar as Instrutoras	1	Mai 1932	RJ
Zulema de Castro Amado	Palestra: Enfermagem Escolar	1	Mai 1932	RJ
Celia Peixoto Alves	Discurso: Necessidades Previas das Alunas ao entrarem no Serviço de Prática	1	Mai 1932	RJ
Dr Luis Capriglione	Discurso: Formatura turma de 1931. Atualiza-se Florence e Ana Nery. Exalta a profissão como o elo de união entre família, escola e o médico.	1	Mai 1932	RJ
Dr. Gastão de Figueiredo	Palestra: Fins e Organização de Associações Privadas de Proteção à Infância	2	Dez 1933	RJ
Dr. Antonio Cunha	Discurso: Formatura da Turma de 1932. Atualiza Ana Neri e Oswaldo Cruz. Exalta o idealismo, espírito de sacrificio, abnegação e a dádiva guias da enfa.. Compara a figura da enfa. com Jesus.	2	Dez 1933	RJ
Dr. Plinio Olinto	Discurso: Formatura de Enfs psiquiátricos - dezembro 1934. Atualiza Florence, e Ana Neri, Enfa Heloisa Leal e Enfa Maria Conceição. Papel do enfa diante do doente mental.	7	Mai 1935	RJ
Dr. J. J. Vieira Filho (Instrutor de Eugenia)	Palestra: Alcoolismo Elegante (na Sociedade Científica de Estudos Supermentalista Tattwua Nirmanakaia e reproduzida nos AE.	13 e 14	Jun-Set 1938	RJ

AUTOR	TEMÁTICA	Nº	MÊS ANO	LOCAL
Dr. Alair Antunes	Discurso: Formatura – Turma de 1938. Atualiza Carlos Chagas, Placido Barbosa, Dr. J. P. Fontenelle, Dr. J. B. Barreto e Miss Bertha L. Pullen . Destaca o papel das enfª na educação sanitária.	15	Dez 1938	RJ
Revmo. Conego Roque Viggiano (Capelão do Hospital das Clínicas)	Discurso: Seção inaugural do 1º Congresso Nacional de Enfermagem . Destaca a profissão como sacerdócio	22	Jan-Mar 1947	SP
Prof. Dr. Benedito Montenegro Reitor da Universidade de São Paulo	Discurso: Seção inaugural do 1º Congresso Nacional de Enfermagem . Historiciza o cuidar na enfermagem e os progressos feito pela profissão.	22	Jan-Mar 1947	SP
Dna. Edith Fraenkel – Diretora da EE e presidente da ABED	Discurso: Seção inaugural do 1º Congresso Nacional de Enfermagem . Ressalta a importância de aumentar o nº de profissionais mas que sejam estes formados em cursos de qualidade.	22	Jan-Mar 1947	SP
M. G. Candau – presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e superintendente do SESP	Palestra: instalação do 2º Congrso Nacional de Enfermagem . Discorre sobre necessidade rever legislação sobre ensino de enfermagem, distinguindo-a das demais profissões.	Vol I / 4	Out 1948	SP
Enfermeira Clara Curtis – Chefe da Divisão de Enfermagem do SESP	Palestra: A enfermagem e o progresso Social do Brasil – realiada no Instituto Brasil-Estados Unidos.	Vol II / 1	Jan 1949	SP
Dr. Alvino de Paula – Ex-diretor do Departamento de Saúde do Estado de MG	Palestra : A Assistência Sanitária no Brasil e a Enfª nos Serviços de Saúde. Explana o quadro de saúde do país e classifica as profissionais do campo: enfª sanitária; enfª visitadora; enfª escolar; enfª hospitalar, nutricionista ou dietista.	Vol. II / 4	Out 1949	SP
Dra. Bussamara Neme – Livre Docente de Clínica Obstétrica e Puericultura Neo-Natal da Fac. Med. USP	Palestra: Cuidados p/ que as grávidas tenham filhos sadios. Discorre sobre a importância do pré-natal.	Vol. III / 1	Jan 1950	SP
Dr. Ricardo Veronesi – Médico da 1ª Clínica Médica do Hosp. das Clínicas	Conferência: Tétano . Realizada por ocasião da reunião mensal da ABED – distrito 2 em São Paulo.	Vol. III / 4	Out 1950	SP

A “Seção Literária”, ou “Parte Literária” era uma das mais ecléticas das seções da Revista. Alterou seu nome diversas vezes. Ora era identificada como Seção, ora por Parte ora por Página. As enfermeiras e seus convidados apresentavam ali temas diversos, e dentre estes, destacaram-se as homenagens a figuras ilustres do campo da saúde e da enfermagem e aos heróis do país. Também era o local onde se realizava reflexões acerca das propostas de educação higiênicas e eugênicas, em especial aquelas que visavam a saúde da mulher e da criança, concebidas pelo Estado como prioritárias. Nos primeiros números, por exemplo, os temas eleitos exaltavam o importante papel da mulher na sociedade. Foi um período em que, num âmbito maior, de país, as mulheres brasileiras lutavam por espaço e por reconhecimento. As raízes do movimento feminista datam deste período. É ressaltada no primeiro número da Revista, nessa Seção a figura de Barbara Heliodora, considerada a precursora do feminismo no Brasil.

O combate aos “desvios” como o desemprego e o alcoolismo que, segundo os eugenistas, atravancavam o progresso do país, aparecem, seguidamente, em duas destas Seções: na correspondente ao número 5, é apresentado o tema “O Alcool e seus efeitos” e, na de número 6, analisa-se o tema “Trabalho”.

Na proposta de educação higiênica do Estado, o combate às epidemias, ao alcoolismo, ao desemprego e à miséria constava como uma das principais metas, sendo apresentada a figura da mulher como central e fundamental na concretização da mesma, como lembra a equipe editorial na Seção Literária

“A infância é o futuro: da infância advirá a superioridade ou a inferioridade de uma raça ou de uma nação. É a mãe que nutre, ampara e aconselha o filho. À mulher pois cabe a ação preponderante na luta anti-alcoolica.”

(AE, N° 5, outubro, 1934)

Sobre a temática “Trabalho”, a enfermeira Adelina Z. da Fonseca, também na Seção Literária, faz a seguinte observação

“Combatamos a miséria. Providenciando ocupação para o pobre, muitos males sociais serão extintos; desta maneira, serão aliviados os trabalhos da Polícia e descongestionadas as prisões. O trabalho tudo vence. Um pouco de trabalho e um pouco de lazer, torna a vida doce como mel. A luta pela vida é necessária para o crescimento. O carater é construído pelas lutas e tempestades, as

responsabilidades e o trabalho completam o crescimento do homem; são a essência da vida. A vida vale mais que seu mecanismo; é o poder que pode desenvolver-se e restaurar-se, é a oposição da inércia; portanto, trabalhar para viver, e viver para crescer – eis a presente vida.”

(Fonseca, AE, N° 6, janeiro 1935, p. 20)

A estratégia de trazer para o campo, na Seção Literária, a figura de heróis nacionais tinha como finalidade destacar seus atributos morais e colocá-los como exemplos a serem reverenciados pelas enfermeiras. No primeiro número (AE, nº 1, maio de 1932), por exemplo, os homenageados chamados para o campo foram Tiradentes e Barbara Heliodora. A enfermeira Marina Bandeira de Oliveira, responsável pela Seção, faz uma análise comparativa entre Tiradentes e Barbara. Ressalta que Tiradentes foi transformado em herói da Inconfidência Mineira, mas que Barbara Heliodora, elevada ao papel de precursora do feminismo no Brasil pela Revista, teve um papel semelhante ou superior a Tiradentes durante a Inconfidência, merecendo ocupar, também, um lugar de destaque no movimento.

Divulgavam-se também nessa Seção textos analíticos sobre teorias ou modelos orientadores de pensamento (por exemplo, o surgimento do racionalismo), sobre o papel da mulher na sociedade, denominado pela equipe editorial de arte feminina, sobre a história das civilizações e outros. Com base nos discursos, pode-se concluir que, de forma subliminar, estava embutida no objetivo da Seção a intenção de incutir, de inculcar valores altruístas nas leitoras da revista, em especial por serem estas mulheres e enfermeiras.

Também era um espaço para marcar o pensamento religioso que orientava o campo. O tema Natal, por exemplo, era destaque na Seção em todos os meses de dezembro. Sempre, porém seguindo o mesmo fio condutor, de exaltação e atualização de atributos morais como bondade, fé, caridade, amor, principalmente aos pobres e doentes.

A Seção também se preocupava em transmitir conteúdos de caráter formativo aos sujeitos do campo. Exemplo é o artigo “Da Língua Portuguesa à Literatura Brasileira”.

A Seção deixa de ser publicada quando o periódico passa a ser editado em São Paulo. A última edição dessa seção acontece no número 17. Contudo, reflexões semelhantes continuaram a estar presentes em de forma dispersa pelos números posteriores da Revista.

TABELA SEÇÃO LITERÁRIA

TÍTULO	AUTOR	Nº	MÊS/ANO
A Precursora do Feminismo no Brasil	Marina Bandeira de Oliveira	1	Maio 1932
Duas Palavras sobre a Arte Feminina Aplicada	Maria Eugenia Celso	3	Abril 1934
Papel da Mulher na Sociedade Moderna	Noemy Alcantara	4	Julho 1934
O Alcool e seus Efeitos	Francisca Pereira	5	Outubro 1934
O Trabalho	Adelina Z. da Fonseca	6	Janeiro 1935
Dois Sonetos: "Heliotherapia" e "A Um Lázaro" O Menor Soneto do Mundo	Renato Travassos	8	Novembro 1936
Da Língua Portuguesa a Literatura Brasileira	Sylvio Julio	8	Novembro 1936
Considerações sobre Esoterismo	Dr. Edgard Bernardes	15	Dezembro 1938
Natal – Poesia	Josephina de Oliveira	15	Dezembro 1938
Credo	Ruy Barboza	17	1940

Uma outra Seção da Revista era a de “Bibliographia Recomendada”, que vinha com o subtítulo “Algumas considerações sobre livros científicos”. Nesta, procedia-se à análise de livros recém lançados no Brasil e eram feitas considerações sobre determinados livros que as enfermeiras denominavam “Livros Científicos”. Além de pontuar a importância do livro, realizavam um breve resumo do mesmo, tecendo alguns comentários e destacando o seu valor para a atualização dos profissionais do campo. O primeiro destes livros a ser indicado e comentado foi “Educação Sanitaria”, considerado “*um verdadeiro poema de protecção à criança*”. Escrito por um grupo de profissionais de saúde e organizado pelo médico Oscar Clarck, inspetor e chefe da Instrução Publica, nele é destacado o papel da enfermeira escolar como educadora social de Hygiene Publica.

“Ser boa enfermeira é saber impregnar toda a actividade humana de um tal ‘cachet’ feminino que ninguém poderá jamais saber onde há maior delicadeza; se nos actos manuaes, nas acções do coração, ou nas decisões da intelligencia.”

(Dr. Oscar Clarck, AE, N° 1, maio 1932, p. 162)

As referências e indicações de livros científicos do campo da saúde como por exemplo, “O Problema da Alimentação no Brasil” do Dr. Josué de Castro, “Manual Clínico e Terapêutico” de A. Ferrari, “Tratado de Histologia e Microscopia” de Szymowicz-Krause, apareciam, na mesma seção, ao lado de indicações de livros sobre temáticas que exaltavam valores morais como “O Caminho da Felicidade” de Dr. Victor Pauchet , “A Esposa Perfeita” de Thomas Van de Velde , “Conduta – Lições de ética” de Renato Kehl e “Educação Sexual pelo rádio” de Dr. J. de Albuquerque.

A bibliografia recomendada era diversificada mas, pode-se ali estabelecer um certo fio condutor, ou seja, nos primeiros números veiculados da Revista as indicações bibliográficas giravam em torno das questões que estavam sendo debatidas a nível de Brasil, como assistência à mulher e à criança, a pobreza, o combate às doenças epidêmicas (tuberculose e lepra), as propostas eugênicas, dentre outras.

A seção ressalta a publicação, em 1933, do primeiro livro escrito por uma enfermeira brasileira “Livro de Técnica de Enfermagem” de Zaira Cintra Vidal, instrutora técnica de Enfermagem com curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos. Em 1934 essa mesma autora escreve “Drogas e Soluções” e, em 1938, o seu mais recente “Tecnica de Ataduras”. Sobre essa última publicação de Vidal a equipe editorial destaca

“É um perfeito trabalho literário na arte técnica de Enfermagem para o qual a autora o enriquece com o seu saber afim de proporcionar aos interessados meios de tornar-se fácil e compreensível a aprendizagem (...)

(...) Este é o livro, enfim, há muito reclamado por aqueles que necessitam aprender a enfermagem científica com relação a ataduras, pois, neste gênero e em português, é o primeiro que se encontra a venda...”

(AE, Nº 11, dezembro 1937, p. 39)

Esta Seção passou, a partir de 1946, em São Paulo, a ser denominada “Análise de Livros” e dois pontos destacaram-se nesta fase do periódico no que se refere a essa seção: Indicações de livros com temáticas relacionadas a conduta e atributos morais deixaram de constar na seção e a grande maioria são indicações de livros científicos.

Em 1948 ocupa lugar de destaque nesta seção uma literatura norte - americana indicada, inicialmente, pelo periódico The American Journal of Nursing (AJN). Neste mesmo ano têm início a circulação, no Brasil, de livros escritos por enfermeiras norte-americanas, referenciados, também anteriormente, pelo AJN. Dentre eles destacam-se “A Arte da Enfermagem Psiquiátrica” de M. Olga Weiss, que analisa a inserção cada vez maior da enfermagem psiquiátrica nos currículos das Escolas de Enfermagem; “Normas Parlamentares da Enfermagem” de Mrs. H. Harvey Thomas, que reflete sobre o conhecimento das enfermeiras sobre direitos, deveres e limitações quando no papel de delegadas em congressos; “Quando a Vida se extingue” de Virgínia Kasley, que trata da questão da finitude da vida; “Nursing in Modern Society”, de Mary Ella Chayer, que discute o papel da enfermeira na estrutura social, pontuando a melhoraria das condições de saúde de um maior número possível de indivíduos e o cuidar daqueles que mais necessitam de cuidados de enfermagem como principais; “Enfermagem para o futuro” de Esther Lucille Brown, cujo objetivo é mostrar o número reduzido de escolas de enfermagem do Brasil, incentivando a criação de grandes centros de ensino de enfermagem.

Como a produção de livros brasileiros era, neste período, muito pequena, tornou-se comum a reprodução de resumos ou resenhas de livros norte-americanos. O que chama a atenção é o fato da maciça presença de autores norte - americanos em detrimento de produções oriundas de outros países.

TABELA SOBRE BIBLIOGRAFIAS RECOMENDADAS

TÍTULO	AUTOR	Nº	VOL	MÊS/ANO	LOCAL
Educação Sanitária	Dr. Oscar Clarck	1	I	Mai/1932	RJ
O Caminho da Felicidade	Dr. Victor Pauchet	1	I	Mai/1932	RJ
Conservae a Mocidade	Dr. Victor Pauchet	1	I	Mai/1932	RJ
Médicos e Paramédicos	Castro Alves	2	I	Dez/1933	RJ
A Arte de Viver	Frederico Villar	2	I	Dez/1933	RJ
Guia do Tuberculoso e do Predisposto	Dr. Jacques Stephani	3	1	Abr/1934	RJ
As Noções de Alimentação Infantil	D. Margarida dos Passos Roza	3	1	Abr/1934	RJ
Drogas e Soluções em Dez Aulas	Zaira Cintra Vidal	4	4	Abr/1934	RJ
Técnica de Enfermagem	Zaira Cintra Vidal	4	4	Abr/1934	RJ
Sede Optimista	Victor Pauchet	4	4	Abr/1934	RJ
Educação Psicológica da Primeira Infância	John B. Watson e Rosaline Rayner Watson	5	5	Out/1934	RJ
O Problema da Alimentação no Brasil	Josué de Castro	5	5	Out/1934	RJ
A Esposa Perfeita	Th. Van de Velde	6	II	Jan/1935	RJ
Conduta – Lições de Etica Sexo e Civilização Licões de Eugenia	Renato Kehl	6	II	Jan/1935	RJ
Florence Nightingale – Pioneiros do Ideal	Centro Brasileiro de Publicidade	7	III	Mai/1935	RJ
Manual Clínico e Terapeutico	A. Ferrari	7	III	Mai/1935	RJ
Tratado de Histologia e Anatomia Microscopica	Szymonowicz – Krause	7	III	Mai/1935	RJ

TÍTULO	AUTOR	Nº	VOL	MÊS/ANO	LOCAL
Chamados de Urgencia	Dr. Rodolpho Velhena de Moraes	7	III	Mai/1935	RJ
Chronicas e Ensinamentos Medicos	Dr. Oscar Fontenelle	8	Ano IV	Nov/1936	RJ
Educação Sexual pelo Radio	Dr. J. de Albuquerque	8	Ano IV	Nov/1936	RJ
Como Desenvolver o Appetite da Creança	Charles Anderson Aldrich	8	Ano IV	Nov/1936	RJ
O Seculo da Creança	Prof. Oscar Clarck	9	Ano V	Mai/1937	RJ
A Lepra no Brasil e a sua Profilaxia Terapeutica	Dr. J. J. B. Vieira Filho	9	Ano V	Mai/1937	RJ
Livro de Tecnica de Atadura	Zaira Cintra Vidal	10	Ano V	Set/1937	RJ
Livro de Tecnica de Enfermagem	Zaira Cintra Vidal	11	Ano V	Dez/1937	RJ
Drogas e Soluções	Zaira Cintra Vidal	11	Ano V	Dez/1937	RJ
O Livro da Bondade	G. Marques	12	Ano V	Mar/1938	RJ
Folheto de Nº 146 (Tema: Percevejos)	Emitido pelo Deptº. de Agricultura do EUA	15	Ano V	Dez/1938	RJ
Basic Science in Nursing Arts	Sister Mary Agnita Claire Day	1	I	Jan/1948	SP
Nursing	Lulu C. Wolf	2	I	Abr/1948	SP
Clínica Psicossomática	Lelio Zeno e Emilio Pizro	3	I	Jul/1948	SP
Nursing in Modern Society	Mary Ella	1	II	Jan/1949	SP
Enfermagem para o Futuro	Esther Lucille Brown	2	II	Abr/1949	SP
An Introduction to Physics in Nursing	Hessel Howard Flitter	2	III	Abr/1950	SP

A “Página de Estudante” era uma das mais constantes Seções da Revista. O espaço cedido às alunas de enfermagem não deixou de ser ocupado em nenhum dos momentos da trajetória dos AE. Na primeira fase da Revista eram as estudantes da Escola de Enfermeiras Ana Neri as responsáveis pelo espaço. Já na segunda fase, este papel passou a ser desempenhado pelas estudantes da Escola de Enfermagem de São Paulo. As temáticas divulgadas nessa Seção eram diversas e eram o reflexo do que se discutia sobre saúde e enfermagem num contexto mais amplo. Foram apresentadas nessa Seção análises sobre a profissão, sobre questões éticas e morais, sobre o papel das enfermeiras diante das propostas eugênicas, sobre inaugurações, estudos de casos, dentre outros.

O interessante é que as mesmas temáticas discutidas pelas enfermeiras e professoras eram, mesmo que de forma menos elaborada, discutidas pelas estudantes na referida Seção. Um outro dado observado era a tentativa das estudantes que estavam em um nível mais adiantado de inculcar nas mentes das alunas iniciantes valores morais, éticos e religiosos, que deveriam nortear tanto a vida particular como a futura vida profissional destas estudantes. Esta estratégia tinha como propósito internalizar-lhes semelhantes formas de percepção, moldando-lhes, gradativamente, o mesmo *habitus*.

Noticiário, Página Social, Parte Social, Notas Sociais, Sociaes e, mais tarde, Notícias e Comentários, era uma Seção que, como se pode notar, tinha a sua identificação modificada pela equipe editorial a cada novo número publicado. Destinava-se a tratar especificamente de questões sociais e a divulgar fatos e acontecimentos da vida cotidiana das enfermeiras diplomadas. A Seção poderia ser utilizada para diversos fins e, dentre esses, encontravam-se: lançamentos de livros, cerimônias, festas, missas e palestras proferidas por enfermeiras e médicos na Escola Anna Neri. Através de pequenos discursos ou falas, era também ali local para se relembrar as figuras ilustres do campo, como Anna Nery, Florence Nightingale, Rachel Haddock Lobo, Mrs. Ethel Parsons, Miss Louise Kienninger. Exemplo do ecletismo da Seção pode ser visto a seguir.

“A 9 do corrente, fez annos a nossa muito digna superintendente, D. Edith Fraenkel. Por esta data, foi-lhe offerecido na residencia das enfermeiras, às 5:30 h. um chá de character intimo, sendo-lhe entregue uma pequena lembrança. Na mesma data foi inaugurado, no salão da honra da escola, um retrato da anniversariante.”

(AE, Nº 1, maio 1932)

“No dia 31 de julho teve lugar, no Pavilhão de Aulas, da Escola de Enfermeiras Anna Nery, a cerimonia da recepção de toucas das alunas Preliminares da classe 1936.”

(AE, Nº 2, dezembro 1933)

A Seção era também utilizada para comunicar nascimentos, casamentos, cerimônias de formaturas, inaugurações, festas, dentre outros eventos. Destaco algumas destas interessantes publicações:

“Recebemos da enfermeira de Saúde Pública, D. Ilda Domingues Morgado, a participação do nascimento de seu primogenito, Fernando. Parabens desejamos ao bebê e aos genitores.”

(AE, Nº 1, maio 1932)

“CASARAM-SE: A senhorita Herminia Fernandes, com o Sr. Oswaldo Ferreira da Silva; a senhorita Maria do Carmo Ribeiro, com o Sr. Octávio de Toledo Prado,...”

(AE, Nº 2, dezembro 1933)

“Dia 19 de fevereiro! Representa para as enfermeiras da Escola Anna Nery umas das datas mais admiráveis, pois, foi em 1923 nesse dia, que a Escola recebeu no seu recinto as suas primeiras alunas. Um ano depois a primeira turma festejando a grandiosa data deliberou que ela fosse cognominada “Dia das Benvindas”, abrindo a Escola os seus salões para receber as suas amigas.”

(AE, Nº 3, abril 1934)

Após a transferência da edição da Revista para São Paulo, a Seção Social foi sendo aos poucos substituída por outras Seções. Ainda assim, mesmo que em pequenos comunicados, sem identificação específica, eram divulgados os eventos sociais e culturais que aconteciam na Escola ou no Hospital. Esses comunicados podiam ser encontrados tanto nas páginas centrais como no fim da publicação. No número 20 da Revista, por exemplo, encontra-se o comunicado sobre a Festa de Santo Antonio.

“Realizou-se na noite de 12 de junho p.p. a tradicional festa de Santo Antonio, promovida pelo corpo docente e discente da Escola de Enfermagem de São Paulo, em benefício da revista Anais de Enfermagem.”

(AE, Nº 20, julho/setembro, 1946, p. 26)

Ainda nesse mesmo espaço, é comunicado que as enfermeiras Nair Paula de Melo e Olga Mendes, que trabalharam junto a F.E.B. durante a II Guerra, receberam a “Medalha de Guerra” da Diretoria de Saúde do Exército. A equipe editorial também parabeniza as enfermeiras pelo trabalho realizado.

Já na edição de número 21, referente ao trimestre outubro – dezembro, a Associação utiliza a Revista para divulgar o 1º Congresso Nacional de Enfermagem, que aconteceria em março do ano seguinte. É também nesse número que a ABED comunica a reorganização que acontece na Associação, apresentando as recém criadas Divisões e Seções.

A importância conferida ao 1º Congresso Nacional foi de tal monta que toda a sua programação consta no número 22 da Revista, como destacado anteriormente. A equipe editorial tentou com esse fato transmitir aos agentes do campo que não estiveram presentes ao Congresso a valiosa contribuição desse evento para a projeção da enfermagem no Brasil e no exterior, na medida em que estavam nele presentes autoridades de diferentes países.

Dentre as várias seções do periódico, uma que desperta maior curiosidade e atenção é a denominada “Critica Humorística”, “Página Humorística” ou “Parte Humorística”. Não possuía regularidade de publicação, na medida em que foi publicada no número 1 e só voltou a ser publicada no número 4. As enfermeiras que escreviam nessa Seção não eram identificadas com seus nomes, mas apenas por pseudônimos. Dentre as que apareceram com mais frequência, estão: Rhéa Sylvia, Victoria Regia, Cunchã Poranga e Gato Cinzento. Esta última foi a que esteve presente por maior número de vezes na Seção. O anonimato das autoras, ou o uso de pseudônimos, conferia às enfermeiras um grau maior de grande liberdade de expressão, o que as levava a realizar análises sarcásticas sobre o desempenho de estudantes de medicina e comentários críticos acerca de atitudes tomadas por professoras, chefes e supervisoras de enfermagem. Estas atitudes das enfermeiras provavelmente não seriam concretizadas se não fosse mantido o anonimato do autor.

“Na Escola Anna Nery, num exame de Anatomia, no ano de 1932. O professor, muito sério e compenetrado, concerta a garganta e pergunta à examinanda:

– Como se chama as membranas que envolvem o cérebro? A aluna olha o teto, para o professor, para a janela, e depois de muito pensar, responde:

– Pia- mater, dura-mater e...pro-mater.

A diretora que presidia a mesa , levantou o expediente da Escola nesse dia e o nosso professor foi voando para casa, onde ficou acamado colocando compressas frias...nas meningeas.”

(AE, N° 4, abril 1934)

As dificuldades financeiras para manter a regularidade do periódico foram precocemente sentidas pela equipe editorial e, a partir do número 2, a revista Annaes de Enfermagem abre espaço a anunciantes, ou seja, passa a veicular produtos comercializáveis. Desta forma, uma diversidade de produtos passa a ser veiculada nos AE. Estes produtos poderiam ser tanto de uso hospitalar (medicamentos ou material cirúrgico) quanto de material para uso doméstico (móveis, chuveiros, material de escritório) ou para uso pessoal das enfermeiras. Dentre os anunciantes, destacavam-se: Casas Bancárias, Casa de Tecidos, de Calçados, Laboratórios, Indústrias de chuveiros, de alimentos infantis, dentre outras. Estes anunciantes e seus produtos, pela riqueza de seus textos, pelas estratégias utilizadas e por terem uma proposta diferenciada, que era a de comercializar seus produtos, serão objeto de análise em estudos subseqüentes a este.

É extremamente significativa a presença de anúncios relacionados às questões de saúde dos cidadãos, em especial aquelas relacionadas à mulher e à criança, eleita pelas políticas do Estado como prioritária nas ações de saúde. Medicamentos para os mais variados tipos de problemas, produzidos por laboratórios de renome mundial são veiculados na Revista. Contudo, não há referência e não são veiculados medicamentos caseiros, como os gerados de ervas. Todos os medicamentos são acompanhados de um pequeno texto, onde são ressaltadas as suas qualidades científicas e terapêuticas. O Laboratório Bayer, por exemplo, apresenta a Adalina e seus benefícios

“Raios...Relâmpagos...Trovões...

dentro da noite tempestuosa. Entretanto, alheio à fúria dos elementos, o cavaleiro dorme um sono calmo e tranqüilo...Um comprimido de ADALINA, calmante leve e suave, restituiu-lhe a paz aos nervos excitados.”

(AE, N° 5, Outubro 1934, p. 12)

A freqüente veiculação de produtos direcionados à mulher, como tecidos para uniformes, chapéus e meias femininas, calçados e perfumaria, poderia ser um dos indícios da constante atualização da profissão como feminina.

Uma outra questão que merece destaque nesta Seção diz respeito à Indústria de alimentos infantis Nestlé. Este foi o anunciante que ofereceu seus produtos o maior número de vezes, ocupando, também, os maiores espaços do periódico. E tamanho investimento não foi em vão. Lançando mão do discurso vigente, direcionado à criança, cuja base estava na política higiênica e eugênica idealizada pelo Estado (produção de uma raça forte e saudável), a indústria criou o seu protótipo, o bebê Nestlé, aquele que ao consumir os produtos Nestlé tornar - se-ia sadio e forte. Veicular um produto infantil com uma linguagem científica, que utiliza a figura do médico em busca da legitimidade, em um meio predominantemente feminino tinha como meta inculcar na cabeça das mulheres que eram mães, ou nas pretendentes, o valor nutritivo e científico do produto para o desenvolvimento de um adulto forte e produtivo.

Além disso, não há momento mais adequado para se veicular os vários tipos de leite em pó Nestlé, apresentados pelo seu fabricante como o substituto ideal do leite materno, do que nesse momento da história em que a mulher inicia a sua trajetória em busca do mercado de trabalho e necessita ausentar-se da família e do bebê. Uma estratégia muito bem articulada para minorar o processo de culpabilização que a mulher sofre nestes momentos.

A revista *Annaes de Enfermagem* passa, em seu ciclo de vida, por várias modificações. A partir de 1946, quando a edição é transferida para a cidade de São Paulo, por exemplo, reduz-se, significativamente, o número de anunciantes. Passam a prevalecer, a partir daí, anúncios sobre material hospitalar e medicamentos. Alguns poucos anúncios são destinados a questões femininas. Mais tarde, até estes produtos deixam de ser veiculados. A revista passa, deste momento em diante, a depender de recursos gerados pelas assinaturas, por doações e por festas que a Associação organizava. No periódico de número 19, de junho de 1946, por exemplo, a equipe editorial agradece as doações feitas aos AE pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), Escola de Enfermagem de São Paulo, Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, Centro Acadêmico 31 de Outubro e Escola de Enfermeiras Anna Nery.

Para cada caso um leite em pó NESTLÉ

LEITE EM PÓ GORDO
LACTOGENO
NESTLÉ

homogeneizado. É o leite cuja composição, uma vez deluído, mais se aproxima da do leite materno.

COMPOSIÇÃO:
Gordura 25,0 %
Proteínas 10,2 %
Lactose 53,3 %
C. Inorg. 3,5 %
Água 30 %

contendo 4 açúcares diferentes. Indicado para as crianças que não suportam o leite gordo.

COMPOSIÇÃO:
Gordura 12,5 %
Proteínas 2,0 %
Lactose 30,0 %
Maltose 15,0 %
Dextrina 15,0 %
Sacarose 15,0 %
C. Inorg. 4,7 %
Água 33 %

LEITE EM PÓ ACIDO EM PÓ
ELEDON
NESTLÉ

de fácil preparação. Indicado nos casos de dysenteria nos lactentes, crianças e adultos.

COMPOSIÇÃO:
Gordura 14,0 %
Proteínas 3,5 %
Lactose 40,0 %
Sucs. má. 1,5 %
Adulcorantes 6,0 %
Água 40 %

COMPANHIA NESTLÉ

Amostras de amostragem grátis aos médicos

Fonte:
AE - Nº 3 - Abril - 1934

A conclusão de milhares de observações clínicas!

Uma opinião recente do Dr. Olindo Chiapparelli

Sou de opinião que o Leite Condensado marca "MOÇA", producto da Companhia Nestlé, é, de accordo com a sua composição actual e seu novo acondicionamento, um ottimo alimento para os lactentes de todas as edades.

A combinação de seus varios elementos corresponde a todas as exigencias do organismo do lactente, sendo rigorosamente scientifica.

O novo metodo de fabricação permite que o Leite Condensado conserve consideravel quantidade de Vitamina C.

A materia prima que serve para o seu preparo deve ser classificada, considerando os exames rigorosos pelos quacs passa antes de ser empregada, como a melhor que existe no mercado.

Sua conservação é perfeita e livre de ulterior contaminação.

Offerece todas as vantagens do leite de vacca fresco sem ter nenhum dos seus multiplos e perigosos inconvenientes.

Em todos os lugares onde é difficil procurar-se leite de vacca crú, examinado e certificado, devemos dar a preferéncia ao seu uso.

O seu preço é minimo, estando ao alcance do mais pobre; mesmo em pessimas condições hygienicas do ambiente, o Leite Condensado marca "MOÇA" conserva a sua esterilidade imperturbavel.

É o alimento ideal para o povo.

Não hesito em recomendar-o, tendo-o empregado em todos os casos indicados com optimos resultados.

PRODUTOS GARANTIDOS NESTLÉ

Fonte:
AE - Nº 7 - Maio - 1935

A série NESTLÉ

de leites em pó.

Nestogeno, Lactogeno, Molicco e Eledon, usados nos mais modernos principios de dietética, constituem a famosa série de leites em pó da Nestlé - a série mais logica e perfeita para a alimentação infantil.

Os resultados obtidos com os leites em pó Nestlé são absolutamente seguros, o que explica a preferéncia a elles dispensada pela classe medica.

Fonte:
AE - Nºs 12-13-14 - 1938

PRODUCTOS GARANTIDOS
PRODUCTOS PREFERIDOS

Os leites em pó Nestlé - Nestogeno, Lactogeno, Molicco, Eledon - representam a serie mais logica e completa de leites para a alimentação infantil actualmente ao alcance do medico. Representam tambem o resultado de muitos annos de experiencias e de milhares de observações clínicas. Os bellos resultados obtidos aconselham o emprego dos leites em pó

NESTLÉ

(a) Documentar e observar.
(b) Depoimento dos Drs. Medicos

Fonte:
AE - Nº 12 - Março - 1937

A MARCA QUE GARANTE A QUALIDADE E ASSEGURA BONS RESULTADOS

OS productos que trazem o nome NESTLÉ têm assegurada a excelléncia da qualidade porque são obtidos da materia prima da pureza absoluta, manipulada de accordo com os processos técnicos-científicos mais modernos.

Milhares de observações clínicas confirmam os ótimos resultados obtidos com o emprego dos leites em pó NESTLÉ - Nestogeno, Lactogeno, Molicco e Eledon, na alimentação infantil.

NESTLÉ

Fonte:
AE - Nº 16 - 1939/1940

O que pode ser retido da análise que aqui se procedeu é que nas décadas de 30 e 40, em especial na de 30, a atenção à saúde da mulher e da criança eram prioridades das políticas do Estado, como já mencionado. Neste sentido, a criação do Gabinete de Dietética Infantil, por Rachel Haddock Lobo e por suas auxiliares, que desenvolverá suas atividades em conjunto com o Ambulatório de Pediatria Medica e Higiene Infantil do Hospital São Francisco de Assis no Rio de Janeiro, apresenta-se como mais um exemplo da apropriação por parte das enfermeiras das temáticas que orientavam os campos da saúde e da enfermagem.

A equipe editorial dos AE homenageou a criação deste serviço através do editorial “Um Novo Serviço”, publicado no número 2 de dezembro de 1933. Nele, foi destacada a seguinte passagem

“Esta obra que, executada debaixo da direção de Rachel Haddock Lobo, tem como objetivo educar a mãe e melhorar as condições da raça, preparando o homem da amanhã, foi inaugurada em maio do ano findo.”

(AE, Nº 2, dezembro 1933)

A predominância das subtemáticas relacionadas à mulher e à criança, amplamente divulgadas pelos Annaes de Enfermagem foi uma escolha dos editores do periódico com vistas a estarem em consonância com as propostas do Estado. Ela foi trabalhada de diferentes formas em vários números da Revista, o que indica serem estas subtemáticas da temática Saúde Pública, objeto de análise do Capítulos 5 e 6.

As temáticas e as problemáticas obrigatórias da primeira fase dos AE continuam presentes na segunda fase, em São Paulo. Entretanto, a estas são acrescidas algumas novas temáticas, refletindo as preocupações dos agentes do campo naquele momento. Assim, as questões que passam a predominar nos AE nesta segunda fase referem-se a educação das enfermeiras, especialmente o preparo destas para o desempenho de papéis administrativos e a preocupação com a legalização da profissão.

Em relação ao propósito de ampliar o conhecimento “técnico-científico” das agentes do campo passa a ser veiculada, a partir de 1948, a seção “Resumos”. Constituída por resumos de artigos publicados inicialmente pelo American Journal Of Nursing, seu conteúdo restringia-se às ações realizadas no hospital. Na primeira seção, por exemplo, foi apresentado por Glete de Alcântara o tema “O papel da enfermeira no combate à trombose e embolia pulmonar”.

Algumas leis relacionadas a profissão eram divulgadas de modo disperso pelos AE na primeira fase da Revista. Quando ela passa a ser editada em São Paulo elas conquistam um espaço próprio, específico, denominado “Legislação”. Esta atitude mostra que a regulamentação da profissão significava, para os agentes deste campo, a conquista de reconhecimento no campo científico e social.

No seu ciclo de vida os AE vão modificando seu perfil, sem, contudo, abandonar o ideário da enfermagem, o ideário nightingaleano. Todo o seu percurso foi marcado pela intenção de divulgar a profissão, normatizar e homogeneizar determinados princípios, e moldar identidades e habitus específicos.

Com a criação da Associação e também da Revista, as enfermeiras brasileiras indicam que seu objetivo fim era o de ultrapassar o modelo de saber e de prática até então vigente, que conferia à enfermeira tanto uma identidade dúbia como uma duplicidade de concepção acerca do papel desta profissional. Assim, estes investimentos, somados à criação da primeira Escola de Enfermagem, contribuíram para a inauguração da trajetória em busca da recriação do campo científico e intelectual da enfermagem brasileira, e a consequente conquista de autonomia, visibilidade e legitimidade para este campo, pois como, lembra Bourdieu,

“Todo campo intelectual como sistema autônomo ou pretendente a autonomia é o produto de um processo histórico de autonomização e de diferenciação interna. A autonomia do campo intelectual significa a elevação correlata do status.”

(Bourdieu, 1968:184)

O estudo das condições históricas de produção de campos é importante, porque ele mostrará as relações que contribuíram na constituição dos campos, ou seja, as relações que se passaram, que se estabeleceram na construção deste. Neste sentido, Bourdieu (op.cit.) destaca:

“Conhecidas as condições históricas e sociais que tornam possível a existência de um campo intelectual – e definidos, ao mesmo tempo, os limites da validade de um estudo de um estado desse campo- esse estudo adquire então todo seu sentido, porque pode apreender em ação a totalidade concreta das relações que constituem o campo intelectual como sistema”

(Bourdieu, 1968:113)

Ao estudar a lógica de construção de diferentes espaços sociais, Pierre Bourdieu sugere

“que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada... o objetivo é apanhar o invariante, a estrutura, na variante observada..”

(Bourdieu: 1996: 15)

Nesta passagem, Bourdieu reafirma a importância de se captar as particularidades, as singularidades de um campo (o qual denomina “mundo social”), com finalidade de se olhar além. Ao captar o “invariante”, é possível encontrar aquilo que é específico e que diferencia este campo dos demais.

Como fonte de dados, o periódico AE permitiu o acesso a discursos ou vozes que determinaram a construção de uma cultura específica e que, por diferentes razões, não estariam presentes em outros fóruns de divulgação do pensamento da enfermagem brasileira. Aqueles que neles deixaram suas reflexões tanto contribuíram para a recriação deste campo como para que se conhecesse, hoje, parte da história da sua cultura.

Finalizando, cabe lembrar, ainda, que a revista Annaes de Enfermagem foi objeto e fonte de estudo de reduzido número de trabalhos. Entretanto, a sua sucessora, a Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), foi analisada por vários pesquisadores do campo, utilizando diferentes referenciais teórico-metodológicos.

Germano (1993), por exemplo, captou e analisou tanto nos AE como na REBEn a evolução do pensamento da enfermagem em relação aos aspectos éticos. Neste estudo, apresenta o discurso de várias articulistas da revista as quais destacam a importância da REBEn para a enfermagem.

“Estudada, analisada, criticada, aplaudida e reclamada, a REBEn tem se constituído como uma das mais importantes fontes de conhecimento da enfermagem”

(Oliveira, 1984, p. 11, in Germano, 1993)

“Como a enfermagem, no atual momento nacional, a nossa REBEn, principal veículo de idéias científicas da comunidade, teve seus percalços.”

(Rossi, 1987, p. 6 in Germano 1993)

Além disto, este periódico é considerado, ainda hoje, a mais significativa fonte documental de socialização do conhecimento da enfermagem brasileira, sendo o produto de um determinado período histórico deste campo.

Considero, deste modo, que a revista AE foi o investimento fundamental no processo de socialização e consolidação do modelo de enfermagem nightingaleana, processo este que contribuiu para recriar, no Brasil, o campo de conhecimentos, na medida em que funcionou como espaço específico para a apresentação de problemáticas já trabalhadas por outros campos e de socialização e cristalização do pensamento, da cultura e dos *habitus* da enfermagem brasileira durante os primeiros anos de profissionalização da classe.

Projetando o campo e as enfermeiras no meio científico e social e hierarquizando problemáticas, a revista Annaes de Enfermagem pode ser considerada uma das mais importantes fontes documentais de produção, consagração e socialização do campo da enfermagem brasileira desde a sua criação, lugar ainda hoje ocupado por sua sucessora, a Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), atualmente indexada internacionalmente.

Assim, ao se enquadrar no domínio da cultura consagrada do campo da enfermagem brasileira, os Annaes de Enfermagem eram lidos e manuseados numa atitude de devotamento e respeito pelos agentes do campo, impondo-se, deste modo, como “documento-monumento”, conforme propôs Le Goff (1996) no seu História e Memória.

CAPÍTULO 5



“É na literatura que a visão do mundo concreto se exprime. É, portanto, a literatura que devemos considerar, principalmente suas formas mais concretas, se quisermos descobrir os pensamentos profundos de uma geração.”

(Whitehead, Science and the Modern World, in Bourdieu, 1968)

Ao examinar a produção veiculada pela revista *Annaes de Enfermagem* no tempo histórico que este trabalho abrange, deparei-me com a constante atualização e recorrência de temáticas que se interrelacionavam de alguma forma e que marcaram o período. Assim, posso afirmar, baseada na proposta de Bourdieu, serem as mesmas temáticas recorrentes no campo da enfermagem brasileira.

Os produtos gerados pelas enfermeiras diplomadas brasileiras e socializados pela revista *Annaes de Enfermagem* expressam toda a visão que estas profissionais elaboraram sobre o Brasil, sobre a saúde e sobre a enfermagem da época. Deste modo, a apreensão concreta de temas e subtemas que se interrelecionam, agrupando-os em temáticas para sua análise posterior, é o objetivo central deste capítulo. Este movimento contribuirá para traçar o panorama, o perfil do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira daquele período.

Deste modo, um ponto de partida útil e importante para se pensar a trajetória de reconstrução do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira é o mapeamento do conjunto de temáticas presentes nos *Annaes de Enfermagem*, forma objetivada das problemáticas obrigatórias que organizam e sistematizam o campo, que serão expostas neste e no próximo capítulo.

Para fins específicos deste estudo, realizo uma diferenciação entre temáticas recorrentes e problemáticas obrigatórias, diferentemente de Bourdieu, que utilizou estas noções como sinônimos. As temáticas, objeto de estudo dos Capítulos 5 e 6, são, assim, as formas concretas de apresentação das problemáticas. Para fins analíticos, as temáticas agrupam conteúdos ou subtemáticas que se interrelacionam de alguma forma e que podem aparecer em diferentes espaços e momentos da Revista. Assim, as temáticas podem expressar, viabilizar uma ou mais problemáticas, como se verá mais adiante.

As enfermeiras diplomadas brasileiras das décadas de 30 e 40, em especial aquelas que faziam parte da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, assumiram o papel de agentes de divulgação destas temáticas em locais como postos de saúde, hospitais, casas de famílias, Escola de formação, Associação de classe e no periódico específico do campo, a revista *Annaes de Enfermagem*. Foram, deste modo, requeridas pela sociedade e, em especial,

pelo Estado¹, para atuarem como divulgadoras de um conjunto de questões referentes à saúde no Brasil, expressas em temáticas sempre presentes em suas atividades.

A produção constante destas temáticas, em conjunto com outros eventos que tinham lugar no campo da enfermagem, como as cerimônias, os rituais, os costumes, os símbolos (hino, bandeira e objetos como a lâmpada símbolo das enfermeiras), contribuíram na conformação do campo cultural e intelectual da enfermagem da época, ou seja, na concretização de um ideário, gerador de um *habitus* científico e de uma cultura específicos.

A análise do material empírico mostrou que ocorreu, por parte da equipe editorial, dos articulistas e dos atores-autores, a priorização de certas questões de acordo com o período e com o local de edição do periódico. Quero, com isto, dizer que, na primeira fase da Revista, quando a mesma era editada na cidade do Rio de Janeiro, capital da República, no período de 1932 a 1941, o conjunto de temáticas predominantes era um, e, na segunda fase, compreendida entre 1946 e 1950, quando o campo é tomado por outras preocupações, gera-se um outro conjunto de temáticas. Contudo, algumas destas atravessaram toda a trajetória da Revista, estando, deste modo, presentes nas duas fases, como será demonstrado mais adiante.

Ao analisar a produção contida na revista *Annaes de Enfermagem*, tentei identificar, apreender e analisar as temáticas de acordo com o período e local de edição da Revista. A diversidade de questões que circulavam no campo da saúde no Brasil impusera-se ao campo da enfermagem, ali constituindo-se como temáticas, definindo uma geração de pensadoras e um conjunto de conhecimentos específicos que produziram um campo cultural e intelectual.

“O conjunto de questões e de temáticas obrigatórias que definem o campo cultural de uma época determinam áreas e gerações intelectuais e culturais.”

(Bourdieu, 1968, p.142)

¹ Durante as décadas de 30 e 40, as enfermeiras diplomadas brasileiras, após concluírem o curso, eram, na sua grande maioria, contratadas pelo Estado para atuarem junto ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), o que gera a possibilidade de serem as mesmas divulgadoras do discurso oficial do Estado, seu empregador. Nos meados dos anos 40, esse quadro começa a alterar-se, ocorrendo um processo de “desmotivação” pelo campo da saúde pública, havendo uma migração das enfermeiras para outros serviços, fato que produziu grande preocupação nos dirigentes dos órgão de saúde pública, como o Dr. Marcelino C. Candau, presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e Superintendente do Serviço especial de Saúde Pública (SESP)

Assim, as temáticas que se instauraram no campo da enfermagem brasileira não foram dadas nem constituídas a priori; elas tinham uma unidade e ligavam-se a uma série de contingências históricas, sociais e políticas. E, ainda, estavam interrelacionadas com temáticas que tomavam lugar em outros campos, como no da medicina e da política.

Analisar as temáticas divulgadas pela revista *Annaes de Enfermagem* significou apreender os diferentes tipos de argumentações tecidas em torno das questões orientadoras do campo no referido período, ou seja, o problema da história e organização da profissão no Brasil, da criação do campo de conhecimentos e a inculcação de concepções, normas e valores que, de forma subliminar, conformaram o *habitus* científico nos profissionais deste campo.

Desta forma, as enfermeiras diplomadas que compunham o campo da enfermagem na época da inserção do “Sistema Nightingale”, do qual foi gerada a “enfermagem científica, moderna ou profissional” (cf. Miranda, 1994; Passos, 1996; Carraro, 1997) no Brasil e que utilizaram a revista AE para divulgar seus conhecimentos, elegeram um conjunto de questões ou de temáticas, as quais eram recorrentes, que definiram o campo científico, cultural e intelectual da enfermagem da época.

Sob diferentes perspectivas, vários autores contribuem para a reflexão acerca do processo de produção e socialização de temáticas que conformam e consolidam a cultura de um campo, de um grupo social. Em relação ao campo (ou sociedade) e aos agentes que compõem um determinado campo, pode-se dizer que eles constroem e são construídos pela cultura desse campo. Peter Berger, (1985) ao estudar a relação homem-sociedade, ressalta ser esta relação dialética na medida em que a sociedade é produto do homem e o homem é o produto da sociedade

“A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, e nada mais que um produto humano, que no entanto retroage continuamente sobre o seu produtor. A sociedade é um produto do homem. Não tem outro ser exceto aquele que lhe é conferido pela atividade e consciência humanas. Não pode haver realidade social sem o homem. Pode-se também afirmar, no entanto, que o homem é um produto da sociedade.(...)”

O homem não pode existir independentemente da sociedade. As duas asserções, a de que a sociedade é produto do homem e a de que o homem é produto da sociedade, não se contradizem. Refletem, pelo contrário, o caráter inerentemente dialético do fenômeno social. Só se compreenderá a sociedade em termos adequados à sua realidade empírica se este seu caráter for devidamente reconhecido.” (Berger, 1985, pp 15,16)

Neste sentido, as enfermeiras, ao tempo em que produziam conhecimentos, contribuíam com um dos elementos que conformaram a cultura do campo da enfermagem brasileira, na medida em que a cultura consiste na totalidade dos produtos do homem, sendo a linguagem e o conjunto de símbolos dela derivados exemplos destes produtos (Berger, op. cit.).

Com objetivo de tornar ainda mais clara a sua análise sobre o processo de produção homem-cultura-sociedade, Berger diz que

“(...) o homem está constantemente no processo de ‘pôr-se em dia consigo mesmo’. É nesse processo que o homem produz um mundo. Só num mundo assim, que ele mesmo produziu, pode o homem estabelecer-se e realizar a sua vida. Todavia, o mesmo processo que constrói o seu mundo também dá o ‘remate’ ao seu próprio ser. Em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente – ele se produz a si mesmo num mundo.” (Berger, op cit. p.19)

Desta forma, as enfermeiras, ao construírem a sua cultura, o seu campo, estavam, da mesma forma, num processo dialético, sendo por ele construídas.

Ao refletir sobre a noção de cultura, Bourdieu (1968) lembra, também, que a cultura existente em um período determina um tipo particular de participação dos agentes nas questões referentes ao grupo ao qual pertencem, a sociedade e a época e que estas participações fazem engajar a sua produção.

Algumas questões são relevantes para a compreensão desse capítulo e deste estudo e procurei desvendá-las no transcorrer do texto. Dizem respeito ao conjunto de temáticas que, ao serem divulgadas através da Revista, tinham como propósito atuar como um ato de imposição do arbitrário cultural vigente à época, ou seja, tentavam imprimir nos agentes deste campo concepções, valores, normas e atitudes cujo propósito era moldar um específico *habitus* científico. Todas as estratégias utilizadas pelo campo objetivam inculcar nos agentes um “poder pastoral”, inserindo-os numa “missão civilizatória”, como será analisado mais adiante. Seria, segundo os próprios agentes, uma das formas para ultrapassar o modelo de enfermagem e de enfermeiro existente até então.

O texto “Aspecto da enfermagem no Brasil”, produzido por Bertha L. Pullen para o número 4 dos AE, estabelece uma diferenciação entre as enfermeiras “preparadas” e as “não-preparadas”, evidenciando a existência de novos atributos ou *habitus* das enfermeiras diplomadas.

“As enfermeiras bem preparadas tem um argumento persuasivo a apresentar ao publico e este é o seguinte: que a vida do doente está mais segura nas mãos de uma enfermeira diplomada; que o doente tem maior garantia de restabelecimento; que a observação científica tem valor real para o medico; que elas podem economizar as despesas do hospital, pelos seus serviços; e que ensinando os preceitos da saúde aos iletrados elas são ainda auxiliares prestimosas à economia nacional.”

(Pullen, AE, N° 4, abril de 1934)

A preocupação em conformar um novo *habitus* nos agentes do campo tem sua origem na criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, quando Carlos Chagas defende que sejam garantidos, na Escola, “padrões de ensino”, ou seja, que sejam ali adotados os princípios nightingaleanos. Para Miranda (1994), estes princípios (que são geradores de *habitus*) podem ser assim resumidos:

“1) grande preocupação com a conduta pessoal das alunas, traduzível em exigências expressas quanto à postura física, maneiras de trajar e de se comportar;

2) recomendação para que as escolas fossem dirigidas por enfermeiras e não por médicos ;

3) exigência de ensino teórico sistematizado e de autonomia financeira e pedagógica;

Somente deveriam ser selecionadas estudantes qualificadas, que tivessem o diploma do Curso Normal. Tal exigência, ao menos nas primeiras turmas, só era possível de ser cumprida pelas jovens de camadas médias e altas da sociedade. Havia ainda outra exigência imposta pelas professoras: a de que apenas moças brancas pudessem freqüentar o Curso de Enfermagem.”

(Miranda, 1994, p. 43)

Para compreender a história da cultura de um grupo e, neste caso específico, da enfermagem brasileira, é preciso tentar captar os aspectos morais (e estéticos), os elementos valorativos deste grupo, isto é, desvendar o seu “*ethos*”, na medida em que “*o ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ela mesmo e ao seu mundo que a vida reflete*” (Geertz, 1989, p.143).

Por fim, pode-se dizer que ao eleger, classificar e dar um certo ordenamento às questões que transitavam no campo as enfermeiras elaboraram um conjunto de temáticas e, com isto, sistematizaram esse campo. Neste sentido, Miceli lembra

“Os discursos, os ritos e as doutrinas constituem não apenas modalidades simbólicas de transfiguração da realidade social, mas sobretudo ordenam, classificam, sistematizam e representam o mundo natural e social em bases objetivas e nem por isso menos arbitrárias.” (Miceli, LXI, in Bourdieu, 1992)

O que pude constatar com a conclusão da análise é que diferentes conteúdos ou subtemáticas geraram uma temática e esta pode aparecer em diferentes espaços e momentos da Revista. Para este estudo, temática é a forma concreta pela qual a problemática corporifica-se e viabiliza-se. Assim, as temáticas podem expressar, viabilizar uma ou mais problemáticas, como se verá mais adiante.

Tentei agrupar a produção das enfermeiras presente nos Annaes de Enfermagem em temáticas de acordo com a sua proximidade e com os seus interrelacionamentos, como mostram as tabelas presentes nos Anexos. Assim, o conjunto de temáticas gerado compreende: História da profissão (na qual encerram-se as subtemáticas gênero e religiosidade); Saúde Pública (com as subtemáticas assistência social, assistência à mulher e à criança e higiene mental); Pedagogia (englobando as subtemáticas educação, técnica e assistência hospitalar); Legislação (encerrando a subtemática ética) e, por último, a temática Administração.

Passo, a seguir, a analisar cada uma destas temáticas, de acordo com a fase de publicação dos Annaes de Enfermagem. Neste capítulo, analiso as temáticas geradas na primeira fase, ou fase Rio de Janeiro, que corresponde ao período no qual a Revista foi editada na cidade do Rio de Janeiro, e a segunda fase, ou fase São Paulo, a ser analisada no próximo capítulo, corresponde ao período no qual a publicação é feita na cidade de São Paulo. Destaco que na análise das temáticas foram selecionados editoriais, artigos, indicações bibliográficas, anunciamentos e textos que se referem mais diretamente ao objetivo deste estudo, ou seja, a busca da cientificidade do campo.

5.1. ATUALIZANDO E PERPETUANDO AS FIGURAS ILUSTRES DO CAMPO: A TEMÁTICA HISTÓRIA DA PROFISSÃO.

Há uma série de textos de diversos teores nos AE que podem ser classificados na temática “História da profissão”. Em relação a esta temática, a leitura, a apreensão e a análise de editoriais, artigos, homenagens, discursos e conferências, notas sociais e demais seções deram a medida exata do teor das representações elaboradas pelos agentes do campo acerca da sua

história. Sob tal perspectiva, este periódico é entendido, como propõe Le Goff, um documento-monumento².

O melhor ponto de partida para a análise da temática História da Profissão é o editorial do primeiro número da revista *Annaes de Enfermagem*, escrito por Rachel Haddock Lobo, com o título *Era Nova*.

“O Cristianismo, o Militarismo e a Aristocracia não lograram crear o typo ideal da enfermeira por faltar-lhes o essencial – uma educação apropriada. Como consequência, fechou-se um circulo dentro dos ideaes religiosos, surgindo então fora um typo muito longe do que deveria ser, o da enfermeira curandeira, inculta, e inconsciente, que de casa em casa ia applicando tratamentos absurdos e quejando processos. Foi o período da decadência de uma profissão que tão alto se tinha elevado nos meios sociaes (...)

Surge, então, Florence Nightingale, que reunia em sua pessoa, ideal humanitário, cultura intellectual basica e posição social destacada na aristocracia ingleza. Florence derruiu as ideas erroneas, de então, que tinham a enfermagem como incompativel com a intelligencia, a educação esmerada e o meio social. Foi ella com sua energia, que provou aos potentados que, quanto maior o preparo melhor o producto, theoria hoje universalmente reconhecida e proclamada, com a consagração dos technicos em todos os ramos das actividades da vida. O exemplo partindo de tão alto conquistou a opinião publica, e o inicio do nivelamento da profissão se operou.”

(Haddock Lobo, AE, Nº 1, maio de 1932)

O primeiro aspecto que chama a atenção nesse editorial é o seu caráter evolucionista, resíduo do evolucionismo e das teorias sociais do darwinismo³, ainda muito comuns neste período. A autora tenta realizar uma retrospectiva histórica, construindo etapas como o Cristianismo, o Militarismo e no período aristocrático as ações de enfermagem eram realizadas por pessoas

² Em História e Memória Jacques Le Goff defende que “o documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, o testemunho, o ensinamento.

³ O paradigma evolucionista de Charles Darwin continua a orientar muitos estudos na década de 30. Schwarcz, L.M., em *O Espetáculo das Raças*, diz que o evolucionismo e as teorias sociais do darwinismo conheceram seu momento de apogeu no período que vai dos anos 1870 até a década de 30 do século XX. Mesmo sem ser abandonado por completo, ele passa a ser criticado em praticamente todas as suas áreas de aplicação. Hobsbawm E., 1977, destaca, também, a grande popularidade das propostas de Darwin neste período. Suas obras vendiam mais que a própria Bíblia cristã, lembra o autor.

(inicialmente por religiosas e, mais tarde, por leigas) sem uma “educação apropriada”, o que gerou a “decadência” desta prática. Após este período, advém um novo modelo de enfermeira e um novo modelo de fazer enfermagem proposto por Florence Nightingale, que ela denomina “modelo vocacional ou arte de enfermagem (cf. Almeida e Rocha, 1989, p.43). A base central deste modelo, além da atualizar a hierarquia já existente na enfermagem, foi o investimento na disciplina e no preparo técnico da enfermeira, além de proporcionar uma “educação esmerada”, que estabelecerá, assim, a diferença entre esta profissional e aqueles que praticavam a enfermagem até então. O modelo proposto por Nightingale produzirá, segundo Rachel Haddock Lobo, o “nivelamento” dessa profissão, o que significa que esta passaria a ocupar o mesmo lugar ocupado por profissões concebidas como liberais.

Uma das grandes preocupações dos agentes do campo de enfermagem, tanto do Brasil como de outros países, é a tentativa de mostrar o caráter evolucionista da profissão. Esta preocupação está presente na maioria dos textos que analisam a história deste grupo social. As análises realizadas por Melo (1986), Almeida e Rocha (1989), Silva (1989), Pires (1989), Passos(1996), Lunardi (1998), Padilha (1998) e vários outros pesquisadores da enfermagem, mesmo utilizando diferentes referenciais teórico-metodológicos, estabelecem uma linha evolucionista ao estudarem a história desta profissão. Todos eles tentam mostrar que no processo de construção da história desta profissão ocorreram adoções de sucessivos modelos. E que obedeceram a uma linha evolutiva que caminha do empírico ao científico, conforme apontei no Capítulo 2. Pontuam, também, que a grande ruptura do campo acontece quando o modelo religioso de cuidar, de educar, dá lugar ao modelo laico ou secular. Nesse modelo, a trajetória tem início com a prática sendo realizada por pessoas sem qualquer preparo formal, até se chegar ao modelo científico idealizado por Florence Nightingale. Definem, deste modo, a trajetória da profissão numa perspectiva evolucionista.

Um outro aspecto que chama a atenção no texto de Haddock Lobo é a exaltação e mitificação da figura de Florence Nightingale⁴. A autora destaca, no texto, atributos de Florence

⁴ Sobre Florence Nightingale (1820-1910), ver <http://www.google.com>. Para aprofundar a análise sobre a vida e obra de Florence Nightingale, buscar Nash, R. . Um esboço da vida de Florence Nightingale. RJ, 1997; Donahue, M. P. . História de la enfermeria. Madri, 1993; Molina, M. T. . Historia de la enfermeria. 1973; Miranda, M. C. L. . O Parentesco Imaginário. RJ, 1994; Lunardi, V. L. . Historia da Enfermagem. Pelotas, 1998; Paixão, W. . Historia da Enfermagem. RJ, 1979.

que a elevam ao lugar ocupado por heróis da história, e dentre estes atributos destacam-se: ideal humanitário, cultura intelectual, liderança, dedicação, força e personalidade fortes etc. É ela quem resgata as “idéias errôneas” que a sociedade da época elaborava sobre a enfermagem como o espaço a ser ocupado por pessoas de menos inteligência. É ela, também, que rompe com o modelo de prática empírica vigente até então e estabelece um novo modelo com base no conhecimento científico da época. Este “corte epistemológico” realizado por Florence, acrescido de todas as mudanças por ela propostas, ficou conhecido como “Revolução Nightingaleana”.

Florence teve a sua biografia escrita por muitos autores, tanto do Brasil como em outros países. A grande maioria destes trabalhos biográficos, além de destacarem em Florence as mesmas qualidades morais e intelectuais, elegem-na a personalidade de maior destaque do campo.

Dentre as várias questões que esta temática engloba, a que se destaca é a atualização das figuras ilustres do campo da saúde e, especialmente, da enfermagem, como aconteceu no editorial anteriormente destacado, escrito por Rachel Haddock Lobo. Florence é considerada pelos agentes do campo como a “heroína das heroínas”, sendo a personalidade que recebeu o maior número de homenagens pelos AE. Ela faz parte das representações coletivas dos agentes deste campo, que a eternizam, constantemente, em artigos, editoriais, conferências, discursos, inaugurações, eventos científicos, etc.

Ainda sobre Florence Nightingale, uma questão apreendida nos dados e que merece ser destacada é que, em toda solenidade realizada pela enfermagem no período tomado para estudo, a sua figura e também a sua história são objetivadas de diversas maneiras: através da exaltação de suas qualidades, pela exposição de seu retrato ou pela apresentação da “lâmpada” (“lampião” ou lamparina utilizada por Florence em visitas que realizava aos doentes, à noite), que os agentes do campo elegeram como o símbolo ou emblema máximo da classe. Sob este ângulo, a importância dos símbolos está no fato de que eles parecem resumir tudo o que se conhece sobre a forma como é o mundo, a vida que ele representa, e a maneira como deve comportar-se quem está nele (Geertz, 1989).

O culto às figuras ilustres e aos símbolos da enfermagem começava bem cedo a ser apresentado aos agentes do campo da enfermagem brasileira. O artigo “A Lampada, symbolo de nossa Fé”, presente na seção “Página de Estudante” exemplifica muito bem este fato

“As nações teem seus símbls, os povos seus costumes e profetas, as igrejas os seus santos que revelam os seculos, a historia seus heróis - vultos que reabilitam uma época;(...)

Assim o credo é simbolo dos apóstolos, como a lampada o é da enfermeira.

(...) lampada de Florence Nightingale- luz que não se apaga na memoria dos tempos, velando por um lampascópio para aqueles que conduzem todo conforto às profundezas da dôr, lampada abençoada da ‘mulher-anjo’, missionaria da saúde’, eis porque reverente te cultuamos na carreira bendita que, professas seguimos as pegadas daquela que te divinizou ! – O Anjo da Crimeia que, nas horas silentes e caladas da noite, à cabeceira dos soldados feridos pela turba dos sofrimentos físicos e morais, num gesto de ternura ou palavra de conforto leva-lhes o balsamo para suavisar as feridas do corpo e do coração, ora aconchegando um travesseiro, ou esticando um lençol. Lampada que para aquelas almas combalidas das arremetidas dos combates era um alento de fé, encorajando os desgraçados e descrentes na revista dos leitos onde o ‘amor-solidariedade’ com igualdade de sentimento era repartido na doce alegria da difusão do bem.

Ao reportarmos àquela figura de mulher incofundível nos sentimos, pois, ufanadas de praticar a bondade, e, por isso mesmo, dignas de sermos eficientes.

Enfermeiras A lampada que Florence se utilizou é idêntica à que hoje nos alumia e, como labareda, confortadora, guia os passos na senda escarpada dos romeiros de então – dos apóstolos ‘que vivem para servir’ sob a égide do emblema : IDEAL – CIENCIA –ARTE .

Que a lâmpada seja sempre fanal seguro na sublimidade da beleza e perfeição !

(...) Mostremo-nos ainda, dignas de tamanhas vantagens e benefícios, em suma, que cumpramos o nosso dever . Só assim veremos cintilar no luzeiro universal a lampada que nos serve de simbolo – a divisa de nosso ideal.”

(AE, N°10, dezembro de 1937)

A presença, ainda hoje, da “lâmpada”, eleita símbolo maior da classe, sendo constantemente atualizada em livros, revistas, jornais e na bandeira criada para representar os agentes deste grupo social, é uma forma de objetivação do mito Florence Nightingale e de todas as concepções e valores por ela defendidos.

A constante atualização de figuras ilustres do campo da enfermagem não acontece apenas no Brasil. Tem lugar em outros campos, como o norte americano. O periódico *American Journal of Nursing* (AJN), por exemplo, foi um espaço muito utilizado pela Associação Norte Americana de Enfermagem para divulgar e manter vivas figuras ilustres da enfermagem, tanto do seu país como de outros. Encontrei, por exemplo, no número 5, volume 53 do AJN, o artigo “A Visit to Kaiserwerth”, escrito pela enfermeira norte-americana Edythe M. Dyer (Captain Dyer), que retrata muito bem o lugar ocupado por Florence Nightingale nas mentes das enfermeiras daquele país

“Kaiserwerth, where Florence Nightingale spent three months in training, is justly called by the deaconesses their isle of peace.(...)”

About thirty minutes ride from the busy industrial city of Dusseldorf in the British Zone in Germany, lies the town of Kaiserswerth (...)

I had long wanted to visit Kaiserswerth, because of its influence on Florence Nightingale’s work. I wanted to see for myself the place that had been her inspiration.”

(Dyer, AJN, mai, 1953, vol 53, Nº 5)

Deste modo, as constantes narrativas históricas que tomam lugar no campo da enfermagem, cujo intuito é a heroificação e mitificação de figuras do campo, não é uma atitude que ocorre apenas entre as enfermeiras brasileiras. O que acontecia aqui em relação às figuras de Anna Nery, Rachel Haddock Lobo, Laís Netto dos Reys e outras, era similar ao que as enfermeiras norte-americanas realizavam em relação a Florence Nightingale, S. Lilian Clayton, Edith Cavell, Miss Anna Goodrich. Fica bastante claro que estas atitudes dos agentes deste campo, seja aqui ou no exterior, não são ingênuas, inocentes. Elas tentam atualizar e difundir a imagem das figuras de destaque, para, através delas, inculcar valores e concepções nas mentalidades das enfermeiras, principalmente as mais jovens.

Pode-se dizer, deste modo, que as enfermeiras brasileiras reproduziam, aqui, através de seu periódico, as mesmas condutas empregadas pelas enfermeiras norte-americanas no periódico editado pela American Nursing Association, conhecido como American Journal of Nursing (AJN).

A observação, apreensão e análise do material empírico evidenciaram uma grande concentração de textos e questões relacionados à temática História da Profissão nesta primeira fase de edição da revista. Em 17 números editados, a maior parte dos textos, ou seja, 9, prestam homenagem às figuras ilustres da saúde e da enfermagem. Dentre os homenageados, estão: Florence Nightingale, Anna Nery, Rachel Haddock Lobo, Carlos Chagas, Miss Clara Louise Kienenger, Ethel Parsons, Bertha Pullen e John Davidson Rockefeller. Os agentes do campo fazem uma leitura seletiva da vida destas figuras ilustres, destacando em suas biografias características comuns, como: ideal humanitário, liderança, dedicação, abnegação, bondade, energia, cultura intelectual, caráter e ideal altruístico. Nos textos escritos por agentes do campo e também por convidados e divulgados pelos AE, são apresentados, rerepresentados e ressaltados estes atributos de que são possuidores estas figuras. O objetivo é aproximar suas vidas à dos “heróis”.

Ao estudar os autores e os vários discursos da enfermagem, Kakehashi (2000) diz que, na medida que as (os) autoras (es) atualizavam os mitos, figuras de destaque do campo, enalteciam seus feitos, atitudes, idéias e qualidades, podendo deste modo dizer que as vozes dessas figuras ou personalidades se faziam ouvir nas enunciações das (os) autoras(es). Nesse sentido, destaca:

“Todas estas vozes traziam para o interior da enfermagem, não só suas visões particulares em relação à enfermagem, mas também uma determinada visão de mundo, no qual a enfermagem deveria ocupar um lugar específico. Desta maneira, escrevendo ou sendo citadas, estas personalidades iam forjando uma determinada identidade profissional e científica, à enfermeira brasileira que resultava em termos de associação numa política de identidade profissional.

Considerando-se a perspectiva sociohistórica, representam o eco das vozes dos diversos setores da sociedade, historicamente construídas.” (Grifo nosso)

(Kakehashi, 2000. p. 100)

Ao analisar o papel do(s) herói (s) na História, Sidney Hook (1962) ressalta que um dos fatos geradores do interesse pelos heróis é a “*indispensabilidade da liderança*” do herói. As decisões por eles tomadas afetam não somente os modos de viver, mas toda a educação e esta a diretriz e os conteúdos da literatura, da arte, e da filosofia. Para o autor, os líderes ou heróis podem incutir de várias maneiras, no subconsciente dos sujeitos, valores e normas. Para alcançar estes objetivos, podem utilizar a escola, o rádio, a imprensa (livros e jornais) e o cinema (Hook, op.cit.).

No campo da enfermagem, foi este o papel desempenhado pelas figuras eleitas pelos agentes como “líderes” ou “heróis”. Elas são possuidoras destes mesmos atributos e desenvolveram papéis similares aos analisados por Hook. As categorias (ou as características) que definem ou remetem à figura do herói, apontadas por Hook em sua análise, aparecem, também, nos textos que tratam das figuras ilustres apresentadas nos AE; são elas: “salvador”, “fundador”, “orientador”, “pai”, “mãe”, “batalhador”.

Rachel Haddock Lobo, na Revista de número 1, por exemplo, reatualiza o título atribuído pela enfermagem europeia a Florence Nightingale, como “heroína da enfermagem moderna”. No Brasil, Anna Nery é concebida como a “mãe dos brasileiros”. A equipe editorial dos AE elege ainda Carlos Chagas o “batalhador” e o “pai e fundador da enfermagem científica do Brasil”.

O fio condutor que une todos os textos que rendem homenagens a estas figuras centra-se em dois pontos: na preocupação em retratar a figura do homenageado e na aclamação de suas qualidades, de seus atributos morais. Esse processo de mitificação e de “heroificação” das figuras ilustres do campo era utilizado, assim, para difundir concepções e formar o “*habitus*” que os agentes do campo acreditavam pudessem contribuir para a superação do conceito existente até então acerca deste profissional.

Neste sentido, Le Goff (1996, p. 56) destaca que “*o mito não só é objeto da história, mas prolonga em direção às origens, o tempo da história, enriquece os métodos do historiador e alimenta um novo nível da história, a história lenta.*”

A constante atualização da qualificação profissional e dos atributos morais dos homenageados como estratégia de inculcação junto das jovens enfermeiras foi, também, identificado por Kakehashi (1999).

“Nos primeiros números, abundam artigos que versam sobre as qualidades desejadas para uma boa enfermeira, bem como as competências, papéis e condutas. Mesmo alguns artigos técnicos traziam em suas entrelinhas conselhos em termos de atitudes e valores. Um dos recursos mais adotados nesta fase da revista foi a biografia das personalidades. Ao enaltecer os feitos e idéias transmitiam às leitoras um modelo de enfermeira: é a estratégia da utilização do exemplo, como meio para a socialização profissional.”

(Kakehashi, 1999, p. 100)

Várias figuras ilustres do campo da saúde e da enfermagem possuem seus retratos divulgados nos Annaes de Enfermagem. A reprodução dos retratos destas figuras era acompanhada de um pequeno texto, com dados biográficos, onde, mais uma vez, destacavam-se as qualidades, os atributos morais e profissionais. Nesse espaço também reproduziam-se frases, provérbios e máximas que, subliminarmente, tinham a mesma finalidade: exaltar e valorizar condutas e atributos morais.

“Nada, porém, podia bater a heroicidade de Anna Nery...”

(AE, Nº 1, maio 1932)

“Miss Clara Louise Kienenger , prototypo de virtudes peregrinas e excelsas”

(AE, Nº 1, maio 1932)

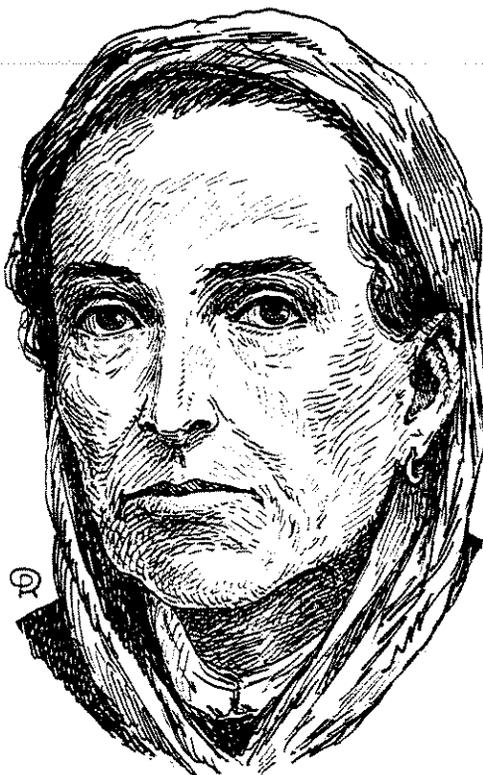
“(...)Reafirmamos nossa gratidão ao Dr. Carlos Chagas, batalhador incansável...”

(AE, Nº 1, maio 1932)

No primeiro número dos AE, por exemplo, editado em maio de 1932, foram homenageados Anna Nery (“Mãe dos Brasileiros”), Carlos Chagas (“criador da enfermagem moderna”), Ethel Parsons (Chefe da Missão Rockefeller), Dr. Affonso Penna Júnior (político de

destaque no Brasil), Miss Clara Louise Kienenger (1ª Diretora da Escola Anna Nery) e Prof. Dr. Leitão da Cunha (sanitarista substituto de Carlos Chagas). Rachel Haddock Lobo possui o seu retrato estampado na revista de nº 2, de dezembro de 1933, e na de nº 3, de abril de 1934. Ainda na revista de nº 3, aparecem novamente retratadas as enfermeiras Mrs. Ethel Parsons e Miss Louise Kienninger e as retratadas pela primeira vez, Miss Bertha B. Pullen e Miss Loraine Demhardt.

No Brasil, a figura do campo da enfermagem a ocupar a centralidade das referências e das homenagens é Anna Nery. Sua figura é retratada logo na primeira página do primeiro número da revista AE. É um lugar especial, antes mesmo do editorial de abertura. Acompanhando o retrato de Anna Nery, aparece o seu esboço biográfico, escrito por Rachel Haddock Lobo.



ANNA NERY
Mãe dos Brasileiros

Esboço Biográfico

“No momento actual, em que o feminismo está imperando e quando a mulher começa a mostrar a sua superioridade, quer intellectual, quer profissional, por que esquecer aquellas que já eram heroínas, que já mostravam grandeza de alma feminina, antes mesmo das primeiras manifestações feministas.”

Mais adiante, ressalta

“Nada, porém, podia abater a heroicidade da Anna Nery, nem esmorecer-lhe o ânimo, e vencendo sempre, vitoriosa de todos os obstáculos, risonha e feliz em estar cumprindo o seu dever de mãe e patriota, Anna Nery, pensando uns, consolando outros e confortando os que dela se aproximavam, assim se foi rindo, acompanhando o exército brasileiro, até Corrientes, Humaytá e Assumpção.”

E conclui:

“Trabalhando com as Irmãs de S. Vicente de Paula, únicas enfermeiras que possuíam os nossos soldados, a nossa grande heroína, se distinguia dentre todos esses anjos da Caridade.” (Haddock Lobo, AE, Nº 1, maio de 1932)

As qualidades de Anna Nery como “feminista”, “patriota”, “heroína”, “anjo de caridade” são destacadas pela autora e aparecem em vários outros momentos, como em editoriais, artigos, discursos, seção do estudante, sendo constantemente resgatada tanto pelos agentes do campo quanto por seus convidados.

Aparecem também como grandes figuras homenageadas pelos AE as enfermeiras brasileiras Rachel Haddock Lobo e Lais Netto dos Reys.



Rachel Haddock Lobo

Rachel Haddock Lobo é a grande homenageada da revista de nº 2 de dezembro de 1933, devido ao seu falecimento em agosto deste mesmo ano. Seu retrato aparece, neste número, duas vezes. Ali é lembrada como a enfermeira, redatora-chefe e diretora que devota sua vida à causa da enfermagem brasileira.

“Companheira de lutas, de sonhos, de ideal, nós vimos unidas pela mesma saudade, sufocando a dor de termos te perdido, testemunhar em palavras singelas, mas sentidas, a nossa admiração sincera e imorredoura gratidão.”

(AE, nº 2, dezembro 1933)

Ao destacar seus traços biográficos, lembram

“Sua atividade dinamica, movida pelo alevantado ideal não conhecia descanso. Vencendo tropeços sem conta reúne um grupo de colegas e consegue publicar a primeira revista profissional: Anais de Enfermagem em cuja direção se manteve até a sua morte.”

(AE, Nº 2, dezembro de 1933)

Ainda neste texto “Ad Memoriam”, a equipe editorial dos AE destaca

“Chamaram-te ‘Professora de sofrimento’; foi talvez o titulo mais justo que o homem te conferiu, porque, na realidade, soubeste ser estoica como poucas criaturas o saberão ser. Foste grande no heroismo e maior ainda na humildade.”

(AE, Nº 2, dezembro de 1933)

A equipe editorial lembra que, como os heróis que devotam suas vidas a uma causa, Haddock Lobo sofre durante meses em silêncio, levando conforto físico e moral a muitos doentes. Suas realizações e as suas qualidades são sempre lembradas pelos agentes do campo e por seus convidados, como aconteceu na cerimônia de formatura da “Classe Diplomada” de 1933. Neste evento, D. Altanira Pereira, incumbida de relembrar a figura de Rachel Haddock Lobo, destacou

“Foi sempre uma enfermeira, porque parecia trazer n’alma um lenitivo para as dores alheias. Paladina da bondade, punha-se em campo imbuída de idealismo sadio se o coração lhe dizia que havia alguém a socorrer. Espirito acrisolado pelo cadinho do sofrimento, sua contribuição tornou-se imperativa na vasta estrada da enfermagem e sobretudo, na enfermagem brasileira onde a assistência social encontrou seu berço.”

(Pereira, AE, Nº 3, dezembro de 1933)

O discurso tem o claro propósito de marcar na memória dos agentes do campo presentes à cerimônia de formatura as características que devem nortear a “verdadeira” enfermeira, e para isto utilizam os atributos de que era possuidora Rachel Haddock Lobo: conforto para os que sofrem, bondade, idealismo, pureza e presteza. Sob este aspecto estava se dizendo a todos os agentes do campo e também aos convidados, externos ao campo, que tipo de

profissional se pretende para este campo. A inculcação de atributos e valores éticos e morais dava-se concomitantemente à inculcação de valores intelectuais e este fato acontecia tanto em momentos formais, como as salas de aulas, quanto nos eventos sociais, como as cerimônias de formatura.

A história da profissão no período de 1932 a 1950, no Brasil, é contada e recontada por enfermeiras, professoras de enfermagem, chefes de serviço, alunas e também por muitos convidados em 23 artigos espalhados por diferentes seções. Tanto conta-se, exalta-se e heroifica-se, como destaquei anteriormente, a vida de Anna Nery, de Florence Nightingale, de Carlos Chagas, de Rachel Haddock Lobo, de Lais Netto dos Reys, de Ethel Parsons, de Bertha Pullen, de John Davidson Rockefeller, quanto narra-se a importância da criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (AE, nº 4/5 1934) , de Associações como a Cruz Vermelha Internacional e do Conselho Internacional de Enfermagem (AE, nºs 13/14 de 1938) para o campo da enfermagem brasileira.

Os estudantes de enfermagem e os agentes externos ao campo e que para ele eram convidados (médicos, professores, políticos e representantes da igreja católica) estiveram também sempre muito presentes e contribuíram no processo de atualização de figuras ilustres do campo.

Nesta linha, o professor Plínio Olinto, médico que ministrava aulas sobre Higiene Mental para alunas da Escola Anna Nery, ao ser convidado como paraninfo da “Classe Diplomada” de 1934, destaca em seu discurso:

“Si lembrardes os vultos de maior destaque nos misteres de vossa profissão, vereis que foram justamente aqueles, cujos dotes de coração orientaram a aplicação de seus conhecimentos, os que mereceram os qualificativos de santos da enfermagem: Florence Nightingale, em 1855, na guerra da Criméia, Anna Nery, em 1865, na guerra do Paraguay, Rachel Haddock Lobo cuja vida continuará enquanto existir uma discipula sua, Heloisa Leal na Cruz Vermelha Brasileira, Maria Conceição, da Secção de Cirurgia deste Hospital, e muitas outras são figuras de veneração, pois souberam sentir o sofrimento alheio.”

(Olinto, AE, Nº 7, maio de 1935)

A publicação de discursos de formatura proferidos por paraninfos, de conferências e aulas realizadas por convidados era muito comum e este fato deve-se ao seu conteúdo, o que pode ser comprovado com a tabela que apresentei no capítulo anterior. Neles eram sempre lembrados os mitos da profissão, ressaltada a importância da escolha da “profissão-sacerdócio” e elencadas as características que deveriam compor a personalidade destas profissionais.

O professor Plínio Olinto, por exemplo, agrupa todas estas características utilizando os termos “santidade” e “veneração”. Assim, com base no texto do Professor Olinto, a busca da santidade deve nortear as ações das enfermeiras.

Em uma outra destas ocasiões a que me refiro, o médico Antonio Cunha destaca em seu discurso

“O governo compreendendo em boa hora que a Escola Anna Nery dá as enfermeiras mais completas do Brasil elegeu-a Escola-padrão entre as suas congêneres em nossa terra. Isto deve ser para vós um motivo de justo orgulho e um incentivo a mais para continuardes sempre a dignificar o nome Venerando de Anna Nery, vossa patrona, e a manter bem alto aquelle lema que Oswaldo Cruz ditou e nós repetimos como uma oração cada vez que percebemos claudicar o nosso entusiasmo ou a nossa fé no futuro que acreditavamos promissor ‘Não esmorecer para não desmerecer’. A vossa responsabilidade é grande na manutenção desse posto de ‘modelo de enfermeiras’ do Brasil”

(Cunha, AE, Nº 1, maio de 1932)

Mais uma vez, as figuras de Anna Nery e Oswaldo Cruz são trazidas à memória, para que não sejam esquecidas pelos agentes do campo. As qualidades morais de Anna Nery e as profissionais de Oswaldo Cruz⁵ são ressaltadas com o claro propósito de inculcar na mente das enfermeiras formandas estes valores. Havia, neste sentido, uma tentativa de construção da memória coletiva do campo, entendendo memória coletiva como a define Pierre Nora em *Le Goff* (1996, p.472) “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”.

⁵ Cabe aqui um destaque: Oswaldo Cruz foi homenageado pela Equipe Editorial e por seus convidados em diferentes momentos da Revista, mas ele não teve o seu retrato reproduzido na Revista, o que justifica ele não estar entre os homenageados que este estudo reproduz.

A história desta profissão está, segundo os seus agentes, intimamente conectada à atividade de cuidar nas diferentes culturas e dos agentes que realizam estas atividades. Esta história é resgatada, constantemente, pelos AE em artigos, notas sociais, anúncios e em várias outras seções, nos quais são atualizados os mitos de origem; é divulgada a profissão como mais própria à mulher e são evocadas concepções, normas, valores e atributos necessários, segundo agentes do campo, como fundamentais a esta profissional.

O artigo “A Enfermagem no Brasil,” escrito por Edith Fraenkel, mostra que, além de estar associada à figura da mulher, a profissão era concebida como extensão do amor materno.

“É a enfermagem um amplo desdobramento do amor materno, o desejo sempre existente nos seres humanos, mais desenvolvido na mulher do que no homem, de auxiliar os que soffrem, proteger os infelizes e como tal deve ter existido desde queo mundo é mundo.”

(Fraenkel, AE, N° 1, maio de 1932)

O conjunto de atributos morais já destacados anteriormente, as normas e os valores pensados e defendidos pelos agentes do campo como inerentes à enfermeira funcionam como um “*manancial de inspiração*” (Gomes, 1999) para estes agentes e, por extensão, para os seus convidados. Neste sentido, todos os agentes do campo e todos que por ele transitam assumem o papel de resgate do passado “positivo”, isto é, aquele no qual são destacadas as qualidades das figuras emblemáticas, das heroínas, como forma de sustentação, de manutenção e eternização do campo.

Pode-se dizer que a equipe editorial da Revista construiu uma verdadeira política cultural de construção, recuperação e de atualização do passado desta profissão. Assim, resgatar figuras ilustres do campo da saúde e da enfermagem e a trajetória da história da cultura desse campo foi uma das grandes estratégias utilizadas pela equipe editorial dos AE na primeira fase de edição da Revista.

A constante inspiração no passado tinha como propósito tentar manter vivo e de recriar, no Brasil, o ideal nightingaleano, o que representava, na visão das agentes do campo, a modernidade, a cientificidade e reconhecimento à profissão. Para contemplar esta proposta, a estratégia utilizada pelas enfermeiras brasileiras foi a de investir na história das trajetórias: das pessoas importantes do campo e das instituições científicas que participaram da construção deste campo.

Assim, o resgate de figuras ilustres do campo era comum, “natural”, cumprindo o papel da história de recolher sistematicamente, classificando e agrupando, os fatos passados, em função das suas necessidades atuais (Febvre, apud Le Goff, 1996).

Uma outra forma de tentar manter vivas e rememorar as figuras ilustres do campo era por meio das indicações bibliográficas. Na revista de nº 7, de maio de 1935, é indicado o livro “Florence Nightingale”, que fazia parte da série Pioneiros do Ideal –1, publicado pelo Centro Brasileiro de Publicidade. Ao indicá-lo como leitura, a enfermeira responsável pela seção, Edith de Souza, exalta Florence e eleva-a ao patamar de grande idealista, ressaltando que *“ler a vida do Anjo da Criméia é sentir a serenidade inaudita que tornou inconfundível a personalidade de Florence”*. Na Tabela “Bibliografia Recomendada”, apresentada no Capítulo 4, podem ser identificados outros livros que atualizam figuras aclamadas como ilustres em todo o período de publicação dos AE e também os temas centrais no período.

Várias enfermeiras norte-americanas são, também, homenageadas por Rachel Haddock Lobo na Revista de número 1, no editorial de abertura. Nesse espaço, Haddock Lobo lembra que estas enfermeiras devem ser veneradas pela contribuição que deram à construção da história da enfermagem moderna e científica.

“Izabel Humpton, mais tarde pelo casamento, Miss Robb, Adelaide Nutting, Anna Goodrich, Izabel Stewart e tantas outras americanas do norte, tenazes e infatigáveis irmãs de ideal, são nomes que toda a enfermeira moderna deve venerar e cultuar pelo que hão feito pela independência da profissão e nivelamento della ao ponto das demais ditas liberaes.”

(Haddock Lobo, AE, Nº 1, maio de 1932)

A dependência e a submissão da profissão era uma preocupação dos agentes do campo, fato que leva Haddock Lobo a propor às enfermeiras diplomadas brasileiras, as “enfermeiras modernas”, que unissem esforços no sentido de tornar a profissão independente, o que seria o mesmo que nivelá-la, equipará-la a outras profissões denominadas “liberais”.

As categorias “venerar” e “cultuar”, utilizadas por Haddock Lobo em 1932, foram também utilizadas por muitos outros agentes do campo da enfermagem. Ao imprimir estas “categorias” ou qualidades às figuras ilustres do campo, os agentes objetivavam elevá-las ao posto de “heróis” e, também, envolvê-las numa aura de santidade, transformando-as em modelos a serem seguidos.

Estas duas categorias, acrescidas de outras, como proclamar, consagrar, consolar, confortar, auxiliar, aliviar, encorajar, compunham um conjunto de atributos que faziam parte do ideário das enfermeiras neste período. Uma forma concreta, ou seja, a “forma objetivada” utilizada pela equipe editorial dos AE para referendar e legitimar estas categorias como norteadoras do campo foi a publicação da “Oração da Enfermeira” escrita por Maria Eugenia Celso, na Revista de número 4, de abril de 1934

Fica claro que, ao mesmo tempo em que buscavam a “cientificidade” para o campo (o que pode ser identificado pelos termos “presciência”, “trabalho”), usavam termos ou categorias que as ligavam ao “sagrado” e que remetiam ao papel missionário, caritativo e religioso que, historicamente, envolve esta profissão.

Como destaquei anteriormente, a outra estratégia utilizada pelas enfermeiras no sentido de vivificar a história deste campo é o culto às instituições que participaram do processo de construção do mesmo. Neste sentido, no primeiro número da Revista, utilizando a Seção “Perfis”, a enfermeira Marina Bandeira de Oliveira presta homenagem à Fundação Rockefeller. Neste, como em outros momentos, constata-se a reverência que as enfermeiras brasileiras prestavam à Fundação Rockefeller.

“Finalmente uma homenagem a Fundação Rockefeller, esse extraordinário monumento de solidariedade humana. Faltam-me expressões para traçar-lhe elogios; mas o serviço de enfermagem no Brasil é incontestavelmente um de seus grandes títulos de glória. A nossa comovida gratidão a essa semeadora incomparável de aperfeiçoamento social, intelectual e moral.”

(Oliveira, AE, N°1, maio de 1932)

ORAÇÃO DA ENFERMEIRA



*Eu me consagro a ti, meu Deus... Só em teu nome
E só, oh! meu Senhor, de Tua causa empós,
A todos os que a dôr ou que a afflicção consome
Quero auxílio prestar, procurando fazê-lo
Com esse mesmo abraçado e piedoso desvelo
De que aprendo a lição no Teu amor por nós,*

*Enche de Tua luz meus olhos. Dá que eu possa
O meio, que o soffrer mais promptamente adoça,
Logo ver e discriminar
E guia minhas mãos, ungiendo-as de doçura,
Para que a dota creatura
Seja de allivio o seu tocal.*

*Dá leveza a meus pés e lbes vence o cansaço,
Faze que sempre, meu Senhor,
Desabroche um sorriso, quando eu passo,
Em cada leito soffredor.
Põe nos meus labios toda a presciência bendita*

*Da Tua santa inspiração,
E a palavra efficaz, a que deve ser dita,
Saiba eu sempre dizer a cada coração.*

*Veste de paciência e coragem minh'alma
Para a nenhum serviço eu nunca me negar
E, seja de esperança o meu gesto de calma
Quando a morte talvez haja que defrontar.
Faze que o meu carinho aquelles que arrebatá
Torne de allivio ainda o ultimo estertor.
Se, no lugar do dia, a minha força innata,
Na solidão da noite, amparo a meu temor
Que na minha vigília eu sinta permanente
Tua presença que bemdigo.*

*Age em mim, atravez meu trabalho e, clemente,
Fica sempre comigo
Nesse dia, meu Deus, Nosso Senhor !*

Cabe destacar aqui que a revista Annaes de Enfermagem realiza uma trajetória muito semelhante à realizada pelo American Journal of Nursing (AJN), tanto em sua estruturação, como nos temas apresentados. Com relação à temática História da profissão, por exemplo, a exaltação de figuras ilustres era comum aos dois campos. O AJN, ao publicar o texto “Em Memória”, atualiza, para o campo norte-americano, a figura da enfermeira S. Lillian Clayton e este é posteriormente reproduzido no Brasil pelos AE.

Ao reproduzir esta homenagem, os Annaes de Enfermagem introduzem, acompanhando o texto, o retrato da “ilustre” enfermeira em página inteira, onde a mesma aparece vestida de branco, semelhante a uma religiosa, em frente de um caderno de anotações. A pureza, a seriedade, o ideal e o conhecimento, qualidades que se espera das profissionais deste campo, são atualizadas e objetivadas através do retrato de S. Lilian Clayton. O caderno de anotações que aparece junto de Lilian Clayton, em seu retrato, comprova, mais uma vez, a tentativa de cientificação do campo da enfermagem no Brasil. Assim, o texto ressalta as qualidades morais desta profissional, qualidades estas também destacadas em figuras da enfermagem brasileira, enquanto o seu retrato reproduz a tentativa de aproximação com a “Ciência”.



“Para que a recordação de uma vida de sacrificios, de uma devoção constante ao dever, compaixão e carinho com que tratava os doentes, a benevolência e simpatia a todos, fique gravada para sempre em nossas memórias, e na maioria de todos que nos seguem, nós o Corpo Diplomado de Enfermagem do Hospital Geral de Filadélfia, fazemos presente desta data, à cidade de Filadélfia, em honra de nossa diretora, Miss S. Lilian Clayton.” (AE Nº 7 dezembro de 1933)

Deste modo, destacar as qualidades de figuras ilustres de outros países era uma outra estratégia empregada para manter atualizados atributos morais como sacrifício, devoção, compaixão, carinho, benevolência e simpatia, que eram esperados das enfermeiras brasileiras. Um dos mais significativos exemplos diz respeito aos dois textos traduzidos pela equipe editorial dos AE do Livro Branco Britannico Miscelanéa, números 12 e 15 de 1915, sobre a vida e a morte da enfermeira inglesa Edith Cavell. Lembrada como fiel discípula de Florence Nightingale, esta enfermeira trabalhou arduamente durante a invasão alemã na cidade de Bruxelas, Bélgica. Ali transformou o instituto de ensino em hospital para os soldados enfermos e feridos. Em agosto de 1915, foi presa em serviço pelos alemães, por ajudar soldados franceses, ingleses e belgas, presos pelos alemães, a voltarem a seus países para seguir no combate. Contudo, o texto ressalta que ela, em cumprimento aos “sublimes ideais de sua vocação” salvou vidas de muitos alemães. Condenada por espionagem contra os alemães, foi julgada e pelas leis alemãs, condenada à morte (AE, nº 11, dezembro 1937 e nº 12 de março 1938).

A trajetória de vida de muitas enfermeiras, divulgada pelos AE, como a de Edith Cavell, possui seus nomes ligados a conflitos armados ou guerras, como acontece com muitos outros heróis que, similarmente, possuem seus nomes ligados a este tipo de luta. Dentre as centenas de enfermeiras que realizaram este movimento no campo da enfermagem, destaco: Florence Nightingale (Guerra da Criméia), Edith Cavell (1ª Guerra Mundial), Anna Nery (Guerra do Paraguai) e Rachel Haddock Lobo (Revolução Constitucionalista de 1932). Por estes feitos e pelas suas qualidades morais, já destacadas anteriormente, estas figuras são concebidas como “heroínas” pelos agentes do campo.

Nesta primeira fase de edição da Revista, as enfermeiras que se destacaram com o maior número de textos escritos foram Miss Bertha Pullen, norte-americana, integrante da Missão Rockefeller, com 11 artigos, e Edith Magalhães Fraenkel, com 5 artigos. Ambas preocuparam-se em atualizar as figuras de destaque do campo, as “heroínas”, em divulgar a profissão no Brasil, em reafirmá-la como especificamente feminina. Uma outra constante preocupação era com a inserção das “jovens enfermeiras” no mercado de trabalho.

O que se pode concluir desta primeira fase da Revista é que o maior dos investimentos dos agentes do campo foi a produção de biografias de personalidades da saúde e, especialmente, da enfermagem.

Paradoxalmente aos investimentos feitos pelas enfermeiras diplomadas brasileiras, e, em especial, pela enfermeira norte-americana Bertha Pullen, em tornar a profissão reconhecida e valorizada socialmente no Brasil como uma profissão moderna e científica, a equipe editorial dos AE divulga, na Revista nº 2 de dezembro de 1933, o texto “Os 10 Mandamentos da Enfermeira”, no qual é passada uma outra concepção sobre essa profissional, sendo destacados, majoritariamente, em mais um momento, atributos morais.

OS 10 MANDAMENTOS DA ENFERMEIRA

“1 - A principal qualidade da enfermeira é a consciência, sem a qual não poderá tomar responsabilidade alguma, tornando-se um ser inútil,

2 - Deve ser leal para com todos e para com a instituição, isto é, deve contar sempre toda a verdade e nunca omitir erros ou prejuízos seus,

3 - Deve ser obediente, cumprindo todas as regras e acatando sem discutir as ordens dadas. Naturalmente elas têm razão de ser e foram estabelecidas por pessoas de grande responsabilidade,

4 - Numa enfermaria deve mostrar-se alegre, ativa e bem disposta, procurando sempre ajudar os seus doentes, falando-lhes com carinho, porque assim eles se esquecerão um pouco dos seus sofrimentos, e confiarão na enfermeira. Mas para que ela se sinta bem, precisa ter saúde, observando as regras de higiene que lhe dizem respeito,

5 - A pontualidade é necessária, porque sendo pontual, muito concorre para o bom andamento do serviço,

6 - Deve procurar dominar-se, não se zangar por qualquer motivo, porque isso a traz de mau humor e certamente aborrecerá não só as suas colegas, como às chefes,

7 - Deve explicar-se delicadamente quando um superior a observe, porque se ela não for culpada, cedo ou tarde a verdade aparecerá,

8 - Se for necessário, deve corrigir a sua voz, o seu modo de andar, as suas atitudes, porque tudo demonstra a sua educação,

9 - A cooperação é fator importante, não só porque o serviço sairá mais perfeito e com menos esforço, como também concorrerá para o desenvolvimento da profissão,

10 - Deve ser cuidadosa com o uniforme, porque ele a dignifica. Se ela for cuidadosa consigo, também o será nas enfermarias.”

(AE, Nº 2, dezembro de 1933)

As questões relacionadas a gênero e religião, pelo fato de serem concebidas pelos agentes do campo como que atreladas à história e à cultura deste grupo profissional, são analisadas aqui como subtemáticas da temática História da Profissão, como destaquei anteriormente.

A análise da história das origens e da cultura desta profissão estudada em outro momento (Daher, 2000) mostrou que o seu nascedouro está estruturado no tripé “caridade-mulher-igreja”⁶ Atributos como vocação, abnegação, docilidade, compreensão, beleza, suavidade, encontrados em estudos anteriores, são, também, ressaltados em diferentes textos e momentos dos AE. A profissão teve a sua origem ligada à figura da mulher, e ainda hoje esta concepção parece predominar. Para exemplificar, utilizo o artigo “Vocação e Abnegação”, de Idalia de Araujo Porto-Alegre:

VOCAÇÃO E ABNEGAÇÃO

“Vocação e abnegação, eis as duas qualidades básicas da enfermeira ! Sem vocação e sem abnegação faz-se da enfermagem um meio de vida, um ofício e não o que ela deve ser: um sacerdócio...

Tanto como a vocação a abnegação é necessaria à bôa enfermeira, pois é essa qualidade que faz com que a visitadora de S. P., conhecendo o perigo a que se expõe, na sua missão sagrada, não hesita em penetrar em verdadeiros fôcos de molestias contagiosas, para aliviar os que sofrem ou proteger os sãos...

É a vocação e a abnegação que dão ao mundo nomes como Anna Nery, Florence Nightingale, Edith Cavel e Rachel Haddock Lobo e tantas outras que compreendendo o verdadeiro feminismo, souberam elevar bem alto a mulher e a profissão de enfermeira.” (Araujo Porto-Alegre, AE, Nº 6, janeiro de 1935)

Com base no exposto até aqui, pode-se dizer que nas representações coletivas⁷ dos agentes do campo a profissão de enfermeira foi construída, divulgada e consolidada como mais indicada à mulher. A equipe editorial dos AE, legítimos representantes do pensamento dos

⁶ Em estudos realizados anteriormente sobre o processo de construção da identidade social do enfermeiro, esta análise foi realizada através de extenso trabalho etnográfico de rituais e cerimônias que têm lugar no campo da enfermagem. Para melhor compreendê-la, buscar Daher, D. V. . Por Detrás da Chama da Lâmpada – um estudo da identidade de enfermeiro. Semelhante reflexão pode ser encontrada em Lunardi, V. L. . História da Enfermagem – rupturas e contiunidades , Ed. UFPel 1998 e Padilha, M. I. C. S. . A Mística do Silêncio – A Enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. Ed. UFPel, 1998.

⁷ Para Durkheim, as representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber. Para aprofundar, buscar Durkheim, E. . Da Divisão do Trabalho Social: as regras do método sociológico, o suicídio, as formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

agentes do campo, deixa claro esta concepção na seção Parte Literária da Revista de nº 4, de julho de 1934. Ali, a equipe editorial mostra, no artigo “Papel da Mulher na Sociedade Moderna”, a estreita ligação entre o papel pensado para a mulher nas sociedades ocidentais modernas e o pensado para a enfermeira, ressaltando a possibilidade de aliá-los. A reflexão central do texto mostra que após a II Guerra Mundial os papéis historicamente pensados para a mulher em relação à categoria “trabalho” modificaram-se rapidamente. Segundo a equipe editorial, de

“Companheira do homem ao calor das chamas , no fogão de inverno; dona do lar nas horas do festivo estio, acalentador dos seus desanimos no outono da vida, rainha do lar donairoso e meiga nas festas da primavera, foi arrebatada da doçura, dos encantos da vida doméstica para os prélios da inteligencia e da ação.

E finaliza o artigo, ressaltando:

“Assim, se escolherdes o exercício da Enfermagem para preencher a finalidade do vosso destino, consultai os impulsos da vossa alma para o desempenho deste sacerdócio. Buscai a inspiração na vossa experiência, a única que decide sobre a legitimidade do vosso ideal. E se aceitardes a prática da Enfermagem como a melhor tendência do vosso espírito em bem servir à humanidade, ponde acima de tudo, e como mulheres que sois, a vossa técnica no vosso coração.

É pela prática do bem e do amor, estas duas sublimes manifestações de ternura divina, que se aprefeiçoa o caráter, se fortalece a coragem, se galvaniza a alma para as intempéries da vida, no supremo anseio de evolver pelo coração.”

(AE, N° 4, julho de 1934)

Esta mesma questão é também apresentada por Analia Banha, no texto “Cooperação da enfermeira de Saúde Pública junto ao Serviço de Hygiene Infantil”

“Dentre as profissões destinadas à mulher, nenhuma lhe é tão propicia como a enfermagem.(...)

Seja qual for o estado social da mulher, os sábios ensinamentos de tão nobre profissão só lhe poderão ser de grande utilidade, tornando-a apta a resolver grande número de problemas da vida real.”

(Banha, AE, N°2, dezembro de 1933)

Sob este ângulo, a Revista mantém e atualiza, constantemente, o modelo tradicional de mulher e de enfermeira, construídos e mantidos socialmente.

Ao realizar o processo de captação de novas alunas para o curso de enfermagem, o DNSP, contribuiu, também, para difundir a profissão como uma das mais indicadas às mulheres. No folheto de divulgação do Curso, esta concepção aparece claramente. Com o título “A enfermeira moderna: apelo às moças brasileiras”, este folheto ressalta que a enfermagem poderia representar um novo espaço para a mulher na sociedade e que o mesmo poderia conferir-lhe uma “emancipação com honra.”(Brasil, DNSP, 1922,p.6)⁸.

Este pensamento vai se consolidando no campo. Assim, em 1933, novamente faz-se, utilizando-se os AE, a convocação às moças brasileiras no sentido de abraçarem a profissão de enfermeira, com o argumento de ser esta profissão “a mais própria à mulher”.

“Proporcionando a oportunidade de aumentar o número de enfermeiras no Brasil, e reconhecendo que a Enfermagem é a profissão mais própria à mulher, a Escola de Enfermeiras Anna Nery tem abertas as matrículas para o próximo ano letivo.”

(AE, Nº 3, dezembro de 1933)

O que fica evidente é que os agentes do campo tentaram inculcar na mentalidade das jovens da época que a enfermagem poderia significar a conquista de um espaço de trabalho que lhes conferiria autonomia e emancipação. Por um lado, isto se consumou. Contudo, por outro, o que fica claro pela análise dos dados é que o papel de cuidadora, auxiliadora, de mantenedora da ordem, muda apenas de lugar. Com a profissão de enfermeira, a mulher teria a chance de realizar-se no âmbito público e, agora, com base em princípios técnico-científicos, o que, historicamente, realizava no âmbito privado. As enfermeiras deste período traziam inscritas em sua identidade profissional esta marca e até hoje os agentes deste campo lutam no sentido de superar tal concepção.

⁸ Ieda de Alencar Barreira desenvolve análise muito semelhante no artigo “Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil”, publicado na Revista de Enfermagem – Escola Anna Nery, ano 1 – nº de lançamento – julho 1997.

As questões relacionadas a gênero, mesmo que não recebendo esta enunciação, sempre estiveram muito presentes nos AE. As palavras “feminismo, feminista ou feminino” (direitos femininos, emancipação feminina) aparecem em vários textos e comprovam a preocupação dos agentes do campo com o papel da mulher na sociedade da época. Rachel Haddock Lobo e Edith Fraenkel são lembradas, também, por suas atuações em vários movimentos pela emancipação feminina.

Um exemplo claro deste fato é o artigo “A Precursora do Feminismo Brasileiro”, escrito pela enfermeira Marina Bandeira de Oliveira para o primeiro número dos AE. Neste texto, a autora lembra a invisibilidade social da mulher, no Brasil, quando a mesma desempenha papel semelhante ao realizado por homens. A autora destaca a figura de Barbara Heliodora, ou melhor, Barbara Heliodora G. da Silveira Bueno, como ela costumava assinar, apresentada ali como a primeira mulher brasileira, advogada, a envolver-se numa rebelião de caráter republicano, a Inconfidência Mineira. Nas homenagens posteriormente prestadas aos inconfidentes, Barbara Heliodora não é lembrada em momento algum, o que comprova a invisibilidade da figura feminina.

“Realizaram-se ha dias solemnes festas publicas e ruidosas homenagens officiaes em torno da inolvidavel figura do Tiradentes. Nos collegios e nas escolas, nas academais e nos centros, nas associações e nas repartições administrativas, oradores de nomeada, prèviamente escolhidos, proferiram brilhantes e luminosos discursos em honra ao proto-martyr da Republica.

Foi a Tragedia Mineira descripta em côres vivas e desenhada em pinceladas fortes. Narrou-se em estilo classico às multidões curiosas a historia dos traidores brasileiros com todos os pormenores e com todas as minucias.

Citaram-se datas. Apontaram-se nomes. Revelaram-se factos. Mas...

Sempre essa conjuncção antipathica e deselegante!

Mas houve uma lacuna imperdoável. Silenciou-se lamentavelmente sobre a alma do Drama de Minas. Emudeceu-se tristemente sobre a advogada dos insurrectos de 1792.

Não se ouviu uma palavra acerca de Barbara Heliodora. Não se fez a mais leve referência a essa heroína, que foi a primeira mulher brasileira que, em nossa história, se envolveu numa rebelião de carácter genuinamente republicano.”

(Oliveira, AE, nº 1, maio 1932)

Ao biografar Florence Nightingale para a coleção “Vidas Famosas”, Lucy Ridgely Seymer, além de destacar as qualidades morais e intelectuais de Florence, denominou-a de “precursora da emancipação feminina”, o que mostra, mais uma vez, que as discussões acerca do papel da mulher na sociedade era uma questão central do campo e remonta ao início da profissionalização da enfermeira.

Em 1935, na revista de nº 7, na Seção “Página do Estudante”, novamente a questão feminina está presente. Em uma recepção às alunas preliminares (ou seja, aquelas que estavam iniciando o curso), a bióloga Berta Lutz (filha do cientista Adolfo Lutz e uma das grandes defensoras das questões feministas deste período), é convidada pelas alunas a proferir uma palestra sobre direitos femininos. Por contribuir com o processo de consolidação da profissão de enfermeira no Brasil, Berta Lutz é homenageada pelos agentes do campo com o título de sócia benemérita da ABED.

A estreita proximidade da profissão com a religião é confirmada através das constantes chamadas de figuras da igreja católica como convidados a adentrarem o campo. Esta questão está presente nos editoriais e demais seções da revista AE, comprovando a estreita aproximação do campo da enfermagem com o campo religioso católico, hegemônico no Brasil desse momento.

Era muito comum neste período a realização de cerimônias e rituais como missas, procissões e ritos de bênçãos com a presença de autoridades da igreja católica, como bispos e padres⁹.

⁹ Mesmo tendo suas raízes na Inglaterra, país predominantemente protestante, a enfermagem brasileira adota os princípios cristãos católicos como base para a educação das enfermeiras, absorvendo desta forma a cultura local. As cerimônias nas quais sempre estavam presentes bispos e padres da igreja católica eram as cerimônias de recebimento de touca e insígnia, rituais de passagem que aconteciam quando as alunas de enfermagem estavam aptas (ou prontas) a desenvolver atividades práticas junto aos doentes e suas famílias. Também nas cerimônias de formatura era muito comum a presença de autoridades da igreja católica.

Um dos grandes momentos, que marcou de forma muito significativa a aproximação das enfermeiras brasileiras com a Igreja Católica, que vivia um estreita aliança com o governo Vargas, foi quando a professora Laís Netto dos Reis assumiu a direção da Escola de Enfermeiras Anna Nery, em 1938. Sobre este fato, Barreira (1999) destaca:

“Com a partida de Bertha Pullen, em 1938, é nomeada diretora uma brasileira, católica convicta, exatamente Laís Netto dos Reis, que tantos problemas lhe causara. A partir daí estreita-se a associação entre as enfermeiras católicas e a alta hierarquia da Igreja, a qual era bastante favorecida pela aliança desta com o governo Vargas. Como evento emblemático dessa conjuntura surge a Escola Carlos Chagas, em Belo Horizonte, em 1933, a primeira a formar religiosas no país, organizada por Laís Netto dos Reis, e por ela dirigida até 1938, quando a mesma assume a direção da Escola Anna Nery, que recebe então criando novas mentalidades, novos hábitos sobre saúde junto a coletividade, o que pode ser entendido como uma missão civilizatória. Era uma proposta com objetivo de inculcar nos agentes do campo um poder pastoral. Doze alunas religiosas, após autorização do cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, e para as quais a diretora, considerando que a presença de alunas-religiosas elevava sobremodo o conceito da escola na sociedade, providencia clausura e capela nas dependências do internato.

(Barreira, apud Teixeira 1998)

Por acreditar que a aliança com a Igreja Católica contribuiria para ultrapassar a história anterior da enfermagem e traria visibilidade e reconhecimento social à profissão, a diretora Laís Netto dos Reis tornou comum a prática de convidar autoridades da Igreja Católica, como padres e bispos, para as cerimônias que se realizavam no âmbito da Escola de Enfermagem Anna Nery. Com isto, tanto nos eventos científicos como congressos, reuniões e eventos sociais, quanto em formaturas, era habitual a realização de missas.

Um outro dado interessante era a “personalidade carismática” que possuía a diretora Laís Netto dos Reis. As alunas de enfermagem que não professavam a religião católica, ao conviverem cotidianamente com os hábitos e costumes católicos inseridos na Escola Carlos Chagas, em Belo Horizonte e também na Escola Anna Nery, e por terem sua diretora como referência pessoal e profissional, acabavam por aderir à religião católica. Seu carisma e poder de convencimento acabou por atrair alunas de outras religiões e de outras concepções políticas para a profissão (Barreira, 1999).

Por fim, o que os dados apontaram é que, nesta primeira fase de edição da Revista, o principal objetivo dos agentes do campo em relação à temática História da Profissão foi o de divulgá-la e torná-la socialmente conhecida como uma profissão moderna, científica e para “mulheres de princípios”. Para atingir tal meta, atualizaram e mitificaram figuras ilustres do campo da saúde, da enfermagem e da sociedade e estreitaram laços com a religião católica.

5.2. O PAPEL HIGIÊNICO-MORALIZADOR DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS: A TEMÁTICA SAÚDE PÚBLICA.

Muitas e variadas questões relacionadas à temática Saúde Pública ocuparam, da mesma forma que aquelas relacionadas à história, a centralidade da produção dos AE neste primeiro período de edição da Revista. Um grande investimento por parte da equipe editorial e dos agentes do campo em torno dessas questões foi realizado, conformando, assim, a temática “Saúde Pública”. Essa ocupa um lugar de grande destaque, tanto na primeira como na segunda fase da edição dos AE. Entretanto, a grande diferença que se apresenta é que nesta primeira fase a ênfase das publicações estava na instrumentalização das enfermeiras para o desenvolvimento de atividades educativas-preventivas diante das doenças epidêmicas que se espalhavam pelo país.

Além de analisar as questões específicas de saúde pública, como a prevenção e o controle de doenças epidêmicas que assolavam o país neste período, agrupei, nesta temática, as questões relacionadas à assistência social, assistência à mulher e à criança e higiene mental, pelas interrelações entre estas e a saúde pública. Deste modo, estes temas serão analisados, neste estudo, como subtemáticas da temática Saúde Pública. Estas subtemáticas estiveram muito presentes na primeira fase de edição dos AE, sendo assim distribuídas: textos sobre criança, 19; sobre assistência social, 9; sobre mulher, 8; sobre higiene mental, 8.

A primeira preocupação dos agentes do campo em relação à temática Saúde Pública foi a tentativa de definição dos princípios que deveriam orientar as ações da enfermeira que atuaria nesta área, bem como de construir a identidade profissional da enfermeira de saúde pública como educadora, cuja formação estava baseada em uma proposta pedagógica específica, que a diferenciaria da visitadora de higiene que atuava até então. E este foi o grande investimento desta primeira fase de edição da Revista em relação à Saúde Pública.

Com base no trabalho de William Rathbone e Florence Nightingale, quando os mesmos fundaram a 1ª Associação de Enfermagem de Saúde Pública em Liverpool, a enfermeira Celia Peixoto Alves reuniu em nove os princípios fundamentais que deveriam reger as ações desta profissional, publicando-os nos números 4 (abril 1934), 5 (outubro 1934) e 6 (janeiro 1935) dos Annaes de Enfermagem, com o título “Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saúde Pública”, os quais, após analisá-los, apresento de forma resumida a seguir.

“Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saúde Pública”

- 1º – Toda enfermeira de saúde pública deve ser diplomada, ter um curso teórico e prático num hospital geral de assistência onde possa ter uma prática completa de todos os ramos do serviço;
- 2º – Sobre a função educadora da enfermeira de saúde pública : ela deve estar centrada na tríplice missão: prestar cuidado ao doente; prevenir a doença – ensinando a profilaxia e promover a saúde, a higiene;
- 3º – Relaciona-se à ética profissional e subdivide-se em: ética em relação aos médicos e ética em relação aos doentes.

Em relação aos médicos, a enfermeira de SP **NÃO** pode:

- Assumir as responsabilidades que pertencem ao médico,
- Fazer diagnóstico, nem prescrever medicamentos ou tratamentos,
- Deixar de ser leal,
- Criticar o método usado, não comentar as ordens, nem o tratamento
- Influenciar na escolha do médico,
- Hospitalizar doente de médico particular sem autorização deste,
- Aceitar ordens verbais ou recados para tratamento.

Em relação aos doentes:

• Precisa saber ouvir, Saber ver e Saber calar¹⁰.

4º – Cooperação – Ou seja, trabalhar para um mesmo fim.

5º – Não interferir na religião do doente

6º – Exatidão na confecção dos relatórios do serviço feito nos domicílios

7º – Lutar por uma boa remuneração

8º – Vigilância das chefes sobre o trabalho das enfermeiras de saúde pública (vigilância que significava orientar no desenvolvimento e progresso de qualquer ramo de trabalho)

9º – Regulamentação do horário de trabalho da enfermeira para que ela tenha melhor saúde, melhor preparo e maior experiência para fazer com que a profissão progrida cada vez mais.

A forma como a noção de “Ciência” aparece nestes “Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saúde Pública” é muito clara, estando representada pelos termos ou categorias: “diplomada”, “ensino”, “educação”, “profilaxia”, “preparo”, “experiência”, etc. São os mesmos apresentados como forma de contraposição ao despreparo, à ignorância e à superstição com que trabalhavam os agentes da enfermagem até então. Esta forma de pensar e de se aproximar da “Ciência” aparecerá em muitos outros textos dos AE.

Com base nestes princípios, pode-se traçar o perfil da enfermeira de saúde pública: ter conhecimento; ser educadora; saber cuidar, prevenir e promover saúde; ser ética, leal e submissa; cooperativa; saber ver, ouvir e calar; exata, isentar-se de opinião sobre religião; vigilante e lutadora. Observa-se que as qualidades morais (cooperação, lealdade, etc.) aparecem entremeadas por qualidades intelectuais (conhecimento, exatidão, etc.).

¹⁰ Este princípio fundamental, inicialmente formulado para ser adotado pela enfermeira de saúde pública ao visitar os domicílios, ultrapassou os seus limites e generalizou-se a todas as profissionais do campo da enfermagem. Assim, “saber ver, saber ouvir e saber calar” transformou-se num lema dos agentes deste campo, sendo retratado pela figura da enfermeira com o dedo indicador sobre os lábios, existente em muitos hospitais.

Um outro ponto interessante nestes “Princípios” é que a autora, ao pontuar como um dos princípios fundamentais a luta por uma boa remuneração e por regulamentação do horário de trabalho da enfermeira, estava, em nome dos agentes do campo, caracterizando a prática deste grupo como uma profissão e não mais como “vocação”, conforme preconizou Florence Nightingale ao traçar o perfil da profissional deste campo.

Como a finalidade proposta pela Divisão de Enfermagem do DNSP a estas profissionais era lidar diretamente com as famílias em seus domicílios, havia toda uma preocupação, por parte da Escola de formação, em transmitir conhecimentos científicos e, principalmente, em inculcar-lhes valores éticos e morais para que suas condutas, ao lidarem diariamente com esta clientela, fossem irrepreensíveis, exemplares. O objetivo era, deste modo, inculcar nas mentes das enfermeiras um poder pastoral, a ser utilizado na sua prática.

Uma outra finalidade era estabelecer a distinção entre as enfermeiras de saúde pública e as visitantes de saúde, as “health visitors”, como eram essas identificadas pelas enfermeiras norte-americanas.

Este fato pôde ser constatado no mesmo artigo “Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saúde Pública”, quando Celia Peixoto Alves, concluindo a sua análise, diz que

“A enfermeira moderna deve aliar à sua técnica a função educadora, pois, a instrução eficiente é a pedra fundamental da educação do povo (...) Todo o serviço moderno de Saúde Pública é construído sobre um perfeito conhecimento científico.”

(Alves, AE, N° 4, julho de 1934)

O que fica bastante claro é que havia uma grande preocupação por parte da equipe editorial e dos autores-relatores da Revista em definir o campo da saúde pública e da enfermagem como campo científico, estabelecendo um contraponto com o empirismo e o esoterismo de épocas anteriores. Sob este aspecto, são recorrentes os termos: conhecimento, técnica, eficiência, instrução, educação e preparo. Destaco, mais uma vez, que estas eram as formas concretas utilizadas pelos agentes do campo de pensar a “Ciência” naquele período, tentando inserir-se nela.

O artigo “A Enfermagem no Brasil”, da enfermeira Edith Fraenkel, já citado anteriormente, contribui, também, para retratar com muita propriedade a proposta do campo da enfermagem brasileira em relação ao papel educativo-científico a ser desempenhado por estas profissionais, nas décadas de 30 e 40.

“O Brasil precisa de milhares de enfermeiras, para se espalharem de Norte a Sul, em cada recanto de terra, visitando todo lar de pobre afim de levar são ensinamentos de hygiene! e assim não tardará o nosso Brasil, tão grande, tão lindo nos seus encantos naturaes, a ser grande tambem e lindo na robustez do seu povo.”

(Fraenkel, AE, Nº1, maio de 1932)

Dentre os vários autores que escreveram sobre a temática Saúde Pública na primeira fase dos AE, os que mais se destacaram foram Edith de Souza (11 artigos), Rosaly Rodrigues Taborda (8 artigos), Celia Peixoto Alves (8 artigos). Os convidados ou colaboradores não enfermeiros que contribuíram com esta temática foram Plínio Olinto (8 artigos), Edgard Bernardes (5 artigos), Salles Soares (3 artigos) e Evandro Chagas (2 artigos).

Para se ter a dimensão exata da importância desta temática para o campo da enfermagem brasileira nas décadas de 20, 30 e 40, é preciso lembrar, embora já tenha sido analisado, o fato de que foi com o propósito de atuar de forma mais específica na área de saúde pública que se estabeleceu o convênio entre o governo brasileiro e o International Health Board (IHB), órgão da Fundação Rockefeller, que vinha atuando no Brasil desde 1916. O propósito era o de investir na saúde pública e, prioritariamente, na formação de pessoal qualificado e na valorização da perspectiva de carreira (Moreira, 1999).

O convênio foi concretizado com a vinda da Missão Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, sendo a equipe liderada por Ethel Parsons, então diretora do Bureau of Child Hygiene and Public Nursing da Secretaria de Saúde do Texas. A “Missão Técnica”, ou “Missão Americana”, foi composta por 31 enfermeiras, sendo 25 norte-americanas, 2 inglesas, 1 canadense, 1 norueguesa, 1 holandesa e 1 belga. As atividades previstas e realizadas pela Missão estruturavam-se em dois pontos: formação e assistência. Destas, 20 atuaram como professoras na “Divisão de Instrução de Enfermeiras” e 11 trabalharam na “Divisão de Saúde Pública” do DNSP, prestando assistência, como consta na “Lista das Enfermeiras”.

O título “Missão Técnica” dá a dimensão exata do seu propósito. Não era uma missão religiosa ou militar (embora o conceito de “missão” remeta o pensamento a ações religiosas e militares) ou mesmo uma missão cultural ou social. Era “técnica”, o que representava dizer científica, destinada a formar, a educar, a difundir conhecimento específico e assistir os doentes e suas famílias de forma diferenciada. Com base nos dados, trazer uma “Missão Técnica” para o Brasil significou trazer a ciência, a modernidade e a diferença. Foi a forma pensada de suplantando o empirismo e o senso comum vigentes até então.

O projeto pedagógico, isto é, o desenvolvimento de atividades educativas proposto pela “Missão” visava preparar e desenvolver nas mentes das enfermeiras brasileiras a responsabilidade de educar, de cuidar e de vigiar a comunidade como um todo e, também, cada indivíduo em particular, desenvolvendo, deste modo, um “poder pastoral”, como destaca Foucault (1995). Voltarei a discutir este “poder pastoral” das enfermeiras ao analisar a temática Pedagogia.

A proposta educativa passou a ocupar a centralidade das metas da “Missão” e este fato pode ser comprovado com a alocação de 20 enfermeiras, do total de 31 que compunham a “Missão”, em atividades educativas junto à Escola de formação. Ainda com base nos dados analisados, pode-se dizer que o propósito da “Missão Técnica” foi alcançado, pois o grupo de enfermeiras formado pelas enfermeiras norte-americanas que compunham a “Missão” passou a ser reconhecido por muitos profissionais do campo da saúde, por autoridades governamentais e, também, pela sociedade.

Teixeira (2001), ao analisar o papel educativo das enfermeiras deste período, destaca:

“A enfermagem moderna funda-se como uma prática educativa, com o espírito missionário de difundir os preceitos médicos, muitas vezes inconscientes. (...)

Os princípios iluministas, a visão mecanicista do corpo, o dualismo mente e corpo, o espírito missionário, uma prática educativa centrada no eu, a ênfase eugenista e higienista sustentavam o espírito campanhista e foram difundidos, na enfermagem, pelas enfermeiras visitadoras. Esses princípios, muitas vezes paternalistas, eram impostos principalmente às classes sociais menos favorecidas pois supunha-se um saber sobre o sujeito que ele próprio

desconhecia. Não se trabalhava, assim, com a subjetividade, não existia espaço para participação dos sujeitos no cuidado nem para formas de tratamento diferentes das oficiais. A isso se adicionava a crença positivista de que o saber técnico e científico superaria, com o tempo, os outros saberes, tidos como residuais e atrasados.”

(Teixeira, 2001, p. 27)

Como destaquei anteriormente, o objetivo fim da Missão Rockefeller era formar enfermeiras brasileiras para atuarem, especificamente, na saúde pública como educadoras, substituindo as visitadoras de higiene. Assim, a dimensão educativa, em consonância com o momento político e social do país, prevalecia sobre a dimensão cuidar, assistir. Contudo, esta dimensão educativa–preventiva foi, aos poucos, sendo perdida, privilegiando-se, a partir da segunda metade da década de 40, a prática curativa–assistencialista. A causa principal do abandono da dimensão educativa da enfermeira, neste período, deve-se à introdução do modelo biomédico, hospitalocêntrico, no qual prevalece a medicina dos órgãos, as especialidades. Este modelo se consolidará no final do século XIX e manterá sua hegemonia durante todo o século XX.

Abro aqui um parêntese para exemplificar a perda desta dimensão educativa por parte dos enfermeiros. Durante as décadas de 60, 70 e 80, estudos comprovam que os maiores empregadores de profissionais de saúde e, neste caso, de enfermeiras, foram as instituições hospitalares públicas e privadas. Reflexo do modelo que passou a ser adotado.

Um outro exemplo de perda desta dimensão educativa acontece no “Programa Médico de Família” (PMF), instituído em alguns governos municipais. As ações educativas e preventivas ocupam a centralidade deste Programa. Entretanto, o enfermeiro ocupa, neste Programa, o papel de supervisor das ações educativas realizadas por outros profissionais, neste caso por auxiliares de enfermagem. Tudo leva a crer que o resgate do papel educativo do enfermeiro poderá acontecer com o Programa Saúde da Família (PSF) proposto pelo Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

As ações desenvolvidas por enfermeiros no “Programa Saúde da Família” (PSF), instituído pelo Ministério da Saúde do Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, podem significar uma tentativa de resgate desta dimensão, na medida em que neste Programa é função do enfermeiro atuar diretamente junto das famílias, desenvolvendo, ali, atividades diagnósticas e, em especial, educativas.

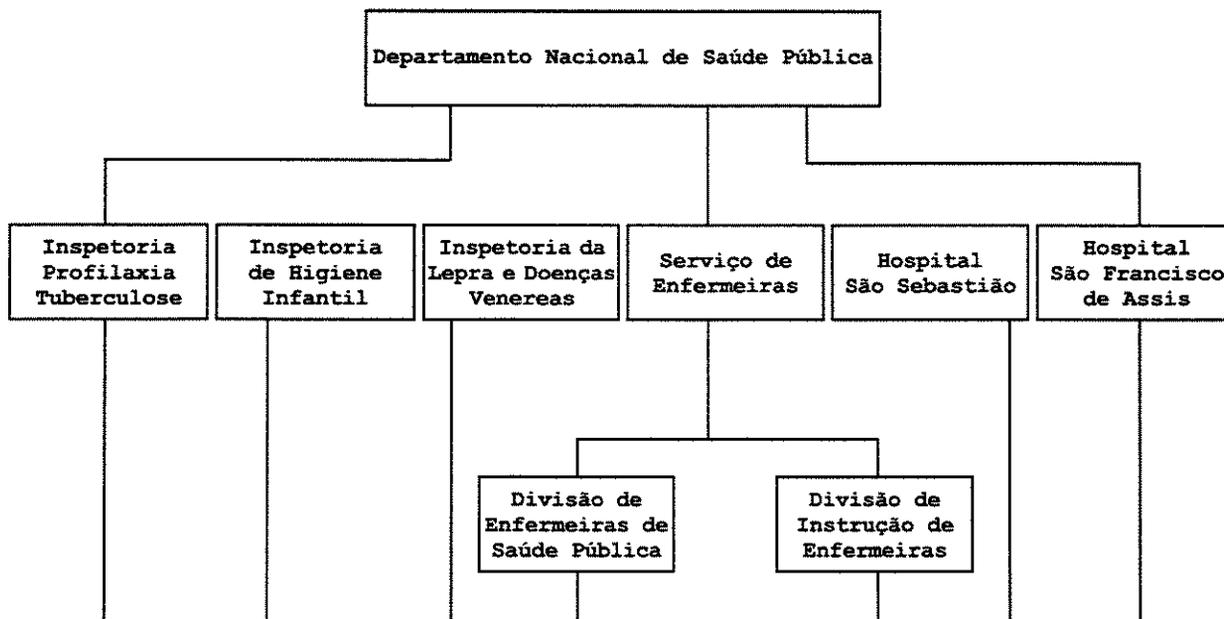
No período analisado, a “missão” das enfermeiras seria, também, a de substituir o trabalho médico junto às famílias e isto se deveu a dois motivos: primeiro por ser o papel educativo historicamente e culturalmente concebido como mais propício à mulher e, segundo, porque este tipo de trabalho demandava grande investimento por parte do médico, pouco retorno financeiro e pouca satisfação pessoal. Neste sentido, Barreira destaca que

“O serviço de visitação , tarefa considerada imprópria ao trabalho médico, exigia um grande investimento pessoal, pela oposição (de cunho moral ou político-filosófico) de certos setores da sociedade e pela relutância das famílias em receber visita sanitária.”

(Barreira, 1992, p. 52)

Neste contexto, foi criada pelo DNSP, em 1923, a primeira Escola de Enfermeiras, que, pelo decreto 17.268/26, de 1926, passa a denominar-se Escola de Enfermeiras D. Anna Nery. Ao concluírem o curso, estas profissionais eram, na sua maioria, contratadas para atuarem nos vários serviços (ou inspetorias) ligados ao DNSP, conforme mostra o diagrama abaixo.

Diagrama da Organização ao Serviço de Enfermeiras



Com base nos estudos de Schwartzman (1982), Herschmann e Pereira (1994) e Barreira (1996), pode-se dizer que o diagrama dos serviços ou inspetorias que compunham o DNSP é o retrato do Brasil da época. Como pode ser observado, há serviços específicos para tuberculose, lepra, doenças venéreas, desnutrição e doenças infantis, ou seja, os serviços correspondiam aos agravos de maior incidência da população brasileira naquele período. Ele mostra, também, que o Serviço de Enfermeiras constava de duas divisões: uma com objetivo de formar enfermeiras para atuarem como educadoras, produzindo um saber específico, este representado pela Divisão de Instrução. A outra, com finalidade de supervisionar o trabalho propriamente dito realizado pelas enfermeiras, representado pela Divisão de enfermeiras de Saúde Pública.

Na primeira fase dos AE, exatamente na publicação de nº 5, de outubro de 1934, tem início a publicação de nova Seção, destinada exclusivamente às enfermeiras de SP, denominada “Narrativa”. Neste espaço, elas narravam os problemas ou casos identificados durante as visitas domiciliares que realizavam. Esta seção circulou, em alguns números, com o nome de “Página de Saúde Pública” ou “Página da Enfermeira de Saúde Pública”. Dentre os vários casos narrados na Seção, destaco o que segue:

“Visitando a rua Armando Sodré, em substituição, tive ocasião de observar um quadro que tanto tinha de comovedor como de heroico. Bem no alto desta rua, já por si mui escarpada, ha uma casa velha, pequenina, desprovida de todo conforto, ainda mesmo do mais essencial à vida, como seja a agua, e quasi poderia dizer que lá se ressentia a falta de ar e de luz. São visitadas nessa casa uma tuberculosa e uma criança, porém, o que logo chama a atenção, é uma mulher, já bem idosa, castigada desde muito pela vida, pois já conta mais de 20 anos de cegueira, que trabalha, luta, enfrenta as necessidades diárias, como não fariam muitas pessoas sãs e perfeitas. Vê-la atente aos menores ruídos, deduzindo o que se passa da mesma maneira que se visse normalmente, seria interessante, si não fôra tão triste. No entanto, ao envez de merecer cuidados pessoais dos que a rodeiam, é ela quem lhes assiste com cuidado e interesse, trabalhando, sempre contente, em todos os mistéres caseiros, desde a lavagem da roupa até a cosinha.”

(Barros Mello, AE, N° 5, outubro de 1934)

A análise da produção mostrou que, relacionadas à temática Saúde Pública, foram divulgados, na primeira fase da edição dos AE, 35 textos e, na segunda fase, 16. Isto indica que esta temática representava uma grande questão nos anos 30 e 40, correspondentes à primeira fase da Revista. Muitos textos publicados tinham como principal meta contribuir na instrumentalização das enfermeiras de saúde pública em temas emergentes e centrais, como mortalidade infantil, desnutrição, alcoolismo e doenças infecto-contagiosas, como tuberculose, sífilis, difteria, febre tifóide, lepra e sarampo.

Dentre todos os temas apresentados, os relacionados à tuberculose foram os que sobressaíram, refletindo o quadro de saúde do Brasil. Destaco, para exemplificar, o artigo de Rosaly R. Taborda, “Vigilância aos Tuberculosos”:

“Por certo não terá a enfermeira de Saúde Pública outra tarefa mais ardua e ingrata. Trabalho que se torna mais difficil quando permanecemos no terreno arido da prophylaxia divorciada da assistencia social. E quantas vezes as instrucções dadas são impraticaveis diante do desconforto e da miseria? O bom senso e a pratica serão os melhores guias.

A vigilancia domiciliar aos tuberculosos tem por finalidade:

1º - educar prophylacticamente o doente para que não ofereça perigo aos que o cercam;

2º - ensinar aos comunicantes a se defenderem, mostrando como e por que meio o mal se espalha;

3º - systematicamente, encaminhar a exame medico todos os comunicantes, unico meio de descobrir a molestia ainda em inicio ;

4º - concorrer para a eficiencia do tratamento, mostrando ao doente a necessidade da persistencia e observação das ordens medicas.

A maior finalidade portanto, é zelar pela saúde dos comunicantes.

A tuberculose espalhada como está, e muitas vezes ignorada, torna-se uma doença difficil de se vencer somente pela prophylaxia, e como é incontestavelmente uma doença de carencia, forçoso se torna combatê-la fazendo a educação sanitaria aliada à assistencia social. (...)

O lar de um doente tuberculoso é, quasi sempre, um mundo de soffrimento e revolta onde, em cada visita, a enfermeira conscia de seus deveres, aprimora todo o seu engenho e vive intensamente no afan de poupar das garras malditas, uma vida preciosa que desabrocha para o mundo.”

(Taborda, AE, Nº 13 e 14 , junho/setembro de 1938)

O título do artigo, “Vigilância aos Tuberculosos”, expressa, já de início, o que se esperava das enfermeiras de Saúde Pública diante do quadro de saúde do Brasil e, em especial, diante dos inúmeros casos de tuberculose que assolavam o país naquele período: que assumissem o papel de vigilantes, de zeladoras, tanto do indivíduo como de sua família, ou seja, que atuassem como “missionárias”, exercendo um “poder pastoral” sobre estes, conforme apontam Dreyfus e Rabinow a partir de Michel Foucault (1995).

Um dado importante comprova a importância desta problemática para o campo da enfermagem. Diz respeito às constantes homenagens feitas às figuras ilustres do campo da Saúde Pública, como Carlos Chagas, Oswaldo Cruz e Prof. Dr. Leitão da Silva. Suas figuras aparecem retratadas nos AE e seus discursos ligam-se diretamente à temática. Destas figuras, a de Carlos Chagas foi a que ocupou o maior espaço na Revista. Ele ocupa um lugar especial, sendo eleito como referência para os agentes do campo nesta primeira fase de edição da Revista. A direção da Revista dedica, por exemplo, o editorial da Revista nº 6, de janeiro de 1935, ao Dr. Carlos Chagas. Com o título “Em Memoria”, ressaltam:

“O Brasil acaba de perder um de seus grandes filhos e uma das maiores glórias da medicina. Carlos Chagas patricio insigno, cientista celebre que os brasileiros com justo orgulho o veneravam, partiu deixando uma grande lacuna, dificil de ser preenchida.

Espírito de escól, trabalhador infatigável, foi o pioneiro da enfermagem moderna no Brasil. Foi ele que com sua larga visão de higienista modelar, trouxe a comissão tecnica de Enfermeiras Americanas até nosso paiz, surgindo então a Escola de Enfermeiras Anna Nery, glória nacional, filha de sua atividade quando Diretor do antigo Departamento Nacional de Saúde Pública.(...)

Por ocasião do seu enterramento, verdadeira apoteose, lá estavam as suas filhas Ana Neri, prestando-lhes uma alta e reverente homenagem.

Em alas, desde a porta da necropole até a sua sepultura, guardavam elas a passagem dos despojos de tão alta personagem e que tanto representa para a profissão de enfermeiras no Brasil.”

(AE, Nº 6, janeiro de 1935)

A Bibliografia sobre a temática Saúde Pública, indicada como leitura complementar pelos AE no período de 1932 a 1941, vai ao encontro dos temas eleitos pelo campo como prioritários. Os títulos citados e recomendados e que aparecem em maior número de vezes tratam de questões referentes à criança e às doenças prevalentes no período, como a tuberculose e a lepra.

A maioria dos textos produzidos sobre esta temática foram escritos por enfermeiras que atuavam diretamente nesta área, como as enfermeiras da Divisão de Saúde Pública do DNSP, as chefes de serviços de saúde pública e as professoras desta área da Escola Anna Nery. Há, também, a presença de muitos convidados, todos figuras de destaque no campo da saúde pública.

Cabe destacar que as questões relacionadas à Eugenia poderiam ser consideradas mais uma temática, dada a sua relevância, mas os eugenistas, os sanitaristas e as enfermeiras discutiram e defenderam as questões relacionadas à Eugenia em várias temáticas. Deste modo, a questão Eugenia é entendida como uma problemática obrigatória do campo, por interrelacionar-

se com as demais temáticas aqui estudadas, estando presente em toda a década de 30 e 40, período abrangido por este estudo. Será, assim, analisada como Problemática Obrigatória no próximo capítulo.

Muitos outros periódicos do campo da saúde elegeram as questões referentes à saúde pública (higiene e eugenia, de modo especial) como temática central de análise. Fez-se uma verdadeira “cruzada” nos diferentes campos para estudar e analisar os problemas que acometiam o homem brasileiro e que tornavam o Brasil “um país de doentes”. A criação dos periódicos “Gazeta Médica da Bahia” e da revista “Brazil Medico” são exemplos deste movimento.

Assim, em finais do século XIX e início do século XX, foram criados dois periódicos que discutem estas questões: a revista *Gazeta Médica da Bahia* (GMB) ligada à Faculdade de Medicina da Bahia e no Rio de Janeiro é criada a revista “Brazil Medico”. A primeira dedica-se de modo mais específico às questões sobre medicina legal e, mais tarde, sobre doenças mentais. A “Brazil Medico” preocupava-se em divulgar textos sobre higiene pública e modelos de combate às grandes epidemias que infectavam a nação (Schwarcz, 2000).

Nas primeiras décadas do século XX passa a ser editado, também no Rio de Janeiro, o jornal “A Saúde Pública”, editado pelo DNSP. Seu objetivo é fazer propaganda de educação sanitária e discutir a importância dos alimentos e da água, dando vários conselhos às crianças. Um outro periódico muito importante a discutir as questões referentes à saúde pública foi “Archivos de Hygiene”, publicado pela Seção Técnica de Saúde Pública da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social. Na edição de número 1, de abril de 1936, o periódico realiza um estudo estatístico sobre a incidência das principais doenças do Brasil, dando destaque à epidemia de sarampo que dizimou milhares de crianças entre os anos de 1929 e 1933 no Rio de Janeiro. Circularam, ainda, neste período: *Boletim do Instituto de Higiene de São Paulo* (1919-1946); *Arquivos de Saúde Mental do Estado de São Paulo* (1941); *Revista de Saúde Pública da Diretoria Geral de Saúde Pública – Salvador*(1925); *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública* (Fundação SESP - 1947). Estes periódicos, tidos como científicos, procuravam distanciar-se dos eventos políticos que tomavam lugar no país.

A **subtemática assistência social** foi, desde a criação dos AE, uma questão importante para os agentes do campo. Os dados indicam que as enfermeiras brasileiras buscavam participar de associações, movimentos feministas e entidades de promoção e assistência social. Barreira (1999) lembra que elas participaram ativamente da Associação Cristã Feminina (ACF), da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e do Serviço de Obras Sociais (S.O.S.).

O Serviço de Obras Sociais, mais conhecido como S.O.S., por exemplo, foi criado em 1934, pela enfermeira Edith de Magalhães Fraenkel. O objetivo do S.O.S. era a prática da assistência e da educação junto a pobres, doentes e desempregados. Seu lema era *“ajudar os outros a se ajudarem a si próprios”*.

A justificativa para a criação do serviço S.O.S encontra-se no artigo “A necessidade da organização de um serviço social para melhorar as condições do pobre”, escrito por Adelina Zourob e publicado no Nº 2 da Revista. A autora destaca que a maior parte das organizações caritativas são de origem religiosa, coordenados e realizados por pessoas sem instrução especializada e científica, o que gerou a criação da S.O.S.

A tarefa de educar, de assistir grupos sociais considerados “estigmatizados” ou “desfavorecidos” socialmente, como mulheres, crianças abandonadas, pobres, doentes e desempregados apresentava-se, para as enfermeiras diplomadas da época, como um dever profissional, o que leva a concluir que esta concepção fazia parte das representações ou da memória coletiva deste grupo no período em estudo. A leitura que se faz deste e de outros investimentos similares desenvolvidos pelas enfermeiras brasileiras é que essas profissionais assumiram a responsabilidade de resgatar o indivíduo e sua família dos problemas e conflitos que viviam, o que pode ser entendido como uma “missão civilizatória”.

Uma das atividades do S. O. S. foi a criação da “Agência de Empregos”, com a *“finalidade de colocar aqueles que, por inexperiência, desânimo ou outros embaraços, encontram dificuldades em adquirir meios para a sua manutenção”*.

Em setembro de 1937, no artigo “O Serviço Social”, Edith Fraenkel mostra a sua tese sobre o Serviço Social e as conclusões do II Congresso Internacional Feminino, ocorrido no Rio de Janeiro, onde foi debatido o serviço social no Brasil:

“O Serviço Social é uma manifestação moderna do antigo instinto humano de auxiliar, e é velha como a própria civilização. Era essa assistência individual no início, baseada na lei do amor ao próximo e em preceitos religiosos. A tendência moderna é para a acção coletiva como aspecto da sociedade actual, sendo elaboradas leis ditadas pelo desejo de auxiliar e adotados princípios científicos para orientar a concessão do auxílio. Aquilo que era voluntário, tornou-se obrigatório e o impulso individual foi substituído por um habito regular, baseado em princípios exatos.”

(Fraenkel, AE, N° 10, setembro de 1937)

O discurso de Fraenkel indica, mais uma vez, que a perspectiva evolucionista orientava o pensamento dos agentes deste campo. Neste sentido, a autora ressalta que a assistência social, antes realizada sob preceitos religiosos, cujo lema era amor ao próximo, passa a ser realizada com base em princípios científicos. A preocupação em cientificizar as ações dos agentes do campo e o próprio campo está representada pela contraposição: antigo-moderno; individual-coletivo, voluntário-obrigatório, religioso-científico. Utilizando os termos “princípios científicos” e “princípios exatos”, a autora tenta estabelecer a diferença entre a assistência social realizada até então (com base nos preceitos religiosos), com a que ela defende hoje, a assistência “moderna”, como sinônimo de científica.

Os dados mostram que havia por parte das enfermeiras da época, e em especial das enfermeiras Edith Fraenkel e Adelina Z. da Fonseca, uma grande preocupação com o Serviço Social no Brasil. Além de investirem na criação deste serviço, elas foram as principais defensoras da criação da Escola de Assistência Social, onde seria formada a Agente Social, hoje Assistente Social.

“Surge como necessidade imperiosa, a criação de uma Escola de Assistencia Social adaptada ao nosso meio, nos moldes já existentes nos Estados Unidos e em diversos países da Europa. Essas Escolas têm por objetivo preparar Agentes Sociais que saibam ensinar com eficiência e individualmente, a arte de viver physica, moral e economicamente aos que submergem no turbilhão dos problemas sociaes e vivem sem directrizes.” (Fonseca, AE, N° 9, maio de 1937)

Utilizando um discurso persuasivo, as enfermeiras utilizavam o espaço da Revista para convocar as colegas de profissão e demais senhoras da sociedade a aderirem a este Serviço. Assim, em alguns números dos AE (nºs 8, 10, 11) são feitas sucessivas chamadas buscando a participação dos agentes deste campo.

Caro Leitor

Procura saber o que é e o que pretende a S.O.S!

(Praça Tiradentes, 67- 2º andar)

E depois de bem informado da grandeza de "S.O.S." associa-te a ella para que a vossa cooperação reunida às demais enxugue as lágrimas de teu proximo que occultamente recebe de S.O.S. o socorro espiritual e material de que necessita.

A S.O.S. não pede nem dá a esmola que humilha e sim, a cooperação que exalta."

A equipe editorial da revista AE coadunava com a concepção que norteava as ações do S.O.S., na medida em que republicava, constantemente, esta convocação. Na Revista de nº 10 e na de nº 11, por exemplo, a convocação aparece publicada duas vezes em cada número.

A sociedade como um todo era convocada para colaborar no trabalho de assistência social, principalmente junto a crianças, cujos índices de mortalidade eram muitos altos.

"Não podendo, assim, o medico levar a feliz remate tão sério e relevante problema, mesmo que tenha a felicidade de dispôr do concurso eficiente do serviço de enfermeiras de Saúde Pública, como acontece, aqui, no Distrito Federal, apesar do seu quadro ser ainda muito reduzido, mais se patenteia imperiosa a colaboração decisiva da sociedade em favor da criança, por facilitar, de modo indireto, o combate vigoroso à pavorosa mortalidade infantil, que é o maior objetivo da higiene publica. Toda obra social, com tal finalidade, merece amparo e orientação científica de geito a torná-la cada vez mais proveitosa."

(Figueiredo, AE, Nº 2, dezembro de 1933)

A subtemática **assistência à mulher** está intimamente ligada à subtemática **assistência à criança**, na medida em que o papel pensado para as enfermeiras junto desta clientela era o de agentes de inculcação de “novos” hábitos. Caberia às enfermeiras, e em especial às de Saúde Pública, a tarefa de informar e orientar as mulheres em seu papel de geradoras e responsáveis pela “produção” de crianças saudáveis, fortes e bonitas, como demonstra o artigo Saúde e Beleza, de Mirabel Smith

“Assim, devia ser instituído, em todo o país, um prêmio para os pais que apresentassem a criança mais normal. A saúde é beleza, e é doloroso o espetáculo, que se me depara, quando passo pelos bairros proletários da nossa cidade: descaso e maltrato, somente o que cerca a nossa criança, os nossos futuros homens ! (...)

É comovente a ignorância em que nos encontramos a respeito da infância. Não falo só daquelas dos morros e bairros pobres, refiro-me também àquelas a quem não faltam rendas e brinquedos. Estas têm quasi tudo, mas falta-lhes as mais das vezes o melhor : a saúde e a bôa orientação materna.(...)

É preciso que a mulher aprenda a ser mãe. A mulher é que tem de solucionar este importantíssimo problema : dar à criança a normalidade física e moral.”

(Smith, AE, N° 8, novembro de 1936)

Com base nos dados, constata-se que na primeira fase da Revista estas duas subtemáticas, **assistência à mulher e à criança**, ocuparam um lugar muito importante. Elas são o reflexo das discussões e propostas que tomavam lugar no âmbito mais geral da saúde pública sobre a saúde da criança brasileira.

A proteção à infância foi uma questão que mobilizou profissionais do campo da saúde e também a sociedade de um modo geral. Dentre as organizações sociais de amparo às crianças existentes neste período, destacam-se: Missão da Cruz, Anjos de Caridade, Lactários, Instituto de Proteção e Assistência à Infância e Associação Maternidade e Infância.

Os altos índices de mortalidade infantil no Brasil, causados por desnutrição e doenças como sarampo, coqueluche e tuberculose, motivaram o Governo Vargas a realizar, no ano de 1933, a Conferência Nacional de Proteção à Infância, e o Dr. Gastão Figueiredo, médico da Inspetoria de Higiene Infantil, em seu discurso neste evento, destaca:

“A proteção à criança, tendo por escopo principal garantir seu normal desenvolvimento, constitui, ao mesmo tempo, o meio mais seguro de combater sua impressionante mortalidade.

Evidentemente é problema de alto relevo, que a todos deve interessar, pela grande finalidade que encerra. E todos os esforços devem gravitar nêsse objetivo, por isso que não ha obra mais meritoria que velar pela saúde e pela existencia da infancia.”

(Figueiredo, AE, N° 2, dezembro de 1933)

Com base em dados estatísticos que informavam a alta incidência de doenças contagiosas, como sarampo, coqueluche, tuberculose, difteria e muitas outras, em crianças, o Governo Vargas criou o Departamento Nacional da Criança, e estabeleceu a assistência a este grupo social como uma de suas prioridades de ação, fato que gerou grande número de reflexões sobre esta questão na primeira fase dos AE, tanto por parte das enfermeiras, como de seus convidados. Foram escritos, pelas agentes do campo e por seus convidados, 27 artigos sobre estas duas subtemáticas na primeira fase de edição da Revista.

As enfermeiras que se destacaram com o maior número de artigos foram Celia Peixoto Alves (4), Rosaly Rodrigues Taborda (3) e Margarida dos Passos Roza (2). Muitos especialistas, como pediatras, foram convidados a divulgar suas produções nos AE. Dentre eles, destacam-se: Dr. Alcino Rongel, Dr. Gastão de Figueiredo, Dr. Plinio Olinto, Dr. Oscar da Veiga Filho, Dr. Aristides Paz de Almeida, dentre outros.

Os principais temas discutidos tanto pelos agentes do campo como por seus convidados versavam sobre higiene e alimentação infantil e as causas sociais das doenças nas crianças. Para exemplificar, utilizo o artigo “Aspecto Social das doenças nas crianças”, de Celia Peixoto Alves:

“Uma infância sadia trará uma mocidade vigorosa e uma velhice feliz. Assegurar à criança meios para conservar e melhorar a saúde, é fazer-la triunfar na vida e elevar a Patria pelo engrandecimento do seu povo.

A criança tem o direito de ser bem nascida – eis o magno problema. Apesar dos progressos da ciência e do interesse que tem sido objeto, a infância continua a pagar o seu pesado tributo às doenças e à morte (...)

As condições físicas e mentais da mãe tem grande influência sobre o filho antes de depois do nascimento; em boas condições ela terá uma prole sadia; si porém, for leutica, alcoolatra, etc., passará forçosamente ao filho as taras morbidas e patológicas.”

(Peixoto Alves, AE, N° 10, setembro de 1937)

Um outro fato que comprova a centralidade da questão assistência à criança na primeira fase dos AE foi o lançamento de vários livros sobre o tema no período de 1932 a 1938: “As Noções de Alimentação Infantil”, de Margarida dos Passos Roza; “Educação Psicológica da Primeira Infância”, de John B. Watson e Rosaline Rayner Watson; “Como desenvolver o Appetite da Criança”, de Charles Anderson Aldrich e “O Seculo da Criança”. O livro “O Seculo da Criança”, do Dr. Oscar Clark, lançado em 1937, foi apreciado pela enfermeira Edith de Souza responsável pela Seção Bibliografia:

“É o attrahente livro do Dr. O. Clark um trabalho sobre hygiene e medicina preventivas, alicerce do Brasil futuro , porquanto são as crianças de hoje os futuros cidadãos da Patria de amanhã. A pequena quota dispendida na educação e hygiene de um povo será reembolsada, com juros fabulosos, para os cofres da Nação. Na actualidade é a criança escolar o centro de atracção dos sociologos de todos os paizes cultos. (...)

São alarmantes as estatísticas publicadas neste livro sobre o alto índice de tuberculose pulmonar entre alumnos e a fallencia da simples inspecção medico escolar em materia de diagnostico precoce.”

(Souza, AE, N° 9, maio de 1937)

No artigo “Prática do Serviço Pré-Natal”, ao analisar a importância do Serviço de Dietética Infantil, serviço criado pela enfermeira Rachel Haddock Lobo, na orientação quanto ao valor e preparo dos alimentos, Rosaly Rodrigues Taborda destaca que

“Nenhum outro serviço de Saúde Pública pode interessar mais a enfermeira, portanto voltemos para elle todas as nossas atenções certas de que estaremos construindo os alicerces da obra gigantesca em prol de uma raça mais forte, digna e feliz.”

(Taborda, AE, Nº 3, abril de 1934)

Por fim, a análise da subtemática assistência à criança mostrou ser esta uma das grandes preocupações do campo da saúde e da enfermagem daquele período. Esta preocupação pôde ser mais uma vez comprovada com a adaptação da Maxima de Herbert Hoover, publicada na Revista de nº 5, de outubro de 1934:

“O ideal que deveríamos almejar seria: que não existisse criança no Brasil que nascesse fora das condições próprias,, que deixasse de viver num ambiente higienico, que sofresse de desnutrição, que tivesse pronta e eficiente assistencia e inspeção medica, que recebesse instrução primaria nos elementos da higiene e boa saúde.”

Em relação à assistência à mulher, o que se pôde depreender dos discursos dos agentes do campo e dos convidados que por ele circularam é que a preocupação central não era propriamente com a sua saúde da mulher¹¹, mas sim com o importante papel desta figura na procriação, no acompanhamento de uma prole saudável e no controle da família. Os ideais eugênicos de formação de uma raça forte e saudável estavam ali subentendidos e passavam pela figura materna. Como exemplo, cito os artigos: “Cuidados indispensáveis aos seios no período da gestação e durante a lactação”, de Maria de Oliveira Regis; “Conselhos às gestantes”, de Rosaly Rodrigues Taborda; “Do tratamento Pré-Natal”, de Edith de Souza; “Alguns Aspectos da Assistência Pré-Natal”, de Dr. Murillo Queiroz de Barros. Todos esses textos refletiram sobre a importância da mãe na garantia da saúde da criança, não havendo em momento algum preocupação com a saúde da mulher.

¹¹ A temática Saúde da Mulher, eleita atualmente como uma das centrais do campo da saúde e da enfermagem, com políticas específicas, tem como objetivo tratar de questões referentes à mulher enquanto grupo social possuidor de certas especificidades, diferentes do papel pensado para a mulher nas décadas de 30 e 40, vista apenas como procriadora .

Um fato curioso a ser destacado é que temas hoje amplamente debatidos pelo campo da saúde e da enfermagem, sobre a saúde da mulher, como prevenção do câncer cérvico-uterino, de mama e climatério não fizeram parte das preocupações dos agentes do campo da enfermagem nas décadas de 30 e 40, porque a atenção estava centrada no papel de reprodutora-cuidadora da mulher, não estando, desta forma, presentes nos AE.

Um outro papel destinado à mulher, mãe de família, era o de controladora dos “vícios” que poderiam acometer seus maridos, “chefes de famílias”. Dentre os vícios citados, estão o desemprego, o jogo e o alcoolismo, os quais, segundo pesquisadores deste período, proliferavam pelo país, “desestruturando ou destruindo lares” e retardando o “progresso do país”. A mulher, foi assim, utilizada pelo Estado, mesmo que de forma subliminar, como uma agente de proteção da família, fato que contribuiria para o progresso do país. E as enfermeiras foram fundamentais na conformação deste papel junto da mulher.

Sobre o papel desempenhado pelas enfermeiras na inculcação deste papel junto às mães, o Dr. Luiz Capriglione, por ocasião da solenidade de formatura de enfermeiras do ano de 1931, destaca:

“Ensinaes às mães a preparar os futuros cidadãos antes do nascimento, orientaes, auxiliando o medico, na trajectoria do individuo. Levae a luz. Entraes pela escola a dentro e ahi attingis a criança physica e moralmente, onde sois o traço de união entre a escola, a familia e o medico.”

(Capriglione, AE, Nº 1, maio de 1932)

A equipe editorial dos AE, ao indicar como referência de leitura às enfermeiras o texto “Maternidade Consciente”, de Castro Alves, buscava incutir-lhes este papel idealizado e comentado anteriormente para a mulher daquele período. Neste texto, Castro Alves sugere que a educação das futuras mães seja iniciada nas escolas, à maneira como se faz nos Estados Unidos.

O conjunto de textos produzidos e divulgados pelos AE e que geraram a temática Saúde Pública como uma das mais importantes para o campo da enfermagem brasileira tem relação direta com as questões debatidas no Brasil e eleitas pelo Estado Novo como prioritárias

no período. Ou seja, as enfermeiras que atuavam na assistência domiciliar e estavam ligadas ao Serviço de Enfermeiras de Saúde Pública e aquelas que ministravam aulas na Escola de formação preocupavam-se em difundir os ideais higiênicos e eugênicos propostos pelo Estado, conforme analisei no Capítulo 1.

Estas propostas fazem parte do Arquivo Gustavo Capanema, analisados por Schwartzman (1982)¹². Dentre estas questões, destacam-se: a criação de Departamento Nacional da Criança com vistas à proteção à maternidade, à infância e adolescência; a criação da Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT); a criação do Serviço Antivenéreo das Fronteiras; a organização dos Serviços de Malária da Baixada Fluminense e do Nordeste; o Serviço Nacional de Febre Amarela; a Campanha Nacional contra a Lepra e a Peste; a criação do Centro de Cancerologia para o combate ao câncer; a remodelação de instituições destinadas a psicopatas; a organização de cursos de saúde pública para a preparação de sanitaristas especializados; a organização do Serviço de águas e esgotos da capital; a criação do Conselho Nacional de Serviço Social e a organização de uma Comissão Nacional de Proteção à Família.

A subtemática **“Higiene mental”** insere-se, também, na temática Saúde Pública pelo fato de ser de responsabilidade da enfermeira de saúde pública o “resgate” do doente mental e a missão de trazê-lo de volta à sociedade.

Sobre a produção das enfermeiras acerca das questões relacionadas à higiene mental vale destacar que não há textos escritos pelos agentes do campo especificamente sobre esta questão. Deste modo, todos os textos sobre “higiene mental” divulgados pelos AE foram produzidos por figuras externas ao campo, que escreveram como convidadas.

¹² O Estado Novo investiu muito, e de forma diferenciada, no campo da saúde e educação. A organização de Serviços Federais e Estaduais de saúde tiveram como propósito o combate e a prevenção das várias doenças que acometiam o cidadão brasileiro. O Departamento Nacional de Saúde Pública, pertencente ao Ministério da Educação e Saúde (M. E. S.), passa por reformulação no ano de 1939, dando lugar ao Departamento Nacional de Saúde, como órgão central e compreendendo como divisões a ele subordinadas: a de Saúde Pública, de Assistência Hospitalar, de Assistência a Psicopatas e de Amparo à Maternidade e à Infância. O Presidente Getúlio Vargas marcou a sua administração também com grandes investimentos na área da investigação científica, defendendo-a como indispensável na superação dos problemas que vivia o país. Esta análise pode ser encontrada em Schwartzman, Simon. Estado Novo, um auto-retrato (Arquivo Gustavo Capanema), coleção Temas Brasileiros, vol. 24, Ed. UnB, 1982.

Cabe ressaltar, ainda, que, no início da década de 30, o campo da psiquiatria não existia como especialidade. Os problemas relacionados à mente eram trabalhados pelo campo da Neurologia.

O principal divulgador e defensor das questões relacionadas à higiene mental na primeira fase da Revista foi o Dr. Plínio Olinto. De uma produção total de 8 artigos na primeira fase da Revista, 5 foram produzidos pelo Dr. Plínio Olinto. Para este especialista, a higiene mental era a própria Moral. Assim, segundo o autor, educar para uma boa higiene mental era trabalhar para uma boa moral e este era um dos mais importantes papéis da enfermeira.

O papel da enfermeira diante das questões referentes à higiene mental é apresentado no artigo “Aptidões e deveres da enfermeira de hygiene mental”, escrito pelo próprio Dr. Plínio Olinto:

“Mais do que qualquer outra, a enfermeira de hygiene mental precisa possuir dotes físicos, morais e intelectuais. Boa compleição, fisionomia agradável, gestos e maneiras delicadas são condições de apresentação que despertam a simpatia do doente e de seus assistentes, sejam parentes ou amigos, uns e outros tarados ou não.”

(Olinto, AE, N° 2, dezembro de 1933)

Com relação às aptidões necessárias a uma enfermeira que trabalhará com higiene mental, sobressaem, conforme pode ser observado no discurso do Dr. Plínio Olinto, aptidões físicas e morais. Os “dotes” físicos e morais, na concepção do autor, parecem essenciais, enquanto os intelectuais apresentam-se como complementares.

No artigo “Conselhos de Higiene Mental”, elaborado pela equipe editorial dos AE, são emitidos alguns “conselhos” que, segundo as autoras, influenciarão “*nossas atitudes mentais quotidianamente*”, gerando uma vida mais saudável. Dentre os vários conselhos citados, destaquei alguns: a sugestão e a auto-sugestão como detonador de atitudes positivas (o exemplo dado pelas autoras é bom dia ! ; como vai!); o enfrentamento diário de cada situação; o interesse pelo insucesso como forma de avaliar posições assumidas; evitar superidealismos, superinibições

e proibições e realizar as coisas do modo mais adequado a cada situação. Elas descrevem, assim, uma lista de conselhos, onde ressaltam que “*cultivar bons habitos mentais e deles servir-se adequadamente em cada situação, cria atitudes mentais logicas, normalizadas*”. O que chama a atenção é que não há embasamento científico para os conselhos sugeridos, indo os mesmos ao encontro da tentativa de cientificação que orientava os agentes do campo neste período.

Por fim cabe destacar que na temática Saúde Pública estavam contidas ou foram objetivadas seguintes problemáticas: higiene, eugenia, ciência, pátria ou nação, que serão analisadas no próximo capítulo.

5.3. A EDUCAÇÃO DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS E A PRODUÇÃO DO “HABITUS” HIGIÊNICO NOS SUJEITOS: A TEMÁTICA PEDAGOGIA

A temática “Pedagogia” encerra o que denomino de projeto ou proposta pedagógica idealizada e concretizada para as enfermeiras diplomadas brasileiras e que tinha como meta principal formar enfermeiras para conformar corpos e mentes. A preocupação com a “educação” das enfermeiras ocupava, deste modo, lugar de destaque no campo, fato que contribuiu para a geração da temática “Pedagogia”. Esta proposta pedagógica tem suas raízes na recriação do Sistema Nightingaleano no Brasil.

O modelo de enfermagem moderna ou científica idealizado por Florence Nightingale na Inglaterra vitoriana e difundido para vários outros países, inclusive para o Brasil, tinha como uma das suas principais metas a formação da enfermeira como educadora. Este modelo centrava-se na formação técnico-científica e moral da enfermeira, contudo trazia embutido consigo a proposta de formação de um poder pastoral. As raízes deste poder pastoral, que nasce religioso com as ações das Irmãs de Caridade junto aos doentes nos séculos XVII e XVIII, espraia-se para o meio secular, laico, no final do século XVIII e todo o século XIX (Foucault, 1995). Este tipo de poder foi incorporado pelos agentes do campo da enfermagem, naturalizando-se ali como um dos componentes ou atributos que orientam o fazer destes agentes.

A proposta pedagógica para a educação das enfermeiras brasileiras operacionalizava-se (ou se operacionaliza na medida em que, ainda hoje, segue-se este modelo) em dois momentos: no primeiro momento, as enfermeiras estão recebendo conhecimento, estão sendo educadas, construídas, conformadas para, num segundo momento, aplicarem, repassarem este conhecimento, atuando como educadoras.

Tendo como base o “Standard Curriculum for Nursing Schools” da National League of Nursing Education dos Estados Unidos, foi criada a Escola de Enfermeiras do DNSP, primeira Escola de Enfermeiras Diplomadas do Brasil. No artigo “Histórico da Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública”, a enfermeira Edith Fraenkel, além de apresentar o referido Currículo, aponta as dificuldades em recrutar moças brasileiras para ingressarem na Escola. Sobre este fato, destaca:

“Quando em meados do século 18, Florence Nightingale lançou as bases da enfermagem moderna, todo o mundo civilizado participou das dificuldades de recrutamento de alunas capazes, que tivessem além de educação secundária, uma verdadeira vocação para a arte de enfermeira, dificuldade a qual não escapou a nossa Escola. Mas, aqui também, contra o preconceito nacional e as velhas tradições, a resposta das moças brasileiras ao apelo patriótico não se fez esperar, vindo elas demonstrar um espírito de devotamento e de idealismo, que é uma verdadeira revelação, tanto em sua habilidade executiva, quanto em sua energia de ação.”

(Fraenkel, AE, N° 4, abril de 1934)

Uma breve reflexão sobre este primeiro Currículo apresentado por Edith Fraenkel no artigo citado anteriormente contribui para o entendimento de como se desenvolvia o processo de construção das enfermeiras naquele período.

CURSOS TEÓRICOS / CARGA HORÁRIA

Arte de Enfermagem	105 horas
Ética de Enfermagem	15 horas
História da Enfermagem	15 horas
Anatomia e Fisiologia	60 horas
Microbiologia	45 horas
Física e Química	45 horas
Higiene Mental	35 horas
Drogas e Soluções	15 horas
Nutrição e Cozinha (dietética)	45 horas
Ataduras	10 horas
Ginástica	12 horas
Psicologia	10 horas
Massagem	12 horas
Patologia Interna	30 horas
Enfermagem de Patologia Interna	30 horas
Patologia Externa	30 horas
Enfermagem de Patologia Externa	10 horas
Matéria Médica	30 horas
Pediatria	20 horas
Enfermagem de Pediatria	12 horas
Obstetrícia e Ginecologia	20 horas

Enfermagem em Obstetrícia	10 horas
Doenças Infecto-contagiosas	20 horas
Enfermagem doenças infecto-contagiosas	12 horas
Técnica de Sala de Operações	8 horas
Tuberculose	10 horas
Doenças Venéreas	12 horas
Oftalmologia	3 horas
Oto-rino-laringologia	6 horas
Enfermagemem Oto-rino-laringologia	5 horas
Higiene e Saúde Pública	20 horas
Enfermagem de Saúde Pública	25 horas
Primeiros Socorros	15 horas
Enfermagem de Primeiros Socorros	5 horas
Técnica adiantada	20 horas
Psiquiatria	30 horas
Enfermagem de Psiquiatria	5 horas

CURSOS PRÁTICOS / CARGA HORÁRIA

Curso Preliminar	5 meses
Estágios em Enfermarias de Medicina	5 meses
Estágios em Enfermarias de Cirurgia	3 meses
Estágios em Enfermarias de Obstetrícia	4 meses
Estágios em Enfermarias de Pediatria	4 meses
Estágios em Enfermarias de Dietética de Pediatria	2 semanas
Estágios em Enfermarias de Doenças Infecto-contagiosas	4 meses
Estágios em Enfermarias Oto-rino-laringologia e oftalmologia	2 meses
Sala de Operações	3 meses
Enfermagem de Saúde Pública	4 meses

Constata-se, através deste Currículo, que a formação integral acontecia em três anos, da seguinte forma: no “Curso Preliminar”, as alunas recebiam a formação teórica e no qual chama a atenção a carga horária destinada à “Arte de Enfermagem”, ou seja, aquela destinada à aquisição das chamadas “técnicas de enfermagem”. Era a maior carga horária (105 horas), indicando a preocupação com o adestramento técnico das alunas, conhecimento este que estabeleceria a diferença com o conhecimento vigente até então. Esta aquisição das técnicas acontecia concomitantemente à aquisição dos demais conteúdos teóricos. A carga horária destinada ao “Curso Prático” era, como se pode observar, bem maior, pois era neste “Curso” que as alunas aplicariam as “técnicas” e os conteúdos adquiridos no “programa teórico”.

Sobre o que os agentes do campo pensavam sobre a “Arte de Enfermagem”, a irmã M. Domitilla ressalta:

“Gostamos de dizer que a enfermagem é uma arte. Mas o que é uma arte? É a aptidão em aplicar conhecimentos. O conhecimento é fundamental, mas o indivíduo que possui conhecimento que não tem aplicação habil, não é artista. A enfermagem é uma arte tão confirmada quanto a produção de musica suave ou

de pinturas soberbas. É a arte de todas as artes, porque não trabalha com marmore ou outros objetos inanimados, mas com o ser humano, a obra prima da criação.

Os métodos usados em educar enfermeiras, portanto, não devia ser muito diferente dos métodos usados nas escolas de arte. Esses métodos são: primeiro, a seleção de alunos que tenham capacidade suficiente e talento especial; segundo, um treinamento aprofundado de técnica; terceiro, a exibição de modelos que devem ser copiados; quarto, auxílio no sentido de fornecer-lhes experiência, e finalmente, a criação de uma atmosfera que conduza a sucesso. Não é razoável crer-se que haja distinções que impeçam a arte de enfermagem de se reger pelas mesmas condições e princípios.”

(Irmã M. Domitilla, AE, N° 3, abril de 1934)

O que também pode ser observado através dos conteúdos e das respectivas cargas horárias é que a formação era bastante ampla, sem grandes aprofundamentos dos conteúdos. Entretanto, um outro dado importante chama a atenção: a adequação do Currículo à realidade de Brasil daquele período. Neste sentido, havia uma carga horária específica para serem trabalhadas as doenças de maior incidência naquele período, como era o caso da Tuberculose, de outras doenças infecto-contagiosas e das doenças venéreas. Este fato demonstra a preocupação e a sensibilidade dos agentes do campo, em especial das diretoras e professoras de enfermagem da Escola Anna Nery, ao recriarem o modelo de Currículo norte-americano no Brasil.

E qual era o argumento utilizado pelas agentes do campo ao adotarem um Currículo com esta estruturação, ou seja, com base norte-americana? No artigo “Aspecto da Enfermagem no Brasil”, de Bertha L. Pullen, encontro a resposta:

“As enfermeiras bem preparadas tem um argumento persuasivo a apresentar ao publico, e este é o seguinte que a vida do doente está mais segura nas mãos de uma enfermeira diplomada; que o doente tem maior garantia de restabelecimento; que a observação científica tem valor real para o medico; que elas podem economizar as despesas do hospital, pelos seus serviços; e que ensinando os preceitos da saude aos iletrados elas são ainda auxiliares prestimosas à economia nacional.

Podem ainda estas enfermeiras argumentar a seu favor que apresentam serviço infinitamente mais inteligente, mais eficiente do que a pessoa instruída deficientemente, ou mesmo do que uma enfermeira com preparo de poucos meses.

Qualquer diplomada que não puder apresentar estes argumentos a seu favor está perdida.

(Pullen, AE, N° 4, abril de 1934)

No estudo que realizou sobre o processo de construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República, Moreira (1999) confirma, também, que a preocupação central do campo da enfermagem ao recriar, no Brasil, o “Modelo Nightingaleano”, era educar, instruir as enfermeiras como forma de inserí-las no campo da saúde de forma diferenciada

“Através de ações educativas, preventivas e de cuidado, a enfermagem atuaria na reorganização da saúde pública e do serviço hospitalar, sob o olhar hierarquicamente superior do médico. Internamente, organiza o trabalho a partir de segmentações estabelecidas de acordo com outra hierarquia em que a ação de cuidado direto ao paciente seria gradativamente delegada a auxiliares e técnicos com formação básica e elementar e sem a origem social e cultural das ‘ladies nurses’, cabendo às supervisoras o papel de educadoras e capacitadoras da equipe. Na ótica das enfermeiras norte-americanas, educação neste momento estava muito mais para o ideal de ‘instrução’ do que para a formação de consciência crítica.”

(Moreira, 1999, p. 5)

As categorias “ações educativas, educadoras e capacitadoras”, presentes no texto de Moreira, comprovam a centralidade do papel educativo da enfermeira deste período. O papel de educadora, mesmo que hierarquicamente submisso ao olhar médico, pode ser considerado, neste sentido, privativo da enfermeira.

Com base na revista AE e para fins de análise, subdividi a proposta pedagógica em duas vertentes: “Pedagogia para dentro” e “Pedagogia para fora”.

A “Pedagogia para dentro” refere-se ao primeiro momento, aquele no qual os agentes estão no processo de construção, de formação, no qual estão sendo repassados conhecimentos técnico-científicos e formação moral. Concomitantemente, de forma subliminar, é inculcado nestes agentes um específico poder, aquele no qual o agente assume a responsabilidade pelos indivíduos, pelo “rebanho”, atuando como os guardiães da comunidade e de cada indivíduo em particular, o que Foucault (1995) chamou de “poder pastoral”.

No Brasil, a finalidade primordial era formar estas profissionais para serem educadoras ou multiplicadoras dos ideais higiênicos e eugênicos propostos pelo Estado neste período. Deste modo, as enfermeiras foram instrumentalizadas para atuarem como educadoras em saúde ou, para ser mais exato, para serem as agentes de divulgação destas propostas quando, nas suas ações junto das famílias, realizavam a “vigilância domiciliar”.

A análise dos dados mostrou que a “pedagogia para dentro” é concretizada ou objetivada através de três pontos: pela aquisição de conteúdos específicos referentes à educação e ao processo de aprendizagem da enfermeira; pela apreensão de técnicas de enfermagem¹³ e, por fim, pela aquisição de conteúdos que davam embasamento para a atuação mais específica em instituições hospitalares.

Ainda em relação à pedagogia para dentro, consta dos dados que, nesta primeira fase da Revista, foram publicados 18 artigos sobre questões relacionadas à educação; 7 artigos sobre técnicas de enfermagem e 25 artigos com conteúdo específico, cuja finalidade era subsidiar estas profissionais na sua prática em âmbito hospitalar. Evidentemente, é impossível analisar todos os artigos que tratam da questão da formação das enfermeiras, entretanto selecionei aqueles que, acredito, expliquem bem a questão.

Sobre questões relacionadas à educação foram publicados vários textos, cujo objetivo era o de contribuir como “facilitadores” do processo de aprendizagem das enfermeiras. Sob este ângulo, foram publicados os artigos “Organização do Programa Semanal de Estudo”, publicado

¹³ O termo técnica de enfermagem ou habilidades especializadas é considerado pelos estudiosos do campo da enfermagem como a arte da enfermagem, a primeira forma de expressão do saber dos agentes do campo. Refere-se aos conhecimentos específicos a serem utilizados pelas agentes do campo durante a realização de um procedimento no campo de prática. Para aprofundar esta reflexão, buscar Almeida, M. C. P. e Rocha, J. S. Y. . O Saber da Enfermagem e sua dimensão prática. SP, Cortes, 1989.

pela equipe editorial (Nº 3, de abril de 1934), “O ensino e o uso do Lesson Plan”, escrito por Zaira Cintra Vidal (Nº 4, julho 1934) e “Algumas Regras para tornar o estudo eficiente”, de Guy Montrose Whipple (Nº 10, de setembro de 1937).

A enfermeira que mais se destacou com textos sobre educação foi Zaira Cintra Vidal, com 4 artigos escritos nesta primeira fase da Revista. Também é expressivo o número de artigos traduzidos do American Journal of Nursing (AJN) e do “The Modern Hospital”.

Os textos que tratavam de educação das enfermeiras e divulgados nesta primeira fase de edição dos AE são, na sua maioria, baseados no modelo de educação utilizado pelo campo da enfermagem norte-americana na educação de suas enfermeiras. Uma das modalidades de estudo, de educação, utilizadas pelas norte-americanas era denominada “Caso de Estudo”. Muito comum no processo de ensino daquele país, foi adotado pelos agentes do campo, no Brasil, tendo sido a sua pertinência analisada pela primeira vez pela enfermeira Zaira Cintra Vidal, que destaca:

“Este processo muito usado nas escolas de enfermeiras da America

do Norte, compreende o estudo teorico de um doente.

Método de grande valor educacional, visa não só o estudo das condições físicas do doente, como também a sua historia e condições sociais.(...)

O “caso de estudo” deve incluir não só a a parte medica, como também a parte de enfermagem:sintomas apresentados pelo doente, observações da aluna, efeitos dos diferentes medicamentos, cuidados de enfermagem, etc. É um histórico completo do estado do doente, em nosso serviço.”

(Vidal, AE, Nº 5, Outubro de 1934)

A modalidade “Caso de estudo”, que no Brasil ficou conhecido como “Estudo de Caso”, é, ainda hoje, muito utilizado, tanto no campo da enfermagem como por vários outros campos da área da saúde, como a medicina, a nutrição etc., seguindo as mesmas orientações.

Uma outra estratégia muito utilizada pelos agentes do campo da enfermagem na educação das enfermeiras foi o que denomino de “pedagogia do exemplo”. Vários textos publicados pelos AE defendem a importância do exemplo de professores médicos e de enfermagem, de enfermeiras chefes e alunas antigas sobre a formação técnica-científica e moral das jovens alunas. Ao analisar as figuras homenageadas pelos agentes do campo, a equipe editorial, por exemplo, no artigo “Como o exemplo das alunas antigas tem influência nas preliminares”, lança mão de São Tomaz de Aquino para ressaltar a importância e a força do exemplo no processo de formação desta profissional

“Já disse S. Tomaz de Aquino: ‘um exemplo convence cem pessoas e cem palavras não convence uma’. Isto mostra que o nosso esforço deve visar somente os bons exemplos para que eles sejam copiados e continuados com êxito, mormente na nossa carreira.”

(AE, Nº 3, abril de 1934)

Desde a recriação no Brasil do modelo de educação nightingaleano, o processo de aprendizagem, ou seja, de formação de enfermeiras, foi estruturado para acontecer em dois dois momentos distintos, mas que se interrelacionam e se complementam: O que ocorre num primeiro momento é o que é transmitido, repassado em sala de aula, que corresponde ao ensino teórico. Em um segundo momento, são realizados estágios em instituições de saúde (hospitais) e também nas comunidades e, correspondente à prática, também denominado de “campo teórico-prático”, que se objetiva quando os agentes estão se relacionando diretamente com os diferentes grupos sociais.

Zaira Cintra Vidal no artigo “O Trabalho prático nas Enfermarias, explicita esta questão:

“A educação de uma enfermeira está subordinada a dois fatores: primeiro a instrução na sala de aula e segundo a experiência tida nos diferentes serviços do hospital. Na sala de aulas, a aluna recebe os conhecimentos teóricos, isto é, prepara-se teoricamente para cuidar do doente, nas enfermarias ela aplica estes conhecimentos e pratica as diferentes técnicas aprendidas no correr do seu curso, que significa adquirir habilidade necessária à profissão,”

(Vidal, AE, Nº 9, maio de 1937)

A importância do ensino prático na educação das enfermeiras ocupa um grande espaço, o que pode ser comprovado no Currículo apresentado anteriormente, ali representado pelos chamados “Cursos Práticos”. Eles são desenvolvidos em 36 meses, ou 3 anos, sobrepondo em muito o conteúdo teórico ministrado no início do curso.

A valorização da “parte prática” na formação da enfermeira aparece também nos artigos: “Como coordenar a teoria e a prática no ensino da enfermagem pratica”, escrito por Sister Berenice Beck para o AJN e traduzido para os AE, e “Bom ensino nas Enfermarias, o fator essencial na Educação de Enfermeiras”, de Irmã M. Domitilla escrito para o The Modern Hospital e traduzido para os AE. Destaco o primeiro artigo, escrito por Beck, para exemplificar a valoração atribuída pelos agentes do campo à prática:

“Os resultados benéficos do melhoramento científico da enfermagem pratica são muitas vezes diretos e específicos. Para o doente ele inclui: (1) maior eficiência, (2) maior conforto e economia; (3) maior tempo ; (4) melhor estética.

O medico, a enfermeira e a instituição são frequentemente beneficiadas. Em geral, o trabalho do medico e os aborrecimentos tendem a diminuir e o seu metodo de tratamento melhorar; a enfermeira usa tempo e esforço para maior vantagem e eficiência; ganhando melhor reputação, pode melhorar as suas leis de serviço.”

(Beck, AE,,Nº 5 outubro de 1934)

No processo de educar e formar os agentes deste campo, o saber proveniente das “técnicas de enfermagem” apresentam-se como aquele que estabeleceria a diferença entre enfermeiras diplomadas e demais agentes do campo (não-diplomadas). Segundo os agentes do campo, as técnicas de enfermagem instrumentalizavam as enfermeiras diplomadas para atuarem com base científica. E esta foi a cultura que se estabeleceu no campo e foi, deste modo, consolidada.

Na primeira fase dos AE, a importância conferida pela equipe editorial às técnicas de enfermagem era tal, que foi criada uma Seção específica para divulgar este conhecimento, denominada “Apanhados de Técnica”. Esta seção ficou sob a responsabilidade de Zaira Cintra

Vidal. Nesta seção, Vidal escreveu o maior número de artigos (4) e publicou, sobre este tema, dois livros: “Livro de Técnica de Atadura” e “Livro de Técnica de Enfermagem” que passou a ser referência no campo.

Edith de Souza, enfermeira responsável pela seção “Bibliografia” na Revista de nº 4, de Julho de 1934, ressalta a importância da aquisição de conhecimentos técnicos e indica como referência de leitura e de estudo os livros publicados por Zaira Cintra Vidal:

“Possuidora de inteligência brilhante a autora publicou no começo deste mesmo ano o primeiro livro em português sobre enfermagem hospitalar – “Técnica de Enfermagem”.

A novel profissão de enfermeira em nosso país, está em início de desenvolvimento auxiliada pelas obras de divulgação científica, como por exemplo, estes dois importantes livros citados: “Drogas e Soluções em Dez Aulas “ e “Técnica de Enfermagem ambos de Zaira Cintra Vidal.”

(Souza, AE, Nº 4, julho de 1934)

Com objetivo de subsidiar as ações realizadas no âmbito hospitalar, e também na saúde pública, as alunas e enfermeiras utilizavam os textos divulgados pelos AE para atualizarem os conhecimentos recebidos durante a formação.

Na primeira fase da Revista, foram divulgados 25 textos relacionados ao contexto hospitalar. Há, também, um significativo número de textos traduzidos do AJN. Os textos que têm como meta fundamentar as enfermeiras para atuarem no ambiente hospitalar são ecléticos, ou seja, falam de temas diversos. Os que mais se destacaram foram: Primeiros Socorros (4 artigos), Dietética e hospital, (4 artigos), Massagem Aplicada a Medicina (4), Medicamentos (suas diferentes formas de administração (2 artigos) e sobre a atuação da enfermeira nos momentos pré-trans e pós operatório (6 artigos).

Sobre o tema Primeiros Socorros, destaca-se a figura da enfermeira Aurora de Afonso Costa, com 4 artigos. Escritos na forma de pequenos cursos, são publicados, sequencialmente, nos números 4, 5 6 e 7 dos AE, com o título “Noções de Primeiros Socorros”. Destaco o primeiro destes textos, em que a autora mostra a importância da enfermeira enquanto educadora:

“Vamos iniciar, neste número, pequenas palestras em torno de noções de Primeiros Socorros, indispensáveis ao conhecimento de todos, visto ser muito comum se darem pequenos acidentes em que somos forçados a agir. Entre os acidentes mais habituais e que reclamam socorros de emergência, estão: queimadura, asfixia por gaz e por água, insolação, síncope, fratura, hemorragia, envenenamentos, etc.”

(Costa, AE, N° 4, julho de 1934)

O ambiente cirúrgico, a preparação de material esterilizado e as questões que envolvem o ato cirúrgico (pré-trans e post-operatório) destacaram-se nesta primeira fase dos AE. A enfermeira Edmée Celia de Oliveira Pinto foi a que divulgou o maior número de textos sobre este tema. No artigo “Algo de Cirurgia: Complicações Post-Operatórias”, destaca:

“Na vida de uma enfermeira, a cena operatória é que lhe reserva os mais dramáticos aspectos. A mim particularmente sempre impressionaram os acidentes operatórios e, sobretudo os ‘post-operatórios’ os que vão mais às responsabilidades da enfermagem e eis porque o assunto me prendeu muito o espirito, na hesitação em que me achei diante da difícil tarefa de dizer alguma coisa sobre um dos muitos aspectos da nossa nobre e trabalhosa profissão.”

(Oliveira Pinto, AE, N° 9, maio de 1937)

Um fato curioso merece destaque: O primeiro artigo divulgado pela Revista AE (AE, n° 1, maio de 1932) é de cunho técnico e discute um tema da área hospitalar, em um momento no qual a saúde pública ocupava a centralidade das atenções das autoridades da saúde. Com o título “O Papel da Instrumentadora no Team Operatório” e escrito por um médico, Dr. Brandão Filho, o artigo defende o papel da instrumentadora como mais indicado à mulher. E, assim, destaca:

“De fato, a pessoa encarregada desse papel deve ser do sexo feminino. As mulheres possuem a habilidade e a delicadeza manual próprias de seu sexo. São mais obedientes e mais atentas no desempenho de suas obrigações. Preparar uma meza, ordenar os instrumentos, limpá-los, montar uma agulha para uma sutura, são atribuições que se relacionam intimamente com a sua habitual vida doméstica. Além disso, a mulher possui uma inclinação espontânea para obedecer e para cumprir com exatidão as ordens que recebe. Está por conseguinte, naturalmente talhada para exercer a função de instrumentadora.”

Ocorre ainda que os suaves encargos do ofício, adequam-se à feição das possibilidades do sexo feminino. A instrumentadora deve possuir diploma de enfermeira. Convem, entretanto, não ser médica, afim de se alhear completamente da finalidade terapeutica dos diferentes tempos operatorios.”

(Brandão Filho, AE, Nº 1, maio de 1932)

Comprova-se, uma vez mais, que na memória coletiva dos agentes do campo e de seus convidados está gravado e consolidado o papel que se espera que seja ocupado pela mulher e pela enfermeira, tanto no campo da saúde como no da enfermagem. A mulher e a profissional enfermeira buscam, ainda hoje, descolar-se deste papel, construído socialmente para elas. Entretanto, há sinais de resistência por parte da sociedade. Um exemplo é que, ainda hoje, a grande maioria dos instrumentadores e também de enfermeiros é constituída por mulheres.

Vários especialistas externos ao campo, especialmente médicos, foram convidados a produzir textos sobre questões específicas do campo médico, como, por exemplo, sobre medicamentos e patologias ou problemas que necessitam de internação, provavelmente aquelas com maior demanda nos hospitais. Assim, dentre os problemas ou patologias analisadas, destacaram-se: artrites, queimaduras, fadiga e pneumonias.

Os textos que chamaram a atenção pelo título a eles conferido e, também, por sua extensão, foram “Massagem Aplicada a Medicina”. Do que poderiam tratar textos com estes títulos? Escritos pela enfermeira Carmem Graça, nos números 10, 11, 13, 14 e 15, tinham como finalidade apresentar as vantagens da massagem, das manipulações, dos exercícios e dos movimentos em benefício dos doentes. Segundo os textos, estas “massagens” não eram aquelas feitas por qualquer leigo. Sua função é terapêutica e realizada seguindo as regras da Anatomia. Para a apresentação de seus textos, a autora estabeleceu a seguinte ordem: Na Revista de número 10, apresenta as regras para a aplicação da massagem; na de número 11, trata dos efeitos fisiológicos de cada manipulação; na de número 13 e 14, mostra os locais próprios nos membros inferiores para as massagens e, por fim, na de número 15, os locais próprios nos membros superiores para as massagens. Com isto, quer a autora dizer que a “massagem” que defende deve ser realizada por profissionais preparados, médicos ou enfermeiros.

A outra vertente do processo de educação das enfermeiras é o que denomino de **“Pedagogia para fora”**. Corresponde às ações realizadas pelas enfermeiras sobre os sujeitos, com propósito de ensiná-los, educá-los e orientá-los. No contexto brasileiro da época, a **“pedagogia para fora”** tinha como principal meta a transmissão de ensinamentos com vistas a evitar ou combater os **“desvios”** (a doença e sua propagação, os vícios, a miséria e a ignorância), tentando criar com suas ações novas mentalidades, novos hábitos sobre saúde.

Estas funções que tinham como propósito educar, controlar, vigiar, são entendidas, aqui, como uma missão civilizatória. Isto é, os agentes deste campo, ao realizarem suas ações, buscavam **“civilizar”** e **“acompanhar”** os sujeitos que estavam sob sua responsabilidade.

Na pedagogia para fora, os agentes educam, orientam e cuidam de forma diferenciada, através da aplicação de técnicas específicas, científicas, apreendidas durante a formação. Deste modo, foram estes agentes **“preparados”** para esta **“missão civilizatória”** durante a sua formação.

Zulema de Castro Amado, no artigo **“Enfermagem escolar”**, escrito para a Seção **“Conferências”**, fala do amplo campo de ação da enfermeira de saúde pública, mas, mais uma vez, são destacadas as ações de ensinar e de cuidar:

“O campo de acção da enfermeira de saúde pública é vasto, inclue os cuidados da enfermeira com o doente acamado, sendo no entanto o seu principal trabalho, o ensino da prophylaxia e da hygiene à colletividade.” (Grifo nosso)

(Amado, AE, N° 1, maio de 1932)

Deste modo, a **“Pedagogia para fora”** é a segunda vertente do projeto pedagógico e seu objetivo é a educação tanto de grupos como de cada indivíduo em particular. Aqui, a enfermeira deverá aplicar, repassar, de uma forma bastante acessível, os conhecimentos adquiridos durante a sua formação.

Com base nesta vertente pedagógica a principal função da enfermeira era a de instruir, educar o **“povo”**, a **“raça”**, contribuindo na implantação e concretização do **“ideal eugênico”**, apresentado e analisado no Capítulo 1. A grande meta dos agentes deste campo nas décadas de 30 e 40 foi a participação do amplo projeto de **“regeneração”** do povo e de construção de uma **“nova”** sociedade, a ser composta por indivíduos **“normais”** (Schwarcz, 1993).

“É sempre grande a influencia que têm e o conceito em que são tidas as enfermeiras junto às famílias as quais prestam o seu auxílio, e por isso os seus conselhos e ensinamentos são observados e seguidos com bôa vontade. É, pois, bastante provável que tão bôa cooperação viesse, se generalizada, exercer ação efetiva no aperfeiçoamento do nosso povo e dos nossos registros.”

(Freitas Filho, AE, Nº 16, 1939-1940)

Foucault (1995) relembra que o poder pastoral, cuja origem está nas instituições cristãs, ampliou e diversificou suas funções a partir do século XVIII, adquirindo uma nova configuração. Pode ser agora entendido como um poder secular, realizado não apenas como um sacrificio de uma vida para fins de obter a salvação individual no outro mundo. *“É uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida”*(1995, p. 237).

As enfermeiras brasileiras foram “preparadas” pelas Escolas no sentido de desenvolver este “poder pastoral”, e foi este tipo de poder que, incorporado, passou a orientar as ações dos agentes deste campo, quer na saúde pública, quer no âmbito hospitalar.

“Devemos ter dedicação extrema aos doentes que os medicos tenham declarado perdidos, é nesses momentos que continua de pé o dever da enfermeira, suavizando quanto possível a morte do doente; não esquecendo que dos nossos cuidados de enfermagem depende a vida ou morte de um doente.”

(Grossmann, AE, Nº 11, dezembro de 1937)

Assim, as categorias “cuidar”, “educar”, “acompanhar”, “orientar”, “vigiar”, dentre outras, faziam parte do papel “pastoral” das enfermeiras brasileiras . Com base em Foucault, Caponi (2000) lembra:

“O pastor é responsável pela existência material de seu rebanho como um todo e de cada uma das ovelhas. O rebanho lhe deve, conseqüentemente, obediência ilimitada. A obediência exige a aceitação das verdades que o pastor impõe como tais, mas também um conhecimento próprio como pecador e penitente, que deve ser enunciado sob a forma da confissão e como um modo de solicitar a penitência.”

(Caponi, 2000, p. 53)

Ao assumirem este “poder pastoral”, as enfermeiras brasileiras reafirmavam, recriavam a sua prática, as suas ações como um “sacerdócio”, uma “missão”, uma “renúncia de si mesma” que, por fim, objetivava o reconhecimento e um lugar especial.

Sobre os dois tipos de pedagogia, pode-se afirmar que eles não são estanques, eles se interrelacionam e estão presentes desde o início do processo de profissionalização deste grupo. Com isto quero dizer que, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimentos e incorporam o poder pastoral, as enfermeiras os aplicam. As duas vertentes da proposta pedagógica estiveram sempre muito presentes no AE. O artigo de Amado, publicado em 1932, no primeiro número da Revista, exemplifica muito bem estas duas vertentes:

“O fim principal do trabalho da enfermeira de saúde pública é conservar a coletividade em boa saúde, isto é, cuidar adequadamente do doente, ensinando-lhe a evitar a propagação das doenças, assim como aos que o cercam. Isto a leva a ensinar às pessoas sãs a evitar infecções possíveis de qualquer origem, ministrando a todos, os princípios fundamentais da saúde e a prolongação da vida, por meio de um viver higienico... .”

(Amado, AE, N° 1, maio de 1932)

As categorias “conservar”, “cuidar”, “ensinar” e “formar” eram recorrentes no campo e orientavam as ações das enfermeiras deste período. O texto de Amado mostra esta questão:

“A enfermeira moderna é ao mesmo tempo psychologa, phylosopha e sociologa, ora procurando conhecer e comprehender seus doentes, para ensinar-lhes a supportar as adversidades e os sofrimentos pelo exemplo da sua propria mentalidade fortalecida pelo estudo do ‘imperio de si proprio’, ora ajudando-os em seus problemas sociaes (tanta vez causa de males physicos) como levar-lhes conhecimentos apreendidos no estudo da sociologia.”

(Rachel Haddock Lobo, N° 1, maio de 1932, p. 6)

No texto “A Nacionalidade da Enfermagem”, a equipe editorial dos AE deixa clara a aproximação que a enfermagem buscava com a ciência e o duplo papel pensado para esta profissional: o de educadora e o de cuidadora:

“A enfermagem com suas bases na ciência é formada por pequeninos detalhes, tem alta função social. Ela inclui, além da vigilância sanitária do indivíduo e de sua família, os cuidados dispensados ao doente em seu próprio domicílio ou no hospital. Ela marcha ao lado da medicina, da qual é complemento indispensável.”

(AE, nº18, janeiro/março de 1946)

Ao praticar a “vigilância sanitária do indivíduo e de sua família”, os agentes do campo estavam objetivando o poder pastoral de que foram investidos durante a formação, tanto ao trabalhar no nível individual quanto no coletivo. Atuam, desta forma, como quem acompanha, orienta e controla o seu “rebanho”. Este poder pastoral possui, entretanto, agora, uma base científica.

Ainda em relação à pedagogia para fora, é expressivo o número de artigos e textos que tratam do papel educativo da enfermeira, aqui entendido, como destaquei anteriormente, como uma missão civilizatória. No artigo “Histórico do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública”, de Edith Fraenkel, este papel é claramente defendido:

“A mortalidade infantil e a tuberculose são os nossos maiores problemas sanitários e estes só poderão ser resolvidos pelos ensinamentos da higiene individual, que visa a mudança de hábitos diários no indivíduo. Estas mudanças de hábito do povo só poderão ser obtidas por meio da educação. A enfermeira de saúde pública, em contacto direto com as condições particulares de vida, ponto essencial para o sucesso de uma questão tão nitidamente pessoal como é a higiene, foi considerada a mensageira da saúde. Ela é o verdadeiro instrutor sanitário, trata e dá conforto ao doente com as suas próprias mãos, pela experiência que adquiriu no hospital. Ao mesmo tempo, tendo ganho a confiança da família, é ouvida com a maior atenção, podendo assim com a palavra e o exemplo, inculcar nos lares os preceitos indispensáveis de higiene e de prevenção contra doenças infecto-contagiosas.”

(Fraenkel, AE, Nº 5, outubro de 1934)

Ao ser intitulada de “mensageira da saúde”, “instrutor sanitário”, é mais uma vez reforçado o papel de educador, cumprindo o papel da “pedagogia para fora”.

Após “conquistar” a confiança dos membros da família, a enfermeira deve tentar a inculcação de hábitos higiênicos, através da “palavra” e do seu “exemplo”. Estes deveriam ser o guia das ações das enfermeiras daquele período, ressalta Fraenkel, confirmando o seu papel pastoral.

Por fim, cabe destacar que a “missão civilizatória”, ou “missão salvadora”, tratada anteriormente, não era assumida, ou seja, tomada para si, apenas pelas enfermeiras brasileiras. Lilian Schwarcz, ao analisar a revista *Brasil Medico*, destaca que os profissionais médicos, da mesma forma que as enfermeiras, atribuíam a si próprios, neste período, o papel de “missionários”, “sacerdotes” do campo da saúde:

“Os médicos do Brasil Medico continuarão a se reconhecer em sua missão salvadora, a enaltecer a oportunidade de sua atuação. De fato, pensar a sociedade como se pensava o indivíduo, fazer dela um grande hospital será ainda, nos anos 30, grande fonte de inspiração.”

(Schwarcz, 2000, p. 235)

Para finalizar a reflexão sobre esta primeira fase de edição dos AE, cabe lembrar que, mesmo sendo incorporadas novas temáticas na segunda fase, como por exemplo, as temáticas “Administração” e “Legislação e Ética”, aquelas que se destacaram na primeira fase não se esgotaram, determinando, com isto, uma certa continuidade de pensamento no campo, como será visto no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6



**As Temáticas Recorrentes
na Segunda Fase dos Annaes de Enfermagem
(Fase São Paulo – 1946 a 1950)**

“As responsabilidades no campo da saúde cresceram, grande número de fatores foram considerados com atenção e entre eles, a enfermeira como elemento indispensável num programa de saúde pública. Dessa expansão, da necessidade de alguém para dirigir supervisionar e ensinar, resultou a exigência de especializações e maiores conhecimentos de organização, administração supervisão e ensino

(Miranda, AE, vol. I ,Nº 2, abril de 1949)

Antes de passar a analisar as temáticas recorrentes que tomam lugar no campo nesta segunda fase de edição dos AE, é importante lembrar, na medida em que este fato já foi discutido anteriormente, que em 1946, após cinco anos de paralisação, é retomada a publicação dos Annaes de Enfermagem, sendo que a Revista passa a ser editada, a partir daí, na cidade de São Paulo.

Não há relatos na Revista sobre os motivos que levaram à interrupção da publicação, nem pela equipe editorial que assume a edição da Revista em São Paulo e tampouco pela que encerrou a publicação no Rio de Janeiro. O período no qual não houve publicação é velado e tenta-se encobri-lo, utilizando como estratégia a continuidade da numeração da publicação e nomeando esta retomada de “Recomeçando”. Entretanto, já pontuei anteriormente no Capítulo 4, que o período de paralisação corresponde ao período da II Guerra Mundial, o que, por si só, é um indicativo das dificuldades pelas quais passavam o país e todas as Instituições.

Com isto, o primeiro número da Revista editado em São Paulo recebe o número 18, e o último, editado no Rio de Janeiro, recebera o número 17. O objetivo era, como destaquei acima, conferir à publicação uma continuidade de pensamento e de ação. O que não foi alcançado, ocorrendo algumas mudanças significativas, como, por exemplo, a redução gradativa do número de anunciantes.

Um outro dado importante, também já destacado anteriormente, é que as temáticas que estiveram presentes em vários momentos da primeira fase não desapareceram por completo na segunda fase. A elas foram acrescentadas outras, como demonstrarei a seguir.

Antes de iniciar a análise das temáticas recorrentes desta segunda fase dos AE, cabe destacar, de antemão, que a grande marca a diferenciar esta fase da primeira é que as preocupações das enfermeiras centram-se, neste período, na tentativa de melhoria do processo de formação, ou seja, na educação destas profissionais, incluindo aí a luta pela inserção da pós-graduação no campo da enfermagem. O objetivo era, com certeza, montar e consolidar uma rede de instituições de saber (Escolas, Associação de classe, Revista periódica, Hospitais, Congressos, etc.) que conformasse um “capital cultural”, consolidando o campo como campo científico.

Duas outras reflexões ocupam, também, lugar importante neste período. Dizem respeito ao déficit de enfermeiras que estavam sendo formadas e o alto índice de abandono da profissão. Estas questões foram analisadas no interior da respectiva temática, que apresento a seguir.

6.1. A ATUALIZAÇÃO E PERPETUAÇÃO DE FIGURAS ILUSTRES DO CAMPO: A TEMÁTICA HISTÓRIA PERMANECE.

Na segunda fase de publicação dos AE, a estratégia de atualização dos mitos e figuras ilustres ou emblemáticas do campo da enfermagem e da saúde tem continuidade. A forma de narrar mantém, também, uma linearidade.

Deste modo, algumas figuras homenageadas e biografadas na primeira fase e que ocuparam, naquele momento, lugar de destaque continuam presentes nesta segunda fase. Este é o caso de Florence Nightingale e Anna Nery.

Goldenberg, ao analisar o método biográfico diz que

“Cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais.”

(Goldenberg, 1997:36)

Para os agentes do campo Florence Nightingale e Anna Nery são “singulares e universais”, ou seja, carregam consigo, expressam, a história pessoal e, ao mesmo tempo, a história social de um campo, o campo da enfermagem brasileira.

O que fica bastante evidente nesta fase, é que, ao mesmo tempo em que a equipe editorial tenta aproximar o campo da enfermagem do campo científico, convocando as enfermeiras para lutarem por um órgão específico de divulgação de seus produtos, para a produção de pesquisas que subsidiarão a aplicação das “técnicas científicas” nos procedimentos a serem realizados na prática profissional, a genealogia da profissão

continua a ser resgatada, através da atualização das figuras emblemáticas ou míticas do campo. Há, neste sentido, um movimento pela perpetuação da “cultura histórica” do campo; o editorial da revista de nº 18, neste sentido, ressalta:

“A enfermagem necessita de um órgão de publicidade não só para divulgação de informações e troca de idéias, auxiliando grupos ou indivíduos trabalhando isoladamente, sem facilidade de se comunicar com outros elementos da profissão, como para estimular o espírito de pesquisa, no intuito de melhorar as nossas técnicas, através da publicação dos resultados obtidos, dos quais advirão inestimáveis proveitos em prol do bem-estar e da saúde do nosso povo.”

(Equipe Editorial, AE, Nº 18, janeiro/março de 1946)

O projeto de atualização e exaltação das figuras ilustres do campo da enfermagem, mesmo que de forma menos enfática, tem, assim, continuidade quando a revista *Annaes de Enfermagem* passa a ser editada em São Paulo. Exemplo deste fato é a reprodução da estátua e do discurso de Florence Nightingale publicados em janeiro de 1946, no número 18, ou seja, no primeiro número dos AE, quando é retomada a edição em São Paulo.

Mesmo sem nenhum tipo de identificação do texto exposto ou do seu autor, é apresentada a estátua de Florence e reproduzido, ao seu lado, o discurso por ela feito, considerado, pelos agentes do campo, como a sua marca emblemática, conforme mostrei no Capítulo 4.

Esta exaltação silenciosa feita pela equipe editorial indica que não é necessário apresentação quando se fala de Florence. Sua figura é tão representativa para o campo que não se justificam apresentações ou comentários, ela fala por si só. Florence Nightingale singulariza ou simboliza, com os seus atos, a universalidade do campo da enfermagem.

Anna Nery é outra figura que continua muito presente nos AE. Na Revista de Nº 23, por exemplo, há dois textos sobre ela: no primeiro, “Historia de Enfermagem – Ana Neri”, da profesora da Escola de Enfermagem de São Paulo Corina Berlinck, ela é destacada como “a nossa primeira **enfermeira** voluntária”, (grifo nosso), mesmo tendo muito pouco “conhecimento formal” para lidar com pessoas feridas e doentes. Em seu artigo, a autora, ao biografar Anna Nery, destaca:

“Cinco anos incompletos estive ao lado do nosso Exército, cumprindo santamente a sua missão de calorosa simpatia e de amor ao próximo, servindo a Pátria, redimindo a dôr, alentando com uma abnegação estoica os feridos e doentes, consolando os moribundos, praticando o bem , num admirável sacrificio de si mesma...”

(Berlinck, vol.XVI, abril/junho de 1947)

No segundo texto sobre Anna Nery, denominado “Uma Pioneira”, escrito pela professora de enfermagem e Diretora da Escola Carlos Chagas em Belo Horizonte, Waleska Paixão, Anna Nery é, da mesma forma, admirada pelas enfermeiras e considerada uma figura “digna de veneração das enfermeiras do Brasil e inspiradora dos mais altos ideais.” Paixão, neste sentido, ressalta

“Se não vemos em Ana Néri a revolucionadora ou criadora de método na formação de enfermeiras, podemos afirmar, porém, que seu devotamento aos feridos não ficou inferior ao das grandes heroínas da enfermagem (...)

(...) E se pensarmos que não serviu na guerra como as enfermeiras modernas, que pertencem a uma organização, trabalham em grupo, e, mesmo no desconforto dos campos de batalha recebem meios de vencer as dificuldades da situação; se nos lembrarmos de que seguiu só, inexperiente da vida hospitalar, para se entregar tão inteiramente ao serviço dos feridos, reconheceremos a grandesa de seu valôr moral.

E, porque a ciência apesar de grande e nobre, e a arte, apesar de sua delicadêsa, cedem deante de grandêsa dos heróis, é que nós, enfermeiras do Século XX, ciósas de nossa formação profissional, curvamos a cabeça, num preito de admiração, quando contemplamos a figura admirável de Ana Néri.”

(Paixão, vol. XVI, abril/junho de 1947)

Uma outra figura do campo da enfermagem brasileira homenageada nesta segunda fase é a professora e Diretora das Escola Carlos Chagas, em Belo Horizonte, e da Escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, Laís Netto dos Reys. No Editorial “In Memoriam”, consta uma pequena biografia sobre a vida pessoal e profissional desta “ilustre enfermeira”, homenageada como “exemplo de dedicação e bondade”.



“Em D. Laís estavam aliadas as qualidades de grande dama e de enfermeira. Desde sua viuvez, concentrou suas atividades na causa da Enfermagem. Com o seu desaparecimento perde a Enfermagem do Brasil um de seus melhores elementos, mas no espírito das enfermeiras brasileiras ficará para sempre, a imagem de D. Laís como exemplo de dedicação e de bondade.”

(AE, vol. III, Nº 3, julho de 1950)

As qualidades, virtudes, valores morais e conhecimentos esperados ou desejados para uma boa enfermeira eram constantemente destacados, atualizados nas biografias das figuras eleitas como personalidades do campo. Mais uma vez, nesta segunda fase dos AE, a estratégia do exemplo era utilizado como meio para a inculcação de um específico *habitus* científico e de conformação de uma identidade social.

A revista de número 19, de junho de 1946, também presta homenagem a uma figura feminina de destaque. Reproduzindo o artigo “Da Bahia a Enfermeira Nº 1 do Brasil”, escrito pelo jornalista Afonso Costa, é homenageada a senhora Francisca de Sande. No artigo, inicialmente veiculado pelo jornal baiano “A Tarde”, Francisca de Sande recebe, do autor, título de “enfermeira”; contudo, seu conhecimento sobre como lidar com doenças e doentes era rudimentar, empírico. Ressalta o autor, em seu artigo, que a senhora Francisca de Sande, após sua viuvez, transformou sua casa em abrigo para inúmeros pobres e mendigos da cidade de Salvador, acometidos pela febre amarela, vulgarmente denominada “bicha”. Fornecia guarnições para os doentes, remédios, e pagava os médicos pelo atendimento aos doentes. Pelo seu espírito piedoso, humano e solidário, foi homenageada, pelo jornalista, com o título de “Enfermeira número 1 do Brasil”. A

reprodução deste artigo nos AE indica que as editoriais, representando o pensamento dos agentes do campo, aliam-se ao pensamento deste jornalista sobre a figura de Francisca de Sande. Em mais um momento, a Revista procura retratar figuras que possam contribuir como exemplos de conduta para os agentes do campo; contudo, este investimento reforça a ambigüidade da identidade destes profissionais.

As reproduções de artigos do American Journal of Nursing continuam presentes nesta segunda fase e, além do expressivo aumento de artigos de cunho técnico, são reproduzidas, também nesta fase, homenagens a figuras de destaque do campo da enfermagem de outros países. A enfermeira Annie Warburton Goodrich é um exemplo deste fato. Sobre esta figura, tomada como exemplo pelo campo da enfermagem norte-americana, é publicado o texto “Homenagem a Miss Goodrich”. Nele destaca-se, além dos atributos morais desta enfermeira, a sua contribuição na luta pela inserção de princípios científicos na prática de enfermagem, comprovando ser esta uma das preocupações centrais dos agentes do campo.

“Há mais de meio século, vem pregando que as condições de saúde do País só melhorarão, se as enfermeiras receberem uma sólida formação científica, se conhecerem os problemas sociais e possuírem técnica eficiente.”

(AE, Nº 19, abril/junho de 1946)

O processo ou a estratégia de heroificação de figuras do campo da enfermagem perpetua-se nesta fase e o objetivo fim é tentar articular a biografia da figura emblemática do campo com o contexto histórico e social. Ou seja, as homenagens não tinham como finalidade atualizar, apenas, a figura ilustre; elas refletiam, através do homenageado, o momento histórico, cultural e político, no qual esta figura estava inserida, ressaltando comportamentos, valores e pensamentos que poderiam contribuir para a edificação do campo e dos seus agentes. Como acontecia um movimento de cientificação e modernização de vários outros campos, a enfermagem brasileira lança mão de figuras ilustres tanto para atualizar concepções éticas e morais que defendiam como inerentes a estes profissionais, quanto utilizam estas figuras em defesa de suas propostas de cientificidade do campo.

Este reinício de publicação dos AE coincide com os primeiros anos pós II Guerra Mundial. Como toda narrativa histórica está vinculada ao contexto histórico, político, social e cultural, os agentes do campo da enfermagem brasileira criaram a Seção “Narrativa de uma Viagem” para contarem a história dos serviços prestados pelas enfermeiras brasileiras neste episódio. A enfermeira Isaura Barbosa Lima narra, assim, esta experiência vivida inicialmente nos Estados Unidos, onde receberam ensinamentos de primeiros socorros e, mais tarde, atuaram nos hospitais de guerra, composto por um corpo clínico (médicos, enfermeiras e assistentes sociais) e outro administrativo. Estas narrativas encontram - se em três textos denominados “Enfermeiras Brasileiras no ‘Front’ Italiano”, publicados nos números 18/19/20 de 1946 dos AE. Em mais um momento é atualizado o papel destas profissionais em conflitos armados, exaltando o “desempenho exemplar” destas profissionais em prol do País.

Cytrynowicz (2000), no texto “A Serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial” analisa a utilização da imagem da mulher e da enfermeira pelo Governo Vargas durante a Segunda Guerra Mundial e nele destaca:

“A utilização pelo governo Getúlio Vargas da enfermagem e das enfermeiras – enquanto profissão enquadrada pelo Estado e modelo de uma certa condição de mulher de classe média e, em muitos casos, alta, - constituiu peça importante da mobilização das mulheres pelo Estado Novo e, já como enfermeiras da FEB e da FAB, representou um persuasiva imagem de mobilização civil engendrada durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil: a imagem da pátria-mãe, que estendia os cuidados (maternos) aos soldados no front de guerra, aos filhos da pátria. Esta imagem, construída pelo Estado Novo, pretendia instituir a vivência da guerra, no front interno, como uma experiência coletiva que deveria unir todos os homens e mulheres, todos os brasileiros, sem quaisquer estratificações ou divisões sociais, conjugando mobilização para a guerra e adesão política ao Estado Novo.”

(Cytrynowicz, 2000)

O final da década de 40 é marcado por um conjunto de textos que indicavam a preocupação dos agentes do campo da enfermagem e, também, por agentes externos ao campo com a evasão de enfermeiras que atuavam na Saúde Pública e com o reduzido

número de procura pelo curso. Com objetivo de refletir sobre este quadro, foi realizado o I Congresso Nacional de Enfermagem. A professora Rosaly Taborda, em um Curso sobre “Formação de Auxiliares de Enfermagem”, durante o I Congresso Nacional, faz um diagnóstico da situação do campo da enfermagem no Brasil:

“Que as enfermeiras diplomadas são em número irrisório para as necessidades de assistência e educação sanitária do povo brasileiro, ninguém contesta; que a situação de abandono dos doentes nos hospitais é uma realidade triste e inegável; que a formação de enfermeiras é longa e demorada, dispendiosa e feita em pequena escala também é uma realidade; que a situação lastimável dos nossos hospitais e casas de saúde não deve continuar, a bem do nosso decôro de país civilizado, o bom senso dita.”

(Taborda, AE, N° 22, janeiro/março de 1947)

A estreita ligação da enfermagem com a Igreja Católica perpetua-se nesta segunda fase dos AE. Em 1947, segundo ano de publicação dos AE, quando é organizado pela Associação de classe, o 1º Congresso Nacional de Enfermagem na cidade de São Paulo, muitas autoridades do campo político, do campo religioso, do campo acadêmico e do campo da saúde foram convidadas a participarem da solenidade de abertura deste evento.

A autoridade eleita para proferir o primeiro discurso na sessão de abertura deste evento foi o Reverendo Cônego Roque Viggiano, capelão do Hospital das Clínicas de São Paulo. Seu discurso, como analisei no Capítulo 4, centra-se na “missão” da enfermeira como sacerdócio. Ele foi integralmente reproduzido na revista de N° 22, de janeiro de 1947, demonstrando a sua importância para os agentes do campo e a necessidade de mantê-lo presente na memória coletiva das enfermeiras. Deste modo, era dado aos religiosos da Igreja Católica amplo espaço para veicularem seus produtos nos AE.

Neste mesmo evento discursaram, também, o Reitor da Universidade de São Paulo, Professor Dr. Benedito Montenegro, que destaca os “progressos feito pela profissão” e, por fim, D. Edith Fraenkel, Diretora da Escola de Enfermagem de São Paulo e presidente da ABED, que aponta para a “urgente necessidade de aumentar o quantitativo de enfermeiros diplomados no país”, mas ressalta que “estes profissionais sejam formados com qualidade” (AE, n° 22, janeiro/março de 1947).

Um outro religioso comumente solicitado pelos agentes do campo da enfermagem foi o padre Marcel Marie Desmarais, capelão do Hospital São Paulo. Sua ligação com a Escola de Enfermagem da USP comprova, mais uma vez, a íntima parceria do campo da enfermagem com a Igreja Católica. Ele foi convidado pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para ministrar algumas aulas no curso Psicologia Experimental. Estas aulas, denominadas “Lições de Psicologia Aplicada à Enfermagem”, foram todas reproduzidas pela Equipe Editorial nas Revistas: Nº 18, de janeiro de 1946, Nº 19, de abril de 1946 e Nº 20, de julho deste mesmo ano. Nestes textos o Padre Desmarais discute os interrelacionamentos entre corpo e alma. Entretanto, em todos eles associa a figura da enfermeira à dos anjos, mas destaca que, em sua prática, tem se deparado com “anjos bons” e “anjos maus”. E assim os analisa:

“Anjo bom, a enfermeira cujo maior desejo é de tornar felizes as pessoas de quem se aproxima. Com que delicadeza de sentimentos ela procura diminuir o sofrimento, tornar menos dolorosa a hora do curativo, quase faz esquecer os aborrecimentos das injeções e remédios amargos. (...)

(...) anjo mau, a enfermeira que utilizasse seu prestígio para extorquir dinheiro de pobres indigentes, transformando assim sua bela profissão num odioso comércio..”

(Desmarais, AE, Nº 22, janeiro/março de 1947)

Um evento histórico que marcou este período, sendo amplamente divulgado pelos AE, foi a realização do Segundo Congresso Nacional de Enfermagem, realizado no Rio de Janeiro, de 18 a 24 de julho de 1948. Todo o Volume I, Nº 4, de outubro de 1948, foi dedicado a divulgar os discursos e palestras que aconteceram neste II Congresso. O tema central do evento foi Ensino de Enfermagem: sua legislação e seus problemas.

Das várias palestras, destaco “O Problema da Enfermagem no Brasil”, proferida por M. G. Candau, Presidente da Sociedade Brasileira de Higiene e Superintendente do SESP no período. Sua análise, nesta palestra, coaduna-se, harmoniza-se com a preocupação central das enfermeiras neste Congresso: a importância das ações da enfermeira estarem alicerçadas em conhecimentos técnicos, científicos, como destaca no início de sua palestra:

“No passado a assistência ao enfermo era prestada a título de esmola, por comiserção e caridade, e, tudo que se fizesse era sempre benéfico, fruto da boa intenção e do sentimento cristão. Hoje em dia, o amparo ao necessitado, em instituição mantida pelo govêrno ou pela comunidade, é um imperativo de solidariedade humana, é uma obrigação a que não nos podemos furtar. A enfermagem ajuda o indivíduo a conseguir e conservar a saúde física e ou quando a volta à saúde não é possível procura aliviar a dor e o sofrimento.”

A organização e manutenção de Escolas de Enfermeiras, de alto padrão, é importante, não só pela facilidade de mais completa aquisição de conhecimentos técnicos, como, principalmente, porque permitem plasmar um ideal que será aprimorado pela experiência e estímulo pelo amargor das inexitáveis decepções da vida profissional.

Estuda o Congresso, no momento, uma nova lei dispondo sôbre o ensino da enfermagem no país. O projeto tem sido amplamente debatido em várias Comissões da Câmara Federal. O que me parece, inicialmente, é que o projeto mantém a confusão, tentando ao mesmo tempo legislar sôbre curso de enfermagem e curso de auxiliares de enfermagem.”

(Candau, vol. I, Nº 4, outubro de 1948)

Ao mesmo tempo em que defende uma legislação específica, diferenciada para Cursos de Enfermagem (ou de Enfermeiras), e Cursos de Auxiliares de Enfermagem, ele contribui para perpetuar a concepção da profissão como um *“ideal que será aprimorado pela experiência”*. O uso dos termos *“ajuda”, “alívio”, “ideal”* caracteriza o papel missionário destas profissionais, mesmo que sua prática passe a ter como base conhecimentos técnicos e científicos. Reforça-se, assim, a visão conflituosa e dúbia desta prática profissional.

Neste mesmo Congresso foram apresentados outros trabalhos que versavam, da mesma forma, sobre a profissão e o papel dos profissionais deste campo, dos quais destaco: *“Algumas Tendências na Formação de Enfermeiras”* apresentado por Haydée Guanais Dourado (Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia); *“Tentativa de Definição do campo da Enfermagem de Saúde Pública em suas relações com a Assistente Social”*, apresentado por Cecília Maria D. Sanioto (Enfermeira de Saúde Pública da

Faculdade, Higiene da USP) e, por fim, o trabalho “Criação na Universidade de um Departamento Oficializado de Educação de Enfermeiras Diplomadas”, de Frances Helen Zeigler (Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de Vanderbilt, Nashville/Tennessee e Consultora de Enfermagem do Instituto de Assuntos Interamericanos). Todos estes trabalhos seguiram a mesma linha, como já destaquei anteriormente, ou seja, a definição do campo e do preparo do profissional para ocupar este campo.

É importante mostrar parte das resoluções finais deste evento, na medida em que elas indicam que as enfermeiras brasileiras estavam conscientizadas de seu papel no campo da saúde e lutavam por seu espaço na sociedade, para que o campo da enfermagem no Brasil fosse legalizado e respeitado.

“O II Congresso solicitou que a Enfermagem tivesse suas representantes junto ao Conselho Nacional de Educação ou no órgão coordenador das atividades educacionais do país. Esperemos que desta vez os poderes públicos nos ouçam para que os assuntos relativos à formação de enfermeiras e Escolas de Enfermagem sejam examinados por técnicos, conscientes de suas responsabilidades.”

(AE, vol. I, N° 4, outubro de 1948)

Os produtos das enfermeiras brasileiras veiculados no início da década de 50 pelos AE mostram que as preocupações que nortearam o campo no final dos anos 40 estendem-se por toda a década de 50. Dizem respeito à redução da procura pela profissão e o alto índice de abandono desta, principalmente por parte de enfermeiras do campo da Saúde Pública. Por fim, e não com menor importância, estava a preocupação com o nível do ensino que estava sendo oferecido.

Com vistas a definir a quantidade de enfermeiras diplomadas existentes no campo da enfermagem brasileira até então, ou seja, a fim de traçar o primeiro perfil do campo no Brasil, foi idealizado pela Associação de classe a realização de um Censo, sendo este o primeiro censo a ser realizado neste campo. Na tentativa de sensibilizar os agentes do campo para esta causa, a Revista de N° 2, Vol. III, de abril de 1950, veicula o Editorial “Censo de Enfermeiras”. Discorre sobre a importância deste estudo e convoca todos os

agentes do campo a participarem dele, adotando como princípio o lema: “*com ela tudo, sem ela nada*” Ressaltam a importância de preencherem a ficha “censitária” que lhes seria enviada, de forma solícita.

Assim, foi realizado o Primeiro Censo de enfermeiras do Brasil. Na revista de N° 4 deste mesmo ano de 1950, no artigo “Levantamento Censitário”, Haydée G. Dourado mais uma vez fala da importância do censo para a classe:

“O presente censo tem como objetivo primordial fazer todas as enfermeiras compartilharem o conhecimento de alguns fatos básicos sobre sua profissão.

(...) A profissão não pode prescindir dessa tomada de contas periódica, segura, cuja finalidade é servir de termômetro para medir o grau de seu progresso, no que fôr mensurável. Poderão, assim, as enfermeiras avaliar suas forças, antes de se lançarem à conquista dos marcos gradativos que desejam alcançar nesse avanço paulatino para cobrir o extenso campo de serviço à humanidade.”

(Dourado, AE, vol. III, N° 4, outubro de 1950)

Não resta dúvida de que os agentes do campo da enfermagem almejavam, com este primeiro censo, traçar o perfil do campo, para, em seguida, apresentá-lo à sociedade. Ele contribuiu, também, para os agentes avaliarem o “*grau de progresso*” alcançado até então pela classe. O intuito era evoluir, ampliando o campo das ações e conquistando, deste modo, reconhecimento social. Mesmo fazendo uso de termos que indicam a idéia de avanço, a autora traz, incorporada em seu discurso, a visão idealista da profissão, concretizada na fala “*extenso campo de serviço à humanidade*”.

6.2. O PAPEL “HIGIÊNICO-MORALIZADOR” DAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS PROSEGUE: A TEMÁTICA SAÚDE PÚBLICA.

A temática “Saúde Pública” ocupa lugar de grande destaque na primeira fase da revista, como mostrei no Capítulo anterior. Contudo, esta temática perdura com bastante força, também, nesta segunda fase da edição dos AE. Assim, além da permanência de algumas questões da primeira fase de edição, como a atuação das enfermeiras na assistência

social e no controle e prevenção da tuberculose, do sarampo e de outras “moléstias contagiosas”, surgem outras, como “Enfermagem Industrial”, que passam, também, a ocupar lugar de destaque nesta segunda fase, como será demonstrado a seguir.

Relacionado à temática “Saúde Pública”, o primeiro número da Revista editada em São Paulo, em 1946, traz o trabalho apresentado pela professora Haydée Guanais Dourado no I Congresso Panamericano de Enfermagem. O trabalho, intitulado “Organização de Escolas de Enfermagem no Brasil”, traça um panorama dos serviços médicos no Brasil e as tendências do ensino de enfermagem na época. Ao discorrer sobre o específico trabalho da enfermeira no campo da saúde pública, a autora reforça a importância das ações desta profissional, reproduzindo, em seu trabalho, o pronunciamento da Comissão para o Estudo do Ensino de Enfermagem da Fundação Rockefeller, produzido em 1923:

“Os maiores problemas sanitários do presente, tais como o controle da mortalidade infantil e da tuberculose, só podem ser solucionados pela higiene individual, pela substituição dos hábitos diários dos indivíduos, e pelo estabelecimento de contactos novos com o público para que se possam aplicar as conquistas da ciência médica no tratamento precoce que oferece mais garantias de sucesso. Essa mudança dos hábitos dos indivíduos e a procura do médico na fase inicial da doença serão realizadas unicamente por meio da educação. O método de educar as massas por intermédio da imprensa, cinema, rádio, conferências, auxilia a preparar o terreno. A vitória final sobre a ignorância é, entretanto, mais difícil de ser obtida por esses meios. É essencial o contacto direto com as condições em que vive o indivíduo para conseguir influenciá-lo num terreno tão pessoal como são seus hábitos de higiene. Durante os últimos vinte anos aspiramos encontrar o missionário para levar a mensagem da saúde ao lar de cada indivíduo – e encontramos esse mensageiro na pessoa da Enfermeira de Saúde Pública.”

(Fundação Rockefeller in Dourado, AE, Nº 18, janeiro/março de 1946)

Ao reproduzir o pronunciamento da Fundação Rockefeller vinte e três anos depois, a enfermeira Haydée Guanais Dourado atualiza o papel educativo, missionário e “higiênico-moralizador” da enfermeira no campo da Saúde Pública.

Como ressaltai anteriormente, as traduções de artigos do AJN continuam como um componente importante dos AE. Um exemplo claro é a tradução do artigo “Imunização combinada contra coqueluche, difteria e tétano de Paul M. Hamilton, M. D. Este procedimento, implantado nos Estados Unidos durante a década de 40, denominado “Imunização Múltipla ou Combinada”, tem como finalidade imunizar a criança, de uma só vez, contra várias doenças. Com seus resultados eficazes, foi indicada para uso em outros países, como o Brasil. O autor aponta, em seu artigo, vários benefícios que este procedimento pode trazer para um país como o Brasil, cujos índices de doenças infecto-contagiosas é bastante elevado.

Vários outros artigos tratando de doenças infecto-contagiosas também estiveram presentes nesta segunda fase. Foram eles escritos tanto por enfermeiras como por agentes externos ao campo, principalmente médicos. O objetivo era mostrar a importância do controle destas doenças ouvindo a voz dos especialistas, neste caso os médicos higienistas, concebidos pelos agentes do campo como autoridades no assunto. Deste modo, nesta segunda fase dos AE, nos 18 números publicados, foram veiculados 16 artigos sobre “moléstias contagiosas”, destacando-se aqueles que trataram, de modo mais específico, sobre tuberculose, sarampo, lepra e tétano, ou seja, as doenças que dizimavam milhares de crianças e adultos no período.

A década de 40 foi toda ela marcada por várias epidemias de “moléstias contagiosas” e este fato era muito preocupante para as “líderes” do campo da enfermagem, devido ao “despreparo” das enfermeiras diplomadas para atuarem junto destes pacientes. Este fato está presente no editorial “Tuberculose e Enfermagem”:

“O problema da tuberculose tem sido estudado, sériamente, em nosso país, nestes últimos anos. A Campanha Nacional contra a Tuberculose (CNCT) instituída, oficialmente, em junho de 1946, mobilizou todos os recursos oficiais e particulares para uma luta intensa contra a moléstia que aniquila, anualmente, milhares de brasileiros...”

(...) Ao lado da precariedade do número de leitos em hospitais para tuberculosos ha o sério problema da enfermagem. Não existe, com raras exceções, enfermeiras trabalhando em hospitais para tuberculosos; o que encontramos geralmente são auxiliares de enfermagem, pessoas de bôa vontade recrutadas entre os antigos doentes.

(...) Os hospitais para tuberculosos constituem, ainda, campo inexplorado para as enfermeiras. Em nossas Escolas de Enfermagem as aulas de tuberculose são ministradas por especialistas, mas não é oferecida à estudante uma oportunidade para um estágio em hospitais...

(...) Mas, para que as Escolas possam oferecer às estudantes a valiosa experiência em hospitais para tuberculosos é necessário que estes ofereçam condições de segurança e que as enfermeiras especializadas orientem as alunas no trabalho junto ao paciente, para que uma técnica asséptica as proteja contra infecções e reinfecções.

Hoje, já se reconhece a necessidade de enfermeiras com preparo especializado para trabalhar com eficiência em hospitais para tuberculosos.”

(AE, Nº 2, vol. I, abril de 1948)

O texto deixa claro que, para atuarem junto à CNCT, ou seja, junto dos pacientes tuberculosos e suas famílias, as enfermeiras deveriam receber conhecimentos e treinamentos em locais próprios, o que as distinguiria das “auxiliares de enfermagem, pessoas de boa vontade, mas recrutadas entre antigos pacientes”. A categoria “boa vontade” deveria, sob este ângulo, e na concepção dos agentes do campo, ser substituída pela categoria “preparo especializado”, que, aqui, refere-se a conhecimento específico, científico. Em mais um momento a questão da busca da cientificidade do campo se faz presente, comprovando o objetivo norteador deste grupo profissional no período analisado.

A preocupação com o alto índice de “Moléstias Contagiosas” no Brasil, especialmente a tuberculose, levou ao estabelecimento de um acordo, um serviço de cooperação entre os Governos do Brasil e dos Estados Unidos, denominado “Serviço Especial de Saúde Pública – SESP”. A professora Ella Hasenjaeger, que ministrava aulas sobre a matéria “moléstias contagiosas” na Escola de Enfermagem de São Paulo, e era, também, Consultora de Enfermagem neste Serviço, contribuiu para que muitas enfermeiras brasileiras fossem contratadas pela CNCT, onde desempenharam, durante décadas, papéis de “verdadeiras missionárias da saúde”, especialmente no combate à tuberculose.

No artigo “Serviço de Moléstias Contagiosas num Hospital Geral sob o Ponto de vista Administrativo e de Ensino” , Ella Hasenjaeger destaca que, em 1944, foi planejado um setor de Moléstias Contagiosas no Hospital das Clínicas de São Paulo (serviço público), com objetivo de formar alunos de enfermagem e de medicina para atuar e orientar os indivíduos e suas famílias em relação a esta doença. Abro aqui um parêntese para destacar que este fato concretiza, também nesta segunda fase de edição da Revista, a “Proposta Pedagógica” idealizada pelas agentes do campo da enfermagem e que analisarei mais adiante. As condições impostas pela Segunda Guerra, no ano de 1944, inviabilizaram o projeto junto ao Hospital das Clínicas. Entretanto, em 1945, esta iniciativa volta a ser defendida e discutida, concretizando-se com a criação de um serviço similar na Santa Casa de Misericórdia de Santos, mesmo tendo esta instituição características distintas do Hospital das Clínicas, como ser um hospital “filantrópico-particular”. Sobre esta iniciativa, declara a autora:

“É digno de nota que esta instituição pioneira, o primeiro hospital geral aberto na América do Sul, fosse também, o primeiro no gênero a abrir suas portas ao cuidado de doentes com moléstias contagiosas. Este hospital é novo, moderno, bem equipado e foi inaugurado em 1945.”

(Hasenjaeger, AE, vol. I, N° 1, janeiro de 1948)

Após a leitura e análise do material produzido nesta segunda fase da revista, é possível concluir que o “poder pastoral” das enfermeiras junto aos indivíduos e famílias continua sendo uma importante estratégia da saúde pública. Ela vai muito além da simples inculcação de algum tipo de controle sobre a doença. Em consonância com as propostas do Estado, os agentes da enfermagem, através do “poder pastoral”, tinham como meta manter a sujeição do outro como forma de poder, através da necessidade do cuidado, da necessidade de controle sobre o outro. “*A direção da consciência dos sujeitos é própria da pastoral cristã*” (Caponi, 2000:27) e, no caso da saúde, é aplicada aos sujeitos doentes, que recebem, além dos cuidados físicos, o direcionamento de suas consciências.

A subtemática “assistência à criança” continua associada à subtemática “assistência à mulher”, mas ocupa, nesta fase, um lugar de menor destaque; entretanto, há uma grande preocupação com os altos índices de mortalidade infantil causada pelo

sarampo, que dizimou muitas crianças neste período. Vários textos tratam deste assunto nos AE. O artigo “Sarampo”, por exemplo, escrito pelo professor Oscar Monteiro de Barros (AE, vol. I, N°2, abril de 1948), pode ser comparado a uma verdadeira aula, ou palestra sobre este tema. O desenvolvimento do texto é metódico e adquire uma rigorosa seqüência, sendo constituído das seguintes partes: considerações gerais; causa; modo de infecção; contágio; sintomas; complicações e tratamento. Os cuidados a serem realizados pelos demais profissionais (aqui neste caso pela enfermeira) não são mencionados em momento algum pelo especialista. Os procedimentos a serem realizados pela enfermagem, tanto os assistenciais (os cuidados) como os educativos, são apresentados em um outro artigo, subsequente a este, denominado “Enfermagem no Sarampo”, escrito pela enfermeira Maria José de Almeida Leite, da Enfermaria de Moléstias Contagiosas da Santa Casa de Misericórdia de Santos, como pode ser observado a seguir:

“Dado o elevado índice de mortalidade na infância é necessário evitar que crianças com menos de 5 anos de idade estejam expostas ao contágio. Cabe à enfermeira ensinar às mães a isolar o seu bebê de crianças e adultos resfriados, com tosse e outros sinais de saúde precária.

A enfermeira de saúde pública precisa saber, que para prevenir o sarampo, o soro de convalescente ou imuno globulina devem ser ministrados nos primeiros cinco dias do período de incubação e para modificar a moléstia eles devem ser dados do 5° ao 7° dia do período de incubação.”

(Leite, AE, vol. I, N° 2, abril de 1948)

Esta mesma atitude é empregada no artigo “Tétano”, escrito pelo Dr. Ricardo Veronesi, seguido pelo artigo “Enfermagem no Tétano”, escrito pela enfermeira Maria do Perpétuo Socorro Tavares, para a Revista de número 4, volume III, de outubro de 1950.

A estratégia de dar a voz em primeiro lugar ao especialista (na maioria das vezes o médico) e, em seguida, à enfermeira aparece em muitos outros momentos, demarcando uma clara divisão de saberes e de fazeres: o especialista descreve a doença, seu quadro clínico-científico, falando e legitimando-se como o único detentor do saber científico e a enfermeira descreverá o fazer, as ações ou cuidados a serem executados pelos enfermeiros ou auxiliares de enfermagem.

Uma das grandes questões a tomar impulso nesta fase está relacionada às “moléstias contagiosas”, como destaquei anteriormente, e o investimento que a elas está diretamente vinculado refere-se às “Imunizações”. Deste modo, discute-se em vários textos a importância de se repassar à sociedade o seu papel de participante ativo neste processo de imunização, com vistas a controlar as “moléstias contagiosas”. Cabe aqui um exemplo: nos seis primeiros meses de funcionamento do setor e “moléstias contagiosas” da Santa Casa de Santos, foram admitidos 65 casos de Sarampo; 50 de Meningite Meningocócica; 35 casos de Difteria e 26 de Varicela, dentre muitas outras doenças.(Hasenjaeger, AE, Vol. I, nº 1, janeiro 1948).

Com relação à subtemática “assistência social”, destaca-se, nesta fase, o fato das enfermeiras brasileiras pensarem-se historicamente como as profissionais a desenvolverem ações de assistência social. Contudo, no texto “Tentativa de Definição do Campo da Enfermeira de Saúde Pública em suas relações com a Assistente Social”, a enfermeira Cecília Maria D. Sanioto defende que relação tenta demarcar o campo específico de ação de cada um destes profissionais.

As propostas eugênicas claramente defendidas pelas enfermeiras brasileiras na primeira fase da Revista aparecem ainda na segunda fase, mas de forma menos contundente. Um dos artigos a trazer embutida a questão da eugenia denomina-se “Aspectos dos Serviços Médico-Sociais em relação à Família”, encomendado pela equipe editorial ao professor Alvaro Guimarães Filho. Este analisa e propõe um estudo minucioso dos nubentes, visando a que os mesmos constituam famílias alicerçadas em valores morais e com uma prole perfeita e saudável. O autor deixa claro no texto que sua análise será feita sob o ponto de vista médico, seguindo os aspectos biológico, econômico e educacional. Esta detalhada análise estende-se por dois números da Revista , 20 e 21, de setembro de 1946. Fato curioso é que não há preocupação com a saúde dos cônjuges, mas com os problemas que podem vir a comprometer a prole. O que pode ser comprovado na seguinte passagem

“Não analisaremos os problemas de profilaxia das moléstias transmissíveis entre os conjuges, que tanta importância tem em Higiene Geral, para aproveitarmos o tempo estudando apenas, aquelas doenças que vão influir nos filhos.”

(Guimarães Filho, AE, Nº 20, de julho/setembro de 1946)

O artigo “Generalidades sôbre o fator Rh”, do professor de medicina Carlos da Silva Lacaz, analisa a importância da descoberta deste fator na explicação (etiopatogenia) de determinadas doenças que não possuíam explicação até aquele momento, como, por exemplo, a doença que acometia o recém-nascido, denominada Eritroblastose Fetal. Contudo, o mais interessante neste estudo é que ele veio contribuir, também, para que os eugenistas defendessem o exame do fator Rh antes dos casamentos como forma de se determinar ou “*julgar o futuro das gestações ou da descendência dos mesmos*”.

Com base nos dados, pode-se afirmar que o norte dos estudos, análises e textos produzidos pelas enfermeiras brasileiras deste período não tinha como alvo a saúde da mãe ou do pai. Os “especialistas” (higienistas e eugenistas) convocaram a Igreja Católica e, mais especificamente as “Religiosas Enfermeiras” para que formassem uma parceria com o campo da saúde e com a sociedade de uma forma mais geral, no sentido de se fazer um grande investimento em defesa da instituição casamento como “*redenção da sociedade*”, ou seja, através do casamento seriam resgatados os indivíduos, seria organizada a família, estabelecendo com isto um “convívio higiênico”, cujo objetivo fim era o progresso, a evolução do país através da “purificação” da raça. O que realmente pretendia-se atingir era a “prole” que estava por vir, no sentido de que esta fosse mais um componente ou produto de uma raça forte, saudável, produtiva e competente. Este fato gerou tanto o aumento do número de textos sobre o tema quanto de trabalhos educativos realizados em Ambulatórios de Pré-Natal e de Obstetrícia. A grande meta era trabalhar, educar a figura feminina enquanto “gestora ou reprodutora ” de crianças saudáveis, não havendo preocupação mais direta com a saúde da mulher.

A partir de 1948, um fato passa a preocupar os agentes do campo da enfermagem brasileira e, também, várias autoridades da saúde pública na medida em que “*há pouquíssimas enfermeiras trabalhando, atualmente, na saúde pública e cada vez ingressam menos neste setor*”, diz o artigo de Ermergarda da Faria Alvin, “O que está acontecendo à enfermagem de saúde pública”. A autora tenta analisar os fatores desencadeantes e, dentre eles, destaca: baixa remuneração conferida às profissionais no Distrito Federal, ao “exaustivo” trabalho de saúde pública (em especial a vigilância domiciliar), ao trabalho desinteressante, ao grande dispêndio daquelas enfermeiras cujas famílias residem em

outros Estados e ao desprestígio da profissão. Há artigos mostrando um certo “desencanto” por parte das enfermeiras de saúde pública, pelo fato de serem pouco aceitas pelas famílias, quando atuam na Vigilância Domiciliar (VD).

“Temos de um lado o pessimismo das enfermeiras mais antigas, desanimadas diante da situação atual, das dificuldades de trabalho e do pouco prestígio de que infelizmente a profissão está gozando no meio profissional, e do outro lado, o ambiente quase hostil em que trabalha, e, que, na nossa opinião, é conseqüência de ter o serviço de enfermagem se fechado numa torre de marfim, isolando-se completamente das demais atividades e devido a isto criando uma situação de desconfiança e incompreensão.”

(Alvin, AE, vol. I N° 2, abril de 1948)

No final da década de 40, as atenções passam a voltar-se para o modelo adotado até então pela Saúde Pública. Ele passa por conflitos, ocorrendo um “desencantamento” por parte dos agentes do campo e o início da migração destes profissionais para a área hospitalar e para uma área nova da enfermagem, denominada “Enfermagem Industrial”. A Diretora da Escola de Enfermagem da Bahia, Haydée Dourado, no artigo “Enfermagem Industrial”, destaca:

“Enfermagem de saúde pública é uma instituição dos Tempos Modernos, e enfermagem industrial, um de seus ramos, é um resultado da industrialização dos nossos dias.

A multiplicação de serviços de enfermagem industrial no Brasil é uma evolução possível quando aumentarmos o número de enfermeiras. A formação presente dessas profissionais inclui enfermagem industrial, pela razão seguinte: no Brasil, a enfermagem moderna foi introduzida com a criação da Escola Ana Neri, organizada sob os auspícios da Fundação Rockefeller, com a finalidade principal de formar enfermeiras de saúde pública, que inclui, como é sabido, enfermagem em indústrias. (...)

Seja qual for a forma da organização, para que a enfermagem industrial dê os ótimos resultados que tem sido obtidos alhures, o modo pelo qual a enfermeira se desincumbe de seu trabalho é de muita importância.”

(Dourado, AE, N° 21, outubro/dezembro de 1946)

O texto mostra claramente o pensamento das agentes do campo sobre a importância da enfermagem receber conteúdos e atuar no campo da Indústria. Era mais uma forma de inserir o campo da enfermagem e os seus agentes nos “Tempos Modernos”, que, deste modo, evoluiriam.

Em relação à subtemática “Higiene Mental”, há uma mudança muito interessante nesta segunda fase de publicação dos AE. O ano de 1948 marca o aparecimento, pela primeira vez, do termo Enfermagem Psiquiátrica no periódico. O termo “*hygiene mental*”, utilizado de uma forma bastante abrangente, referindo-se a vários “comportamentos desviantes”, passa a aparecer cada vez menos, sendo dada maior ênfase, neste período, às “moléstias mentais”.

Neste sentido, o artigo “Considerações Gerais sobre Enfermagem Psiquiátrica”, escrito pelo médico e professor de Psiquiatria e de Enfermagem Psiquiátrica Joy Arruda, aponta para esta questão. O autor analisa a importância da capacitação de enfermeiras para atuarem junto destes pacientes com “moléstias mentais”. Ressalta ainda o reduzido número destas profissionais atuando nestes hospitais e, principalmente, da resistência da sociedade em discutir estes tipos de doença, ou “moléstias mentais”. Sob este ângulo, Arruda destaca:

“É cada vez maior a necessidade atual de pessoas preparadas no campo da psiquiatria, enfermagem psiquiátrica e assistência social-psiquiátrica, tornando-se urgente a formação de grande número de técnicos. O aumento crescente do número de doentes mentais, o custo elevado da longa hospitalização destes sofredores, os prejuízos sociais acarretados pela perda de uma personalidade em função, constituem alguns motivos que têm levado as autoridades responsáveis pela educação a chamar a atenção para este magno problema de saúde pública e solicitar a instrução de maior número possível de técnicos especializados e de maior divulgação de conhecimentos acerca das moléstias mentais.

Iniciando um curso de enfermagem psiquiátrica, devemos estudar o seu significado e os seus principais objetivos (...)

(...) a enfermagem psiquiátrica significa o cuidado de pacientes portadores de perturbações mentais, manifestadas quer pelo comportamento anômalo, quer pelos pensamentos patológicos, quer pelos afetos e sentimentos transviados, etc.”

A enfermagem psiquiátrica possui características especiais que a distinguem da enfermagem geral, principalmente no que se refere aos seus quatro elementos básicos de trabalho: a moléstia mental, o paciente, a enfermeira e as técnicas de enfermagem.”

(Arruda, AE, vol. I, Nº 2, abril de 1948)

Ao descrever estes quatro elementos básicos de trabalho, sobre o papel da enfermeira psiquiátrica, ressalta ainda:

“A enfermeira psiquiátrica deve não somente ter seguros conhecimentos sobre a natureza de seu trabalho, como também possuir uma série de características de personalidade para poder desempenhar corretamente suas funções (...)

(...)Qualidades Gerais da Enfermeira: Dentre as qualidades gerais indispensáveis à enfermeira psiquiátrica, lembramos das seguintes: Discreção, simpatia, paciência e bondade, sinceridade, personalidade agradável, cooperação, alegria, resguardar a excessiva familiaridade e intimidade com os pacientes, adaptabilidade...”

(Arruda, AE, op. cit., p. 86)

A utilização do termo “enfermagem psiquiátrica” e “técnicos especializados” é gerador de certa ambiguidade, pois o autor não deixa claro de que profissional está falando. Há, também, um paradoxo em sua exposição: ao mesmo tempo em que salienta a importância do “seguro conhecimento” (concebido, mesmo que de forma subliminar, pelo autor, como aquele que estabelecerá a diferença entre estas e as demais profissionais) que as enfermeiras devem possuir para atuarem junto destes pacientes, estabelece um elenco de características conformadoras da personalidade (a maioria delas morais) que devem nortear as ações das enfermeiras que irão trabalhar com estes pacientes. A meu ver, estas características devem orientar, reger, não apenas as ações destas profissionais, e sim de todos os profissionais que irão atuar junto destes pacientes.

6.3. A TENTATIVA DE CONSOLIDAÇÃO DO *HABITUS* CIENTÍFICO NAS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS: A TEMÁTICA PEDAGOGIA

Na segunda fase de edição dos AE, o Projeto ou a ‘Proposta Pedagógica’ idealizada pelo campo da enfermagem brasileira para a educação das enfermeiras continua a ser objetivada nas vertentes ‘Pedagogia para dentro’ (momento no qual a enfermeira

recebe o conhecimento) e ‘Pedagogia para fora’ (momento no qual repassa este conhecimento). Surgem, no entanto, nesta fase, novas questões relacionadas à educação, reflexo de um processo de amadurecimento do campo e de um novo momento histórico-social e cultural no país.

A preocupação central neste momento, era, além da consolidação do conhecimento acumulado na primeira fase, a ampliação e o aprofundamento da educação das enfermeiras. Por exemplo, ampliar os conhecimentos no campo da “Enfermagem Psiquiátrica”; criar Cursos de Pós-graduação, principalmente especialização em Saúde Pública e Administração; ampliar e aprofundar o conhecimento “das técnicas de enfermagem” e, por fim, tentar criar, na Universidade, um Departamento de Educação específico para enfermeiras fizeram parte do “Projeto Pedagógico” nesta segunda fase dos AE e que passo a analisar.

Antes, porém, de passar a analisar as duas vertentes do “Projeto Pedagógico” para esta segunda fase, é interessante apresentar as Considerações e Resoluções do I Congresso Nacional de Enfermagem, realizado em março de 1947, considerado, pelos agentes do campo, um dos grandes momentos da cultura histórica da enfermagem brasileira, pois elas mostram exatamente a preocupação das enfermeiras com a ampliação, regulamentação e fiscalização de assuntos relacionados ao ensino e à prática da enfermagem. Dentre as considerações apresentadas ao término do Congresso, relaciono, a seguir, aquelas que tratam mais diretamente da educação destas profissionais e que, por sinal, foram as que se destacaram:

“(…)

3º) Considerando a falta de preparo das enfermeiras no ramo da psiquiatria, que, dia a dia, ganha maior importância no campo da medicina, sugerimos que as Escolas de Enfermagem, acrescentem ao ensino teórico da psiquiatria, estágio mínimo de dois meses, em hospital de doenças mentais;

4º) Considerando que os cursos básicos de enfermagem só preparam as enfermeiras para a educação sanitária do público e cuidado do paciente;

• Considerando que estas enfermeiras logo após o término do curso, são solicitadas para cargos de chefia;

• Considerando que os serviços se ressentem da falta de preparo especializado das chefes, em administração e ensino, recomenda a criação de cursos especializados, em nível universitário, para enfermeiras chefes e supervisoras em Escolas de Enfermagem e Hospitais interessados;(...)

(Comissão organizadora, AE, N° 22, janeiro/março de 1947)

Comprova-se, com este evento, que uma das mais importantes preocupações do campo, neste período, era com a ampliação e o aprofundamento da educação das enfermeiras. A ênfase dada à necessidade de *“cursos especializados, em nível universitário”* indica que o objetivo fim, mesmo que não apareça de forma explícita, era pela busca do conhecimento especializado como forma de conferir cientificidade ao campo. A especialização dos campos era, naquele período, uma das formas de conferir ao campo um caráter científico.

Passo a analisar de forma mais específica as estratégias utilizadas pelas enfermeiras para objetivar cada uma das duas vertentes do Projeto ou Proposta Pedagógica para esta segunda fase de edição da Revista.

Na vertente *“Pedagogia para dentro”*, a aquisição de novos conhecimentos era defendida por todos os agentes do campo. Ao realizar a tradução e análise do livro *“Nursing”*, de Lulu C. Wolf, por exemplo, a professora Gleite de Alcântara destaca que a preocupação em ampliar os conhecimentos das enfermeiras não era exclusividade do campo da enfermagem do Brasil. Esta era, também, a preocupação das enfermeiras norte-americanas, como indica o texto:

“Hoje em dia, além do conhecimento das técnicas de enfermagem e dos princípios científicos, em que se baseiam, para o trabalho em hospitais e no campo da saúde pública, a enfermeira necessita conhecer as leis do aprendizado para a educação de seus pacientes e ter uma compreensão clara das exigências de saúde do indivíduo e da comunidade.”

(Alcântara, AE, vol. I, N° 2, abril de 1948)

O objetivo das Escolas de Enfermagem no sentido de concretizar a *“pedagogia para dentro”* era a *“transmissão de conhecimentos, técnicas e atitudes, visando preparar profissionais para as tarefas necessárias ao cuidado de doentes, à prevenção de doenças e à implantação de ideais e hábitos para a promoção da saúde do povo”*, conforme destaca Dourado no artigo *“Algumas tendências na formação de enfermeiras.”* (AE, vol. I, n° 4, outubro de 1948).

O pensamento dominante entre os agentes do campo neste período era, como já destaquei anteriormente, quanto à melhoria da educação das enfermeiras brasileiras. Neste sentido, era fundamental dar voz a uma agente da enfermagem de um outro país, como aconteceu com o convite feito à enfermeira Helen Zeigler, Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos e, também, Consultora de Enfermagem do Instituto de Assuntos Interamericanos. Ela foi convidada pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para traçar as bases de um plano de criação de um Departamento ou Programa de Educação de Enfermeiras Diplomadas na Universidade de São Paulo. O que significava dar voz a uma agente do campo da enfermagem de outro país? Era, para as enfermeiras brasileiras, o mesmo que mirar-se no sucesso, na modernidade, objetivo no qual elas estavam empenhadas. Ao concluir seu estudo no Brasil, a enfermeira Helen Zeigler ressalta:

“O alvo da enfermagem, como é interpretada hoje em dia, é a promoção da saúde, a prevenção da doença, e o melhoramento das condições de vida do povo. Enquanto que, antigamente, a aluna de enfermagem ocupava-se principalmente em aprender as técnicas relativas ao cuidado dos doentes, hoje suas energias se voltam para os cuidados completos de enfermagem para com o doente e sua família nos diferentes ambientes em que este vive e trabalha. O preparo da enfermeira para essa maior esfera de atividade requer um treinamento educativo que abranja, no tratamento de cada indivíduo, todas as influências que possam contribuir para a promoção da saúde e a prevenção da doença.

O currículo é especialmente destinado a proporcionar este treinamento educativo. Além de aprender como conseguir e manter uma ótima saúde, a aluna tem também oportunidade de aprender como proporcionar programas de saúde para outrém. Através de cursos teóricos, de observação e prática orientada no hospital, no ambulatório, nos domicílios da comunidade, a aluna aprende como avaliar as necessidades sanitárias dos doentes e suas famílias, e como tomar providências para atender a essas necessidades. Este programa de educação destina-se a preparar a enfermeira a prestar serviços de saúde aos indivíduos e suas famílias no hospital e na comunidade.”

(Zeigler, AE, vol. I, N° 4, outubro de 1949)

Está claro no texto de Zeigler que o papel da enfermeira deve ultrapassar a simples aplicação das “técnicas de enfermagem”, quer sejam elas no campo da saúde pública ou no âmbito hospitalar. A formação integral desta profissional deve acontecer em dois momentos: no primeiro momento, ela recebe os conhecimentos (*“currículo especialmente destinado a proporcionar treinamento educativo”*), concretizando a “pedagogia para dentro”, e, num segundo momento, ela aplica estes conhecimentos, *“preparar a enfermeira a prestar serviços de saúde aos indivíduos e suas famílias”*, concretizando a “pedagogia para fora”.

A Equipe Editorial do AE enfatiza, também, a importância da ampliação do conhecimento das enfermeiras, no texto “Educação Sanitária”

“É importante lembrar-se que na prática da enfermagem, como na prática da medicina, não ha um ponto final na aprendizagem. A educação é um processo contínuo na nossa vida profissional, porém, é preciso que tal educação não fique confinada a assuntos técnicos de salas de aula, livros e laboratórios (...)

(...) As Escolas de Enfermagem nos ensinam a colocar toda a habilidade de que somos capazes, toda a nossa inteligência e conhecimentos que possuímos a serviço de uma comunidade sendo nosso objetivo pessoal e profissional um melhor cuidado de enfermagem àqueles que dele necessitam, sem distinção de cor, credo religioso ou político.”

(Equipe Editorial, AE, vol. II, Nº 1, janeiro de 1949)

Novamente é lembrado às enfermeiras que o seu processo educativo vai além de *“assuntos técnicos de salas de aulas, livros e laboratórios”*. Com o objetivo de crescerem e amadurecerem profissionalmente, as agentes do campo defendem e apontam a necessidade, nesta fase de edição da Revista, de empreendimentos com vistas à criação de cursos de pós-graduação, especialmente no campo da saúde pública. Utilizam como justificativa o fato de atuarem num campo complexo, onde novas técnicas, métodos e problemas surgem constantemente e, principalmente, para adequarem-se aos “modernos sistemas de administração e visão” que vêm acontecendo em outros países e também no Brasil. No texto “Cursos Pós-Graduados para enfermeiras de Saúde Pública”, Yara Miranda aponta para estas necessidades:

As responsabilidades no campo da saúde cresceram, grande número de fatores foram considerados com atenção e entre eles, a enfermeira como elemento indispensável num programa de saúde pública. Dessa expansão, da necessidade de alguém para dirigir supervisionar e ensinar, resultou a exigência de especializações e maiores conhecimentos de organização, administração supervisão e ensino.

(...) Por tudo isso, além do curso básico numa escola de alto padrão e no mínimo dois anos de experiência, a enfermeira que dirige, planeja e supervisiona, deve ter um curso pós-graduado em escola de nível universitário.

Se os cursos pós-graduados, como um prolongamento do curso básico profissional, são uma necessidade urgente em nosso meio, a primeira recomendação para tais cursos é que eles devem ser organizados para atender às nossas necessidades do momento.”

(Miranda, AE, vol. I, Nº 2, abril de 1949)

Um outro investimento que concretiza a vertente “Pedagogia para dentro” é o relacionado ao estudo das “técnicas de enfermagem”. O número de textos sobre este conhecimento aumentou significativamente, sendo que aqueles pouco identificados foram escritos pelos próprios agentes do campo, demonstrando o crescimento da produção específica do campo. Não houve, porém, nesta fase, uma profissional que se destacou no papel de divulgadora destas “técnicas”, como aconteceu com a enfermeira Zaira Cintra Vidal na primeira fase.

Para divulgar este conhecimento, foi criada a Seção “Aula de Enfermagem” que, mais tarde, passa a ser denominada “Técnica de Enfermagem”. O objetivo desta Seção era, nesta segunda fase, instrumentalizar (educar) a enfermeira para prestar cuidados, com bases científicas, principalmente aos doentes no âmbito hospitalar.

Deste modo, as “técnicas de enfermagem” mais frequentemente veiculadas na Seção versaram sobre sondagens, cuidados gerais com crianças recém-nascidas e prematuras, diversas posições do paciente no leito hospitalar, manuseios com pacientes operados, preparação e esterilização de material cirúrgico etc. Este tipo de conhecimento contribuía para a formação, para a educação da enfermeira, ou seja, era, também, uma forma de objetivação da pedagogia para dentro.

Uma curiosidade em relação a esta Seção é que a grande maioria dos textos ali veiculados não possuíam identificação do autor. A importância e a força das “Técnicas de Enfermagem” no campo eram de tal grandeza que elas falavam por si mesmas, eram estruturadoras e consolidadoras deste saber, não sendo necessário autoria. Cabe ressaltar aqui que, em muito poucas delas, constava a identificação “Elaborada pela Escola de Enfermagem de S. Paulo”. Este fato é indicativo de que a Instituição formadora, que possui caráter científico, estava assumindo as “Técnicas de Enfermagem” como o saber científico a ser socializado e legitimado pelos agentes deste campo. Assim, o intuito era cientificizar e socializar as “técnicas de enfermagem” com objetivo de, num contexto mais amplo, ampliar, especificar e cientificizar o campo.

Nesta segunda fase da Revista, os textos relacionados à assistência hospitalar continuam bastante diversificados, mas contribuíam para a concretização da “pedagogia para dentro”. Os temas relacionados a medicações e doenças são escritos por médicos, eram “matéria médica”, como a eles se referiam as agentes do campo. Sob a responsabilidade das enfermeiras ficavam os relatos sobre os “cuidados necessários na administração” das medicações e, também, sobre os cuidados específicos para cada doença. Neste período, aparecem vários textos sobre doenças que possuem alguma relação com o “stress” gerado pelo processo de industrialização e urbanização que ocorre no país neste período. É o caso, por exemplo, das úlceras duodenais (quatro artigos no mesmo número da Revista), problemas na glândula tireóide, principalmente hipertireoidismo (dois artigos na mesma Revista), e deformidades posturais.

Na vertente “Pedagogia para fora”, a enfermeira continua, nesta fase, a aplicar os conhecimentos recebidos, especialmente no campo da saúde pública.

O editorial “Educação Sanitária” destaca este papel:

“Dando cuidados de enfermagem ela leva aos lares conhecimentos de higiene individual e medicina preventiva aplicando-os aos membros de uma família. Se considerarmos que a educação nada mais é que uma modificação de conduta, vemos que é então que a enfermeira assume sua função verdadeiramente educativa. Atendendo a uma necessidade do doente e sua família, a relação ‘paciente-enfermeira’ torna-se mais fácil, tornando-se, também, mais fácil o processo de mudança do indivíduo em relação à saúde individual e do grupo.”

(Equipe Editorial, AE, vol. II, N° 1, janeiro de 1949)

Tomando como base o texto acima, o papel “missionário” da enfermeira é, além da vigilância ao indivíduo e sua família, tentar modificar a conduta destes, tarefa que se avoluma, como destaca o médico Alvino de Paula no texto “A Assistência Sanitária no Brasil e a enfermeira nos serviços de saúde”.

“A missão do sanitário é ingente, no planejamento, nas normas de trabalho, mas o papel da Enfermeira avoluma-se na sua execução, emparelha-se e, em certos casos, sobrepuja aquele do médico. A enfermeira constitui a grande força vigilante, incansável, contínua, penetrante e inquebrantável, nos serviços sanitários modernos. Em nenhuma profissão a mulher poderá dar mais de si mesma. em benefício de coletividade sofredora.(...)”

(Alvino de Paula, AE, vol. II, Nº 4, outubro 1949)

Constata-se pelo texto do médico Alvino de Paula que a histórica dicotomia médico-pensador-idealizador versus enfermeira-executora é atualizada e assim perpetua-se. Ou seja, a identidade do médico liga-se ao saber e a da enfermeira ao fazer. Contudo, o autor tenta elevar o papel de executora da enfermeira ao mais alto grau, afirmando que ele pode, até, “sobrepujar ao do médico”. As características “*vigilante, incansável, contínua, penetrante e inquebrantável*”, conferidas pelo autor à enfermeira, contribuem para reatualizar o poder pastoral desta profissional que intervém na vida do indivíduo através do binômio “assistência-vigilância” (Caponi, 2000).

Ainda neste mesmo texto, o médico Alvino de Paula resume as atividades da enfermeira da saúde pública:

“Leva ao povo, nos lares, na escola, nas fábricas, na cidade e nos campos, por meio de ensinamentos, projeções, cartazes e quadros ilustrativos ou demonstrativos, a arte de viver bem, com saúde, higienicamente, a arte de prevenir e afugentar a doença. Funcionará como puericultora junto às mães e crianças e orientadora psicológica nos desajustados mentais, orientadora pedagógica nas escolas, orientadora meramente sanitária, na sua grande maioria, incutindo em todos, governados e governos, a voz da higiene, da saúde que é a única grandeza, o único bem material que o homem tem sobre a terra. Acompanhará o médico na organização do fichário sanitário, no exame dos pacientes e executará todas as medidas sanitárias anotadas em cada ficha. Superintenderá os serviços de enfermagem e procurará criar e incentivar a mentalidade sanitária entre funcionários e consulentes.”

(Alvino de Paula, AE, vol. II, Nº 4, Outubro 1949)

As noções de higiene, a profilaxia de “moléstias contagiosas”, a educação sanitária e o cuidado levado aos doentes em seus domicílios eram algumas das muitas atividades realizadas pelas enfermeiras de saúde pública, concretizando a “pedagogia para fora”. Em muitos momentos, este papel das enfermeiras era valorizado e até exaltado, como demonstra o texto extraído do relatório do Serviço Especial de Saúde (SES) de Araraquara (SP) e publicado pelos AE:

“A redação de Anais de Enfermagem, recebeu do Serviço Especial de Saúde (SES), Araraquara, Est. de S. Paulo, um trecho do relatório apresentado pelo Dr. Moraes Andrade à Divisão de Serviço do Interior em 3 de maio de 1950, e que diz o seguinte:

“(…) Os serviços prestados pelas enfermeiras fazem-nas merecedoras, não só de uma referência ou descrição, mas sim de uma exaltação e essa exaltação fazemo-la com sentimentos médico e alma em festa. São doze as enfermeiras do SES. Doze sacerdotizas, como os apóstolos, praticam o bem e se dedicam de todo coração, com sentimento cívico e amor pátrio, à educação sanitária de nossa gente, cuidando da mãe – árvore – zelando da criança - fruto - em benefício do nosso Brasil do futuro.

Educadas, instruídas, cultas, elas não ignoram que ‘infantes tuendo pró patrie laboramus’. Onde quer que haja doente, lá irá ter a enfermeira dedicada e útil, ensinando como se deve proceder e fazendo para ensinar mais facilmente.(…)

(…) Vimo-las de porta em porta, na cidade ou na roça, sob chuva ou sol, em automovel ou mesmo em carroça, aos trambolhões, em péssima estrada, para levar os seus conhecimentos à pobres colonas e operárias, explicando e ensinando, mostrando, numa catequese admirável, o valor da saúde, e convidando-as a comparecer ao centro para se examinarem e se medicarem; vimo-las preparando uma estufa para um recém nascido prematuro e depois dar-lhe, gota-a-gota, o leite, que rea vida, com paciência materna; nós as vimos ministrando o B.C.G. ou auxiliando o pré-natalista que lhe transferiu a responsabilidade de fazer a educação sanitária da gestante, ou o pediatra e puericultor que deixou para elas a responsabilidade de com mais calma e detalhe, prestar minuciosos esclarecimentos às mães; nós as vimos curando as chagas e iluminando cérebros, mitigando dôres e entreabrindo lábios para o sorriso à vida; e vimos, também, naquele ambiente, como é bom ser bom, como é feliz quem procura cumprir o seu dever, pois, que, sempre alegres,

dispostas ao trabalho, não medindo sacrifícios, incansáveis, as enfermeiras do SES merecem, de nós, todas as homenagens que se devem render aos que trabalham guiados por um ideal superior, nobre, humano e cívico (...)

(AE, vol. III, N° 3, julho de 1950)

Por fim, destaco que a proposta ou “Projeto Pedagógico” que se idealizou para o campo da enfermagem brasileira neste período refletia, entre avanços e retrocessos, o contexto de saúde (ou de doença) que vivia o país. Ou seja, as enfermeiras brasileiras deste período foram educadas, conformadas, com vistas a validar as propostas higienistas e eugenistas do Governo, repassando, após adaptações, estes conhecimentos aos indivíduos e famílias.

6.4. LEGALIZAR PARA LEGITIMAR: A TEMÁTICA LEGISLAÇÃO E A SUBTEMÁTICA ÉTICA

A necessidade de regulamentar ou de legalizar o ensino e o exercício dos profissionais que atuam neste campo mostrou-se premente desde a recriação do Sistema Nightingaleano e a criação da primeira Escola de enfermagem no Brasil.

Este foi o principal motivo que gerou a temática “Legislação”. Um outro dado que contribuiu para tornar esta temática relevante foi o fato das questões a ela relacionadas aparecerem em diferentes momentos e de diferentes formas em toda a extensão da revista *Annaes de Enfermagem*, desde o lançamento do primeiro número. Contudo, na primeira fase, as questões referentes a esta temática apareceram de uma forma bastante dispersa. Já na segunda fase, em São Paulo, é criada uma Seção denominada “Legislação”, para tratar especificamente destas questões, ou seja, da veiculação dos decretos, das portarias e leis, fato que me fez optar por analisá-la nesta etapa do estudo.

Convidado como paraninfo da turma de enfermeiras do ano de 1931, o Dr. Luiz Capriglione, no discurso que proferiu durante a formatura, além de ressaltar o papel o nobre dessas profissionais de colaborar na “divina sciencia e arte do cuidado”, mostra-se preocupado com o destino das jovens que estavam, naquele momento, concluindo seu curso. Neste sentido, destaca:

“Não se exige da enfermeira exclusivamente caridade e devotamento, e, sim, intelligencia e rapidez de acção. Embora existisse no Brasil uma Escola de Enfermeiras modelo, obra de folego, de dois grandes directores, que tudo fizeram pela profissão, Carlos Chagas e Clementino Fraga, uma grande lacuna se fazia sentir, para a qual já de outra feita me havia referido: a regularisação do serviço da Enfermagem e a padronisação do seu ensino.”

(Capriglione, AE, N°1, maio de 1932)

A questão que logo de início se apresenta é: o que leva um profissional externo ao campo a ter esta preocupação? É o próprio Dr. Luiz Capriglioni, mais adiante, no mesmo discurso, que oferece a resposta:

“Com a guerra de 1914, os paizes mais importantes verificaram a necessidade de regulamentar o ensino e a pratica de Enfermagem. E, em 27 paizes já se conseguiu esse desideratum, sempre com os mesmos princípios no leme: proteger o publico contra as enfermeiras não experimentadas e proteger a profissão contra a concurrencia dessas enfermeiras.”

(Capriglione, op. cit., p.28)

O movimento realizado pelos agentes do campo e, como se pôde perceber acima, por alguns convidados, pela regulamentação da profissão desde sua inserção no Brasil, está associado à tentativa de ‘descolar’ a figura da “enfermeira diplomada” dos demais exercentes de ações de enfermagem e, também, da imagem e dos estereótipos que circundam a profissão. Ou seja, na concepção dos agentes do campo era preciso regulamentar (legislar) para diferenciar, para legitimar a “nova” profissão.

A tentativa de legislar para diferenciar a “enfermeira diplomada” ou “enfermeira diplomada registrada” (que passará a acrescentar a seu nome as letras R. N. de Nursing Registered ou E. D. de Enfermeira Diplomada) de “supostas enfermeiras”, ou de outros agentes que praticam “*alguma fase de enfermagem*” foi discutida e apresentada em dois momentos distintos. No texto escrito por Edith Fraenkel, “Historico do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública” (AE, N° 5, Outubro de 1934) e, por Bertha L. Pullen, em “Status Legal da Enfermagem” (AE, N° 11, dezembro de 1937). Os dois textos discutem o Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, que “*Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem*”:

“A Lei 20.109, de 15 de junho de 1931, em seu artigo 1 diz: Só poderão usar o título de enfermeiro diplomado ou enfermeira diplomada ou as iniciais correspondentes a estas palavras : a) as profissionaes diplomadas por escolas de enfermagem officiaes ou equiparadas na forma da presente lei;

Parágrafo único: os referidos profissionais só poderão usar o título de enfermeiro diplomado ou enfermeira diplomada, ou as iniciais correspondentes (E. D.) após o registro do diploma no Departamento Nacional de Saúde Pública.”

(Pullen, AE, N° 11, dezembro de 1937)

O movimento pela legalização da profissão de “enfermeira diplomada” ou “enfermeira diplomada registrada” não foi, segundo os agentes do campo, um caminho fácil. Segundo estes agentes, houve muitas dificuldades. Uma destas tem origem no grupo de “enfermeiras religiosas” que atuavam em hospitais; tal dificuldade não é relatada nos AE, mas seu relato é importante e pertinente. Com base no documento “Enfermagem, Legislação e assuntos correlatos 3ª ed., RJ: 1974”, Kakehashi, ao também analisar a revista AE, destaca que o grupo de religiosas (irmãs de caridade) que atuavam em hospitais como “enfermeiras” e que tinham apenas conhecimento prático, conseguiram, pela estreita parceria que tinham com o Governo de Getúlio Vargas, que o Presidente assinasse, no ano de 1932, o Decreto nº 22257, de 26 de dezembro de 1932, conferindo a estas religiosas direitos iguais aos das enfermeiras diplomadas da Escola Anna Nery, desde que comprovassem atuação de seis anos ou mais de prática de enfermagem até aquele momento. (Brasil 1974e , in Kakehashi, 2000). A revogação deste Decreto só acontece em 1955, quando estas religiosas passam a “enfermeiras práticas” ou “práticas de enfermagem” (Baptista, Barreira, 1997).

Com o título “Revalidação de Diploma Estrangeiro”, a equipe editorial publica na revista de número 4, de abril de 1934, o primeiro Decreto Nº 20.109 de 15 de junho de 1931, que apresenta o calendário de provas de habilitação para revalidação de diplomas conferidos por Escolas de Enfermeiras Estrangeiras, reconhecidas por lei, para os profissionais que desejarem habilitar-se ao uso do respectivo título no país.

A maioria dos decretos, portarias e leis aparecem no interior de textos ou de artigos, sendo necessária a leitura destes por mais de uma vez, para ali “pinçá-los”. O rastreamento dos mesmos demandou, assim, bastante tempo. Este foi, por exemplo, o caso do Decreto Nº 16.300, de 31 de dezembro de 1923, que legaliza a criação do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, ao qual estava ligada a primeira Escola de Enfermeiras. Este decreto aparece no texto “Histórico do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saude Publica”, escrito por Edith Fraenkel.

Neste mesmo artigo é veiculado, também, o Decreto Nº 17.268, de 31 de março de 1926, que altera o nome de Escola de Enfermeiras do DNSP para “Escola D. Anna Nery”.

Na primeira fase da Revista, o único texto a tratar especificamente do completo teor de um decreto denomina-se “Do Exercício da Medicina em varios de seus ramos:inteiro teor do Decreto Nº 20.931 de 11 de janeiro de 1932”. A explicação que encontro para a veiculação de um decreto que expõe, na sua maior parte, sobre o exercício da medicina, é que ele também discorre sobre outras profissões, como de farmacêutico, dentista, veterinário, enfermeiro e parteiras. As atribuições (ou deveres e vetos) de todos os profissionais, inclusive das parteiras, são apresentadas. Contudo, as atribuições (deveres e vetos) do enfermeiro não estão citadas no texto.

Em São Paulo, a criação da Seção “Legislação” comprova que os agentes do campo tinham como uma das suas grandes metas, nesta segunda fase da Revista, a legalização da profissão, divulgar a criação de novas escolas de Enfermagem e, também, regular a melhoria da educação do pessoal que pratica ações de enfermagem, como as auxiliares e parteiras. Com certeza, o objetivo era o de apresentar à sociedade, de um modo mais amplo, e à sociedade acadêmica, em particular, uma “nova enfermagem”, a enfermagem que buscava evoluir, modernizar-se e, para isto, precisava legalizar-se.

Deste modo, em 1946, ao ser criada esta Seção “Legislação”, foram veiculados três decretos, todos com data de 22 de janeiro de 1946: o primeiro, de Nº 8.772, altera as carreiras de Enfermeiro dos quadros permanentes e especiais do Ministério da Educação e Saúde e cria a carreira de auxiliar de enfermagem no quadro permanente e especial do do

Ministério da Educação e Saúde; o segundo, de Nº 8.778, regula os exames de habilitação para os Auxiliares de Enfermagem e Parteiras leigas, e o último, de Nº 8. 779, cria, anexa à Faculdade de Medicina da Bahia, a Escola de Enfermagem e Serviços Sociais.

A Seção “Legislação” da Revista de número 20, de julho-setembro de 1946, abre a Seção apresentando uma questão que gerou muita polêmica à época: “*É a Enfermagem profissão liberal?*” Com várias considerações, o Ministro Ernesto de Sousa Campos, ouvindo e analisando o parecer Nº 47.358.43 do Consultor Geral da República , Jurandir Lodi, aprova a profissão de enfermagem como profissão liberal.

Por fim, cabe ainda destacar que a Seção “Legislação” publicava decretos que não se relacionavam de forma direta às enfermeiras diplomadas. Ou seja, ela não veiculava ou socializava questões exclusivas das enfermeiras diplomadas. Servia, também, para divulgar decretos, portarias e temas que interessavam a outros agentes que realizavam ações no campo da saúde e, é claro, da enfermagem. Exemplo é a publicação do Decreto-Lei Nº 8.345, de 10 de dezembro de 1945. Ele dispõe sobre habilitação para o exercício profissional de protéticos, massagistas, óticos práticos, práticos de farmácia, práticas de enfermagem, parteiras práticas, e profissões similares...”. É interessante e curioso que uma Revista que tinha como meta a criação da “era científica ou moderna” publicasse matérias como, por exemplo, um decreto-lei sobre o exercício profissional de parteiras práticas e práticas de enfermagem. O que se conclui por esta e por outras atitudes da equipe editorial é que este periódico possuía um perfil bastante liberal para o período.

As questões ligadas à Ética ocupam, neste estudo, o lugar de subtemática da temática “Legislação”, pelo fato destas questões aparecerem, em vários momentos da Revista AE, de forma interrelacionadas.

Muito curioso é o texto que encontro na Revista de Nº 4, de abril de 1934. Através dele, a equipe editorial expressa a concepção dos agentes do campo da época sobre a questão Ética:

“NÃO VER, NÃO OUVIR E NÃO FALAR

Quanta sabedoria encerram estas palavras!

Esta simples frase traduz tanto conhecimento da vida, que nos pode servir de guia. Se nela meditarmos bem, e conseguirmos encontrar o seu alcance, veremos que, se agirmos de acôrdo, as precipitações e os aborrecimentos sérios, que as diversas fases da vida nos trazem, serão evitados.

Este pequeno tema faz-nos lembrar as aplicações da Ética na vida profissional:

‘meditar bem antes de praticar certos atos:

não criticar o procedimento dos outros,

julgar com benevolencia e com justiça: ser rigoroso consigo mesmo antes de julgar demais. Isto concorre para a cooperação no serviço, ajuda-nos muitas vezes a sair de dificuldades, ensinando-nos como proceder e como nos comportar.

Saber calar, saber ouvir e saber ver !

São problemas de difícil resolução, mas que merecem uma solução rápida, obrigando-nos a meditar profundamente. Se assim fôr, evitaremos muitas contrariedades e levaremos uma vida mais optimista.

Não há nada que nos traga mais complicações que ouvir demais, ver demais e falar demais.

Já o proverbio antigo, diz: ‘o silencio é de ouro, a palavra é de prata.’

Lembrando este ditado, imagino um ser humano que é cego, porque olha e não vê, é surdo, porque sabe ouvir, é mudo, porque só fala quando deve.

Resumindo: êle ouve, êle fala, êle vê, agrada a todos e ninguem o aborrece.

É esta a verdadeira sabedoria.”

O que se pode concluir do texto acima apresentado pela equipe editorial dos AE é que as qualidades esperadas nesta profissional constituem algo de superior, a aceitação passiva do que lhe é posto ou imposto, o que pode ter contribuído para o tipo de identidade profissional que, ainda hoje, predomina no campo.

O pensamento das alunas de enfermagem deste período sobre as questões relacionadas à Ética não eram muito diferentes do de suas professoras, que compunham a Associação de classe ou a equipe editorial da Revista. Este fato pode ser comprovado na Seção “Página de Estudante” da Revista AE, Número 1, na qual foi publicado o texto “*Fabulas e Proverbios influenciando na Etica*”.

“A Etica é a sciencia da moral e sendo assim, está perfeitamente explicada a correlação entre proverbios e Etica. Encontramos em proverbios e diversas fabulas um certo quê, que nos faz lembrar a Etica da profissão que agora iniciamos. Alguns deles são verdadeiras bussulas para a enfermeira, quer na vida privada, quer na sociedade, quer nos seus negocios:

‘O falar é prata, o calar é ouro’

Si para que cresçamos necessario se torna que falemos, vemos que muitas vezes a palavra se torna desnecessaria, sendo exigido o mais absoluto sigilo.

Neste caso, applicamos com grande eficiencia o proverbio acima citado. Trata-se, como todos estão vendo, do segredo profissional. O segredo profissional exige que nos calemos quando se trata de uma miseria fisica ou moral de um doente, ou mesmo de um medico ou coléga. Não se trata, porém, de ocultar uma mentira desta ultima, porque não devemos esuqecer de que: ‘Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.’

(Rocha, AE, Nº 1, maio de 1932)

Os agentes convidados ao campo possuíam, também, uma concepção bastante singular sobre a ética profissional da enfermeira. Ao ser convidado como paraninfô da turma de formandas de enfermagem do ano de 1938, o Dr. Alair Antunes relaciona um conjunto de condições para que as alunas exerçam a profissão. Sobre o quesito Ética profissional, destaca:

“A enfermeira pela sua função lembrar-se-á que seus olhos não devem vêr, sua bôca não deve falar e seus ouvidos não devem ouvir. Auxiliar dos medicos, não pôde criticar as determinações dos medicos. Auxiliar da saúde pública deve saber que, para os doentes comunicantes, pessôas das famílias dos doentes, o medico assistente tem sempre razão.

A crítica será somente feita ao médico sanitарista para fins de serviço.

Não deve esquecer a obediência hierárquica à superiora, enfermeira chefe subordinada esta, aos sanitарistas. Deve ter sempre presente suas obrigações profissionais de boa harmonia com as colegas e que as principais condições da ética são a discrição, a disciplina, a compostura e a perfeita noção do dever.”

(Antunes, AE, N°15, dezembro de 1938)

Duas considerações podem ser feitas sobre a concepção de ética que orientava os agentes do campo, as alunas de enfermagem e todas as demais pessoas que circulavam pelo campo da enfermagem, como por exemplo os convidados a escreverem textos para a Revista e os paraninfos de turmas de enfermagem. Primeira, que a noção de ética estava diretamente relacionada à noção de moral (moral como sinônimo de conduta do indivíduo). Pelos dados analisados pode-se considerar que a enfermeira diplomada deveria adotar como guia, naquele período, a “ética do amor, da bondade”. Segunda consideração: que o lema ou princípio norteador relacionado à ética profissional da enfermeira diplomada, daquele período, estava solidamente consagrada no tripé: “NÃO VER, NÃO OUVIR E NÃO FALAR”.

6.5. CONSTRUINDO A IDENTIDADE DA “ENFERMEIRA-CHEFE”: A TEMÁTICA ADMINISTRAÇÃO

A temática Administração não ocupa um grande espaço na revista Annaes de Enfermagem, ou seja, a produção veiculada na Revista sobre este tema, principalmente na primeira fase de edição, não é extensa. Entretanto, ela é relevante pelo fato de que as noções de “organização”, “planejamento” e “administração” apareceram, em vários momentos, de forma subentendida, especialmente na primeira fase da Revista. Já na segunda fase estas noções vão se consolidando e o papel de “enfermeira-chefe”, considerado o primeiro e o mais básico papel administrativo da enfermeira diplomada deste período, passará a ser concebido pelos agentes do campo como um dos mais importantes a ser desempenhado por esta profissional, fato comprovado quando a Divisão de Ensino da Associação de Enfermeiras Diplomadas propõe cursos de administração por todo o País. Deste modo, investir na qualificação dos profissionais nesta área é a prioridade dos agentes do campo, como mostrarei mais adiante.

Era fundamental e uma das importantes tarefas das primeiras enfermeiras norte-americanas que compunham a Missão Rockefeller a de recriar, no Brasil, a estrutura das Escolas e dos Serviços que haviam obtido sucesso nos Estados Unidos e dos quais eram elas as mensageiras. Assim, planejar, organizar e administrar ou dirigir escolas de formação e os serviços de saúde foram os grandes desafios destas enfermeiras, na medida em que, até então, este papel era desempenhado por profissionais médicos.

Como destaquei acima, na primeira fase de edição da Revista a preocupação central dos agentes era com o planejamento e a organização de Escolas de Enfermagem e de Serviços de Saúde no país. A primeira Diretora da Escola de Enfermeiras Anna Nery, Miss Bertha L. Pullen, ao apresentar na III Conferência Pan-Americana da Cruz Vermelha o trabalho “Considerações sobre a organização de uma Escola de Enfermeiras”, mostra esta preocupação:

“A evolução do padrão da enfermagem na América do Sul é assumpto que nos toca muito de perto. E, por essa razão, pedimos permissão para dissertar neste Congresso sobre alguns factores que nos parecem todos importantes na organização de uma Escola de Enfermeiras, em qualquer paiz ou comunidade (...)

Bases para a organização:

1º) Primeiramente, as necessidades reaes da comunidade e as possibilidades de satisfaze-las;(...);

2º) Em segundo lugar, a situação economica da comunidade e sua capacidade de enfrentar as necessidades (...);

3º) Em terceiro lugar o que deve ser incluído no programa dessa Escola, se baseia inteiramente nas necessidades da comunidade, e não no que convem ensinar às alumnas.

4º) Em quarto lugar, o nível de eduacação com que se pode começar a Escola e que depende do nível da educação das senhoras na comunidade, e tambem das tradições do paiz e decorrentes das condições economicas da mulher. (...)

5º) Em quinto lugar, quaes as responsabilidades da Escola para com as alumnas que vae acceitar;

Em outras palavras, os princípios fundamentaes da organização de uma Escola de Enfermeiras dependem dos conhecimentos do publico a respeito de enfermagem, da compreensão de seus problemas e de um desejo sincero de resolve-los.

O typo de organização de Escola a estabelecer depende dos typos de serviços medicos e de Saude Pública existentes, indispensaveis para manter a população com saude e assistir aos doentes da comunidade. Si a porcentagem de analfabetismo e de pobreza fôr elevada e os problemas sanitarios altos, será preciso naturalmente salientar mais os serviços de enfermagem da saude pública, deixando para segundo plano a enfermagem hospitalar.”

(Pullen, AE, N°8, novembro de 1936)

O que chama a atenção no texto de Miss Bertha L. Pullen é a defesa que ela faz quanto à importância da sintonia que deve existir entre os anseios, necessidades, competências e disponibilidade da comunidade e os objetivos das enfermeiras ao planejarem uma escola de formação de enfermeiras. Assim, a autora destaca, “entre linhas”, a necessária flexibilidade do planejamento, um dos “pilares” da “administração moderna”.

Com base nos “princípios fundamentais” defendidos por Miss Bertha L. Pullen é que foi planejada e implantada a primeira Escola de Enfermeiras do DNSP. Ou seja, após analisarem os problemas sociais e especialmente os de saúde do Brasil no início da década de 20, os agentes do campo centraram a educação das enfermeiras na área de saúde pública.

A enfermeira e Diretora Bertha L. Pullen foi a autora que, na primeira fase dos AE, destacou-se com textos sobre temas de planejamento, organização, administração e fiscalização de Escolas de Enfermagem e Serviços de Saúde do país. Desde o momento em que assumiu a Direção da Escola de Enfermeiras Anna Nery, esteve atenta para estas questões. No ano de 1938, por exemplo, sua atenção voltou-se para a enfermagem hospitalar. Assim, escreve, neste ano, o artigo “Pontos essenciais para um serviço de Enfermagem Hospitalar adequado” (AE, N°13 e 14 de junho e setembro de 1938), onde, tomando como base o “Clinical Education in Nursing”, mostra como deve ser realizado o cálculo do pessoal de enfermagem (“*Enfermagem adequada*”) a ser contratado para atuar nas instituições hospitalares prestando cuidados aos doentes.

Entretanto, ela mesma aponta no seu texto que é de responsabilidade do hospital, isto é, da instituição, realizar estes cálculos, fato que “exime” esta profissional de participar desta atividade. Este pode ser, entretanto, um dos indicadores da ausência de autonomia dos agentes do campo neste período.

Um fato curioso e que pode ter dificultado a participação desta profissional nas questões referentes a planejamento e administração de Serviços de Saúde ou Instituições Hospitalares é a ausência destes conteúdos no primeiro Currículo adotado pela Escola de Enfermeiras do DNSP. Ou seja, as alunas, neste período inicial de inserção da enfermagem profissional no Brasil, não recebiam conhecimentos relacionados aos temas administração e planejamento.

Em 1946, na segunda fase de edição da Revista, seguindo a trajetória adotada pelos agentes do campo de melhoria na qualificação (educação) das enfermeiras, é “diagnosticada” a necessidade de se investir, de modo mais específico, na qualificação das enfermeiras para os cargos administrativos.

Neste sentido, no artigo “Organização de Escolas de Enfermagem no Brasil”, Haydée Guanais Dourado e Radcliff Guanais Dourado apontam que, além dos conteúdos relacionados à saúde pública e assistência hospitalar, é necessário “prover” o hospital de “enfermeiras-chefes”. Neste sentido, destacam:

“Além de enfermeiras que executem tarefas de cuidado ao enfermo, o hospital deverá prover enfermeiras-chefes para auxiliarem na administração da enfermaria. Esse cargo é de grande importância, e os entendidos nos assuntos hospitalares acham que a enfermeira-chefe influe diretamente na qualidade da enfermagem que o hospital oferece”

(Dourado e Dourado, AE, N° 18, janeiro/março de 1946)

Quem são os “entendidos nos assuntos hospitalares” de que falam os autores? Por que buscar fora do campo da enfermagem a avaliação sobre a importância da “enfermeira-chefe” na melhoria da qualidade da assistência? Com base nos dados analisados, foi este o argumento utilizado, mais tarde, para a consolidação do papel de “enfermeira-chefe” em muitos hospitais.

O debate sobre a necessidade de inserir no “projeto pedagógico” de educação das enfermeiras conteúdos referentes à área de administração, dotando estas profissionais de condições para assumirem a função de “enfermeiras-chefes” nos hospitais, estende-se por todo o campo da enfermagem e aparece, com muita clareza, no texto “Um cargo que é um desafio...” de Ella Hasenjaeger:

*“O cargo de enfermeira-chefe é um desafio permanente à pessoa que o ocupa.
(...)”*

A visão estreita, pela limitação de conhecimentos e de experiência prática dos cursos básicos das enfermeiras-chefes, tem deixado, muitas vezes, escolas e serviços de enfermagem completamente paralisados (...)

Muito tem progredido o ensino da enfermagem nestes últimos anos, melhorando e exigindo preparo especial para as diretoras de escolas, professoras e supervisoras; o grupo das enfermeiras-chefes também necessita maior preparo, uma vez que até o momento, elas aprendem por intuição.

(...) Longo tempo se passou antes de ser reconhecida a importância e a posição estratégica deste cargo, verdadeira base da pirâmide administrativa, executiva e educacional, a qual determina ao mesmo tempo e em grande parte, o valor dos alicerces (...)

Pelos motivos expostos, a Divisão de Ensino de Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, acha-se muito interessada em estabelecer o mais breve possível, cursos em Administração e ensino para as enfermeiras-chefes, em diversos pontos do País.”

(Hasenjaeger, AE, Nº 20, julho/setembro de 1946)

A partir deste texto, fica claro que, ao fornecer às enfermeiras diplomadas conteúdos de “Administração e ensino”, o objetivo maior da Divisão de Ensino da Associação de classe era o de ultrapassar o modelo empírico de “administrar” de até então, tornando estas profissionais competentes e responsáveis pela assistência realizada nas enfermarias dos hospitais.

A concepção de que a presença e o trabalho de coordenação das enfermeiras diplomadas fazia a diferença nas enfermarias dos hospitais circulava, também, fora do campo. Neste sentido, a revista *Annaes de Enfermagem* reproduz o texto de Paulo Corrêa, publicado no jornal *Diário de São Paulo*:

“Entre as mais graves deficiências que se fazem notar nos serviços da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ressalta a precariedade do serviço de enfermagem. Pavilhões novos, de organização mais recente, possuem um serviço de enfermagem regular, mas, as enfermarias de clínica médica e de clínica cirúrgica, que constituem o edifício central dessa benemérita instituição, possuem, em geral, um corpo de enfermeiros formados na prática empírica das enfermarias, sem a mínima noção do que seja a enfermagem moderna (...)

Falta à Santa Casa de Misericórdia um corpo de enfermeiras diplomadas, encarregadas de dirigir os serviços das diversas enfermarias, com autoridade suficiente para quebrar a rotina que ali perdura há decênios. (...)

No Brasil, ainda existem poucas enfermeiras diplomadas e que não são suficientes para todos os hospitais; a estas profissionais deve-se entregar a direção dos serviços das diferentes enfermarias, para que possam melhorar o nível de assistência prestada aos enfermos.”

(Corrêa, AE, N° 20, julho/setembro de 1946)

Era preciso, assim, definir as atribuições da “enfermeira-chefe”. Este papel coube à enfermeira Celina Viegas, que, no artigo “Eficiente Orientação do Pessoal”, destaca:

“A orientação eficiente do pessoal de enfermagem é uma das árduas tarefas da enfermeira chefe. A ela cabe promover a eficiência do trabalho de seus subordinados e nisto deve se tornar tão capaz como em qualquer outro ramo de suas múltiplas atividades. A ela cabe também a responsabilidade pela realização do trabalho e pelo bem estar dos que trabalham.

Sua ação abrange vasto campo: o trabalho em si mesmo, as facilidades físicas para levá-lo a efeito e principalmente a direção das pessoas que o realizam.”

(Viegas, AE, n° 3, vol. I, julho de 1948)

Investir no ensino de “Administração” significava, para os agentes do campo daquele período, o mesmo que conformar na enfermeira diplomada o “*habitus*” de líder, de “chefe”. Cabe ressaltar que nos Estados Unidos as profissionais que desenvolviam este papel eram conhecidas como “leaders”, significando aquele que conduz. Este papel consolidou-se como um dos marcadores de diferença entre estas e os demais agentes deste campo.

Cabe reafirmar, finalmente, que, em relação à temática “Administração”, o maior investimento dos agentes do campo da enfermagem foi na tentativa de conformar o *habitus* de “enfermeira-chefe”, “de líder”, “daquela que conduz”.

CAPÍTULO 7



As Problemáticas Obrigatórias e a Missão Civilizatória das Enfermeiras Brasileiras

“Nós somos as obreiras infatigáveis, trabalhando incessantemente, na construção de uma raça forte. E a construção dessa raça, será o alicerce, a base, o ponto de apoio de todos os empreendimentos sociais. Nada se poderá fazer sem que esse alicerce esteja consolidado. Um povo doente nada produz!”

(Santos Fréres, AE, novembro de 1936)

Toda a produção veiculada pela revista *Annaes de Enfermagem* no período tomado para estudo gravitou em torno de temáticas recorrentes conforme demonstrei nos Capítulos 5 e 6 e que foram geradas ou sugeridas pelas seguintes problemáticas obrigatórias: **Higiene, Eugenia, Ciência e Nação.**

Estas problemáticas ao serem pensadas de modos diferentes pelos agentes do campo e que circularam, num processo de idas e vindas, e que foram dominantes no campo da enfermagem brasileira, num determinado período, podem ser definidas, com base em Bourdieu, como “*problemáticas obrigatórias*”. Ou seja, as mesmas problemáticas ao serem apropriadas e utilizadas de diferentes formas pelos agentes de um determinado campo, num mesmo período, podem ser concebidas como obrigatórias. Neste sentido, todos os agentes do campo pensam as mesmas questões, entretanto diferenciam no modo de objetivá-las. Assim, estas geram um conjunto de questões (no caso específico da enfermagem gerou um conjunto de temáticas recorrentes socializadas pela revista AE), que definem, que espelham, que orientam todo o pensamento de um ou mais de um campo em uma determinada época. Neste sentido, ressalta Bourdieu

“Embora os homens cultivados em uma determinada época possam discordar a respeito das questões que discutem, pelo menos estão de acordo para discutir certas questões. É sobretudo através das problemáticas obrigatórias nas quais e pelas quais um pensador reflete que ele passa a pertencer à sua época podendo-se situá-lo e datá-lo.”

(Bourdieu, 1992, p. 207)

As problemáticas obrigatórias, Higiene, Eugenia, Ciência e Nação, que orientaram o campo da enfermagem brasileira nas décadas de 30 e 40 não eram exclusivas dele. Elas orientaram, da mesma forma, outros campos, como o da medicina, da engenharia, da educação, indicando elementos ideológicos, histórico e culturais predominantes no período analisado, conformando estes campos de forma específica. A conjugação e a complementaridade de trabalho entre os campos pode ser identificada na análise realizada por Herschmann e Pereira:

“Os processos médicos de saneamento são sempre combinados com o da engenharia, onde o médico termina a sua obra, o engenheiro começa a sua, e ambos têm um campo comum de trabalho no aperfeiçoamento das condições higiênicas, na manutenção dos recursos naturais, preservando a saúde e protegendo a vida da humanidade.”

(Herschmann e Pereira apud Neves, 1994)

A análise das problemáticas obrigatórias presente na produção veiculada pelos AE mostrou que elas não possuem uma terminalidade em si mesmas, elas se inter-relacionam de modo estreito, estando presentes muitas vezes, em uma ou mais temáticas, sendo utilizadas para explicar diferentes questões pelos agentes do campo. Assim, por exemplo, as idéias e as propostas sobre higiene e profilaxia, estavam nas décadas de 30 e 40, intimamente conectadas às idéias sobre eugenia, aparecendo estas duas problemáticas, Higiene e Eugenia, na mesma temática, com finalidades semelhantes. Este fato repetiu-se nas duas fases de publicação da Revista. Com isto ao defenderem e objetivarem as propostas higiênicas nos diferentes grupos sociais, os agentes deste campo tinham como meta a produção de uma raça forte e saudável, objetivos que compunham os ideais modernizadores e a proposta eugênica do Governo brasileiro para aquele período.

O que pode ser revelado de pronto é que a “*cultura histórica*” do campo da enfermagem brasileira é reflexo ou o produto, dentre outros determinantes, do conjunto de problemáticas selecionadas e apropriadas pelas enfermeiras brasileiras do período em estudo. Estas problemáticas contribuíram, desta forma, para a produção, no Brasil, do campo de conhecimentos da enfermagem, concebido pelas agentes como científico. Este conjunto de problemáticas conferiu uma específica configuração a este campo, daí a importância de refletir sobre cada uma delas. Ressalto entretanto, que por terem sido objeto de reflexão no transcorrer do estudo, farei uma breve síntese sobre as mesmas, ciente de que a análise sobre elas não se esgota com este estudo. Elas, com certeza, convidam a novas reflexões e debates a serem realizados em estudos posteriores.

7.1. A PROBLEMÁTICA HIGIENE OU EM DEFESA DE UM “VIVER HYGIENICO”.

A problemática Higiene ocupa um dos mais importantes lugares dentre as problemáticas apropriadas pelas enfermeiras diplomadas brasileiras nas décadas de 30 e 40. Ela esteve presente em toda a trajetória da Revista nas produções, das enfermeiras e, também, de seus convidados. Isto ocorreu em razão do momento pelo qual passava o país, de acordo com o demonstrado no Capítulo 1: um país tomado por várias epidemias de doenças contagiosas, determinadas, segundo os higienistas e eugenistas da época, por uma “fraqueza biológica” cuja origem devia-se à “mestiçagem” (a grande mistura das raças) existente no Brasil e também à “miséria”, “vícios” e “ignorância” da raça brasileira. Dentro desta visão, as propostas higiênicas do Governo para esse período, representavam, senão a única, uma das importantes estratégias para a “inculcação” de novos hábitos e valores, produzindo uma remodelagem neste quadro concebido como “decadente” e “desabonador”.

A fim de objetivar as propostas higiênicas do Governo, foram convocados profissionais de saúde e, de modo especial, as enfermeiras de Saúde Pública. Elas foram incumbidas de difundir, de casa em casa, “hábitos saudáveis” de vida ou “hábitos higiênicos” especialmente junto à população pobre, dando origem ao título de “mensageiras da saúde”. O que fica evidente, é que o papel dessas profissionais não era apenas a vigilância sobre hábitos de saúde (ou de “não-saúde”), mas também sobre os hábitos de vida da família e de cada um de seus membros em particular. Ao trabalharem na inculcação de tais conhecimentos, as enfermeiras acreditavam estar contribuindo para a “salvação” ou para o “resgate” do indivíduo, participando, deste modo, de uma “missão civilizatória”, cujo fim era a evolução da raça brasileira e o progresso da Nação. Buscava-se, deste modo, a “perfectibilidade¹” do povo como forma de progresso e de inserção da sociedade brasileira na modernidade. Neste sentido a problemática “Higiene” estava diretamente vinculada às ações de “ensinar”, “cuidar”, “salvar”, “vigiar” e “curar”.

¹ O conceito de perfectibilidade é utilizado, neste estudo, como sinônimo de evolução, de progresso. Entretanto, Lilia Moritz Schwarcz destaca que este conceito assume diferentes significados, quando utilizado em contexto diversos. Lembra a autora que a noção de “perfectibilidade” aparece, na literatura determinista do século XIX, associado à idéia de progresso, de evolução, diferentemente da tradição iluminista, que não pressupõe uma visão linear e cumulativa da história. Para aprofundar esta análise, buscar Schwarcz, Lilia Moritz – O Espetáculo das Raças, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

O discurso proferido pela enfermeira Zulema de Castro Amado, reproduzido no primeiro número da revista AE e já analisado anteriormente, no qual ela discorre sobre o papel da enfermeira de Saúde Pública, aponta e defende a participação dessas profissionais na construção de um “*viver higienico*”. Isto significava muito mais que ensinar e zelar pela simples saúde dos indivíduos. Era uma “missão” que se encarregaria de um “novo” viver, denominado pelos agentes do campo de “*viver higienico*”. Representava, deste modo, a imposição e a vigilância sobre hábitos de vida concebidos como importantes e fundamentais para a construção do “novo” indivíduo e da “nova” Nação.

Para objetivar a proposta de educação higiênica do povo, o Estado investiu de forma particular e veemente no papel de mãe desempenhado pela mulher brasileira: aquela que assume para si a função de conduzir o lar e a sua prole. Reafirmando e realçando este papel da mulher, o Estado a convoca e coloca em suas mãos o futuro da criança e, concomitantemente, da Nação. No editorial da revista de número 5, este papel é lembrado pela equipe editorial

“A infância é o futuro: da infância advirá a superioridade ou a inferioridade de uma raça ou de uma nação. É a mãe que nutre, ampara e aconselha o filho. À mulher pois cabe a ação preponderante na luta anti-alcoolica.”

(Grifo nosso) (AE, N° 5, outubro de 1934)

Coube, neste sentido, às enfermeiras de Saúde Pública, o papel de “adestramento” e “vigilância” da “mulher-esposa” e da “mulher-mãe”, quando de suas visitas aos lares. Este papel de “cuidadora-vigilante” passou, no período, a ser “naturalizado” tanto pelos agentes do campo como por aqueles externos a ele, consolidando-se como inerente àquelas profissionais.

As questões relativas à higiene, à normalização e a educação do povo, de modo especial das crianças brasileiras como estratégia de investimento e diferentes formas de “lucros” futuros para a Nação, foram salientadas em muitos momentos na Revista. Eram reflexo das propostas do Governo Vargas para aquele período.

Ao analisar, para a Seção Bibliografia, o livro *“O Seculo da Creança”* do Dr. Oscar Clarck, a enfermeira Edith de Souza, por exemplo, ressalta que *“a quota dispendida na educação e hygiene de um povo será reembolsada, com juros fabulosos, para os cofres da Nação”* (Souza, AE, Nº 9, maio de 1937).

A proteção à infância ocupou, assim, em toda a década de 30 e 40, a centralidade das preocupações de profissionais da saúde, da educação e também de autoridades políticas. Em defesa da “normalização” das crianças brasileiras, passou a ser produzido e veiculado, nos AE e em vários periódicos que circulavam naquele período, um grande número de textos. Falar de saúde, naquele momento, era falar na geração de crianças “normais”, entendendo-se por “normais” crianças “belas”, saudáveis” e “fortes”, conforme analisado na “subtemática assistência à criança”, no Capítulo 5. Este “projeto de normalização” da criança brasileira culminou com a criação da *“Inspetoria de Hygiene Infantil”* pelo Governo Vargas, cujo propósito foi criar um espaço destinado, especificamente, a *“velar pela saúde e pela existencia da infância”* (Figueiredo, AE, Nº 2, dezembro de 1934). Era, portanto, dos profissionais da saúde e das enfermeiras em particular, o papel de fiscalizar, de vistoriar a conduta e os hábitos da sociedade e, prioritariamente, das mães no que diz respeito as suas crianças, na medida em que *“assegurar à criança meios para conservar e melhorar a saúde, é fazê-la triunfar na vida e elevar a Pátria pelo engrandecimento o seu povo”*. Assim sendo, o “projeto de normalização” da criança brasileira foi um dos grandes componentes da proposta higiênica do Estado nas décadas de 30 e 40, da qual participaram as enfermeiras brasileiras.

7.2. A PROBLEMÁTICA EUGENIA OU EM BUSCA DA PERFEIÇÃO DA “RAÇA BRASILEIRA”

Desde o início da publicação dos AE em 1932, até o ano de 1950, quando estabeleço o final da análise, foram publicados textos de apoio a projetos eugênicos. Ora de forma mais explícita, como aconteceu na primeira fase da Revista e ora menos explícita, o que se processou na segunda fase de publicação. A produção contida nos Annaes de Enfermagem, contribuiu, desta forma, em conjunto com outras produções que circulavam

neste período, como por exemplo, a “*Gazeta Medica da Bahia*” e “*Brazil Medico*”, periódicos editados pela Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, respectivamente, para a concretização e consolidação do “ideal eugênico” proposto para o país.

O papel desempenhado em prol da causa eugênica pelos dois periódicos citados acima foi analisado por Lilia M. Schwarcz. Nesta análise a autora destaca:

“Em ambas as escolas existe um projeto de cunho social e a imposição de uma visão médica sobre a sociedade, não se discute. Além disso é também evidente como ambas as revistas fazem esforços para a adoção de um projeto eugênico no país.”

(Schwarcz, 2000, p. 236)

A concepção de saúde como sinônimo de beleza, as idéias de se investir no melhoramento ou aperfeiçoamento físico, mental e moral dos indivíduos através de práticas eugênicas como estratégia para a obtenção de uma raça pura, bela e saudável e, conseqüentemente, produtiva, disseminara-se por vários campos.

A visão das enfermeiras sobre as condições de saúde do povo brasileiro daquele período está representada no texto “O Papel Social da Enfermeira”, de Maria Ribeiro dos Santos Freres:

“Uma nação constituída de elementos devorados pela tuberculose, aniquilados pelo impaludismo, deprimidos pela sífilis, será sempre escravizada por outros povos eugênicos; viverá sempre de empréstimos através de juros escorchantes, será sempre colônia de povos mais fortes e sadios.

E se as condições economicas de um povo, estão na dependencia do seu estado de sanidade, não é menos verdade que, na esfera mental, essa dependencia tambem se verifica.

(...)

Só deveria nascer criança linda porque o problema estetico, a harmonia da forma, a beleza, estão na dependência da eugenia da raça.”

(Santos Fréres, AE, N° 8, novembro de 1936)

A fim de cumprir o papel na grande “missão civilizatória” de construção e aperfeiçoamento de uma raça forte, a raça genuinamente brasileira, ou seja, no projeto eugênico, as enfermeiras apresentavam-se como “*obreiras infatigáveis*”, obstinadas pela “salvação da nação”

“Nós somos as obreiras infatigáveis, trabalhando incessantemente, na construção de uma raça forte. E a construção dessa raça, será o alicerce, a base, o ponto de apoio de todos os empreendimentos sociais. Nada se poderá fazer sem que esse alicerce esteja consolidado. Um povo doente nada produz!”

(Santos Fréres, AE, N° 8, novembro de 1936)

Assim, auto-denominando-se “*obreiras infatigáveis*” na objetivação da causa eugênica, elas creditaram ao projeto eugênico do Governo o valor de uma “obra missionária” e não o de uma obra como sinônimo de trabalho profissional, o que explica a origem do termo “obreiras”. Não podiam, segundo seus princípios, se furtar desta tarefa. A relevância atribuída ao projeto eugênico era de tal grandeza, que o mesmo foi defendido, em diferentes textos, como o “*alicerce*”, a “base” para a mudança do “quadro desolador” no qual encontrava-se o País naquele período, conforme mostra a enfermeira Santos Freres, no texto apresentado acima.

Neste sentido e como destacado anteriormente, as enfermeiras brasileiras tomaram para si o papel de educar, controlar e conduzir os lares das famílias mais pobres do país. Ou seja, assumiram a tarefa ou a “missão pastoral” de conduzir e lutar pelo “rebanho”, ensinando, acompanhando, disciplinando e zelando no intuito de “frear a miscigenação” do povo, vista pelos eugenistas e acatada pelas enfermeiras brasileiras como causadora de “doenças”, “vícios”, “ignorância” e “miséria”. Esta concepção esteve presente desde o primeiro número dos AE, quando no editorial da Revista de N° 1, Haddock Lobo destaca:

“É a educadora dos lares, a aperfeiçoadora da raça, quando em seu nobre mister de visitar quotidianamente as casas pobres que estão aos seus cuidados, ensina princípios de hygiene e eugenia.”

(Haddock Lobo, AE, N° 1, maio de 1932)

O artigo “Arte e Saúde”, de George Cox, publicado inicialmente no periódico *The International Nursing Review* e reproduzido nos AE, defende claramente a idéia de saúde e de beleza como formas de regeneração da raça, idéias reverenciadas pela equipe editorial dos AE e, conseqüentemente, pelo campo da enfermagem do Brasil:

“Depois da aspiração de saúde, o desejo de beleza assegura maior esperança na regeneração da raça humana, do que outra qualquer agencia educacional, porque proporciona o melhoramento físico e espiritual.”

(Cox, AE, N° 13 e 14, junho a setembro de 1938)

Para entrarem em consonância com as propostas de regeneração da raça apregoadas pelo Estado, as enfermeiras brasileiras criaram, no início da década de 30, o “Serviço de Nutrição e Dietética” junto ao Hospital São Francisco de Assis no Rio de Janeiro. O objetivo do Serviço era o de acompanhamento e vigilância sobre as mães e as futuras mães brasileiras. A posterior publicação na Revista AE do texto “Um Novo Serviço” avaliando a criação deste como umas das grandes contribuições na concretização dos ideais eugênicos, foi celebrada por autoridades leigas e religiosas da Capital da República.

“Esta obra que, executada debaixo da direção de Rachel Haddock Lobo, tem como objetivo educar a mãe e melhorar as condições da raça, preparando o homem da amanhã, foi inaugurada em maio do ano findo, com presença de muitas autoridades.”

(AE, N°2, dezembro 1933)

Concomitantemente estava embutido nas atividades deste Serviço uma “culpabilização” das mães pelo não cumprimento das orientações fornecidas pelas enfermeiras do Serviço, que as responsabilizavam pela perpetuação do quadro de “raquíticos” (ou como pregavam os eugenistas, da “sub-raça” brasileira) existente no País.

A preocupação em estabelecer ações que determinariam a melhoria da raça brasileira acontecia desde muito cedo, ou seja, com orientações nos períodos pré-nupcial e no de gestação da criança. Assim, as ações direcionadas às noivas, nas “Escolas para Noivas”², e às gestantes nos “Serviços de Pré-Natal”, foram, da mesma forma que aquelas voltadas para as crianças, estratégias utilizadas na geração da propalada raça forte.

² No texto “Cuidados exigidos para que as grávidas tenham filhos sadios”, a doutora Bussamara Neme, chama a atenção para a importância dos conselhos repassados pelas “Escolas das Noivas” existentes em diversos países e também no Brasil. Para analisar esta questão com mais detalhes buscar a Revista *Annaes de Enfermagem*, Número 1, Volume III, de janeiro de 1950.

O texto do Dr. Murillo Queiroz de Barros, “Alguns Aspectos da Assistência Pré-Natal”, publicado nos AE, volume de Nº 11 de dezembro de 1937, comprova esta concepção, reafirmando a responsabilidade das mães brasileiras na higiene pré-natal: “*É sempre novo o assunto da hygiene pré-natal, pelo aspecto de suma importância de que se reveste na melhoria duma raça*”.

Confirma-se, assim, que tanto as equipes editoriais como os atores-autores dos AE e os seus convidados, coadunavam com os eugenistas e com o modelo de política de saúde pensada pelo Estado para o país. A importância dada pelos agentes do campo da enfermagem brasileira às propostas eugênicas é confirmada pelo extensivo número de publicações que tratam deste assunto nos AE, fato que mostra a centralidade desta problemática neste e em outros campos no período tomado para estudo.

7.3. A PROBLEMÁTICA CIÊNCIA OU A MODERNIZAÇÃO PRETENDIDA.

Ao adotarem como sinônimo de Modelo Nightingaleano de Enfermagem, o termo Científico ou Moderno, as enfermeiras brasileiras assumiram, desde a recriação deste modelo no Brasil, o processo de cientificação do campo como uma de suas metas mais importantes. Elas buscavam com isto a sua inserção no projeto de modernização pretendida para o país. Deste modo a problemática Ciência se impõe como fundamental e remete-se à modernização, à evolução e ao progresso. Metas a serem atingidas e que trariam, conseqüentemente, na visão dos agentes, luz ou visibilidade social para o campo e legitimidade a seus agentes.

A categoria ciência ocupa o lugar de problemática obrigatória, na medida em que todos os agentes do campo e os convidados ao campo se apropriam dela, de diferentes formas, em seus textos. Assim ela é pensada e representada nos Annaes de Enfermagem pelos termos: “*técnica*”, “*preparo*”, “*experiência*”, “*educação*”, “*eficiência*”, dentre outras.

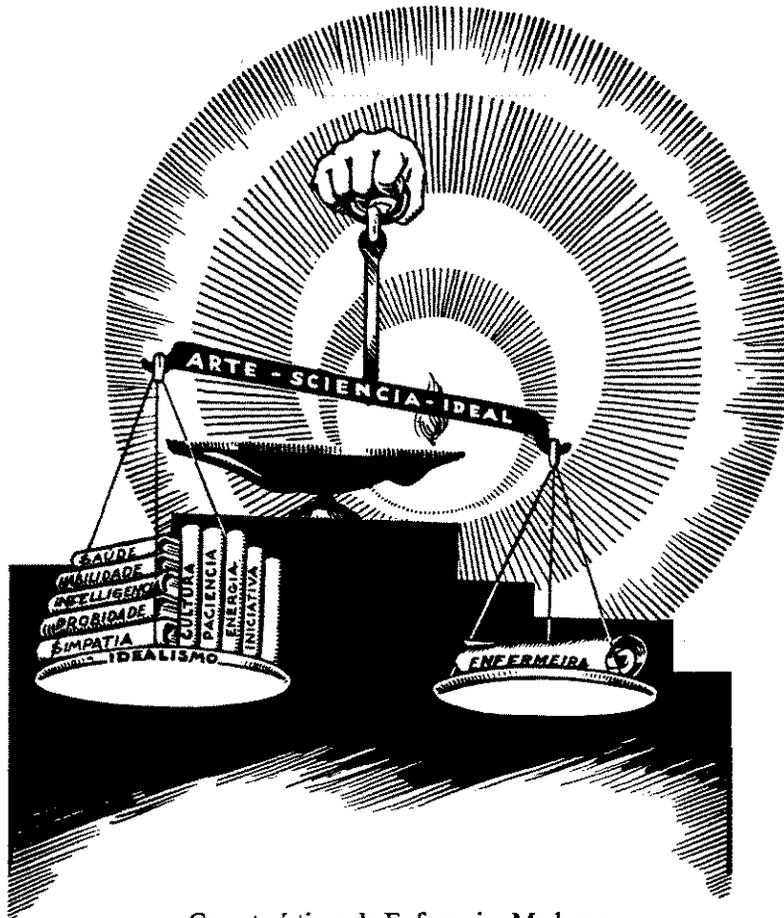
Adotar a “*ciência*” ou uma “*postura científica*” como fundamento para a sua prática profissional fez parte do ideário das enfermeiras norte-americanas na década de 30 e 40 e, portanto, das brasileiras, que recriam, aqui, o seu campo de conhecimentos. O texto da enfermeira norte-americana Berenice. M. Beck mostra como estas profissionais vislumbravam por “*atitude científica*”:

“Por atitude científica , altamente importante na marcha do progresso da enfermagem, acha-se classificada alguma coisa muito definida. A pessoa dotada de tal atitude possui uma inteligencia pronta para aprender e aceitar a verdade; é observadora, justa, precisa, energica, vivaz,, alerta, original e possui idéias independentes; ela pesa cuidadosamente todos os fatos observando seus resultados; não admite que as suas preferencias influam nas decisões; procura somente convencer pela explicação científica, porque sabe que não chegamos ainda ao fim dos conhecimentos mas somos constantemente arrastados pelas mortes misteriosas da natureza.”

(Beck, B. M. Tradução do AJN, Nº 5 Outubro de 1934)

Quais são as características idealizadas por Beck para a enfermeira que adota em sua prática “*atitude científica*”? Ela possui “*inteligência, é observadora, justa, precisa, enérgica, vivaz, alerta, original e idéias independentes*”. Observa-se que há, no conjunto, tanto atributos éticos e morais como atributos concebidos como científicos, o que sugere uma dubiedade na definição de “*atitude científica*”.

Além da grande maioria dos textos veiculados pelos AE colocarem-se em defesa da adoção de “*princípios científicos*” como forma de tornarem a profissão reconhecida no campo científico e social, as enfermeiras objetivaram o “*ideário moderno ou científico*” através da criação de símbolos. O primeiro deles, criado pela enfermeira norte-americana Izabel Stewart, é o “*Triângulo da Enfermeira*”, no qual o ideário moderno é representado pelas três categorias que se tornaram emblemáticas do campo: “*Arte, Ciência e Ideal*”, analisado no Capítulo 1. O segundo, criado pela equipe editorial dos AE, e apresentado a seguir, é uma “*balança*” que além de conter o lema do campo, “*Arte, Ciência e Ideal*”, apresenta um elenco de qualidades ou “*características*” necessárias à enfermeira moderna – “*saúde, habilidade, inteligência, probidade, simpatia, cultura, paciência, energia, iniciativa*” – todos componentes do “*idealismo*” que deve modelar a “*enfermeira moderna*”. Aqui, mais uma vez, atributos éticos e morais aparecem lado a lado com atributos científicos, atualizando a ambigüidade da visão que predominava no campo no período.



Características da Enfermeira Moderna

Fonte: AE, Nº 3, abril de 1934

Ao mesmo tempo em as agentes do campo trabalhavam no sentido de inculcar naqueles que adentravam ao campo um “*habitus científico*”, através dos discursos, dos símbolos criados, das figuras eleitas como homenageadas, inculcavam, também, valores éticos e morais, cuja origem deve-se à genealogia desta profissão, que os apresentam como inerentes e indispensáveis a estas profissionais.

Os agentes do campo ou os convidados que para ele eram trazidos e que se colocavam a favor da cientificação ou modernização da profissão, eram celebrados ou homenageados pelos AE. Assim aconteceu com a enfermeira norte-americana Miss Goodrich que se colocou como uma das grandes defensoras dos “*principios científicos*” como forma de evolução e progresso do campo da enfermagem. O periódico *American Journal of Nursing* prestou-lhe homenagem com o texto “Homenagem a Miss Goodrich”, reproduzido aqui pela Revista AE de número 19:

“Há mais de meio século vem pregando que as condições de saúde do País só melhorarão, se as enfermeiras receberem uma sólida formação científica, se conhecerem os problemas sociais e possuírem técnica eficiente.

(...)

Miss Goodrich personifica realmente o ideal da enfermeira do futuro.

Ninguém mais do que ela tem contribuído tanto para a mudança dos valores na Enfermagem, para colocar o seu ensino em nível universitário, dando-lhe um sentido mais amplo, espírito de pesquisa, não o considerando simples apredizado de técnicas.”(AE, N° 19, abril/junho de 1946)

Com o exposto, pode-se dizer que a revista AE foi um dos importantes espaços para a inserção e socialização da noção de ciência como estratégia de modernização do campo da enfermagem do Brasil e que este movimento foi realizado de forma similar, primeiramente, pelo campo da enfermagem norte-americana.

A questão da cientifização do campo representou, desde a recriação do campo da enfermagem no Brasil, uma grande preocupação das enfermeiras diplomadas. Entretanto esta preocupação ultrapassava a aquisição de conhecimentos técnico-científicos específicos à sua prática profissional. Elas procuravam adquirir uma cultura mais geral, tentando engajar-se nos debates de questões políticas e sociais que aconteciam no país. Procuravam, também, mostrar para a sociedade a criação, no Brasil, de uma “nova” enfermagem, com bases científicas, investimento que denominaram de “*Era Nova*” na enfermagem brasileira. Um exemplo deste fato aparece na Seção denominada “*Secção Literária*”. Esta era bastante eclética, tratando de assuntos diversos, podendo ser considerada, neste sentido, uma “seção guarda-chuva” e na qual podiam ser encontrados textos em defesa dos movimentos feministas, sobre literatura, associações de classe, dentre outros. Neste sentido, ser uma “enfermeira moderna” significava, no período, dominar conhecimentos técnico-científicos e adquirir cultura geral.

Uma questão importante, evidenciada pelo grande número de textos publicados e sustentada em toda a trajetória da Revista, é aquela que tenta mostrar a mudança que se operou no campo da enfermagem através da substituição do modelo de

fazer de bases empíricas, pelo fazer sustentado nas ciências como a Biologia e a Matemática. Por conseguinte, para as agentes do campo, a “enfermagem moderna ou científica” é a enfermagem que passa a se apoiar no conhecimento, na aplicação de técnicas específicas de trabalho e que cria, também, seu o conhecimento.

Assim, ocorre, no Brasil, a recriação de temáticas com propósitos científicos desde os primeiros números dos AE. Contudo, as concepções sobre ciência e modernidade que orientavam o campo, no período de produção dos AE, não estavam claras e suscitavam debates. Estas discussões aconteciam de modo semelhante entre médicos, educadores, engenheiros e literatos. Gilberto Freyre surge, neste período, como o grande intérprete da modernidade brasileira (Herschmann e Pereira, 1994).

Houve um grande investimento por parte dos agentes em defesa da cientifização e modernização do campo, mas o termo “pesquisa”, por exemplo, só aparece, no editorial da Revista de Número 18, quando a mesma passa a ser editada em São Paulo:

“Sem a participação de cada membro nas pesquisas e nos problemas que se nos deparam a cada passo, não poderá nunca a profissão representar uma força real.”

(AE, Número 18, Março de 1946)

No artigo “*Como Coordenar a Teoria e a Prática no Ensino da Enfermagem Prática*”, traduzido do American Journal of Nursing, é apresentado o termo “*princípios científicos*”

“Por princípios científicos em enfermagem estão classificados as aplicações dos fatos e princípios adquiridos cientificamente; aplicação de fatos apreendidos através da direta experiência nas enfermarias, e cientificamente controlados; e algumas aplicações chamadas “ciência do espírito – psicologia e sociologia. É unicamente a enfermeira de atitude científica quem sente a necessidade do melhoramento da profissão.”

(...)

“No nosso pequeno caminho, estamos despertando a necessidade de lançar a luz científica sobre o nosso campo, nessa grande contribuição à saúde da humanidade.”

(AJN in AE, N° 5, outubro de 1934)

Um dos pontos mais interessantes da Revista, no que diz respeito à busca da cientificidade do campo da enfermagem, é a presença cada vez maior de especialistas e de especialidades que são chamados a opinar sobre uma diversidade de temas. Na primeira fase dos AE, os especialistas falam da história da profissão e do papel diferenciado, científico e especializado a ser desenvolvido pelas enfermeiras na área da saúde pública, ao entrarem em contato direto com os cidadãos em seus domicílios e também nas diferentes instituições de saúde como hospitais e centros de saúde. Na segunda fase, os especialistas passam a enfatizar a importância da aquisição de conhecimentos técnicos, ou seja, o conhecimento e o domínio de técnicas denominadas pelos agentes do campo como técnico-científicas que conferirão cientificidade ao campo.

As formas ou estratégias utilizadas pelas enfermeiras brasileiras que escreveram na revista AE, para explicar, socializar e tentar inculcar nos agentes do campo a importância dos “*princípios científicos*” ou da “cientificação” da enfermagem brasileira, foram muitas. Buscaram, neste sentido, por diversas vezes, amparar-se nas reflexões realizadas pelas enfermeiras norte-americanas, fato constatado pelos vários textos traduzidos do AJN sobre esta questão. Este movimento realizado pelos agentes do campo da enfermagem brasileira estende-se aos dias atuais.

Os anunciantes que veiculavam seus produtos na Revista, tentavam igualmente dar caráter científico aos seus produtos, na medida em que estavam veiculando-os num espaço concebido como científico, como pode ser observado nos anúncios da Nestlé, analisados no Capítulo 4.

Na segunda fase de produção dos AE, ou fase São Paulo, a preocupação em consolidar o campo como científico toma um maior vulto, e, até mesmo os produtos que passam a ser veiculados adotam esta postura. São todos produtos médico-hospitalares como medicamentos, agulhas, seringas e propagandas de hospitais e laboratórios. Os espaços da Revista não são mais utilizados por casas bancárias, lojas de móveis, de tecidos e aviamentos e de chapéus para senhoras e enfermeiras. Nesta fase, chama também atenção a divulgação de “*eventos científicos*” que passam a ser cada vez mais freqüentes no campo.

A questão principal do campo neste período e que foi objetivada pela produção contida nos AE, é o que pode ser chamado de “fetiche da ciência” na sociedade moderna e que foi apropriado pelo campo da enfermagem. Por fetiche entende-se o culto, a veneração a uma causa. As enfermeiras passam, neste sentido, a cultuar a ciência como forma de legitimação para o campo, assim como meio de diferenciação e distinção entre a enfermeira diplomada e os demais agentes do campo.

A questão ampla é o papel de legitimação que o rótulo ciência oferece à construção social da realidade em nossa sociedade. Neste caso específico, são notórios os investimentos que os agentes do campo da enfermagem, em especial as enfermeiras que divulgam seus produtos neste periódico, fazem no sentido de introduzir em seus textos e anúncios, palavras, conceitos e categorias que remetem ao mundo científico. Assim, era comum encontrar nos textos os seguintes termos: conhecimento, método, técnica, eficácia, eficiência, observação rigorosa, sintomas, sinais, profilaxia, tratamento, terapêutica, etiologia, dentre outras. Esta atitude confere credibilidade, modernidade e sofisticação à matéria veiculada. Para Guedes (2001), este processo é o que Bourdieu chamaria de “*vulgarização e banalização da ciência*” e faz parte dos complexos processos de um mercado de bens simbólicos.

A revista AE ao utilizar um conjunto de elementos (linguagem, símbolos etc) que remetem ao mundo científico, contribuiu na conformação do campo como científico e no “*habitus científico*” dos seus agentes, o que se dá num processo dialético, ou seja, o campo constrói os agentes ao mesmo tempo que é por estes construído.

O periódico, neste aspecto, ao mesmo tempo em que atende às expectativas de um determinado grupo de profissionais, já predisposto a estas concepções (enfermeiras diplomadas que atuam na saúde pública e em diferentes instituições de saúde e que almejam aprimorar-se) ajuda na conformação deste grupo, num processo dialético contínuo de criação e recriação.

É de uma “*enfermeira moderna*”, que atua com base em “*princípios científicos*”, de uma mulher que tem nesta profissão a oportunidade de transformar-se em uma profissional emancipada, uma educadora, que falam os discursos socializados pelos AE.

Contudo este processo de apropriação da ciência, que denominei de processo de cientificação do campo, cujo objetivo é a conquista da legitimidade e da modernidade, não se efetiva de modo simples e tranqüilo. É realizado através de ambigüidades, onde ao mesmo tempo em que se tenta a aproximação e a apropriação da ciência, perpetua-se a visão da profissão enquanto missão e sacerdócio.

7.4. A PROBLEMÁTICA NAÇÃO OU PELA “REMIÇÃO DA PÁTRIA BRASILEIRA”

“A tarefa da enfermeira de Saúde Pública é enorme e grandiosa!

A ela compete trabalhar ardorosamente, em prol de um Brasil maior, de uma Pátria redimida, a serviço da Humanidade!

(Santos Fréres, AE, Nº8, Novembro de 1936)

Em toda a produção veiculada pela revista AE, as idéias de Nação, de Pátria, de povo ou raça se entrecruzaram, aparecendo como a mesma significação e “força”.

Com objetivo de servir à Pátria, novamente as enfermeiras brasileiras, e de modo especial as enfermeiras de Saúde Pública, são chamadas para a “missão civilizatória” de “salvação do povo ou da raça brasileira, entendida também como missão de *“remição da Pátria”*. Através das ações higiênicas e eugênicas é esta profissional convocada para trabalhar a “serviço da Humanidade” (Humanidade que, aqui, pode ser entendida como povo brasileiro), conforme ressalta Santo Fréres, na epígrafe acima. E aceitam, de forma obstinada e condescendente, este papel.

As enfermeiras brasileiras das décadas de 30 e 40 não desconheciam os graves problemas sociais que aconteciam no Brasil neste período, como por exemplo o alto índice de analfabetismo, entretanto creditavam à sua “missão civilizatória” de cuidar, educar e regenerar o cidadão doente uma valoração superior, como aparece no texto de Ribeiro Lopes:

*“Antes de pensarmos em qualquer outro problema nacional, devemos cuidar do
HOMEM BRASILEIRO, regenerado pela Eugenia, e por ela tornado capaz de
prolongar a sua prole, feliz, forte e sadia!”*

(Ribeiro Lopes, AE, N 3, abril de 1934)

As idéias de “reorganização” e “orientação” da Nação assumidas por muitos especialistas nas décadas de 20 e 30 tinham como base a doutrina positivista comtiana. Todos eles mostravam-se dispostos a auxiliar o Estado na reconstrução da sociedade brasileira. As enfermeiras brasileiras deste período uniram-se, também, a este projeto.

Herschmann e Pereira (1994) mostram que o processo de “reinvenção da nação”, vivido de forma intensa nas décadas de 1920-1930, assume nova configuração durante o Estado Novo, quando os intelectuais passam a olhar de forma mais positiva para o país e a conceber os problemas sociais não mais como determinados por fatores biológicos e geoclimáticos, como aqueles vividos pelos indivíduos do sertão nordestino, mas determinados por um conjunto de tradições e pela cultura que geraram e conformaram esta Nação e o seu povo.

Acrescia-se ao propósito de inculcação de um novo “*habitus científico*” junto às enfermeiras brasileiras deste período, a inculcação de valores como amor à Pátria, a Deus e ao Trabalho. Esta prática das enfermeiras aparece, por exemplo, com a indicação de leitura do livro “A Arte de viver”, de Frederico Villar, na “Seção Bibliografia” da revista AE. Ali as enfermeiras eram convidadas pela responsável da Seção a ater-se à seguinte oração, retirada do livro de Villar:

*“Estou bom de corpo e de espirito! Sou forte! Creio em Deus! Creio na minha
Patria! Tenho consciencia do meu proprio valor! Confio nos destinos da
Nacionalidade! Creio na Virtude, na Intelligência e no trabalho!”*

(Souza, AE, N° 2, dezembro de 1933)

O papel idealizado para as enfermeiras brasileiras deste período, no projeto de “reinvenção” ou “recriação” da Nação brasileira, é apresentado no discurso do Dr. Luiz Capriglione:

“Ajudaes a reeducar os enfermos, medida altamente economica para o paiz e ensinaes os preceitos de hygiene, quando a exiguidade de hospitaes assim o exigir. Quanto beneficio! Que são patriotismo o de zelar pela saúde dos defensores da Patria. Crêde que nada é mais é transitório do que o culto da força: nada porém, mais estavel e firme do que as acções heroicas. Mudam-se as religiões, as idéas, a acção; porém, o heróe é sempe lembrado. O sacrificio ao Bem é a norma do heróe. É o sacrificio da alma que acolhe com firmeza e continuidade as dôres alheias.

Nada mais admiravel do que o vosso lemma. ‘Do sacrificio surge a glória’.

(Capriglione, AE, Nº 1, maio de 1932)

Com base neste discurso, o papel destas profissionais na produção da “nova” Nação e no “novo” homem brasileiro é a de um “herói”, ou, neste caso, de uma “heroína”, aquela que não mede sacrifícios e esforços em prol da causa para que foi convocada. As editoras da revista AE, ao abrirem espaço no periódico a discursos como o do Dr. Capriglione, contribuíram para a legitimação deste papel.

Uma outra idéia que o discurso apresentado acima tenta transmitir é a de que ao “reeducarem os enfermos”, as enfermeiras estariam contribuindo, mesmo que de forma indireta, para a economia do País. Neste sentido as ações assumem a dimensão de “trabalho”. Entretanto é de um trabalho “missionário” que deixa entrever o texto, mas este geraria dividendos ao País, no momento que tenta resgatar a força produtiva do homem brasileiro que se encontra enfermo.

No transcorrer da década de 40 as concepções sobre o trabalho das enfermeiras brasileiras, no propósito de contribuírem para o “*progresso social*” do Brasil, vão adquirindo uma nova configuração, como mostra o texto “A Enfermagem e o Progresso Social do Brasil”, da chefe de Divisão de Enfermagem da Secretaria Especial de Saúde Pública (SESP), Enfermeira Clara Curtis:

“A enfermagem de hoje é uma prática nova com um nome antigo. Seus objetivos são sempre os mesmos: minorar o sofrimento e proteger a saúde. Pelas novas ciências aprendemos novos meios de combater as doenças e a prolongar a vida. Pelo progresso social esperamos combater muitos dos males que afligem a sociedade.

No Brasil o progresso social continua, causando a admiração de todos os que séria e conscientemente acompanham as mudanças na vida brasileira. O plano está traçado para um desenvolvimento futuro ainda maior. Este plano, no setor saúde, visa nada menos do que um povo sadio e forte, em todas as classes e em todo o Brasil.

Para alcançar tão grande objetivo todos os elementos da ciência contribuirão com o seu trabalho, sua inteligência e seu idealismo – A enfermagem é um deles.”

(Curtis, AE, N° 1, janeiro de 1949)

Por fim, o que fica evidente é que estas problemáticas obrigatórias estavam interligadas e vinculadas a um grande projeto de reconstrução nacional, e que, a participação das enfermeiras, neste projeto de resgate do povo ou da raça brasileira, continuava a fazer parte de suas propostas e de seus projetos de trabalho, fato que as levaram a buscar a “cientifização” do campo.

CONCLUSÃO



O Processo de Produção do Campo de Conhecimento da Enfermagem no Brasil: essa história continua...

“No Brasil, toda enfermeira diplomada é necessária a uma grande causa. Idéias antigas estão sendo rapidamente substituídas, novos horizontes se apresentam à enfermagem que requerem a visão, a coragem, a devoção, a persistência em trabalho de conjunto, e o esforço da cooperação de um estadista democrático.”

(AE, vol. XVI, janeiro-março de 1947)

O estudo do processo de construção do campo de conhecimentos da enfermagem do Brasil, ou a história da “*Era Nova*” que aqui é contada através da análise da revista *Annaes de Enfermagem*, é a história dos investimentos realizados pelas enfermeiras diplomadas brasileiras que, entre as décadas de 30 e 50, recriaram e conformaram o campo de conhecimentos e que tiveram como propósito inserir a enfermagem na cientificidade e na modernidade.

Parafraseando Lévi-Strauss, pode-se dizer que estudos de periódicos específicos, como o que aqui foi feito, são bons para se pensar a produção da história dos campos e, neste caso específico, do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira.

Sob diferentes perspectivas, pesquisadores da enfermagem têm se dedicado ao estudo do processo de construção do campo da enfermagem no Brasil. O objetivo central deste trabalho foi procurar agregar às reflexões algumas idéias e pontos ainda pouco explorados e contribuir como uma das muitas possibilidades para a compreensão do dilema que enfrenta atualmente o campo e que diz respeito a sua cientificidade.

Ao estudar o processo de recriação e consagração do campo de conhecimento da enfermagem, através da análise da produção gerada pelas enfermeiras brasileiras e veiculada pela Revista, no período de 1932 a 1950, tentei compreender os motivos que levaram os agentes deste campo a eleger um modelo de enfermagem em detrimento de outros.

A enfermagem reconstruída ou reatualizada nas páginas da Revista, através da produção das enfermeiras diplomadas, é a “Enfermagem Nightingaleana ou Científica”. Com base nos dados, pode-se afirmar que houve uma consciente priorização do “Modelo Nightingaleano ou Científico” em detrimento de outros que permaneceram na sombra, como aconteceu com o “modelo de enfermagem francês”. Esta priorização visava, segundo os seus agentes, inserir o campo da enfermagem no movimento de modernização que acontecia no País neste período e a adoção de princípios científicos era um dos componentes deste processo de modernização.

Neste investimento, apreendi, através da análise das diferentes seções que compõem a revista *Annaes de Enfermagem*, as concepções, as idéias, os valores, ou seja, todo o pensamento que orientou os agentes e conformou o campo neste período. Sob este ângulo, Bourdieu destaca que dentre as funções do pesquisador está a de “*apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar nativo quanto ao estrangeiro, tais como os os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço*” (Bourdieu, 1996:15).

Ao finalizar este estudo que, com certeza, terá desdobramentos, fico com a certeza de que algumas questões foram respondidas, enquanto outras, igualmente interessantes e oportunas para se pensar este objeto, deixaram de ser analisadas. O trabalho de pesquisa é assim, não tem fim, estando sempre em aberto (Becker, 1999).

Na década de 20 e início da década de 30, um grande esforço de “*mobilização simbólica*” foi realizado pelas enfermeiras norte-americanas que desenvolviam suas atividades junto à “*Missão Rockefeller*” no Brasil e, especialmente, pelas enfermeiras diplomadas brasileiras, definido como a construção da “*Era Nova*”. Criar ou projetar uma “*Era Nova*” para o campo significava romper com o modelo de saber e de fazer que tinha como base a religião e o empirismo, abandonar o pré-construído e instaurar uma nova maneira de olhar, de pensar, de fazer enfermagem, que tivesse como meta o conhecimento científico adquirido formalmente em Escolas de formação. Seria o mesmo que provocar uma “*conversão do olhar*”, como aquele preconizado por Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2001:49). A modelagem de um novo *habitus* e a de uma nova identidade para o profissional enfermeiro estavam acopladas, isto é, faziam parte deste projeto de construção da “*Era Nova*”.

Desde o seu início, a Revista mostrou-se disposta a cumprir uma dupla função em relação ao campo da enfermagem no Brasil: como divulgadora das novas concepções defendidas pelas enfermeiras, cujo fim era moldar um novo *habitus* nos agentes do campo e como defensora ou porta-voz das propostas eugênicas e higiênicas idealizadas pelo Estado neste período. A finalização do estudo atestou a permanência destas diretrizes em toda a trajetória do periódico, mostrando seu “*poder simbólico*” sobre os agentes do campo.

A análise do processo de recriação do campo de conhecimentos produzido pela enfermagem brasileira e socializado pela Revista mostrou que a estratégia é boa para se pensar a história da cultura deste campo. Ela deixou ver que o “ideal nacionalista”, as idéias de progresso, de modernização e as diretrizes higiênicas e eugênicas propostas pelo Governo Vargas governaram a memória coletiva e também as ações das enfermeiras deste período, fato que culminou com a titulação recebida de agentes externos ao campo de “mensageiras da saúde”, ao mesmo tempo em que se auto-denominavam “*precursoras da raça*”.

Neste sentido, pode-se dizer, com base na análise documental, que valores, concepções e normas foram solidamente inculcadas, cultivadas e constantemente atualizadas pelo campo, utilizando-se como instrumento para este fim a revista *Annaes de Enfermagem*. Desta forma, as enfermeiras pensavam as mesmas coisas de diferentes formas, ou seja, predominava uma linearidade de olhar, de pensar, mesmo havendo tentativas de rupturas, ocorrida, por exemplo, quando da passagem do “Modelo Religioso” para o “Modelo Nightingaleano ou Científico”.

A análise mostrou, também, que o legado da enfermagem norte-americana transmitido pelas enfermeiras da “Missão Rockefeller” e as reproduções na Revista de textos do periódico *The American Journal of Nursing (AJN)*, editado pela Associação Norte-Americana de Enfermagem, foi determinante no processo de produção da cultura deste campo, a qual denomino “cultura técnico-científica”.

As enfermeiras que faziam parte da diretoria da ANEDB e da equipe editorial da revista *AE*, mesmo que discordassem de algumas questões, partilhavam as mesmas concepções, os mesmos sentimentos, os mesmos valores, ou seja, os mesmos *habitus*, tentando, através do periódico, universalizá-los no interior do campo para os agentes que nele adentravam, como também fora dele. Cumpriram, deste modo, o papel a que se propuseram.

O estudo contribuiu, também, para a compreensão da história dos investimentos coletivos realizados pelas enfermeiras diplomadas brasileiras no trabalho de delimitação e organização do seu campo específico. Com este objetivo, produziram um conjunto de

categorias centrais, orientadoras do campo, denominadas “*problemáticas obrigatórias*”, Higiene, Eugenia, Ciência e Nação, que eram comuns a outros campos e reflexo das concepções, idéias e valores sobre o momento histórico, político e social do país. A forma concreta de objetivar, de apresentar estas problemáticas obrigatórias deu-se através da produção de temáticas recorrentes e de subtemáticas. As temáticas surgiram, deste modo, do agrupamento de questões veiculadas nas diferentes Seções da Revista e que se interrelacionavam de alguma forma. As temáticas poderiam englobar uma ou mais problemáticas.

Os Annaes de Enfermagem reservaram, na sua primeira fase de edição, no Rio de Janeiro, um lugar bastante amplo para as temáticas “História”, “Saúde Pública” e “Educação”. Os principais objetivos desta fase foram o de divulgar, socialmente, a profissão como uma das “*mais próprias à mulher*” e o de apresentá-la como científica e moderna para a qual se requer conhecimento próprio, demarcando, deste modo, a diferença entre enfermeiras diplomadas e não-diplomadas. Uma das formas utilizadas na concretização destes objetivos foi constituída pelos resgates e atualizações de figuras de heroínas do campo da enfermagem e da saúde. Para imprimir um cunho científico ao campo, eram convidadas a escrever na Revista figuras conhecidas e respeitadas no campo da saúde, como Carlos Chagas, Plínio Olinto, Ricardo Veronesi, dentre outros. Entretanto, a concepção sobre “Ciência” não aparece de forma clara, deixando margens a dúvidas. Na segunda fase de edição, na cidade de São Paulo, além destas foram acrescentadas as temáticas “Administração” e “Legislação”. Os objetivos nesta fase foram os de ampliar e aprofundar o conhecimento destas profissionais, investindo na pós-graduação. Também foi neste período que se conformou a identidade da “*enfermeira administradora*”, da “*enfermeira-chefe*” e, por fim, foram criadas, nesta fase, várias leis com vistas a legalizar e regular a profissão.

A criação da revista Annaes de Enfermagem e da Associação de Classe foram importantes eventos no processo de recriação do campo de conhecimentos da enfermagem brasileira. Eles contribuíram na formação do “*capital cultural*” do campo e do *habitus* científico dos seus agentes, ao mesmo tempo em que atualizavam uma ideologia moral e conservadora, cujas raízes estão na genealogia desta profissão.

Através da análise da produção das enfermeiras veiculada na Revista, pode ser comprovado que os conhecimentos gerados na época da recriação do campo no Brasil eram apenas uma contínua aplicação dos saberes gerados em outros lugares (na Biologia, na Psicologia, etc.)

A existência da revista AE significou muito mais do que a oferta de um periódico para a integração e o aperfeiçoamento dos agentes deste campo, pois apostar em um investimento desta monta significou apostar no grupo, na sua cultura, no seu saber, equivaleu a dar-lhe crédito de confiança. Este foi o pensamento de Rachel Haddock Lobo e todo o grupo que esteve com ela na criação dos AE, como demonstrei no transcórre do estudo.

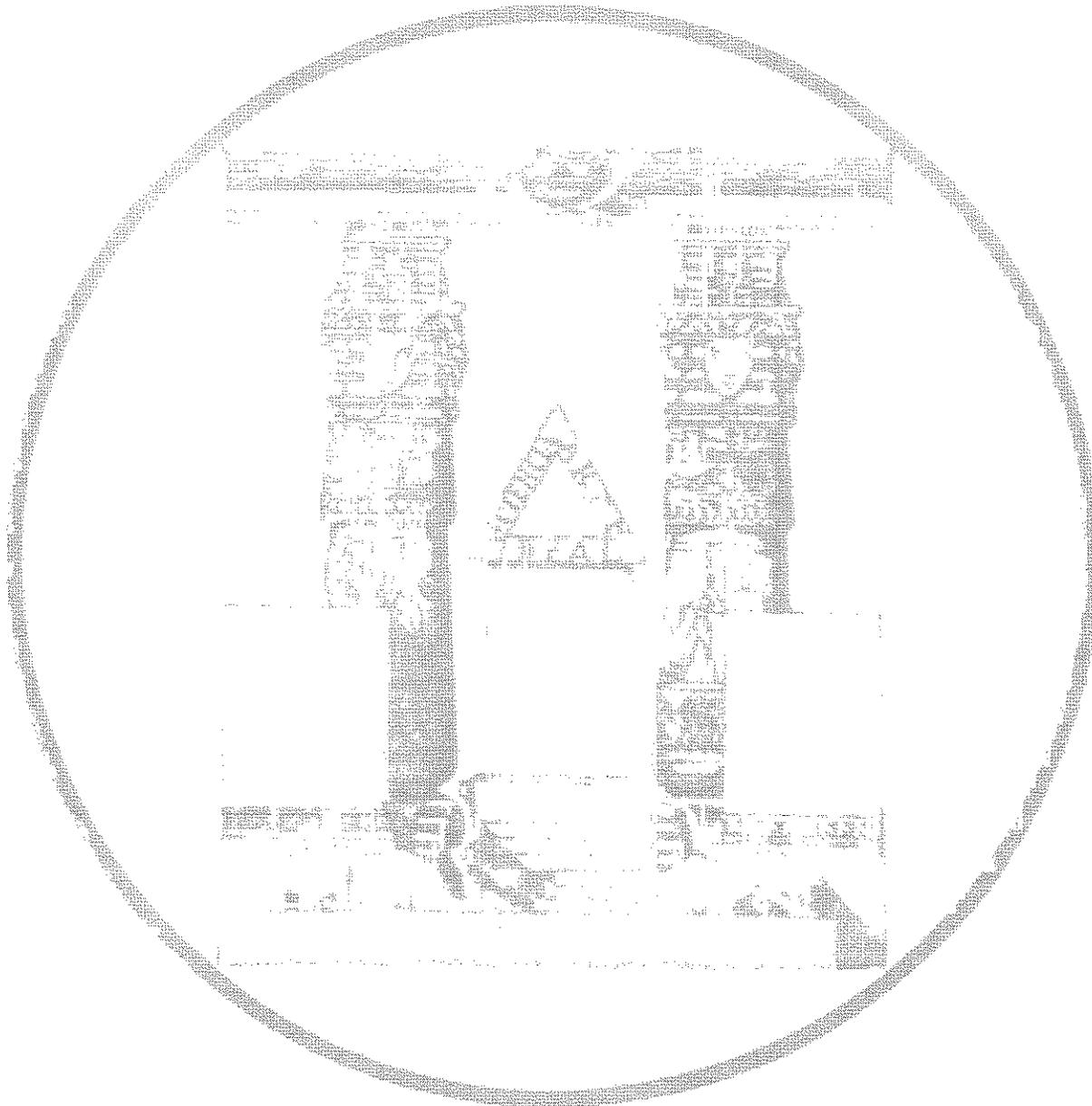
Com certeza, as enfermeiras diplomadas que escreveram na Revista contribuíram para a recriação do campo da enfermagem no Brasil, neste período, constituindo um pensamento brasileiro sobre a enfermagem e sobre o enfermeiro, integrando com isto o movimento mais amplo de constituição do pensamento brasileiro que incluía a inserção do País na modernidade.

Através da produção presente na Revista, pode-se comprovar que todos os agentes investiram na produção de um campo com bases científicas. Deste modo, ao mesmo tempo em que os agentes produziam o campo, eram por ele produzidos, pois, como destaca Berger, “*o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo*” (Berger,1985).

Ainda hoje, os enfermeiros buscam uma clara definição de seu papel junto das equipes de saúde e a consolidação de sua prática como uma prática científica. Para que este processo se efetive, acredito que seja necessário que os enfermeiros desconstruam e desnaturalizem a filiação acrítica a saberes concebidos como hegemônicos, ou seja, soltem as amarras que os prendem a estes saberes e se desvencilhem da cultura da submissão, ultrapassando o dogmatismo no qual foram cultivados e passem a produzir conhecimentos que sejam oriundos de suas práticas, trabalhando no processo que visa a cientificação do cuidar.

A tentativa de entender o presente como fruto do passado não deve colocar os enfermeiros apenas na posição de “historiadores-amadores” ou como espectadores. É preciso deixar a forma contemplativa e “desnaturalizar o olhar”, escrevendo uma outra enfermagem. Vários movimentos neste sentido vêm tomando lugar nos últimos anos. Este estudo pretendeu inserir-se nestes movimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



“...e só a História pode nos desvencilhar da História.”

(Pierre Bourdieu)

- ALCÂNTARA, G. de — *A Enfermagem Moderna como Categoria Profissional: Obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira*. EEUSP/Ribeirão Preto: SP, 1966
- ALMEIDA, M. C. & ROCHA, J. S. Y. — *O Saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1989.
- ALMEIDA, M. E. de — *Eugenia: gênese e legitimação*. (1870-1900). RJ:IMS-UERJ, 2002 (dissertação de mestrado).
- ARIÈS, P. — *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed., Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981
- AYALA, F. J. — *Science in Latin America (Polcy Forums)*. Science, 1995.
- BACHELARD, G. — *O Novo Espírito Científico*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1985.
- BARREIRA, I. de A. — *A Enfermeira ananéri no país do futuro*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1992.
- ___ - *Os primórdios da Enfermagem Moderna no Brasil*. Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery, Ano I, Nº de Lançamento, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- ___ - *Transformações da Prática da Enfermagem nos anos 30*. Rev. Bras. Enferm., Brasília: vol. 52, Nº 1, p. 129-143, jan/mar, 1999.
- BARROS, R. S. M. — *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*. São Paulo: EdUSP, 1973.
- BASTOS, M. H. C. — *A Imprensa Periódica Educacional no Brasil: de 1808 a 1944*. in Catani, D. B. e Bastos, M. H. C. Educação em Revista. São Paulo: Escrituras, 1997.
- BECKER, H. S. — *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 4ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

- BERGER, P. — *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOURDIEU, P. — *Campo Intelectual e Projeto Criador. In Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- ___ - *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ___ - *Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe*. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ___ - *Sistema de Ensino e Sistemas de Pensamento*. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ___ - *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Ed., 1983.
- ___ - *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ___ - *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- ___ - *A Economia das Trocas Linguísticas: O Que Falar Quer Dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ___ - *O Poder Simbólico*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRANDÃO, E. M. — *A Formação do Campo Científico de Enfermagem no Brasil: Sociologia da Geração de Pesquisadoras Pioneiras — 1935 - 1958*. Rio de Janeiro: EEAN/UFRJ, 1999 (Tese Doutorado).
- BRITO, N. — *Oswaldo Cruz: A construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1995.
- CAMARGO Jr., K. R. de — *Paradigmas, Ciência e Saber Médico. In: Estudos em Saúde Coletiva N° 006, IMS, RJ, 1978*.
- CANDIDO, A. — *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

- CARRARO, T. E. — *Enfermagem e Assistência. Resgatando Florence Nightingale*. Goiania: Cultura e Qualidade, 1997
- CARVALHO, A. C. de — *Associação Brasileira de Enfermagem: 1926 — 1976*. Documentário. Brasília: ABEn, 1976.
- CAPONI, S. — *Da Compaixão à Solidariedade: uma genealogia da assistência médica*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.
- CATANI, D. B. — *Educadores à Meia-Luz*. (Um Estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista: 1902-1918). São Paulo: 1989 (Tese Doutorado — USP).
- CATANI, D. B. e BASTOS, M. H. C. — *Educação em Revista: A Imprensa e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CORCUFF, P. — *As Novas Sociologias: construções da realidade social*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- CYTRYNOWICZ, R. — *A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos, VII(1): 73-91, março/junho, 2000.
- DAHER, D. V. — *As Representações Sociais da Enfermeira: Uma Identidade em Questão*. Niterói/UFF: 1993 (mimeografada)
- ___ - *Por Detrás da Chama da Lâmpada: A Identidade Social do Enfermeiro*. Niterói: EdUFF , 2000
- DEPPE, L. C. L. — *A (Efi) ciência da Beleza: Análise da Presença do Discurso Científico na Revista Nova*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2001 (dissertação de Mestrado).
- DOMINGUES, J. M. — *Teorias Sociológicas no Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DONAHUE, M. P. — *Nursing and illustrated history*. St. Louis/USA: Mosby Company, 1985.

___ - *Historia de la Enfermeria*. Madri: 1993

DURKHEIM, E. — *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FARIA, L. R. de — *A Fase Pioneira da Reforma Sanitária no Brasil: a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1930)*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1994.

FERREIRA SANTOS, C. A. — *A Enfermagem como Profissão: Estudo num hospital-escola*. São Paulo: Pioneira, 1973.

FLORES, M. B. R. — *A Medicalização do Sexo ou o Amor Perfeito*. In: Falas de Gênero (Teorias, Análises, Leituras). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

FOUCAULT, M. — *O Nascimento da Clínica*. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1994.

___ - *Arqueologia do Saber*. 5ª Ed., Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1997.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

GEORGE, J. B. e col. — *Teorias de Enfermagem - Os fundamentos à prática profissional*. 4ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GERMANO, R. M. — *Educação e Ideologia da Enfermagem Brasileira*. São Paulo: Cortez, 1984.

___ - *A Ética e o ensino de Ética na Enfermagem do Brasil*. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMES, A. C. — *História e Historiadores*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed, FGV, 1999

GUEDES, S. L. — *Jogo de Corpo - Um Estudo de Construção Social de Trabalhadores*. RJ: EDUFF, 1992.

HERSCHMANN, M. M. e PEREIRA, C. A. M. — *A Invenção do Brasil Moderno - Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30*. RJ: Rocco, 1994.

HICKMAN, J. S. — *Introdução à Teoria da Enfermagem in Teorias de Enfermagem: os fundamentos para a prática profissional*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

HOBSBAWN, E. — *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Schwarcz, 1995.

___ - *Nações e Nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

HOCHMAN, G. — *A Ciência entre a Comunidade e o Mercado: Leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina*. In Portocarrero, V. (org.), *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: Abordagens Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1995.

HOOK, S. — *O Herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

KAKEHASHI, T. Y. — *Revista Brasileira de Enfermagem e a Política de Identidade Profissional da Enfermeira no Brasil: 1932-1941*. São Paulo, EEUSP, 1999 (Tese Doutorado)

KEHL, R. — *Eugenia e Medicina Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1923.

KUHN, T. — *Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAMOUNIER, B. — *Formação de um Pensamento Autoritário na Primeira República: uma interpretação*. In: Fausto, Boris (org.), *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1971.

LAVILLE, C. e DIONNE, J. — *A Construção do Saber — Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999

LE GOFF, J. — *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LENHARO, A. — *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus: UNICAMP, 1986.

- LUNARDI, V. L. — *História da Enfermagem: rupturas e continuidades*. Pelotas: UFPel. Ed. Universitária, 1998.
- LUZ, M. T. — *As Instituições Médicas no Brasil: instituições e estratégia de hegemonia*. RJ: Graal, 3ª ed, 1986.
- ___ - *Natural, Racional, Social: razão médica e racionalidade científica moderna*. RJ: Campus, 1988.
- MACHADO, M. H. (org.) — *Profissões de Saúde — uma abordagem sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- MACHADO, R. — *Ciência e Saber - A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Graal.
- MANN, P. H. — *Métodos de Investigação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 4ª ed, 1975.
- MENDES, I. A. C. — *Pesquisa em Enfermagem: Impacto na Prática*. São Paulo: EDUSP, 1991.
- MEYER, D. e NURSING — *Revista Técnica de Enfermagem*. 1998, vol. 1, Nº 1.
- MIRANDA, M. C. L. — *O Parentesco Imaginário: história e representação social da loucura nas relações do espaço asilar*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MICELLI, S. — *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. SP- RJ: DIFEL, 1979.
- MOLINA, T. M. — *Historia de la Enfermeria*. Buenos Aires: Intermedica, 1973.
- MONARCHA, C. — *A Reinvenção da cidade e da multidão*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.
- MOREIRA, M. C. N. — *Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – 100 anos de História*. UNIRIO – RJ: 1990 – Dissertação Mestrado.

____ - *A Fundação Rockefeller e a Construção da Identidade Profissional de Enfermagem no Brasil na Primeira República*. Revista História, Ciências e Saúde – Manguinhos, V(3):621-45, nov.1998 – fev.1999.

MOTA, C. G. — *Idelogia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. Coleção Ensaios, São Paulo: Ática, 4ª ed.,1978.

MOURA, G. — *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NAGEL, E. — *Ciência: natureza e objetivo*. In MORGENBESSER, S. (org.) Filosofia da ciência. São Paulo: Cultrix, 1979.

NAKANO, A. M. S., et al. — *A produção do conhecimento em Enfermagem: análise de artigos publicados na revista brasileira de enfermagem 1987/1992*. Encontro Internacional Pesquisa em Enfermagem: uma questão de saúde. Anais EEUSP, São Paulo, 1992.

NASH, R. — *Um Esboço da Vida de Florence Nightingale*. Rio de Janeiro: 1997.

NIGHTINGALE, F. — *Notes of Nursing. what it is, and what it is not*. London: Duckworth, 1970.

____ - *Notas sobre Enfermagem: O que é, e o que não é*. Tradução de Amália Corrêa de Carvalho. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

NÓVOA, A. — *A Imprensa de Educação e Ensino: Concepção e organização do repertório português*. In Educação em Revista — A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras Editora:1997

NUNES, E. D. — *Medicina Social: origens e desenvolvimentos*. Revista de Cultura Vozes, 70 (3): 173-88, 1980.

NUNES, E. D. — *Medicina Social: aspectos históricos e teóricos*. (org.) São Paulo: Global editora,1983.

- ____ - *As Ciências Sociais em Saúde na América Latina: tendências e perspectivas*. Brasília: OPAS, 1985.
- ____ - *Sobre a Sociologia da Saúde*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- OLIVEIRA, L. L. (org.) — *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ____ - *As Raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado*. In: Seminário Internacional: a Revolução de 30. Brasília: Ed. UnB, 1983.
- ____ - *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990a.
- ORTIZ, R. — *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PADILHA, M. I. C. de S. — *A Mística do Silêncio — A Enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no Século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPe, 1998.
- PAIXÃO, W. — *História da Enfermagem*. 5ª edição, Rio de Janeiro: 1979.
- PINTO, L. — *Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social*. RJ: Ed. FGV, 2000.
- PINTO, P. G. H. R. — *Práticas Acadêmicas e o Ensino Universitário*. Niterói: RJ: EdUFF, 1999.
- PIRES, D. — *Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem*. São Paulo: Cortez, 1989.
- RODRIGUES, R. M. — *Enfermagem Compreendida como Vocação e Sua Relação com As Atitudes dos Enfermeiros Frente às Condições de Trabalho*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol. 9, nº 6, Ribeirão Preto, SP.
- SAUTHIER, J. e BARREIRA, I. de A. — *As Enfermeiras norte-americanas e o Ensino de Enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- SAUTHIER, J. e CARVALHO, V. — *A Missão Parsons: documentos históricos da EEAN/UFRJ 1922-1931*. Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.

SCHWARCZ, L. M. — *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMAN, S. — *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1979.

___ - *Estado Novo, um auto retrato (Arquivo Gustavo Capanema)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

SANTOS, I. dos; LOPES, M. G. D.; SILVA, M. T. N. — *Revista Brasileira de Enfermagem – Uma História de Resistência*. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, vol. 51, nº 2, p. 305-320, abril/junho, 1998.

SFEZ, L. — *A Saúde Perfeita: crítica a uma nova utopia*. São Paulo: 1996.

SILVA, G. B. da. — *Enfermagem Profissional: análise crítica*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O. — *Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

TEIXEIRA, E. R. e FIGUEIREDO, N. M. A. — *O Desejo e a Necessidade no Cuidado com o Corpo: uma perspectiva estética na prática de enfermagem*. Niterói-RJ: EdUFF, 2001.

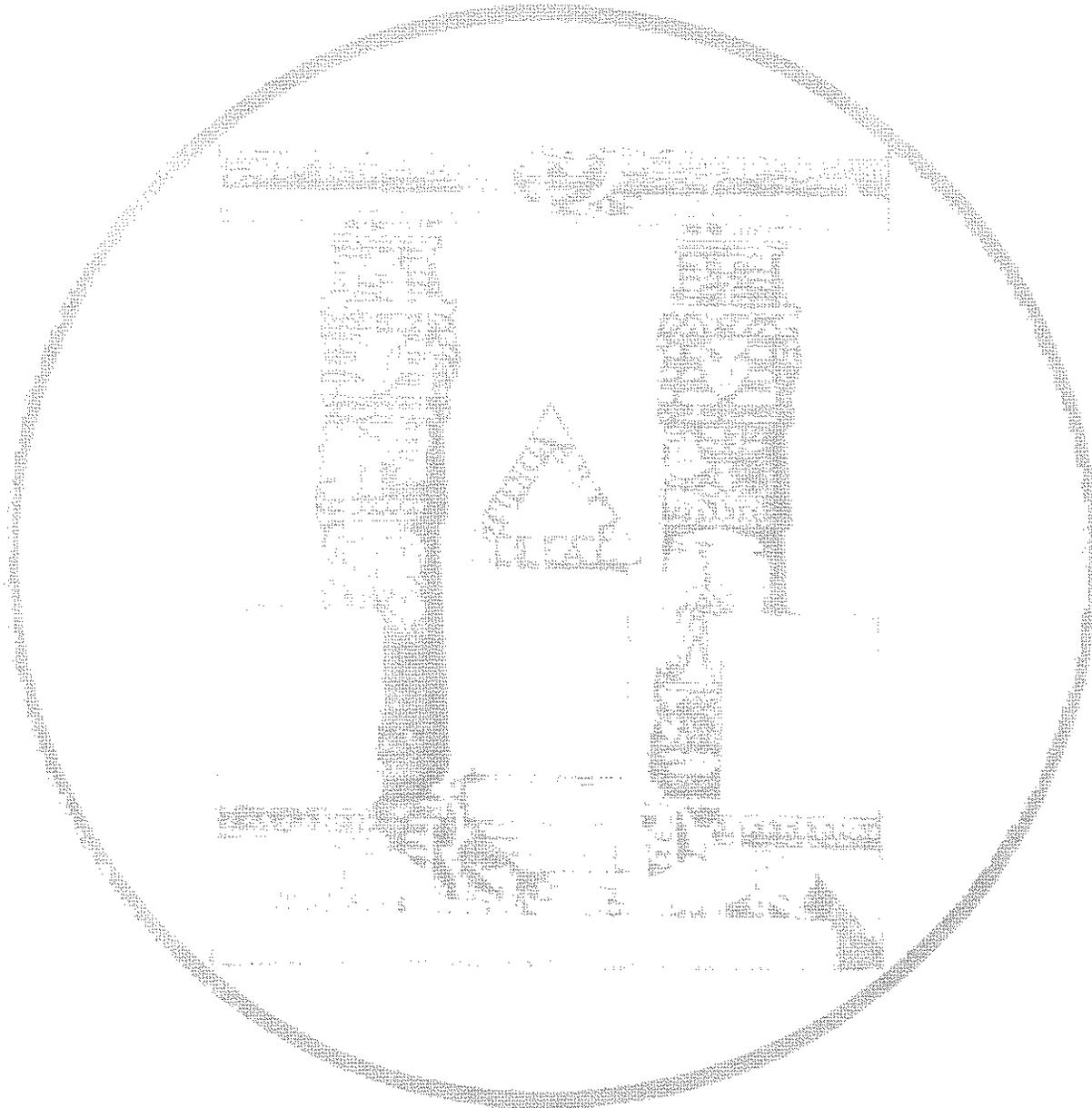
VAITSMAAN, J. e GIRARDI, S.(org) — *A Ciência e seus Impasses — debates e tendências em filosofia, ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1999.

VENTURA, R. — *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIEIRA, T. T. — *Produção Científica em Enfermagem no Brasil: 1960-1979*. Salvador, 1980

WALDOW, V. R. — *Marcas da Diversidade: Saberes e fazeres da enfermagem contemporânea*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FONTES



“...e só a História pode nos desvencilhar da História.”

(Pierre Bourdieu)

ALVES, C. P. – *Aspecto Social das Doenças nas Crianças*. AE, Ano V, Nº 10, p. 40-41, 1937.

____ - *Princípios fundamentais da Enfermeira na Saúde Pública*. AE, V. 04, p. 05-06, 1934.

ALVIM, E. F. – *O que está acontecendo com a enfermagem de Saúde Pública*. AE, V. I, Nº 02, p. 19, 1948.

AMADO, Z. C. – *Enfermagem Escolar*. AE, V. I, Nº 01, p. 31, 1932.

ANTUNES, A. – *Discurso Classe Diplomada 1934*. AE, V. II, Nº 06, p. 43, 1935.

ANTUNES, A. – *Discurso Paraninpho Formandas do Ano 1938*. AE, Ano V, Nº 15, p. 13-16, 1938.

ALCÂNTARA, G. – *Enfermagem*. AE, V. I, Nº 02, 1948.

ALCÂNTARA, G. – *Revisão das Técnicas de Enfermagem*. AE, V. II, Nº 03, p. 113, 1949.

ARRUDA, J. – *Considerações Gerais sobre Enfermagem Psiquiátrica*. AE, V. I, Nº 02, p. 80-87, 1948.

BANHA, A. – *Cooperação da Enfermeira de Saúde Pública*. AE, V. I, Nº 02, p. 20, 1933.

BARROS MELO, B. – *Narrativa*. AE, V. 05, Nº 05, p. 32, 1934.

BECK, B. – *Como coordenar a Teoria e a Prática no Ensino da Enfermagem Prática*. V. 05, Nº 05, p.37-39, 1934.

BERLINCK, C. – *História de Enfermagem – Ana Neri*. AE, V. XVI, Nº 23, p. 26, 1947.

BRANDÃO FILHO, O – *Papel da Instrumentadora no “Team” Operatório*. AE, V. I, Nº 01, p. 12-15, 1932.

CANDAU, M. G. – *O Problema da Enfermagem no Brasil*. AE, V. I, Nº 03, p. 20, 1948.

- CAPRIGLIONE, L. – *Discurso Paranymphe da Turma 1931*. AE, V. I, Nº 01, p. 26, 1932.
- CORRÊA, P. – *Nota no Diário de S. Paulo*. AE, V. XV, Nº 20, p. 33, 1946.
- COSTA, A. A. – *Noções de Primeiros Socorros*. AE, V. 05, Nº 05, p. 18-20, 1934.
- COX, G. – *Arte e Saúde*. AE, Ano V, Nº 13 e 14, p. 41-45, 1938.
- CUNHA, A. – *Discurso – Recepção dos Diplomas – Turma 1932*. AE, V. I, Nº 02, p. 21, 1933.
- CURTIS, C. – *A Enfermagem e o Progresso Social do Brasil*. AE, V. II, Nº 01, p. 05-09, 1949.
- DESMARAIS, M. M. – *Lições de Psicologia Aplicada à enfermagem*. AE, Nº 18, p. 9-11, 1946.
- DOMITILA, I. M. – *Bom Ensino nas Enfermarias, o fator essencial na educação das enfermeiras*. AE, V. I, Nº 03, p. 17-20, 1934.
- DOURADO, H. G. – *A Necessidade do Espírito Maleável na nossa profissão*. V. I, Nº 02, p. 25, 1933.
- DOURADO, H. G. – *Algumas Tendências na Formação de Enfermeiras*. AE, V. I, Nº 04, p. 3, 1946.
- DOURADO, H. G. – *Enfermagem Industrial*. AE, V.III, Nº 21, 1946.
- DOURADO, H. G. – *Levantamento Censitário*. AE, V. XV, Nº 21, p. 16-19, 1950.
- DOURADO, H. G. e DOURADO, R. G. – *Organização de Escolas de Enfermagem no Brasil*. AE, Nº 18, p. 01. 1946.
- DOURADO, H. G. – *O período de declínio da Enfermagem nos séculos que se seguiram à Idade Média*. AE, V. I, Nº 03, p. 113 – 114, 1948.
- EQUIPE EDITORIAL – *Em Memória – S. Lilian Clayton*. AE, V I, Nº 02, p. 03, 1933.

- EQUIPE EDITORIAL – AE, Nº 02, p. 03-05, 1933.
- EQUIPE EDITORIAL – *Um Novo Serviço*. AE, V. I, Nº 02, p. 06, 1933.
- EQUIPE EDITORIAL – *Os 10 Mandamentos da Enfermeira*. AE, V I, Nº 02, p. 17, 1933.
- EQUIPE EDITORIAL – *Não Ver, Não Ouvir e Não Falar*. AE, V. 4, Nº 04, p. 29, 1934.
- EQUIPE EDITORIAL – *A Enfermeira Escolar e o seu objetivo*. AE, Anno IV, Nº 08, p. 09-10, 1934.
- EQUIPE EDITORIAL – *Em Memória – Carlos Chagas*. AE, V II, Nº 06, p. 01, 1935
- EQUIPE EDITORIAL – AE, Nº 11, p. 39, 1937.
- EQUIPE EDITORIAL – *Recomeçando*. AE, Nº 18, p. 01, 1946.
- EQUIPE EDITORIAL – AE, Nº 18, p. 20, 1946.
- EQUIPE EDITORIAL – AE, Nº18, p. 38, 1946.
- EQUIPE EDITORIAL – *Considerações e Resoluções do I Congresso Nacional de Enfermagem*. AE, Nº 22, 1947.
- EQUIPE EDITORIAL – *Tuberculose e Enfermagem*. AE, V. I, Nº 02, p. 02, 1948.
- EQUIPE EDITORIAL – *Educação Sanitária*. AE, V. II, Nº 01, p. 03-04, 1949.
- EQUIPE EDITORIAL – *As Funções da Enfermeira*. AE, V. II, Nº 03, p. 99, 1949.
- EQUIPE EDITORIAL – *As Funções da Enfermeira*. AE, V. II, Nº 03, 1949.
- FIGUEIREDO, G. de – *Conferência Nacional de Proteção à Infância*. AE, V. I, Nº 02, p. 35-37, 1933.
- FONSECA, A. Z. da – *O Trabalho*. AE, V II, Nº 06, p. 20, 1935.
- ____ - *Plano de uma Escola de Serviço Social e suas Finalidades*. AnnoV, Nº 09, p.22,

1937.

FRAENKEL, E. – *A Enfermagem no Brasil*. AE, V. I, Nº 01, p. 08-09, 1932.

___ - *Histórico do Serviço de Enfermeiras do DNSP*. AE, V 05, Nº 05, p. 04-10, 1934.

___ - *O Serviço Social*. AE, Ano V, Nº 10, p. 05-07, 1937.

___ - *Discurso Secção Inaugural do 1º Congresso de Enfermagem*. AE, V. XVI, Nº 22, p. 19, 1947.

GRAÇA, C. – *Massagem Aplicada a Medicina*. AE, Ano 05, Nº 13 e 14, p. 52, 1938.

GROSSMANN, N. – *Como deve pensar a Enfermeira no Serviço de Doenças Contagiosas*. AE, Ano V, Nº 11, p. 47, 1937.

GUIMARÃES FILHO, A. – *Aspectos dos Serviços Médico-Sociais em Relação a Família*. AE, V. XV, Nº 20, p. 01-10, 1946.

HASENJAEGER, E. – *Um Cargo que é um Desafio*. AE, V. XV, p. 25-26, 1946.

HASENJAEGER, E. – *Serviço de Moléstias Contagiosas num Hospital Geral sob Ponto de Vista Administrativo e de Ensino*. AE, V I, Nº 01, p. 03-11, 1948.

LEITE, M. J. A. – *Enfermagem no Sarampo*. AE, V. I, Nº 02, p. 77-79, 1948.

LIMA, I. B. – *Enfermeiras Brasileiras no “front” Italiano*. AE, Nº 18, p. 14, 1946.

LOBO, R.H. – *Um Exemplo*. AE, V. I, Nº 01, p. 03, 1932.

___ - *Era Nova* AE, V. I, Nº 01, p. 06, 1932.

LOPES, L. R. – *A Eugenia*. AE, V. 01, Nº 03, p. 25, 1934.

___ - *Editorial*. AE, V. 04, p. 03, 1934.

- MIRANDA, Y. – *Cursos Pós-Graduação para Enfermeiras de Saúde Pública*. AE, V. I, Nº 02, p. 67-72, 1949.
- MONTENEGRO, B. – *Discurso Secção Inaugural do 1º Congresso de Enfermagem*. AE, V. XVI, Nº 22, p. 17, 1947.
- NABUCO, M. – *A Lâmpada – Symbolo de nossa fé*. AE, Ano V, Nº 10, p. 18, 1937.
- NASCIMENTO, E. A. do – *O Médico e a Enfermeira*. AE, Anno IV, Nº 08, p. 12-13, 1936.
- NIGHTINGALE, F. – *Arte da Enfermagem*. AE, Nº 18, p. 07, 1946.
- OLINTO, P. – *Aptidões e Deveres da Enfermeira de Higiene Mental*. AE, V. I, Nº 02, p. 16-17, 1933.
- ___ - *Discurso Classe Diplomada 1934*. AE, V. III, Nº 07, p. 24, 1935.
- OLIVEIRA, J. de – *A Ética Harmoniosa*. AE, Ano V, Nº 11, p. 38, 1937.
- OLIVEIRA, M. B. de – *Homenagem Fundação Rockefeller*. AE, V. I, Nº 01, p. 37, 1932.
- ___ - *A Precursora do Feminismo Brasileiro*. AE, V. I, Nº 01, p. 38, 1932.
- PAIXÃO, W. – *Uma Pioneira*. AE, V. XVI, Nº 23, p. 28, 1947.
- PAULA, A. de – *A Assistência Sanitária no Brasil*. AE, V. II, Nº 04, p. 159-164, 1949.
- PEREIRA, L. – *Um Pouco de História*. AE, V. I, Nº 02, p. 23-24, 1933.
- PORTO ALEGRE, I. A. – *Vocação e Abnegação*. AE, V. II, Nº 06, p. 12, 1935.
- PUHLMANN, N. – *Pequenas Considerações de uma aluna*. AE, V. XV, p. 27, 1946.
- PULLEN, B. L. – *Aspecto da Enfermagem no Brasil*. AE, V. 04, Nº 04, p. 12-13, 1934.
- ___ - *Alguns Objetivos da Associações Profissionais*. AE, V 05, Nº 05, p. 11-12, 1934.

___ - *Considerações sobre a Organização de uma Escola de Enfermeiras*. AE, Anno IV, Nº 08, p. 02-08, 1934.

___ - *Obrigações da Enfermeira no Presente e no Futuro*. AE, V. III, Nº 07, p. 03-09, 1935.

___ - *Status Legal da Enfermagem*. AE, Ano V, Nº 11, p. 30, 1937.

___ - *Pontos Essenciais para um Serviço de Enfermagem Hospitalar Adequado*. AE. Ano V, Nº 13 e 14, p. 54-56, 1938.

REGO, C. – *Professora de Sofrimento*. AE, V. I, Nº 02, p. 10, 1933.

ROCHA, P. – *Fabulas e Proverbios Influenciando na Ética*. AE, V. I, Nº 01, p. 47, 1932.

RENO, C. – *Enfermeiras Chefes como Pivot do Problema Educativo*. AE, V. I, Nº 02, p. 39-40, 1933.

SANTOS FRÉRES, M. R. dos S. – *O Papel social da Enfermeira*. AE, Anno IV, Nº 18, p. 27, 1936.

SMITH, M. – *Saúde é Beleza*. AE, Ano IV, Nº 08, p. 17, 1936.

SOUZA, E. – *O Papel da Enfermeira*. AE, V. II, Nº 06, p. 13, 1935.

___ - *Do Tratamento Pré-Natal*. AE, Anno IV, Nº 08, p. 11-12, 1936.

TABORDA, R. – *Conselho às Gestantes*. AE, Anno IV, Nº 08, p. 13-17, 1936.

___ - *Vigilancia aos Tuberculosos*. AE, Ano V, Nº 13 e 14, p. 29-32, 1938.

___ - *Formação de Auxiliares de Enfermagem*. V. XVI, Nº 22, p. 48, 1947.

TAVARES, M. P. S. – *Enfermagem no Tétano*. AE, V. III, Nº 04, 1950.

VERDERESE, O. – *A Bahia e o Problema de Enfermagem*. AE, V. II, Nº 01, p. 16, 1949.

VERONESI, R. – *Tétano*. AE, V. III, Nº 04, 1950.

VIDAL, Z. C. – *O Triângulo da Enfermeira*. AE, V. I, N° 03, p. 11 , 1934.

___ - *O Trabalho Prático nas Enfermarias*. AE, Ano V, N° 09, p. 39-41, 1937.

___ - *Apanhado de Técnica de Enfermagem*. AE, Ano V, N° 10, p. 32, 1937.

___ - *Caso de Estudo*. AE, V. 05, p. 28-29, 1934.

VIEGAS, C. – *Eficiente Orientação do Pessoal*. AE, V. I, N° 03, p. 110-113 , 1948.

VIGGIANO, R. – *Discurso Secção Inaugural do 1º Congresso de Enfermagem*. AE, V. XVI, N° 22, p. 16, 1947.

ZOUROB, A. – *A Necessidade da Organização de um Serviço Social*. AE, V. I, N° 02, p. 27-29, 1933.

ANEXOS

**TEMÁTICA RECORRENTE
HISTÓRIA DA PROFISSÃO**



**TEMÁTICA RECORRENTE
SAÚDE PÚBLICA**

**SUBTEMÁTICAS
ASSISTÊNCIA SOCIAL
ASSISTÊNCIA À MULHER
ASSISTÊNCIA À CRIANÇA
HIGIENE MENTAL**



**TEMÁTICA RECORRENTE
PEDAGOGIA**

**SUBTEMÁTICAS
INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ENFERMEIRA COMO TÉCNICA
ASSISTÊNCIA HOSPITALAR**



**TEMÁTICA RECORRENTE
ADMINISTRAÇÃO**



**NÚMEROS PUBLICADOS DOS
ANNAES DE ENFERMAGEM**



PÁGINA DO ESTUDANTE

TEMÁTICA RECORRENTE (HISTÓRIA DA PROFISSÃO)

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Um Exemplo	Rachel Haddock Lobo	1	Mai/1932	RJ
A Enfermagem no Brasil	Edith Fraenkel	1	Mai/1932	RJ
AD MEMORIAN	Não ha Identificação	2	Dez/1933	RJ
Um Pouco de Historia - A Obra Social e São Vicente de Paula	Lydwine Pereira	2	Dez/1933	RJ
Os 10 Mandamentos da Enfermeira	Não há identificação	2	Dez/1933	RJ
EM MEMORIA – S. Lilian Clayton, 1874 -1930	American Journal of Nursing	3	Abr/1934	RJ
Um Pouco de Historia – A Obra Social e S. Vicente de Paula (Continuação)	Lydwine Pereira	3	Abr/1934	RJ
Aspecto da Enfermagem no Brasil	Bertha L. Pullen	4	Jul/1934	RJ
Historico do Serviço de Enfermeiras do DNSP	Edith M. Fraenkel	4	Jul/1934	RJ
Alguns Objetivos das Associações Profissionais	Miss Bertha L. Pullen	5	Out/1934	RJ
Historico do Serviço de Enfermeiras do DNSP	Edith M. Fraenkel	5	Out/1934	RJ
Vocação e Abnegação	Idalia de Araújo Porto Alegre	6	Jan/1935	RJ
As Enfermeiras no Sertão do Nordeste - Notas de Viagem	Cecy Clausen Lins	6	Jan/1935	RJ
Obrigações da Enfermeira no presente e no futuro	Miss Bertha L. Pullen	7	Mai/1935	RJ
O Médico e a Enfermeira	Erotides Arruda do Nascimento	8	Nov/1936	RJ
Origem do Natal: Por que celebramos o Natal?	Tradução inglesa	11	Dez/1937	RJ
A Morte de Edith Cavell	Tradução do Livro Britanico Miscelanéa	11	Dez/1937	RJ
Status Legal da Enfermagem	Miss Bertha L. Pullen	11	Dez/1937	RJ
A Morte de Edith Cavell	Tradução do Livro Britanico Miscelanéa	12	Mar/1938	RJ

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Resumo da Historia da Cruz Vermelha Internacional	Bertha L. Pullen	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Arte e Saude	Profº George Cox (Tradução International Nursing Review)	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Histórico do Conselho Internacional de Enfermagem (ICN)	Miss Bertha L. Pullen	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Natal...	Leontina Gomes	15	Dez/1938	RJ
Enfermeiras Brasileira no no front italiano- Narrativa de uma viagem	Isaura Barbosa Lima	18	Jan-Mar/1946	SP
Enfermeiras Brasileira no no front italiano- Narrativa de uma viagem	Isaura Barbosa Lima	19	Abr-Jun/1946	SP
Homenagem a Miss Goodrich (Annie Warburton Goodrich)	Tradução do AJN	19	Abr-Jun/1946	SP
Da Bahia a enfermeira número 1 do Brasil: Francisca de Sande	Afonso Costa (editado pelo Jornal A Tarde, Bahia,1946)	19	Abr-Jun/1946	SP
Enfermeiras Brasileira no no front italiano- Narrativa de uma viagem	Isaura Barbosa Lima	20	Jul-Set/1946	SP
In Pace et in bello Chatitas	Leontina Gomes	21	Out-Dez/1946	SP
Historia de Enfermagem – Ana Neri	Corina Berlinck	23	Abr-Jun/1947	SP
Uma Pioneira	Waleska Paixão	23	Abr-Jun/1947	SP
História da Enfermagem- O período de declínio de enfermeira nos séculos que se seguiram à Idade Média	Haydée Guanais Dourado (Diretora da EE da Bahia)	3 / I	Jul/1948	SP
Desenvolvimento Histórico da Medicina.	Enio Barbato (Profº Patologia Geral da EE da Bahia)	3 / I	Jul/1948	SP
O Problema da Enfermagem no Brasil	M. G. Candau (Presidente Sociedade Bras. de Higiene e Superintendente do SESP)	4 / I	Out/1948	SP
Algumas Tendências na Formação de Enfermeiras	Haydée Guanais Dourado (Diretora EE Bahia)	4 / I	Out/1948	SP
Criação na Universidade de um Deptº Oficializado de Educação de Enfermeiras Diplomadas.	Frances Helen Zeigler (Diretora da EE Universidade de Vanderbet Nashville, Tennessee)	4 / I	Out/1948	SP
A Enfermagem e o Progresso Social do Brasil	Clara Curtis (Chefe de Divisão Enf. SESP)	1 / II	Jan/1949	SP
A Bahia e o Problema da Enfermagem	Olga Verderes (Vice-Diretora EE da Bahia)	1/II	Jan/1949	SP
Carta da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina	Diretores da EE do Hospital São Paulo	2 / II	Abr/1949	SP

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Uma Viagem de Estudos aos Estados Unidos	Maria Rosa Sousa Pinheiro (Vice-Diretora EE São Paulo)	3 / II	Jul/1949	SP
Censo de Enfermeiras – Editorial	sem identificação	2 / III	Abr/1950	SP
Lais Netto dos Reis- In Memoriam	sem identificação	3 / III	Jul/1950	SP
Enfermeiras para o Oriente	Tradução da revista “The Medical Missionary”	3 / III	Jul/1950	SP
Levantamento Censitário	Haydée Guanais Dourado	4 / III	Out/1950	SP

TEMÁTICA RECORRENTE (SAÚDE PÚBLICA)

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Visitadoras de Saude Publica	Rosaly Taborda	2	Dez/1933	RJ
O Papel da Enfermeira na Cura da Tuberculose	J. Moura Marinho	3	Abr/1934	RJ
Lições de Doenças Tropicais e Infectuosas	Dr. Evandro Chagas	4	Jul/1934	RJ
Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saude Publica	Celia Peixoto Alves	4	Jul/1934	RJ
Organização do hospital de isolamento de Nova Friburgo (Administração)	Rosaly Taborda	4	Jul/1934	RJ
Escola Pre-Natal	Janet Lima	4	Jul/1934	RJ
Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saude Publica	Celia Peixoto Alves	5	Out/1934	RJ
Cuidado Geral – Serviço de Enfermagem de Saúde Pública	Juracy Serpa Pyrrho	5	Out/1934	RJ
Um Centro de Saúde	Agnes W. Waddell	5	Out/1934	RJ
“Narrativa”- Página de Saúde Pública	Beatriz de Barros Mello	5	Out/1934	RJ
Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saude Publica	Celia Peixoto Alves	6	Jan/1935	RJ
O Papel da Enfermeira na Saúde Pública	Edith de Souza	6	Jan/1935	RJ
O Instituto Municipal de Enfermidades de Nutrição de Buenos Aires	Margarida Rosa	6	Jan/1935	RJ
Sífilis	Mafalda Leone	6	Jan/1935	RJ
“Narrativa” – Página de Saúde Pública	Helena Stein; Maria Amelia C. Rosas; Maria de Lourdes dos S. Maia	6	Jan/1935	RJ
Princípios Fundamentais da Enfermeira de Saude Publica	Celia Peixoto Alves	7	Mai/1935	RJ
Enfermagem em Febre Tifoide	Z. C. Vidal	7	Mai/1935	RJ
“Narrativa” – Página de Saúde Pública	Edith de Souza	7	Mai/1935	RJ
O Dentista e as Molestias Contagiosas	Edgard Bernardes	8	Nov/1936	RJ

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Página da Enfermeira de Saúde Pública – Comentário	Nady Coutinho	8	Nov/1936	RJ
Cuidado de Enfermagem num Caso de Difteria	Maria Madalena A. Kasprzykowski	11	Dez/1937	RJ
A Tuberculose produz Ociosidade?	Maria Oliveira Regis	11	Dez/1937	RJ
Coqueluche	Dr. J. A. Lima	11	Dez/1937	RJ
Como deve pensar a enfermeira no Serviço de Doenças Contagiosas	Nisia Grossmam	11	Dez/1937	RJ
Focos de Infecção dentária	Dr. Edgard Bernardes	11	Dez/1937	RJ
Tuberculino - Reação	Dr. Salomão Feliz	11	Dez/1937	RJ
Cuidados de Enfermagem em Meningite Cerebro Espinhal Epidemica	Maria Madalena A. Kasprzykowski	12	Mar/1938	RJ
Reabilitação das Amígdalas	Dr. Raul Rocha	12	Mar/1938	RJ
Enfermagem num caso de Bouba “Framboesia Tropicã”	Nisia Grossmann	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Vigilância aos Tuberculosos	Rosaly Taborda	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Enfermagem em Face do Problema Rural do Brasil	Dr. Evandro Chagas (Chefe do Laboratório Oswaldo Cruz)	15	Dez/1938	RJ
A Suggestão na Tuberculose	Dr. Edgard Bernardes	15	Dez/1938	RJ
Estatística Vital e Enfermeiras de Saúde Pública	Dr. Lincoln de Freitas Filho	16	1939-1940	RJ
Alimentação na Amazonia	Enª Rosaly Taborda	17	1941	RJ
Difteria	Dr. Nascentes Coelho	17	1941	RJ
Imunização Combinada contra Coqueluche, Difteria e Tetano	Dr. Paul M. Hamilton	20	Jul/Set 1946	SP
Enfermagem Industrial	Haydée G. Dourado	21	Out/Dez 1946	SP
O Problema da Tuberculose nas Escolas de Enfermagem	Dr. Ermelino Gusmão, Filomena Chiariello, M. Silvana Teixeirae Marília de Dirceu Cunha	2 / I	Abr/1948	SP
O que está acontecendo à Enfermagem de Saúde Pública	Ermengarda de Faria Alvim	2 / I	Abr/1948	SP

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Sarampo	Prof. Oscar Monteiro de Barros	2 / I	Abr/1948	SP
Enfermagem no Sarampo	Maria José de Almeida Leite	2 / I	Abr/1948	SP
Tentativa de Definição do Campo da enfermeira de Saúde Pública em suas relações com a Assistente Social	Cecilia Maria D. Sanioto	4 / I	Out/1948	SP
Educação Sanitaria	Sem autor – Editorial	1 / II	Jan/1949	SP
Enfermeira de Saúde Pública no Trabalho de Assistência à população flagelada por enchentes	Isaura Barbosa Lima	4 / II	Out/1949	SP
Educação Sanitária em Ambulatório de Obstetricia	Feiga Langfeld	1 / III	Jan/1950	SP
Orientação para um estudo de caso de Enfermagem de Saúde Pública	Cecilia Maria Domenica Sanioto e Vera Sabeff	2 / III	Abr/1950	SP
A Enfermagem em Leprocômio	Adelina Zourob	3 / III	Jul/1950	SP
Saúde Pública	Sem autor- equipe editorial	3 / III	Jul/1950	SP
Tétano	Dr. Ricardo Veronesi	4 / III	Out/1950	SP
Enfermagem do tétano	Maria do Perpétuo Socorro Tavares	4 / III	Out/1950	SP
A Higiene na Grecia	Dr. Rubens Azzi Leal	4 / III	Out/1950	SP

SUBTEMÁTICA
(ASSISTÊNCIA SOCIAL)

ARTIGOS	AUTOR	Nº	MÊS/ANO	LOCAL
A necessidade da organização de um serviço social para melhorar as condições do pobre	Adelina Zourob	2	Dez/1933	RJ
Algo de Assistencial – Serviços Prestados pela S.O. S.	Adelina Z. Fonseca	5	Out/1934	RJ
Bons Exemplos (discute os problemas sociais do país e dá exemplo de pessoas que fazem trabalhos de assistência)	Rosaly Taborda	11	Dez/1937	RJ

SUBTEMÁTICA
(ASSISTÊNCIA À MULHER)

ARTIGO	AUTOR	Nº	MÊS	LOCAL
A Precursora do Feminismo no Brasileiro	Marina Bandeira de Oliveira	1	Mai/1932	RJ
A Necessidade do Espírito Maleável na nossa profissão	Haydée G. Dourado	2	Dez/1933	RJ
Maternidade Consciente (capítulo do livro Médicos e Paramédicos indicado para leitura)	Edith de Souza	2	Dez/1933	RJ
Pratica do Serviço Pré-Natal	Rosaly Rodrigues Taborda	3	Abr/1934	RJ
Duas palavras sobre Arte Feminina Aplicada	Maria Eugenia Celso (Seção Parte Literária)	3	Abr/1934	RJ
Papel da Mulher na Sociedade Moderna	Noemi Alcantara - Seção Parte Literária	4	Abr/1934	RJ
Cuidados Indispensáveis dos Seios no Período da Gestação e durante a Lactação	Maria de Oliveira Regis	5	Out/1934	RJ
A Esposa Perfeita (Livro indicado para leitura)	Th. Van de Velde	6	Jan/1935	RJ
Conselhos às Gestantes	Rosaly Rodrigues Taborda	8	Nov/1936	RJ
Do Tratamento Pré-Natal	Edith de Souza	8	Nov/1936	RJ
Saúde e Beleza	Mirabel Smith	8	Nov/1936	RJ
Alguns Aspectos da Assistência Pré-Natal	Dr. Murillo Queiroz de Barros	11	Dez/1937	RJ
A Alimentação da Mulher durante a gestação	Maria de Oliveira Regis	11	Dez/1937	RJ
Educação Sanitária em Ambulatório de Obstetrícia	Feiga Langfeld	1	Vol III JAN/1950	SP
Cuidados exigidos para que as grávidas tenham filhos sadios	Dr. Bussamara Neme	1	Vol III JAN/1950	SP

SUBTEMÁTICA
(ASSISTÊNCIA À CRIANÇA)

ARTIGO	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Em Prol da Alimentação Natural	Dr. Alcino Rongel	1	Mai/1932	RJ
Conferência Nacional de Proteção à Infância	Dr. Gastão de Figueiredo	2	Dez/1933	RJ
Cooperação da Enfermeira de Saúde Pública junto ao serviço de Higiene Infantil	Analia Banha	2	Dez/1933	RJ
Serviços de Dietética Infantil	Margarida dos Passos Roza	3	Abr/1934	RJ
Noções de Alimentação Infantil (Livro indicado para leitura)	Margarida dos Passos Roza	3	Abr/1934	RJ
Sobre Higiene Infantil	Edith de Souza	5	Out//1934	RJ
Educação Psicológica da Primeira Infância (Livro indicado para leitura)	John B. Watson	5	Out//1934	RJ
Da mortalidade Infantil e suas Causas	Drª Iracema de Freitas	6	Jan/1935	RJ
Visita de Higiene Infantil	Maria de Lourdes dos Santos Maia	6	Jan/1935	RJ
Praxiterapia para Crianças	Jessie A. Ness (Tradução do AJN)	9	Mai/1937	RJ
A Hemoptyse na Infância	Oscar da Veiga Filho	10	Set/1937	RJ
Creança Nervosa	Deliseth de Oliveira cabral	10	Set/1937	RJ
Banho de Récem-Nascido	Maria de Oliveira Regis	10	Set/1937	RJ
Aspecto Social das Doenças nas Crianças	Celia Peixoto Alves	10	Set/1937	RJ
Aspecto Social das Doenças nas Crianças	Celia Peixoto Alves	11	Dez/1937	RJ
Aspecto Social das Doenças nas Crianças	Celia Peixoto Alves	12	Mar/1938	RJ
Sobre a Mentira Infantil	Dr. Plinio Olinto	15	Dez/1938	RJ
Paralisia Infantil	Dr. Aristides Paz de Almeida	16	1939	RJ
Generalidades sobre o Fator Rh	Dr. Carlos da Silva Lacaz	21	Out-Dez/1946	SP

ARTIGO	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Lições de Psicologia Infantil Aplicada à Enfermagem	Dra. Betty Katzenstein	21	Out-Dez/1946	SP
Estudo de Caso feito no Serviço de Pediatria da Santa casa da Misericórdia de Santos (Seção Estudante de Enfermagem)	Jandira Alves Coelho	1 / I	Jan/1948	SP
Alta do Recém-Nascido; Cuidado com Labios Leporinos; Cuidado com a Criança depois de morta; A criança no Isolamento (Seção Técnica)	Sem Identificação	3 / II	Jul/1949	SP
Educação em Ambulatório de Pediatria	Maria do Carmo Marcondes Machado	4 / III	Out/1949	SP
A Aldeia das Crianças Pestalozzi	Dra. Betti Katzenstein	4 / III	Out/1950	SP

SUBTEMÁTICA (ASSISTÊNCIA À CRIANÇA)

ARTIGO	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Em Prol da Alimentação Natural	Dr. Alcino Rongel	1	Mai/1932	RJ
Conferência Nacional de Proteção à Infância	Dr. Gastão de Figueiredo	2	Dez/1933	RJ
Cooperação da Enfermeira de Saúde Pública junto ao serviço de Higiene Infantil	Analia Banha	2	Dez/1933	RJ
Serviços de Dietética Infantil	Margarida dos Passos Roza	3	Abr/1934	RJ
Noções de Alimentação Infantil (Livro indicado para leitura)	Margarida dos Passos Roza	3	Abr/1934	RJ
Sobre Higiene Infantil	Edith de Souza	5	Out//1934	RJ
Educação Psicológica da Primeira Infância (Livro indicado para leitura)	John B. Watson	5	Out//1934	RJ
Da mortalidade Infantil e suas Causas	Dr ^a Iracema de Freitas	6	Jan/1935	RJ
Visita de Higiene Infantil	Maria de Lourdes dos Santos Maia	6	Jan/1935	RJ
Praxiterapia para Crianças	Jessie A. Ness (Tradução do AJN)	9	Mai/1937	RJ
A Hemoptise na Infância	Oscar da Veiga Filho	10	Set/1937	RJ
Creança Nervosa	Deliseth de Oliveira cabral	10	Set/1937	RJ
Banho de Recem-Nascido	Maria de Oliveira Regis	10	Set/1937	RJ
Aspecto Social das Doenças nas Crianças	Celia Peixoto Alves	10	Set/1937	RJ
Aspecto Social das Doenças nas Crianças	Celia Peixoto Alves	11	Dez/1937	RJ
Aspecto Social das Doenças nas Crianças	Celia Peixoto Alves	12	Mar/1938	RJ
Sobre a Mentira Infantil	Dr. Plinio Olinto	15	Dez/1938	RJ
Paralisia Infantil	Dr. Aristides Paz de Almeida	16	1939	RJ
Generalidades sobre o Fator Rh	Dr. Carlos da Silva Lacaz	21	Out-Dez/1946	SP

ARTIGO	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Lições de Psicologia Infantil Aplicada à Enfermagem	Dra. Betty Katzenstein	21	Out-Dez/1946	SP
Estudo de Caso feito no Serviço de Pediatria da Santa casa da Misericórdia de Santos (Seção Estudante de Enfermagem)	Jandira Alves Coelho	1 / I	Jan/1948	SP
Alta do Recém-Nascido; Cuidado com Labios Leporinos; Cuidado com a Criança depois de morta; A criança no Isolamento (Seção Técnica)	Sem Identificação	3 / II	Jul/1949	SP
Educação em Ambulatório de Pediatria	Maria do Carmo Marcondes Machado	4 / III	Out/1949	SP
A Aldeia das Crianças Pestalozzi	Dra. Betti Katzenstein	4 / III	Out/1950	SP

SUBTEMÁTICA (HIGIENE MENTAL)

ARTIGO	AUTOR	Nº	MÊS/ANO	LOCAL
Aptidões e Deveres da enfermeira de Higiene Mental	Dr. Plínio Olinto	2	Dez/1933	RJ
Memória	Dr. Plinio Olinto	5	Out/1934	RJ
Conselho de Higiene Mental	Dr. Plinio Olinto	6	Jan/1935	RJ
Higiene Mental e o Carnaval	Dr. Plinio Olinto	7	Mai/1935	RJ
Fontes de Conhecimento	Dr. Plinio Olinto	9	Mai/1937	RJ
Nervosismo Epidemico	Sem autor	9	Mai/1937	RJ
Uma Ótima Maneira para Adquirir Alegria e Personalidade	Tradução do Readers Digest (junho de 1937)	10	Set/1937	RJ
Considerações Moraes e Sociaes sobre a Eugenia	Dr. Jefferson de Lemos (Psiquiatra da Assistência a Psicopatas)	16	1939-1940	RJ
Lições de Psicologia Aplicada à Enfermagem	Padre Marcel Marie Desmarais, O.P.	18	Jan-Mar/1946	SP
Plano para melhorar o tratamento hospitalar dos psicopatas	Tradução do "The Modern Hospital" – Nov. 1945	18	Jan-Mar/1946	SP
Lições de Psicologia Aplicada à Enfermagem	Padre Marcel Marie Desmarais, O.P.	19	Abr-Jun/1946	SP
Lições de Psicologia Aplicada à Enfermagem	Padre Marcel Marie Desmarais, O.P.	20	Jul-Set/1946	SP
Lições de Psicologia Infantil Aplicada à Enfermagem	Dra. Betty Katzenstein	21	Out-Dez/1946	SP
O Paciente Mental Agitado	Amalia C. Carvalho	23	Abr-Jun/1947	SP
Considerações Gerais sobre Enfermagem Psiquiátrica	Dr. Joy Arruda	2	Abr/1948	SP
Conceito Psico-Somático da Enfermagem	Maria de Lourdes Verderese	3	Jul/1948	SP

TEMÁTICA RECORRENTE (PEDAGOGIA)

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Enfermeiras chefes como 'pivot' do Problema Educativo	Maria Ellen Manley R.N.	2 / I	Dez/1933	RJ
Bom Ensino nas Enfermarias, o fator essencial na Educação de Enfermeiras	Irmã M. Domitilla (Hosp. S. Maria, Bock Minn.- Trad. M. Reno)	3 / I	Abr/1934	RJ
Como o Exemplo das alunas antigas tem influencia nas preliminares	Não há Identificação	3 / I	Abr/1934	RJ
A Margem dos Testes – Analises dos Varios Tipos de Testes	Zaira Cintra Vidal	3 / I	Abr/1934	RJ
Organização do Programa Semanal	Não há Identificação	3 / I	Abr/1934	RJ
O Ensino e o Uso do Lesson Plan	Zaira Cintra Vidal	4 / I	Jul/1934	RJ
Tecnica da Crítica Construtiva	Bertha L. Pullen	5	Out/1934	RJ
“O Caso de Estudo”	Z. C. Vidal	5	Out/1934	RJ
“Como Coordenar Teoria e a Prática no Ensino da Enfermagem Prática	Sister M. Berenice Beck, O. S. F. N. (Trad. American Journal of Nursing)	5	Out/1934	RJ
Tecnica da Crítica Construtiva	Bertha L. Pullen	6	Jan/1935	RJ
“Caso de Estudo”	Lucilia B. Miranda	6	Jan/1935	RJ
“Como deveríamos Avaliar a Qualidade do Serviço de Enfermagem?”	Lyda W. Anderson (Trad. American Journal of Nursing)	6	Jan/1935	RJ
O Papel Social da Enfermeira (EUGENIA, ASSISTENCIA SOCIAL)	Maria Ribeiro dos Santos Fréres	8	Nov/1936	RJ
Propósitos e Finalidades das Fichas Médico-escolares	Dr. Earl E. Kleinschmidt (Publicação da Oficina Sanitaria Panamericana)	9	Mai/1937	RJ
Bases da Educação	Dr. Amarante	9	Mai/1937	RJ
O Trabalho Prático nas Enfermarias	Zaira C. Vidal	9	Mai/1937	RJ
Algumas Regras para Tornar o Estudo Eficiente	Guy Montrose Whipple	10	Set/1937	RJ
Atuará a Visitadora Sanitária futuramente nas escolas	I. J.	16	1939-1940	RJ
Algumas Tendências na formação de Enfermeiras	Haydée Guanais Dourado	4 / I	Out/1949	SP

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
riação na Universidade de um Departamento de Educação de Enfermeira	Frances Helen Zeigler	4 / I	Out/1949	SP
Ensino Post-Graduado para Enfermeiras	Ruth Kuehn	1 / II	Jan/1949	SP
Cursos Pós-Graduados para Enfermeira de Saúde Pública	Yara Miranda	2 / II	Abr/1949	SP
Plano de Estágio e guia para a avaliação do trabalho prático de alunas em Enfermagem de Saúde Pública	Mabel Johnson e Lucia Jardim	1 / III	Jan/1950	SP
Escolas de Enfermagem e Residências	Haydée Guanais Dourado	2 / III	Abr/1950	SP

SUBTEMÁTICA
(INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ENFERMEIRA COMO TÉCNICA)

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Coberta para Saco de água quente	Tradução do AJN	9	Mai/1937	RJ
Apanhados de Técnica	Zaira. C. Vidal	10	Set/1937	RJ
Apanhados de Técnica	Zaira. C. Vidal (Continuação)	11	Dez/1937	RJ
Apanhados de Técnica	Zaira. C. Vidal (Continuação)	12	Mar/1938	RJ
Tecnica de Colheita de Urina em Criança	Gloria Dias	12	Mar/1938	RJ
Como Lavar e Esterilizar Luvas de Borracha	Wilmot Castle (Tradução americana)	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Apanhados de Tecnica (Aplicações Locais Frias)	Zaira c. Vidal (Continuação)	17	1940	RJ
Aula de Enfermagem – Auxiliar nas medidas de diagnóstico	Organizado por docentes da Escola de Enf. de São Paulo	19	Abr-Jun/1946	SP
Aula de Enfermagem – Injeção Endovenosa	Organizado por docentes da Escola de Enf. de São Paulo	20	Jul-Set/1946	SP
Aula de Enfermagem – O Conforto do paciente	Organizado por docentes da Escola de Enf. de São Paulo	21	Out-Dez/1946	SP
Improvisações feitas em casa	Ruth Borges Teixeira	23	Abr-Jun/1947	SP
Técnica de Enfermagem Sôro Endovenoso	Não Identificado	1	Jan/1948	SP
Técnica de Enfermagem- Sondagem Vesical na Mulher	Não Identificado	2	Abr/1948	SP
Técnica de Enfermagem – Cateterismo Vesical	Não Identificado	3	Jul/1948	SP
Técnia de Enfermagem- Cama	Não Identificado	4	Out/1948	SP
Técnica de enfermagem – Berçário	Escola de Enfermagem de São Paulo	1 / II	Jan/1949	SP
Técnica de Enfermagem- Cuidado com o Coto Umbilical e Cuidado com os Prematuros	Escola de Enfermagem de São Paulo	2 / II	Abr/1949	SP
Tecnica de Enfermagem – Alta do Recem-nascido; Cuidado com os Labios Leporinos; Cuidado com a Criança depois de morta; A criança no isolamento	Sem identificação	3 / II	Jul/1949	SP
Tecnica de Enfermagem – Ambiente Agradável na Enfermaria	Sem identificação	4 / II	Out/1949	SP

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Tecnica de Enfermagem- Posições	Sem identificação	1 / III	Jan/1950	SP
Tecnicas de Enfermagem – Lavagem Intestinal; Clister	Sem identificação	4 / III	Out/1950	SP

SUBTEMÁTICAS (ASSISTÊNCIA HOSPITALAR)

ARTIGOS	AUTOR	Nº	MÊS/ANO	LOCAL
O Papel da Instrumentadora no Team Operatório	Dr. Brandão Filho	1	Mai/1932	RJ
Um Novo Serviço	Não há identificação	2	Dez/1933	RJ
A Esterilização Total do ambiente Cirúrgico	Dr. M. Gudín	2	Dez/1933	RJ
Transtornos Hormonais	Dr. S. Salles Soares	3	Abr/1934	RJ
Algumas Palavras sobre Alimentos	M. Madalena A. Kasprzykowski	4	Jul/1934	RJ
Noções de Primeiros Socorros	Aurora de Afonso Costa	4	Jul/1934	RJ
Relação entre a Dietética e o Serviço de Hospital	C. D. Chrestie, M. D. (Western Reserve University- Hosp. Lapeside, Cleveland) Trad. American Journal of Nursing	4	Jul/1934	RJ
Noções de Primeiros Socorros	Aurora de Afonso Costa (Continuação)	5	Out/1934	RJ
Digitalina (Notas de Terapeutica e Materia Medica, para uso das alunas da Escola Anna Nery)	Dr. S. Salles Soares	5	Out/1934	RJ
Psicologia e a sua influencia na enfermagem	Maria Valva Prado	5	Out/1934	RJ
Índios Caiua's (do Sul de Mato Grosso)	Yolanda Lindenberg	5	Out/1934	RJ
Noções de Primeiros Socorros	Aurora de Afonso Costa (Continuação)	6	Jan/1935	RJ
Artrites	Dr. F. Alvares Barata	6	Jan/1935	RJ
A Enfermagem nos Casos de Artrite	Z. C. Vidal	6	Jan/1935	RJ
Noções de Primeiros Socorros	Aurora de Afonso Costa (Continuação)	7	Mai/1935	RJ
Uma Nova Aplicação da Física	Mary E. Portzline (trad. American Journal of Nursing)	7	Mai/1935	RJ
Tratamento das Queimaduras pelo Acido Tanico	Dionisio Curutchet (artigo reproduzido do 'E l Dia Medico' - México)	7	Mai/1935	RJ
Fadiga	Luiz Alberto Werneck	9	Mai/1937	RJ
Algo de Cirurgia: complicações post-operatorias	Edmée Celia de O. Pinto	9	Mai/1937	RJ

ARTIGOS	AUTOR	Nº	MÊS/ANO	LOCAL
Preparação e Esterilização de Material	W. B. Underwood (Trad. do AJN)	10	Set/1937	RJ
Massagem Aplicada a Medicina	Carmem Graça (Continuação)	10	Set/1937	RJ
Cuidados da Enfermagem num caso de Pneumonia	Maria Madalena Kasprzykowski	10	Set/1937	RJ
Algumas Considerações sobre Vitaminas	Dr. S. Salles Soares	11	Dez/1937	RJ
Massagem Aplicada a Medicina	Carmem Graça (Continuação)	11	Dez/1937	RJ
Algo sobre Cirurgia: Enfermagem em Cirurgia – Admissão do paciente, cuidados pré e post – operatório	Edmé C. de O.	11	Dez/1937	RJ
Algo sobre Cirurgia: Enfermagem em Cirurgia – Admissão do paciente, cuidados pré e post – operatório	Edmé C. de O.	12	Mar/1938	RJ
Massagem Aplicada a Medicina	Carmem Graça (Continuação)	13 e 14	Jun-Set/1938	RJ
Massagem Aplicada a Medicina	Carmem Graça (Continuação)	15	Dez/1938	RJ
As Sondas de Borracha e os Lubrificantes	Velma Aquadro e Gertrudes Barbour (Tradução do AJN)	15	Dez/1938	RJ
Primeiro Socorro Cirúrgico – Traumatismo em Geral	Dr. Aldahir Crissiuma de O. Figueiredo	17	1940	RJ
Obesidade	Yolanda Lindenberg Lima	17	1940	RJ
Perguntas e Respostas sobre o uso de Máscaras	Tradução do Journal Am. Med. Assoc. (Jan/1944)	18	Jan-Mar/1946	SP
A Penicilina	Dr. Luiz V. Decourt	18	Jan-Mar/1946	SP
Cuidados de Enfermagem na Aplicação de Penicilina	Maria Rosa Pinheiro	18	Jan-Mar/1946	SP
Modalidades de Reações Orgânicas: Normoergia, Alergia, Anergia	Dr. Ennio Barbato	19	Abr-Jun/1946	SP
As Úlceras Gastro-Duodenais (alguns aspectos do problema)	Dr. Paulo de Almeida Toledo	23	Abr-Jun/1947	SP
Diagnóstico e Tratamento da Úlcera Gastro- Duodenais	Dr. José Fernandes Pontes	23	Abr-Jun/1947	SP
Cuidados de Enfermagem ao paciente com úlcera gastro-duodenal	Glete de Alcântara	23	Abr-Jun/1947	SP
Dieta para cicatrização de úlcera gastro- duodenal	Presciliiana A. Abatayguara e Olimpia Bianchi	23	Abr-Jun/1947	SP

ARTIGOS	AUTOR	Nº	MÊS/ANO	LOCAL
Improvisações feitas em casa	Ruth Borges Teixeira	23	Abr-Jun/1947	SP
Serviço de Moléstias Contagiosas num Hospital Geral sob o ponto de vista administrativo e de ensino	Ella Hasenjaeger	1	Jan/1948	SP
Algumas Noções da Patologia da Tireóide e seu tratamento cirúrgico.	Dr. Mário R. de Oliveira (Assist. da 3ª cadeira de Clin. Cirurg.da Fac. Med. USP.	1	Jan/1948	SP
Cuidados de Enf. nas Tireoidectomias	Zilda Almeida Carvalho (Profª Enf. EESP)	1	Jan/1948	SP
Dieta no Hipertireoidismo	Isaura Leite Cesar (Dietista chefe do serviço de Moléstias Contagiosas do Hosp. Clin de SP	1	Jan/1948	SP
Estreptomicina – Instruções e Cuidados de Enf. necessários à sua administração	Ruth Borges Teixeira (Profª e Supervisora da EE São Paulo	1	Jan/1948	SP
Conceito Psico-Somático da Enfermagem	Maria de Lourdes Verderese(Profª EE São Paulo	3	Jul/1948	SP
Cateterismo Uretral e Vesical no homem	Oscar Motta M. Júnior (3º Ass. Clin. Urológica da Fac. Med. USP)I	3	Jul/1948	SP
Cirurgia do Tórax: Pré e Pós-Operatório	Mario Fanganiello	2	Abr/1949	SP
Cuidados de Enfermagem ao paciente submetido à Cirurgia do Tórax	Zuleika M. Kanne (Profª Enf. Cirúrgica da EE São Paulo)	2	Abr/1949	SP
Valor Psicológico no Cuidado do Paciente em Contraste com o Cuidado Funcional	Maria de Lourdes Verderese	3	Jul/1949	SP
Valor Sociológico no Cuidado Integral do Paciente em Contraste com o Cuidado Funcional	Cecília Maria D. Sanioto (Enfª Supervisora Centro de Aprendizado Fac. Higiene de São Paulo	3	Jul/1949	SP
Revisão de Técnicas de Enfermagem	Glete de Alcântara (Profª EE São Paulo)	3	Jul/1949	SP
Cuidados de Enfermagem ao Paciente Traqueotomizado	Maria de Lourdes Verderese	2	Abr/1950	SP
Postura correta e deformidades posturais	Dr. Roberto Taliberti	2	Abr/1950	SP
Instrumentação em Cirurgia Geral	Dr. Mario Ramos de Oliveira	3	Jul/1950	SP

TEMÁTICA RECORRENTE (ADMINISTRAÇÃO)

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Considerações sobre a Organização de uma Escola de Enfermeiras	Miss Bertha L. Pullen	8	Nov/1936	RJ
Enfermagem Deficiente	Rosaly Taborda	9	Mai/1937	RJ
Plano de uma Escola de Serviço Social e suas Finalidades	Adelina Z. da Fonseca	9	Mai/1937	RJ
Os Menores Delinquentes e a Assistência Social (ASSISTENCIA SOCIAL)	S. A. P.	9	Mai/1937	RJ
O Serviço Social – Como organizar um Serviço (ASSISTENCIA SOCIAL)	Edith Fraenkel	10	Set/1937	RJ
Pontos Essenciais para um Serviço de Enfermagem Hospitalar Adequado	Bertha L. Pullen	13 e 14	Jun e Set/1938	RJ
Organizações de Escolas de Enfermagem no Brasil	Haydée Guanais Dourado	18	Jan-Mar /1946	SP
Inspeção de Escolas de Enfermagem	Edith de Magalhães Fraenkel	19	Abr-Jun/1946	SP
Um Cargo que é um desafio	Ella Hasenjaeger	20	Jul-Set/1946	SP
Serviço de Moléstias Contagiosas num hospital geral sob o ponto de vista administrativo e de ensino	Ella Hasenjaeger Consultora de enf. do Instituto de Negócios Interamericanos e do SESP; profª. enf. EE-SP.	1 / I	Jan/1948	SP
Criação na Universidade de um Departamento de Educação de Enfermeira	Frances Helen Zeigler	4 / I	Out/1948	SP

NÚMEROS PUBLICADOS DOS ANNAES DE ENFERMAGEM
1932 a 1950

DATA	VOLUME	ANO	NÚMERO	MÊS
1932	I	-	1	Maio
1933	I	-	2	Dezembro
1934	I	-	3	Abril
1934	4	-	4	Abril
1934	5	-	5	Outubro
1935	II	-	6	Janeiro
1935	III	-	7	Maio
1936	-	IV	8	Novembro
1937	-	V	9	Maio
1937	-	V	10	Setembro
1937	-	V	11	Dezembro
1938	-	V	12	Março
1938	-	V	13 e 14	Junho e Setembro
1938	-	V	15	Dezembro
1939-1940	-	-	16	Não consta
1941	-	IX	17	Abril
1946	-	-	18	Janeiro-Março
1946	-	-	19	Abril-Junho
1946	XV	-	20	Julho-Setembro
1946	XV	-	21	Outubro-Dezembro
1947	XVI	-	22	Janeiro-Março
1947	XVI	-	23	Abril-Junho
1948	I	-	1	Janeiro
1948	I	-	2	Abril
1948	I	-	3	Julho
1948	I	-	4	Outubro
1949	II	-	1	Janeiro
1949	II	-	2	Abril
1949	II	-	3	Julho
1949	II	-	4	Outubro

1950	III	-	1	Janeiro
1950	III	-	2	Abril
1950	III	-	3	Julho
1950	III	-	4	Outubro

PÁGINA DO ESTUDANTE

ARTIGOS	AUTOR	Nº/VOL.	MÊS/ANO	LOCAL
Estudo de Caso feito no Serviço de Pediatria da Santa Casa de Misericórdia de Santos	Jandira Alves Coelho (aluna EE São Paulo)	1 / I	Jan/1948	SP
Realizações de uma Associação de Estudantes	Heloisa A. Martins (Presidente do CA 31 de outubro)	2 / I	Abr/1948	SP
Estudo de um Caso de Enf. Cirúrgica	Wanda Alves Batista (aluna EE São Paulo)	3 / I	Jul/1948	SP
Estudo de um Caso de Enf. Cirúrgica	Maria Julieta Calmom Villas-Bôas	3 / II	Jul/1949	SP
Estudo de Caso de Enfermagem Psiquiátrica	Mery Aidar	1 / III	Jan/1950	SP
Química para Enfermeiras	Ruth Magalhães Tibery	2 / III	Abr/1950	SP
Fábulas e Provérbios influenciando na Ética	Palmyra Rocha	1	Mai/1932	RJ
A Necessidade do Espírito Maleável na nossa Profissão	Haydée G. Dourado	2	Dez /1933	RJ
A Eugenia	Lycia Ribeiro Lopes	3	Abr/1934	RJ
Sem título – Comunica inauguração Preventório S. Tarcísio	Alayde Borges Carneiro	4	Jul/1934	RJ
Benefícios que os Monges da Idade Media trouxeram à ciência e a enfermagem	Ermengarda Johannsen	5	Out/1934	RJ
Cuidado de Enfermagem numa Eclâmpsia	Anita Dourado	6	Jan/1935	RJ
Impressões de uma Preliminar	Yolanda Lindenberg	7	Mai/1935	RJ
Defesa Orgânica em face do Ataque de Germes	Yolanda Lindenberg	9	Mai/1937	RJ
A Lâmpada Symbolo de nossa Fé	Sem autor	10	Set/1937	RJ
A Ética Harmoniosa	Josefina de Oliveira	11	Dez/1937	RJ
Saber Comer no Verão	Stella Pires	12	Mar/1938	RJ
Tetano	Dulce B. Almeida Souza	13	Jun-Set/1938	RJ
Tetano	Dulce B. Almeida Souza	14	Out-Dez/1938	RJ
Eclâmpsia	Olympia Avellar	15	Dez/1938	RJ
Apontamentos de Cirurgia	Maria Madalena Vieira	16	1939-1940	RJ
Escarlatina	Eva Werber	17	1941	RJ
Estudo de um caso de Enfermagem Dermatológica	Antonietta Chiarello	19	Abr/Jun 1946	SP
Pequenas Considerações de uma Aluna – A Enfermagem como profissão social, sua importância	Nancy Puhlmann	20	Jul-Set/1946	SP
Estudo de um Caso de Enfermagem Médica	Zelia Machado	21	Out-Dez/1946	SP